UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

Os Pioneiros: a Desigualdade Digital Entre Membros das Classes Médias na Cidade de São Paulo

Jayr de Andrade Pimentel Neto

São Paulo

2011

Versão corrigida. Exemplar original disponível no CAPH da FFLCH.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

Os Pioneiros: a Desigualdade Digital Entre Membros das Classes Médias na Cidade de São Paulo

Jayr de Andrade Pimentel Neto

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Sylvia Gemignani Garcia

São Paulo

2011

Versão corrigida. Exemplar original disponível no CAPH da FFLCH.

Para os Pioneiros.

Agradecimentos

Foi longa a jornada. E ela não poderia ser completada se não fosse pela ajuda dos professores, amigos, conhecidos, companheiros, interessados e curiosos que, cada um à sua maneira e participando em toda ou em parte da jornada, tiveram a coragem de se aventurar comigo. Seguem aqui meus agradecimentos para:

- Professor Alvaro Comin, por sempre apostar nesta pesquisa, por ajudar-me a tomar decisões iniciais importantes que marcaram o direcionamento da jornada, por ajudar-me a colocar e manter a pesquisa em andamento e pelas longas conversas sobre as descobertas iniciais.
- Piyush Pushkal, Sophie Khang, Daniel Mercado, Philani Mguni, Allan Sojila, Vee Mbozi, Augustine Makaveli e Abeje Destaw por ajudarem-me com o projeto inicial desta pesquisa – o de comparar o uso de computadores por grupos sociais menos privilegiados em países em desenvolvimento –, através de ideias, conselhos e contatos.
- Maíra Saruê, Daniel Bianchi e Bruno Ribeiro por indicar parte das famílias entrevistadas e por fazer-me entender os caminhos dentro da FFLCH.
- A todos os membros dos grupos sociais acessados, pelo tempo dispensado e por tudo que aprendi com eles.
- Aos vizinhos, amigos e parentes dos grupos sociais acessados e pessoas aleatórias (que chamo aqui de curiosos) que, durante festas e encontros sociais não programados, ajudaram-me a refinar meu olhar e questionar minhas observações e conclusões preliminares.
- Ao Marcelo, meu guia na Favela do Sapé, pela disposição em levar-me para conhecer um pouco do universo das pessoas que vivem naquela comunidade.
- Claudia Melillo pela ajuda com a digitação dos questionários.
- Rosália Huaira pela ajuda com o SPSS, os cruzamentos de dados e a geração de tabelas.
- Aos colegas de mestrado Catalina, Ilan, Jefferson, Juliana, Lucas, Luciana, Rafael, Silvia e Tulio pelos comentários e sugestões durante as aulas da disciplina “Seminário de projetos”.
- Gustavo Santos, companheiro inseparável, pelo suporte, pela paciência redobrada, pelo carinho e atenção, e pelas muitas (e importantes) conversas durante toda a jornada, as quais me fizeram repensar muitas observações e conclusões.

- Ícaro Lima, amigo e irmão, pela ajuda com toda a burocracia para fazer o depósito desta dissertação.
- Syntia Alves, Valéria Berger, Vanessa Cabral, Silvia Cruz, Caca Delleva, Valéria Ramos, Claudia Sciré, Adriano de Almeida, Alice Luz, Irene de Manuel, Patrizia Sieli, Alex Pulido, Marta Campanyà, Marina Martinez, Michele Napolitano, Mara Magro, Giorgio Olivari, Nick Bencivenga, Adriana Gastaldi, Toni Salvador, Juliana Pimentel, Marcelo Caetano, Sandra Utsumi, Camila Biazoto e Marcela Stavicki pelas conversas, ideias e questionamentos sobre a pesquisa.
- CNPq, pelo suporte a esta pesquisa através de uma bolsa de estudos entre agosto de 2009 a agosto de 2011.
- Professora Sylvia Garcia, pela coragem de assumir a orientação da pesquisa no meio da jornada, pela paciência, pelo rigor acadêmico, pelas ideias e sugestões valiosas e por nossas longas conversas no Skype, quando aprendi muito sobre Sociologia.

Resumo

Este estudo teve como objetivo entender os modos de uso de computadores por diferentes membros das camadas sociais médias na cidade de São Paulo, em um momento histórico de aumento do consumo das classes menos privilegiadas. Levando-se em conta a teoria dos campos de Bourdieu, a hipótese central deste estudo é a de que os diferentes modos de uso dos computadores são originados a partir da distribuição desigual dos capitais econômico e cultural entre membros dos diferentes grupos sociais pesquisados. Através da etnografia dos usos, foi possível observar e comparar diversos modos de uso do computador e da internet que colaboram com a hipótese central. Esta pesquisa apresenta as barreiras que a desigualdade digital impõe às classes menos privilegiadas assim como também apresenta algumas estratégias de superação dessas barreiras que essas classes adotam.

Palavras-chave: desigualdade social, desigualdade digital, classes médias, família, estudantes do ensino médio, São Paulo, uso de computadores, internet.

Abstract

This research aimed to understand the different ways in which members of the middle classes in Sao Paulo City have been using computers. The timing of this study is particularly special as it took place in a period when the consumption power of the unprivileged classes was gaining momentum. Based on the Bourdieu's fields theory, the main hyphotesis of this dissertation is that the different ways in which computers have been used stem from the unequal distribution of both economic and cultural types of capital among the members of the social groups analyzed. Having the ethnography of use as the main approach for the data collection procedures, it was possible to identify and compare different ways to use computers and the internet that corroborate the main hyphotesis. This study features the barriers that the digital inequality imposes to the unprivileged classes and the strategies those classes use to overcome such barriers.

Key words: social inequality, digital inequality, middle classes, family, college students, Sao Paulo, computer use, internet.

Índice

Apresentação....11
Capítulo 1 - A penetração de computadores nas classes C e D no Brasil....37
Capítulo 2 - Os critérios de definição dos perfis sociais dos participantes da pesquisa....52
2.1 - As famílias de classe D....52
2.2 - As famílias da classe C....55
2.3 - As famílias de classe B....61
2.4 - As escolas....64
2.5 - Fontes adicionais de informação: vizinhos, parentes e amigos das famílias....67
2.6 - Técnicas e instrumentos para coleta de dados....68
Capítulo 3 - Os encontros sociais com os informantes: a experiência de inserção nas residências das famílias e nas escolas....71
3.1 - As famílias de classe D....72
3.1.1 - O Marcelo e a visita à Favela do Sapé....74
3.2 - As famílias de classe C....79
3.3 - As famílias de classe B....85
3.4 - As escolas....88
3.5 - A descrição dos estilos de vida....91
3.5.1 - As famílias....92
3.5.2 - Os alunos e as escolas....124
3.6 - O processamento dos dados....130
Capítulo 4 - Os usos sociais do computador e a desigualdade digital....131
4.1 - A organização das análises....133
4.2 - Equipamento....135
4.3 - Autonomia de uso....155
4.4 - Habilidade....183
4.5 - Variações de uso....194
4.5.1 - Informação não-digital....194
4.5.2 - Informação digital....199
4.5.3 - A comunicação....204
4.6 - Cruzamentos finais....216
Conclusões....227
Referências bibliográficas....240
Imprensa....227
Websites acessados....227
Websites de apoio....227
Anexo I: Tabelas....250
Anexo II: Informações adicionais....254
Anexo III: Instrumentos de coleta de informações - guia de entrevista e questionários....256

Índice de tabelas

Tabela 1 – Participação relativa do Brasil em relação à penetração da internet e banda larga fixa 14
Tabela 2 – Comparativo das características de rendimento das famílias.....18
Tabela 3 – Renda familiar mensal *per capita* e posicionamento das famílias 19
Tabela 4 – Arranjos familiares residentes em domicílios particulares, total e respectiva distribuição percentual, por classes de rendimento mensal familiar per capita, segundo os tipos de arranjos e sexo da pessoa de referência da família – Brasil – 2006.....20
Tabela 5 – Descrição das famílias da classe D.....21
Tabela 6 – Descrição das famílias da classe C 22
Tabela 7 – Descrição das famílias da classe B 23
Tabela 8 – Profissão e escolaridade dos membros das famílias 24
Tabela 9 – Nível de escolaridade das mães e dos pais, por escola 26
Tabela 10 – Estruturas familiares – famílias com parentesco, residentes em domicílios particulares – Brasil – Censo demográfico de 2000 60
Tabela 11 – Características das famílias acessadas 63
Tabela 12 – Total de entrevistas realizadas por escola 67
Tabela 13 – Tipos de grupos sociais acessados e respectivas fontes adicionais de informação ...68
Tabela 14 – Técnicas e instrumento de coleta de dados utilizadas, por grupos sociais contatados 70
Tabela 15 – O modo de receber das famílias.....88
Tabela 16 – A dinâmica de aplicação dos questionários nas escolas.....91
Tabela 17 – Os estilos de vida das famílias em perspectiva – a residência 110
Tabela 18 – Os estilos de vida das famílias em perspectiva – as práticas.....121
Tabela 19 – Total de alunos por série, escola e gênero.....121
Tabela 20 – Perfil dos alunos entrevistados - anos de estudo (até 2009).....125
Tabela 21 – Número de pessoas na residência 126
Tabela 22 – Escolas e alunos em perspectiva.....129
Tabela 23 – As dimensões da desigualdade digital 133
Tabela 24 – Média de *notebooks* e *desktops* instalados na residência dos alunos.....136
Tabela 25 – Tipo de computador mais utilizado.....138
Tabela 26 – Configuração de *software* dos computadores dos alunos.....144
Tabela 27 – Periféricos instalados 148
Tabela 28 – Acesso à banda larga.....152
Tabela 29 – Dimensões da desigualdade digital – equipamento 153
Tabela 30 – Número médio de cômodos na residência.....159
Tabela 31 – Número de quartos.....159
Tabela 32 – Onde computador está instalado na residência.....160
Tabela 33 – Compartilhamento do computador instalado no quarto.....161
Tabela 34 – Local de uso, privacidade e tempo de uso.....165
Tabela 35 – Tempo de instalação do computador atualmente em uso.....1657
Tabela 36 – Tempo gasto por semana usando a internet em casa (em horas).....169
Tabela 37 – Disponibilidade da internet 171
Tabela 38 – Variabilidade e integração no dia-a-dia das atividades domésticas.....171
Tabela 39 – Acesso fora de casa.....174

Tabela 40 – Quociente de utilização 175
Tabela 41 – Compartilhamento do computador 177
Tabela 42 – Compartilhamento..... 178
Tabela 43 – Procura de informações para vizinhos 182
Tabela 44 – Dimensões da desigualdade digital – autonomia de uso 182
Tabela 45 – Computador em uso e primeira instalação do computador no domicílio..... 184
Tabela 46 – Idade média do primeiro uso do computador e local 185
Tabela 47 – A dificuldade de entendimento do conteúdo de notícias na internet 189
Tabela 48 – Dimensões da desigualdade digital – habilidade 193
Tabela 49 – Tempo médio gasto por semana acessando meios de comunicação (horas)..... 196
Tabela 50 – Acesso a produtos de cultura e mídia impressa - Média de vezes entre outubro de 2008 e outubro de 2009 e percentual do total de alunos 199
Tabela 51 – Atividades e contéudos mais acessados 203
Tabela 52 – Fontes de informação para acesso à internet 204
Tabela 53 – Comunicação via dados e voz 206
Tabela 54 – Comunicação via redes sociais 210
Tabela 55 – Socialização com diferentes redes sociais..... 211
Tabela 56 – Impacto do computador nas práticas dos alunos 213
Tabela 57 – Dimensões da desigualdade digital – variações de uso..... 215
Tabela 58 – Número de mães de alunos e participação no total de residências 217
Tabela 59 – Nível de escolaridade da mãe e conteúdo acessado..... 219
Tabela 60 – Média de vezes que consumiu produtos culturais e mídia impressa 220
Tabela 61 – Local de uso e conteúdo acessado 222
Tabela 62 – Compartilhamento do computador e conteúdo acessado 224
Tabela 63 – Acesso à mídia, acesso a produtos de cultura e conteúdo acessado 226

Índice de gráficos

Gráfico 1 – Evolução da taxa de câmbio.....44
Gráfico 2 – Evolução inflação anual IPC - FIPE.....45
Gráfico 3 – Evolução do rendimento médio mensal real PME - IBGE.....46
Gráfico 4 – Operações de crédito ao consumidor como percentual do PIB.....48
Gráfico 5 – Número total de usuários de internet por diversas fontes de informação (em milhões) 51

Índice de figuras

Figura 1 – Comparativo da velocidade média da banda larga em diversos países.....15
Figura 2 – Residência da Família 1.....94
Figura 3 – Residência da Família 4.....100
Figura 4 – Residência da Família 7 – Térreo.....103
Figura 5 – Residência da Família 7 – Primeiro andar.....104
Figura 6 – Capital cultural, econômico, privacidade, tempo de uso e disponibilidade da internet 173
Figura 7 – Sobre a velocidade da banda larga - o que se pode fazercom o tempo para baixar um filme de 1.2GB?.....254
Figura 8 – Sobre a navegação na internet no Brasil – a importância do Orkut.....255

Índice de fotos

Foto 1 – Juninho e seu computador 82
Foto 2 – Família 4 83
Foto 3 – Fachada e entrada do prédio da Família 4 96
Foto 4 – Interior do prédio Cingapura.....98
Foto 5 – Sala da residência da Família 4.....99
Foto 6 – A sala da residência das Família 3 (d) e da Família 4 (e).....107
Foto 7 – Computador na residência da Família 4 110
Foto 8 – Escola Max 128
Foto 9 – Escola Oswald.....129

Apresentação

Durante a primeira década do século XXI, o Brasil viu os computadores pessoais invadirem as residências brasileiras. Famílias de todas as classes sociais, nas mais diversas regiões, compraram seus primeiros computadores para uso residencial. Os computadores passaram a fazer parte da lista de produtos eletroeletrônicos almejados pela população das classes de menor poder aquisitivo pois passaram a ter preço e condições de pagamento acessíveis. Isto ocorreu em virtude dos arranjos institucionais, ecônomicos e políticos promovidos principalmente pelo governo federal e, com a contribuição, em certa medida, da indústria de tecnologia da informação. Assim, o Brasil passou a figurar, já em 2007, entre os principais países do mundo em termos de unidades vendidas de computadores, estando ao lado de países como Estados Unidos, China, Japão e Inglaterra[1].

Na esteira da compra de computadores por usuários residenciais, o número de usuários de internet subiu exponencialmente já que um computador, sem estar conectado à internet, não é um produto de consumo apelativo. A crescente penetração de computadores e da internet trouxe mudanças na forma como as sociedades contemporâneas e seus indivíduos interagem. As práticas domésticas já não são mais as mesmas das décadas de 1980 ou 1990 quando a televisão e o rádio eram os principais produtos em termos de comunicação e acesso a conteúdos diversos. Estamos diante de uma nova realidade no que tange às tecnologias da informação e da comunicação (ICT)[2]. Elas passam a estar presentes nas residências – e não mais apenas nas universidades, *lan houses*, telecentros ou no próprio local de trabalho – e, como tal, entraram na dinâmica das práticas das famílias. A maneira como as pessoas acessam e compartilham informações, contatam amigos e familiares e até como procuram emprego ou estudam foi alterada, levando as interações sociais a um novo e diferente patamar (Brodie, Flournoy, Altman, Benson e Rosenbaum, 2000, p. 255 a 265; DiMaggio, Hargittai, Neuman e Robinson, 2001, p. 307; Katz, Rice e Aspden, 2001, p. 405 a 419).

---

[1] "Brasil já é o quinto no mundo em número de PCs vendidos", PC World (www.pcworld.com.br), 10 de abril de 2008. É interessante notar que no ano de 2007, pela primeira vez na história do Brasil, o número de unidades vendidas de computadores (10.7 milhões) ultrapassou o número de unidades vendidas de televisores (10 milhões). http://pcworld.uol.com.br/noticias/2008/04/10/brasil-ja-e-o-quinto-no-mundo-em-numero-de-pcs-vendidos (Acessado em 10 de outubro de 2009).

[2] Do inglês, *Information and Communication Technologies*. Adoto para este trabalho o anacrônimo em inglês (ICT) termo amplamente usado pela indústria de tecnologia da informação e nos estudos acadêmicos internacionais sobre tecnologia da informação.

Não é raro encontrar, principalmente durante a fase inicial de expansão em escala global da internet, em meados da década de 90, análises entusiasmadas sobre esta nova tecnologia. Ela seria uma maravilha tecnológica; algo transformador, especial e único. Com o desenvolvimento da internet e o aumento da comunicação entre computadores conectados em rede, estaríamos presenciando a transformação tecnológica mais importante desde o domínio do fogo (Barlow, 1995, p. 37). No início de sua expansão, a internet seria um receptáculo de informações relacionadas às atividades eletrônicas e mudanças sociais (Wellman e Haythornthwaite, 2002, p. 4). Até os dias de hoje, é possível encontrar ideias e análises de como a internet melhorará as condições de vida dos membros da sociedade e promoverá o acesso à educação, trabalho, saúde e que também promoverá espaços de debate político e acesso direto ao governo. Ademais, acreditou-se que a internet poderia tornar menos desigual o acesso à informação entre diferentes grupos sociais através da diminuição do custo da informação que a internet poderia promover, principalmente através da comunicação instantânea entre computadores (Sorj, 2003, p. 36). O estouro da "bolha da internet" no ínicio de 2000 – ou o encolhimento da economia "ponto-com" – fez com que a euforia e o entusiasmo fossem substituídos por observações, análises e previsões mais realísticas, as quais tiravam a internet do plano das grandes transformações avassaladoras da humanidade para um plano menos emblemático, no qual as pessoas tinham a internet inserida em suas práticas diárias.

Se existe uma capacidade de transformação impulsionada pelas ICTs e, em especial pela internet, ela tem sido distribuida de maneira desigual. Até o início da década passada, informações comparativas entre os Estados Unidos[3] e outras nações, tinham até então foco em taxas de penetração da internet e potencial de mercado. Ainda muito poucos estudos tinham foco em questões sociais (Chen, Boase e Wellman, 2002, p. 75). Mesmo assim, já era possível observar no final da década de 90, a desigualdade entre diferentes países: em 1998, 30% da população dos Estados Unidos já era usuária da internet. No Reino Unido, 13.7%. Na Alemanha, 9.9%. Neste mesmo ano, apenas 1.5% da população brasileira era usuária da internet. Russia, 0.81%. India, 0.14%. China, 0.17%[4].

---

[3] A penetração da internet nos Estados Unidos aconteceu de maneira mais rápida que nos demais países (desenvolvidos ou não) porque a internet foi criada e desenvolvida nos Estados Unidos, fato que ajudou a impulsionar projetos de expansão da internet antes dos demais países. Dessa maneira, os Estados Unidos vêm sendo usados para referência em termos de pesquisas sobre a evolução da internet em diversos estudos.

[4] ITU ICT Eye, Internet indicators: subscribers, users and broadband subscribers. 1998. http://www.itu.int/ITU-D/icteye/Reporting/ShowReportFrame.aspx?ReportName=/WTI/InformationTechnologyPublic&ReportFormat=HT

No que concerne ao número de usuários da internet, a desigualdade entre países tem sido persistente. Mesmo após quase 20 anos do início da expansão da internet[5] para uso por pessoas e entidades não ligadas ao mundo acadêmico e ao mundo dos negócios, é possível observar que existem grandes diferenças, tanto em termos de número de pessoas com acesso à internet como em termos de infraestrutura de acesso. A Tabela 1 abaixo indica a posição relativa à penetração da internet em alguns países desenvolvidos e alguns países em desenvolvimento. É possível observar que a diferença entre países desenvolvidos e países em desenvolvimento é muito grande tanto em relação à penetração da internet quanto ao uso de conexões da banda larga fixa[6]. É possível observar ainda que a penetração da internet nos Estados Unidos é quase 50% maior que a penetração no Brasil (e ainda maior relativamente aos demais países em desenvolvimento). Em termos de penetração da banda larga fixa, o Brasil está em uma posição relativa ainda muito precária, ficando atrás da maioria dos países apresentados na Tabela 1 e à frente apenas da África do Sul e da Índia.

ML4.0&RP_intYear=1998&RP_intLanguageID=1&RP_bitLiveData=False (Acessado em 20 de abril de 2010). International Telecommunication Union http://www.itu.int, é uma agência das Nações Unidas destinada a cobrir estatísticas sobre ICT no mundo, que toma por base de seus dados informações oficias de governos e do setor privado.

[5] Para maiores informações sobre a história da internet, visitar o site da Internet Society: http://www.isoc.org/internet/history/brief.shtml. (Acessado em 20 de maio de 2011).

[6] Banda larga fixa é aquela que pode ser usada via computadores *desktop* e *notebook* para acessar a internet. A banda larga móvel é usada para o acesso à internet via celulares, smartphones (como Blackberry) e tablets (como o iPad).

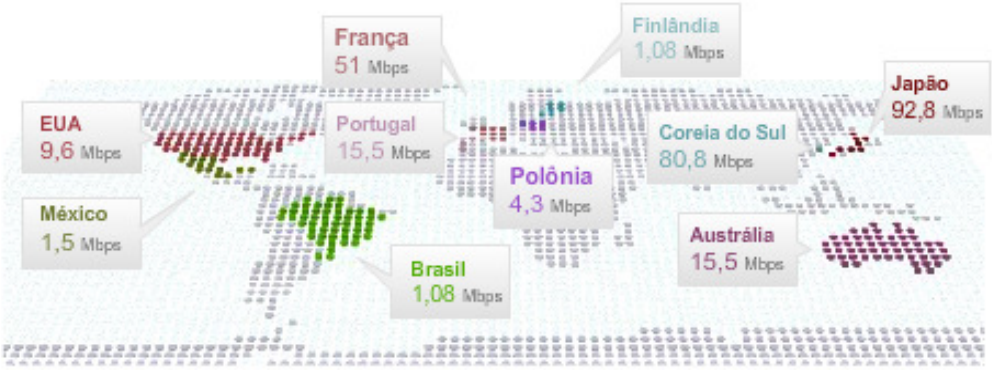
Tabela 1 – Participação relativa do Brasil em relação à penetração da internet e banda larga fixa				
	Internet		Banda larga fixa	
Países (ordenados pela penetração percentual da internet a cada 100 habitantes)	Número estimado de usuários (x mil)	Penetração percentual a cada 100 habitantes (%)	Número estimado de usuários (x mil)	Penetração percentual a cada 100 habitantes (%)
Noruega	4'431.1	92.08	1'637.5	34.03
Suécia	8'398.3	90.80	2'941.6	31.80
Holanda	14'871.6	89.63	5'902.0	35.57
Reino Unido	51'444.1	83.56	18'233.0	29.62
Alemanha	65'125.3	79.26	24'977.4	30.40
Estado Unidos	245'433.8	78.00	81'146.2	25.79
França	44'624.9	71.58	19'690.0	31.58
Brasil	**75'982.4**	**39.22**	**11'459.8**	**5.92**
Turquia	27'232.9	36.40	6'386.3	8.54
Argentina	13'694.0	34.00	4'281.8	10.63
Russia	40'853.4	29.00	12'900.0	9.16
China	388'922.0	28.90	103'978.0	7.73
México	31'019.6	28.30	9'651.7	8.81
África do Sul	4'420.3	8.82	481.0	0.96
Índia	61'337.8	5.12	7'745.7	0.65

Fonte: ITU ICT Eye, Internet indicators: subscribers, users and broadband subscribers. 2009. http://www.itu.int/ITU-D/ICTEYE/Indicators/Indicators.aspx (Acessado em 14 de maio de 2011).

Além da baixa penetração da banda larga no Brasil, é possível identificar na Figura 1 abaixo como a velocidade da banda larga brasileira é baixa em relação a diversos países. A figura abaixo indica a diferença na velocidade de banda larga entre diversas nações. A escala da diferença é bem acentuada – se compararmos o Japão com o Brasil, a velocidade da banda larga no Japão é 92.8 vezes superior à brasileira. Se compararmos os Estados Unidos com o Brasil, a velocidade nos Estados Unidos é 9.6 vezes superior à brasileira. As informações da Tabela 1 e da Figura 1 indicam que existe ainda um longo caminho para o Brasil poder se equiparar às nações desenvolvidas em termos de penetração da internet e da banda larga, embora saiba-se que todos estes dois tipos de penetração venham aumentando desde o início da internet[7] no Brasil em 1995.

[7] A internet deixou de ser restrita às universidades e empresas de grande porte a partir de 1995 no Brasil.

Figura 1 – Comparativo da velocidade média da banda larga em diversos países



Fonte: "Compare a banda larga brasileira com a do resto do mundo", g1.globo.com. http://g1.globo.com/tecnologia-e-games/noticia/2010/05/compare-banda-larga-brasileira-com-do-resto-do-mundo.html (Acessado em 9 de maio de 2010).

Na medida em que cada vez mais as discussões sobre a desigualdade entre países aumentavam (relacionada ao número de usuários e tipo de conexão), questões sobre a desigualdade dentro de cada país também tornaram-se relevantes, principalmente nos Estados Unidos. Conforme a penetração da internet continuava a se expandir e a se tornar cada vez menos um produto exclusivo das pessoas em posições privilegiadas (DiMaggio e Hargittai, 2001, p. 5), já a partir de meados de 2000, tanto em países desenvolvidos quanto em desenvolvimento, questões relacionadas à diversidade de usuários e às formas de uso da internet tomaram projeção. A preocupação sobre a desigualdade e a possibilidade de que as ICTs poderiam intensificar a desigualdade mais do que melhorá-la, teve foco na então chamada exclusão digital, ou *digital divide*, a qual colocava a atenção das análises na separação entre aqueles indivíduos que têm acesso (*"haves")* e aqueles que não têm acesso à internet (*"have-nots"*) (DiMaggio e Hargittai, 2001, p. 1; Norris, 2001, p. 32)[8]. No entanto, os estudos sobre desigualdade dentro de cada país já no começo da década de 2000 avançaram e passaram a tratar de questões que iam além das estatísticas de penetração da internet, ou seja, da perspectiva dicotômica *have/have-not.* Esta perspectiva foi importante e apropriada para analisar o início da evolução da internet em diferentes países. Porém, esta perspectiva dicotômica demonstrou-se limitada para compreender

[8] Acesso e uso são geralmente usados como sinônimos. Como será mostrado nos próximos capítulos deste estudo, ter acesso à internet na residência não necessariamente implica que efetivamente se usa a internet.

a apropriação desigual de computadores, cujo entendimento é o principal objetivo desta pesquisa. Já no final da década de 90 e início dos anos 2000, os estudos sobre exclusão digital em países desenvolvidos, principalmente os Estados Unidos, passam a incorporar questões de relevância social como raça, renda, idade e educação. Em um estudo comparativo sobre uso da internet, Hoffman e Novak (1998) observaram que determinados grupos sociais usavam a internet mais que outros grupos sociais e que aqueles grupos que tinham maior acesso à internet (brancos, homens, residentes em áreas urbanas) eram os mesmos que tinham maior acesso a recursos como educação e renda (Hoffman e Novak, 1998, p. 390 e 391). DiMaggio, Hargittai e Robinson (2003) apresentaram um estudo comparativo sobre uso da internet, no qual foi possível observar que pessoas que haviam concluído o ensino superior possuíam um uso da internet consistentemente relacionado à melhora de condições de vida, trabalho, saúde e participação política do que pessoas que haviam parado de estudar após a conclusão do ensino médio e, portanto, os primeiros conseguiam da internet maiores benefícios de longo prazo (DiMaggio, Hargittai e Robinson, 2003, p. 1 a 22).

Os trabalhos de DiMaggio e Hargittai colocam a discussão sobre o avanço da penetração da internet (em especial nos Estados Unidos) para além da perspectiva dicotômica *have/have-not.* Eles propõem uma análise que toma como ponto de partida os pares, ou seja, uma análise entre grupos sociais que já tenham acesso à internet. Esses autores trazem para o centro do debate a perspectiva do usuário, ou seja, como o acesso e uso da internet se dá entre pessoas "já incluídas" (DiMaggio e Hargittai, 2001, p. 2 a 7). A mudança de foco do ter/não-ter introduz um paradigma expandido cujo objetivo é investigar aqueles indivíduos que têm (um computador), porque o acesso a um bem novo pode significar novas desigualdades. Ainda, estes autores trabalham com o conceito de desigualdade digital, ou *digital inequality*. Este conceito é o ponto de partida para esta pesquisa entender a apropriação desigual de computadores, em especial o uso da internet. Nas palavras dos autores (DiMaggio e Hargittai, 2001, p. 2):

> [...] digital inequality, by which we refer not just to differences in access, but also to inequality among persons with formal access to the Internet.

A definição acima requer que o termo "acesso" seja repensado tanto em termos sociais quanto em termos de tecnologia, não sendo mais visto apenas como a possibilidade de acessar a internet via computadores em bibliotecas, escolas, *lan houses*, no trabalho, em residências etc. Assim, conforme a penetração da internet se move das classes privilegiadas em direção às classes menos privilegiadas[9], as questões que se tornam relevantes não são mais apenas *quem* está acessando a internet em bibliotecas, escolas, *lan houses* etc. mas "o que estas pessoas estão fazendo e o que elas são capazes de fazer quando estão *online"* (DiMaggio e Hargittai, 2001, p. 4). Conforme a penetração da internet aumenta em direção àqueles que estavam inicialmente excluídos, as maneiras de se apropriar do computador se tornam importantes conjuntos de informações para se entender como os benefícios das tecnologias da informação e comunicação estão socialmente estratificados. Assim, este estudo toma para análise grupos sociais que já têm acesso à internet em suas residências. Os grupos analisados para este trabalho referem-se a sete famílias moradoras da cidade de São Paulo, cujo princípio de escolha para participação e classificação nesta pesquisa foi a renda mensal familiar. Essas famílias estão situadas na estrutura social brasileira conforme descrito abaixo.

As Tabelas 2, 3, 4 nas próximas páginas demostram algumas características das famílias baseadas na renda mensal familiar e *per capita.* Estas características proveem um entendimento aprofundado do lugar ocupado de cada família na estrutura social[10]. A Tabela 2 abaixo mostra diversos dados a respeito da renda das famílias entrevistadas. Há dois dados importantes. O primeiro, a renda média mensal familiar que proporciona uma ideia geral do nível de renda da família. O segundo é a renda mensal média *per capita* o que provê melhores termos de comparação entre as famílias. A renda mensal média *per capita* aumenta no sentido que vai das famílias da classe D para as famílias da classe B. A família de maior renda *per capita* (R$1.917 por membro da família) tem renda superior equivalente à 7.4 vezes maior que a da família de menor renda per capita (R$260 por membro da família).

[9] A disseminação das ICTs e em particular do acesso à internet apresenta similaridades com o padrão de reprodução das desigualdades entre países e entre diferentes grupos sociais dentro dos países baseado em critérios de renda (Sorj, 2003, p. 60; Chen, Boase e Wellman, 2001, p. 78).

[10] Não comento aqui as mudanças que a estrutura social brasileira sofreu nesta última década pois este tema não é foco deste trabalho.

Tabela 2 – Comparativo das características de rendimento das famílias							
Características	Família 1	Família 2	Família 3	Família 4	Família 5	Família 6	Família 7
Renda média mensal familiar	1.300	1.700	2.800	2.300	2.500	14.500	11.500
Renda média mensal familiar em S.M.	2.8	3.7	6.0	4.9	5.4	31.2	24.8
Número de membros da família	5	6	6	4	4	8	6
Número de S.M. *per capita*	0.5	0.6	1.0	1.2	1.3	3.9	4.1
Renda média mensal *per capita* (R$)	260	283	467	575	625	1.813	1.917

Notas: (1) Salário minimo (S.M.) usado para cálculos referência abril 2009 com valor de R$465.

É possível observar em muitos estudos sociais feitos no Brasil por organizações como IBGE[11], IPEA[12], FGV[13] que os dados levam a crer que as faixas de rendimento seriam representações de diferentes padrões de vida da população brasileira já que estão correlacionadas fortemente com escolaridade, infra-estrutura da residência, tipo e número de utensílios domésticos, etc. Ou seja, quanto maior o rendimento mensal, melhores as condições de moradia, melhores são os índices de escolaridade e maior é o poder de compra. A Tabela 3 abaixo indica a estrutura social brasileira com base em faixas de rendimento mensal familiar estratificado em frações de classe e renda familiar *per capita*[14]. Importante observar que a classe C mostrada na tabela abaixo representa 50.4% da população brasileira.

[11] http://www.ibge.gov.br. (Acessado em 25 de abril de 2010).
[12] http://www.ipea.gov.br. (Acessado em 25 de abril de 2010).
[13] http://fgv.br. (Acessado em 25 de abril de 2010).
[14] Existem diferentes estratificações que podem ser usadas conforme a necessidade do pesquisador. Adoto a estratificação preparada pela FGV porque ela trabalha com estratos mais detalhados do que o tradicional de classes A a E e além de que também trabalha com renda *per capita* familiar, perspectiva que ajuda no alcance de melhores termos de comparação entre as famílias já que coloca em questão o número de membros de cada família.

Tabela 3 – Renda familiar mensal *per capita* e posicionamento das famílias				
Frações de classe	População Brasil	Porcentagem da população (%)	Renda média mensal familiar *per capita* da população (R$)	Renda média mensal familiar *per capita* das famílias (R$)
A1	4.888.205	2.6	5.170	
A2	4.710.511	2.5	2.343	
B1	4.828.163	2.6	1.721	Família 7 = 1.917 Família 6 = 1.813
B2	5.540.860	2.9	1.371	
C1	52.940.372	28.1	737	Família 5 = 625 Família 4 = 575
C2	41.994.456	22.3	378	Família 3 = 467
D1	24.111.925	12.8	243	Família 2 = 283 Família 1 = 260
D2	20.341.109	10.8	168	
E1	15.141.362	8.1	110	
E2	13.697.420	7.3	38	
Total	188.194.383	100		

Fonte: CPS/FGV 2009, baseado nos microdados da PNAD/IBGE 2006.

Uma outra maneira de observar o posicionamento das famílias pode ser o indicado pela Tabela 4 abaixo com base nos dados do IBGE sobre arranjos familiares e domicílios. É possível identificar que as Famílias 1 e 2 estão situadas entre os 15.8% que recebem entre ½ e ¾ salários mínimos *per capita* mensalmente. Já as Famílias 3, 4 e 5, estão entre os 21.2% de famílias que recebem entre um e dois salários mínimos. Finalmente, as Famílias 6 e 7 estão entre os 16.1% das famílias que recebem mais de dois salários mínimos mensalmente por mês. É preciso levar em conta que os dados incluem arranjos sem rendimento, o que faz com que a renda *per capita* seja menor quando comparada à Tabela 3 acima. Importante observar que 49.4% dos arranjos familiares no Brasil são de casais com filhos.

Tabela 4 – Arranjos familiares residentes em domicílios particulares, total e respectiva distribuição percentual, por classes de rendimento mensal familiar per capita, segundo os tipos de arranjos e sexo da pessoa de referência da família – Brasil – 2006						
Tipo de arranjo da família	Arranjos familiares residentes em domicílios particulares					
	Total (x1000) (1)	Distribuição percentual, por classes de rendimento mensal familiar per capita em salários mínimos (%) (2)				
		Até ½	Mais de ½ a ¾	Mais de ¾ a 1	Mais de 1 a 2	Mais de 2
Casal com filhos	29.180	31.7	15.8	12.3	21.2	16.1
Total geral	59.094	25.0	13.2	14.1	23.3	19.9
Famílias			1 e 2		3, 4 e 5	6 e 7

Fonte: IBGE, Pesquisa nacional por amostra de domicílios, 2006 (Tabela 4.11). Notas: (1) Inclui arranjos familiares sem redimentos e sem declaração de rendimentos. (2) Totais não somam 100% pois não incluem famílias moradoras em unidades de habitação em domícilios coletivos.

Este trabalho toma como base a PNAD de 2006, conforme mostra a Tabela 3 acima. Pode-se observar nessa tabela que as famílias entrevistadas foram organizadas em frações de classe baseadas na renda média familiar *per capita*. As Tabelas 5, 6 e 7 abaixo apresentam um descritivo pormenorizado de todas as famílias participantes desta pesquisa. Os dados apresentados nestas tabelas serão discutidos em detalhes nos capítulos três e quatro, mas eles são importantes neste momento não apenas para apresentar as famílias, mas também para que haja um entendimento comparativo de determinadas características que definem e diferenciam uma família das outras, como a localização e constituição do domicílio, o histórico de moradia, os itens de tecnologia presentes no domicílio e o tipo de conexão à internet.

Tabela 5 – Descrição das famílias da classe D		
	Família 1	Família 2
Membros da família	Marcos, 45 anos, porteiro de prédio residencial (contato principal) Sueli, 40 anos, emprega doméstica Adriana, 12 anos, filha de Marcos e Sueli, estudante escola pública Adriele, 11 anos, filha de Marcos e Sueli, estudante escola pública Junior, 7 anos, filho de Marcos e Sueli, estudante escola pública	Sonia, 36 anos, auxiliar de cozinha, desempregada (contato principal) Daniela, 12 anos, filha da Sonia, estudante escola pública Elza, 39 anos, irmã da Sonia, empregada doméstica, desempregada Jorge, 48 anos, marido da Elza, eletricista Ronilson, 19 anos, filho da Elza e Jorge, desempregado José, 58 anos, pai de Sonia e Elza, pedreiro, aposentado por invalidez
Total de membros da família	5	6
Membros usuários do computador	4 (Sueli não usa)	1 (apenas a Daniela)
Localização do domicílio	Favela do Sapé	Favela do Sapé
Descrição do domicílio	Barraco de madeira, com dois cômodos. Possui eletricidade e água encanada. Não possui banheiro.	Casa de alvenaria de dois andares, com três quartos, uma sala, um banheiro e uma cozinha.
Histórico de moradia	Inicialmente, moravam em um barraco em uma favela da zona leste, mas se mudaram há oito anos atrás para conseguir emprego melhor na região oeste.	Sempre moraram nesta favela. A casa era um barraco que aos poucos foi dando lugar à casa de alvenaria onde moram atualmente.
Itens de tecnologia presentes no domicílio	Um computador *desktop* antigo, com tela de 13 polegadas plana. Diversos servidores antigos (que precisam de conserto). Dois celulares (pai e mãe). Possuem uma televisão em cores.	Possuem um computador *desktop*, e dois *speakers*. Todos têm celular. Possuem ainda duas tvs em cores e uma câmera digital.
Conexão à internet	Banda larga ilegal.	Conexão discada.
Renda mensal familiar	R$ 1.3 mil	R$ 1.7 mil
Renda mensal *per capita*	R$ 260	R$ 283

Tabela 6 – Descrição das famílias da classe C			
	Família 3	Família 4	Família 5
Membros da família	Juninho, 28 anos, marceneiro (contato principal) Monica, 31 anos, escriturária de hospital público Fabio, 5 anos, filho de Juninho e Monica, frequenta creche da prefeitura Mateus, 3 anos, filho de Juninho e Monica, frequenta creche da prefeitura João, 64 anos, pai de Monica e Sarará, pedreiro aposentado Sarará, 27 anos, irmão de Monica, chapeiro	Luciano, 35 anos, músico desempregado (contato principal) Elaine, 33 anos, promotora de vendas em uma academia da Lapa Junior, filho do Luciano e da Elaine, 16 anos, auxiliar de escritório e estudante de escola pública do período noturno Fabio, filho do Luciano e da Elaine, 9 anos, estudante de escola pública do período vespertino	Douglas, 67 anos, contador aposentado Catarina, 62 anos, vendedora de roupas aposentada e atualmente comerciante de cosméticos Fabio, 26 anos, filho de Douglas e Catarina, assistente de crédito em agência de banco privado (contato principal) Camila, filha de Douglas e Catarina, 24 anos, estagiária e estudante de biologia em faculdade particular
Total de membros da família	6	4	4
Membros usuários do computador	5 (João não usa)	4	3 (Catarina não usa)
Localização do domicílio	Saúde	Rio Pequeno	Casa Verde
Descrição do domicílio	Casa muito antiga, necessitando de várias reformas. Composta por uma sala, três quartos, uma cozinha, um banheiro. Sem garagem.	Apartamento de 50m^2, contendo uma sala, dois quartos, um banheiro, uma cozinha e uma área de serviço. Sem garagem.	Casa antiga mas reformada, contendo três quartos, uma sala, uma cozinha e um banheiro. Garagem para um carro.
Histórico de moradia	Sempre moraram na nesta casa, com exceção do pai das crianças que se juntou à família há cinco anos.	Moram no Cingapura do Rio Pequeno há oito anos (moravam em favela antes).	Sempre moraram nesta residência, que inicialmente tinha apenas dois quartos.
Itens de tecnologia presentes no domicílio	Computador *desktop*, sem impressora, *webcam* ou microfone. Todos têm celular com exceção dos filhos e do pai da mãe. Possuem duas televisões, um telefone fixo, um DVD e uma câmera digital.	Computador *desktop*, com impressora, *webcam* e microfone. Todos têm celular com exceção do filho de nove anos. Possuem três televisões, telefone fixo, *video game*, *home theater*, uma câmera digital e um DVD.	Computador *desktop*, sem impressora, com *webcam* e microfone. Todos têm celular. Possuem uma televisão, um telefone fixo, um DVD e uma câmera digital.
Conexão à internet	Banda larga Telefonica.	Banda larga Telefonica.	Banda larga Telefonica.
Renda mensal familiar	R$ 2.8 mil	R$ 2.3 mil	R$ 2.5 mil
Renda mensal *per capita*	R$ 467	R$ 575	R$ 625

Tabela 7 – Descrição das famílias da classe B		
	Família 6	Família 7
Membros da família	Otacilio, 58 anos, representante de vendas, prods. de construção civil Marta, 55 anos, dona de casa, Marcio, 22 anos, filho de Otacílio e Marta, funcionário público municipal Tadeu, 23 anos, filho de Otacílio e Marta, analista de comércio exterior Jorge, irmão de Otacílio, 56 anos, engenheiro civil Juliana, 21 anos, filha do Jorge, estagiária em uma assessoria de comunicação e estudante de jornalismo em faculdade particular (contato principal) Mariana, 23 anos, filha do Jorge, agente de viagens Glaucia, 14 anos, filha do Jorge, estudante de escola particular	Pedro, 68 anos, diretor de empresas aposentado Gabrielle, 66 anos, professora de escola particular, aposentada Maurício, 35 anos, filho de Pedro e Gabrielle, vendedor técnico de produtos de informática (contato principal) Patrícia, 28 anos, filha de Pedro e Gabrielle, empresária (serviços de comunicação e eventos) Fernanda, 26 anos, filha de Pedro e Gabrielle, estudante de administração em faculdade particular Neto, 8 anos, filho do Maurício, estudante de escola particular
Total de membros da família	8	6
Membros usuários do computador	7 (Marta usa muito pouco)	5 (a mãe usa muito pouco)
Localização do domicílio	Vila Maria	Chácara Santo Antonio
Descrição do domicílio	Casa de dois andares, com cinco quartos, quatro banheiros, um lavabo, duas salas, uma cozinha grande, área de serviço, quintal, edícula com quarto e banheiro, garagem para dois carros, jardim frontal.	Casa de dois andares, com três quartos, duas salas, dois banheiros, um lavabo, uma cozinha, quintal, edícula com um quarto e banheiro, jardim frontal, garagem para um carro.
Histórico de moradia	Sempre moraram nesta casa. As primas e o tio moram em Guarulhos mas dormem pelo menos três vezes por semana na casa.	Sempre moraram nesta casa.
Itens de tecnologia presentes no domicílio	Um computador *desktop* antigo e que serve de ilha de edição, com impressora. Um computador *desktop* mais novo, geralmente usado pelas primas. Três *notebooks*, com *wireless*. Todos têm celular. Possuem quatro televisões, sendo uma plasma na sala, telefone fixo, *video game*, *home theater*, duas câmeras digitais, dois DVDs e dois aparelhos de som.	Possuem três computadores *notebook* com *webcam* e microfone; apenas um possui impressora (uma das filhas usa o *notebook* da empresa em casa). Todos têm celular com exceção do neto. Possuem quatro tvs, sendo uma de plasma na sala de almoço, um telefone fixo, dois DVDs, uma câmera digital e um aparelho de som.
Conexão à internet	Banda larga Telefonica até março 2010. Desde abril de 2009 estavam testando 3G da Vivo.	Banda larga Net.
Renda mensal familiar	R$ 14.5 mil	R$ 11.5 mil
Renda mensal *per capita*	R$ 1.8 mil	R$ 1.9 mil

A Tabela 8 abaixo apresenta os indicadores profissão, idade e escolaridade de maneira comparativa, de forma a identificar as famílias em suas frações de classe. É possível que observar que conforme a renda média famíliar *per capita* sobe (da Família 1 em direção à Família 7), as profissões se deslocam de trabalhos que exigem menos qualificação como empregadas domésticas, pedreiros, marceneiros e vendedores para profissões que exigem mais qualificação como engenheiro civil, professores e diretores de empresa. Estas últimas profissões, que proveem salários relativamente melhores aos indivíduos da classe B, estão intimamente relacionadas ao nível de escolaridade, o qual está concentrado entre primeiro e segundo grau incompletos para as famílias das classes C e D e evolui até terceiro grau e mestrado ou mais para as famílias da classe B.

Tabela 8 – Profissão e escolaridade dos membros das famílias

	Membros da família	Profissão	Idade	Analfabeto	1 º grau incompleto	1º grau completo	2º grau incompleto	2º grau completo	3º grau incompleto	3º grau	Mestrado ou mais
Família 1	Marcos (pai, contato)	Porteiro	45				x				
	Sueli (mãe)	Empregada doméstica	40			X					
	Adriana (filha do Marcos e Sueli)	Estudante	12		x						
	Adriele (filha do Marcos e Sueli)	Estudante	11		x						
	Junior (filho do Marcos e Sueli)	Estudante	7		x						
Família 2	José (pai da Sonia e da Elza)	Pedreiro, aposentado	58		x						
	Sonia (mãe, contato)	Auxiliar de cozinha, desempregada	36					x			
	Daniela (filha da Sonia)	Estudante	12				x				
	Elza (irmã da Sonia)	Empregada doméstica	39					x			
	Jorge (casado com Elza)	Eletricista	48			X					
	Ronilson (filho da Elza e Jorge)	Desempregado	19			x					
Família 3	João (pai da Monica e Sarará)	Pedreiro, aposentado	64		x						
	Juninho (pai, contato)	Marceneiro	28					x			
	Monica (esposa do Juninho)	Escriturária	31					x			
	Sarará (irmão da Monica)	Chapeiro	27					x			
	Fabio (filho do Juninho e Monica)	Estudante	5	x							
	Mateus (filho do Juninho e Monica)	Estudante	3	x							
Família 4	Luciano (pai, contato)	Músico, desempregado	35					x			
	Elaine (mãe)	Promotora de vendas	33					x			
	Junior (filho do Luciano e Elaine)	Auxiliar administrativo e estudante	16				x				
	Fabio (filho do Luciano e Elaine)	Estudante	9		x						
Família 5	Douglas (pai)	Contador, aposentado	67							x	
	Catarina (mãe)	Vendedora de roupas, aposentada	65				x				
	Fabio (filho do Douglas e Catarina, contato)	Bancário	26							x	
	Camila (filha do Douglas e	Estudante	24						x		

	Tabela 8 – Profissão e escolaridade dos membros das famílias										
	Membros da família	Profissão	Idade	Analfabeto	1 º grau incompleto	1º grau completo	2º grau incompleto	2º grau completo	3º grau incompleto	3º grau	Mestrado ou mais
	Catarina)										
Família 6	Otacílio (pai)	Representante de vendas, construção civil	58								x
	Marta (mãe)	Dona de casa	55							x	
	Marcio (filho de Otacílio e Marta)	Funcionário público	22						x		
	Tadeu (filho de Otacílio e Marta)	Analista comércio exterior	23							x	
	Jorge (irmão de Otacílio)	Engenheiro civil	56							x	
	Juliana (filha do Jorge, contato)	Estudante	21						x		
	Mariana (filha do Jorge)	Agente de viagens	23							x	
	Glaucia (filha do Jorge)	Estudante	14				x				
Família 7	Pedro (pai)	Diretor de empresa, aposentado	68								x
	Gabrielle (mãe)	Professora de escola particular, aposentada	66								x
	Maurício (filho de Pedro e Gabrielle, contato)	Vendedor técnico de prods. de informática	35							x	
	Patrícia (filha de Pedro e Gabrielle)	Empresária, serviços de comunicação e eventos	28							x	
	Fernanda (filha de Pedro e Gabrielle)	Estudante	26						x		
	Neto (filho de Maurício)	Estudante	8		x						

Para aprofundar as análises, foram incluídas nesta pesquisa as respostas dos questionários aplicados em alunos do ensino médio em uma escola particular (Colégio Oswald de Andrade – o Oswald)[15] e em uma escola pública (Escola Estadual Carlos Maximiliano Pereira dos Santos – o Max)[16]. Ambas as escolas estão situadas no bairro da Vila Madalena, em São Paulo. A proximidade das escolas, tanto em termos geográficos quanto em termos de atividades extracurriculares[17], possibilita a observação de diferenças em grupos sociais bem próximos, ao invés de analisar as diferenças entre os estratos situados nos extremos da hierarquia social. A análise comparativa tanto das famílias quanto das escolas está vinculada ao princípio de que "o real é relacional." (Bourdieu, 2003, p. 28).

[15] www.colegiooswald.com.br (Acessado em 20 de agosto de 2009).
[16] A escola Max não possui *website*.
[17] Como explico adiante no Capítulo 1 que a escola Max, apesar de pública, possui um perfil diferenciado das demais escolas públicas pois, fazendo parte do projeto Cidade Escola Aprendiz (http://www.cidadeescolaaprendiz.org.br) (acessado em 15 de setembro de 2009), apresenta diversas atividades extracurriculares, o que a faz ter um perfil mais próximo das escolas particulares do que da maioria das escolas públicas da periferia de São Paulo .

Para se entender o espaço social é preciso ter uma perspectiva comparativa, ou seja, entender as relações entre diferentes indivíduos e grupos, relações estas que só podem ser compreendidas através das diferenças ou traços distintivos que são propriedades que apenas existem em relação umas às outras (Bourdieu, 2010, p. 18). A Tabela 9 abaixo indica o nível de escolaridade das mães e dos pais das escolas Oswald e Max. A escolaridade das mães e dos pais ajuda a caracterizar cada uma das escolas, pois as famílias veem nos filhos a continuação do projeto de reprodução e de ascenção social (projeto de futuro). Assim, as famílias procuram uma escola para seus filhos que seja suficientemente capaz de suportar este projeto futuro traçado pelos próprios pais. É possível observar na Tabela 9 uma grande diferença em relação ao nível escolar entre os pais dos alunos do Oswald e os pais dos estudantes da escola Max, principalmente em relação aos pais dos alunos sem computador. As mães do Oswald com escolaridade igual ou superior ao ensino universitário representam 83% do total de mães deste grupo social. E os pais com o mesmo nível escolar representam 77.6% do total de pais. Já na escola Max, a situação é de que apenas 24% das mães e 25.6% dos pais dos alunos que têm computador, têm ensino universitário ou superior. Se observarmos os pais dos alunos do Max sem computador, nenhum pai ou mãe tem ensino superior completo.

Tabela 9 – Nível de escolaridade das mães e dos pais, por escola

Base: Todos alunos.	Membro da família	Analfabeto	1 º grau incompleto	1º grau completo	2º grau incompleto	2º grau completo	3º grau incompleto	3º grau	Mestrado ou mais
Oswald	Mãe	0	0	1	6	2	3	35	24
	Pai	0	1	1	3	5	2	26	14
Max com PC	Mãe	1	7	11	10	9	3	9	4
	Pai	1	7	4	5	11	1	8	2
Max sem PC	Mãe	1	4	3	3	1	1	0	0
	Pai	0	3	1	2	0	0	0	0

É importante notar que este estudo trata da desigualdade não no comparativo entre extremos de renda - o mais rico versus o mais pobre, ou a classe A versus a classe E. Estas seriam comparações que irremediavelmente mostrariam diferenças entre os diversos grupos sociais. O estudo trata da análise da diferença entre grupos situados em classes próximas na estrutura social brasileira. Ele vai na direção de explorar a especificidade de uma realidade

empírica, a qual deve ser entendida em um contexto histórico, como uma situação em um universo de configurações possíveis delimitadas pelas estruturas sociais (Bourdieu, 2010, p. 15). Assim, o foco está na análise comparativa das práticas de indivíduos pertencente às classes B, C e D, justamente em um momento histórico, quando as classes C e D passam a usar bens que antes eram acessíveis apenas às classes A e B. O estudo revela um momento em uma área circunscrita do espaço social, valendo-se de técnicas qualitativas de investigação, em especial a etnografia dos usos.

Considerando-se o fato de que os computadores, e em especial a internet, trouxeram mudanças nas práticas de diferentes grupos sociais, este estudo objetiva investigar quais são as formas específicas dessas mudanças e como elas são diferentes em grupos sociais situados tão próximos na estratificação social brasileira. Para cumprir com este objetivo, foram feitas escolhas empíricas e teóricas que forçariam os dados coletados a confirmarem (ou não) a hipótese de que a apropriação desigual de computadores está vinculada à distribuição desigual dos capitais econômico e cultural entre diferentes grupos na estrutura de classes da sociedade contemporânea brasileira. As escolhas empíricas estão relacionadas à proximidade das classes sociais em análise, tanto em termos das famílias quanto em termos das escolas. Assim a perspectiva teórica tem uma referência importante na teoria sociológica de Bourdieu, a qual desafia os dados no sentido de saber se os modos de uso do computador e da internet se desenvolvem a partir de um conjunto de disposições características de cada grupo social, relacionadas ao volume e à estrutura dos capitais econômico e cultural. Descrevo abaixo os conceitos de Bourdieu usados nesta pesquisa e, logo após, como eles foram usados.

A teoria dos campos de Bourdieu é desenvolvida a partir de três conceitos importantes usados neste estudo: o campo, o capital e o *habitus*. O campo é um microcosmo dentro do espaço social. Cada campo tem uma lógica própria e é constituído através das relações entre as posições objetivas dos indivíduos e/ou grupos que compõem um mesmo campo. Ainda, o campo pode ser observado sob duas perspectivas diferentes: a primeira, como um "campo de forças" onde a necessidade é o motor para a composição das forças presentes no campo; a segunda, como um "campo de lutas" onde cada um dos indivíduos e/ou grupos duelam tendo em mente objetivos diferentes; utilizando estratégias diversas, os indivíduos e/ou grupos agem de maneira a conservar ou modificar a estrutura de cada campo com base na sua posição relativa na estrutura do campo de forças (Bourdieu, 2010, p. 50). Cada campo cria o seu próprio objeto – que pode ser

o intelectual, político, artístico, educacional ou consumo, sendo este último o campo a ser explorado neste estudo através da apropriação desigual de computadores. O que determina a vida social são os interesses específicos de cada campo expressados através da ação dos indivíduos e dos grupos, constituídos e constituintes das relações de força presentes no campo. As relações de força são a expressão dos conflitos entre sentidos em determinado campo[18]. Baseados em seus interesses, os indivíduos e/ou grupos investem tempo, dinheiro e trabalho, cujo retorno (ou ganhos específicos) desses investimentos é realizado com base no que é particularmente legítimo (e/ou mais rentável) em cada campo (Bourdieu, 1987, p. 124). A posição objetiva em determinado campo estabelece não apenas como consumimos diversos produtos e serviços (como a educação) mas também a política e a cultura (Bourdieu, 1984, p. 210). Como espaço estruturado de posições (sua dimensão objetiva), o campo deve ser observado como uma estrutura objetiva e flexível, resultado da incorporação de estruturas pré-existentes (Bourdieu, 1987, p. 24), ou seja, como produto da história de suas posições constitutivas e das disposições duráveis (face subjetiva) que geram as tomadas de posição (Bourdieu, 2001, p. 129).

As estratégias inconscientes que indivíduos, grupos e instituições usam durante as lutas no campo para galgar ou manter posições objetivas têm tanto uma dimensão material quanto uma dimensão simbólica. Estas dimensões são explicitadas através dos diferentes tipos de capital em jogo no interior de cada campo: o econômico, o cultural, o social e o simbólico. Os diferentes tipos de capital são recursos disponíveis aos indivíduos, grupos e instituições e são úteis na medida em que determinam e auxiliam a reprodução das posições sociais (Bourdieu, 1984, p. 114). Eles são poderes que definem as possibilidades objetivas de ganho em determinado campo, o qual define o capital específico para o sucesso neste mesmo campo (Bourdieu, 2003, p. 134). Bourdieu empresta o conceito de capital da teoria econômica. O capital seria um conjunto de bens materiais ou simbólicos que podem ser acumulados por herança, por operações diversas de investimento, extração de mais-valia, poupança, etc. Para o autor existem quatro diferentes tipos de capital: a) capital econômico: existente de maneira objetivada em forma de propriedades materiais como dinheiro, ações, propriedades, bens diversos; b) capital cultural: ele compreende o conhecimento, as habilidades, as qualificações, o acesso e acúmulo de informações produzidas e transmitidas pela família e pela escola. Ele pode estar sob a forma

[18] Para uma referência mais detalhada, confronte Garcia, S. G. *Uma perspectiva sociológica de abordagem transversal das relações entre ciência, tecnologia e sociedade contemporânea.* São Paulo. 2011. 5p.

incorporada (como a maneira de se comportar ou falar), institucionalizada (como a posse de títulos e diplomas) ou objetivada (como a posse de obras de arte, livros, filmes, instrumentos musicais etc.); c) capital social: compreende o relacionamento com as diferentes redes sociais em que indivíduos e/ou grupos fazem parte e; d) capital simbólico: geralmente chamado de prestígio, reputação, fama etc. (ou rituais de reconhecimento social) que é a forma percebida e reconhecida como legítima das diferentes espécies de capital. O capital simbólico pressupõe a existência de indivíduos que tenham categorias de percepção preparadas para reconhecer e aceitar o prestígio, a reputação etc. de maneira obediente e submissa (Bourdieu, 2010, p. 173). Importante notar que os tipos de capital podem ser convertidos uns nos outros (taxa de conversão do capital); o capital econômico pode ser convertido em capital simbólico, por exemplo (Bourdieu, 1984, p. 114). Ainda, a distribuição dos diferentes tipos de capital determina as relações de força no campo. Como a distribuição dos diferentes tipos de capital é desigual em todos os campos, isso significa que em todos os campos os indivíduos, grupos e instituições estão em permanente conflito para manter ou alterar a estrutura do campo, isto é, reproduzir ou não o princípio hierárquico (econômico, cultural, simbólico etc.) das posições internas do campo. Os dominantes procuram manter e defender seus privilégios em face ao inconformismo dos dominados que lutam pela posição de dominantes, os quais têm a hegemonia de ditar regras e determinar a divisão dos diferentes tipos de capital em um campo. As estratégias de luta são centradas na conservação das formas de capital; no investimento para reprodução do capital; tanto na educação quanto na sucessão, para manutenção de heranças e entrada nas classes dominantes; na acumulação econômica e social (matrimônios, adoções, alianças), cultural (estilo, bens, títulos, diplomas, certificados) e simbólica (prestígio, reconhecimento, *status*) (Thiry-Cherques, 2006, p. 14). Também, a distribuição desigual dos diferentes tipos de capital pode ser entendida como um princípio de diferenciação no espaço social. A distribuição de indivíduos, grupos e instituições no espaço social é associada às suas posições na distribuição estatística dos diferentes tipos de capital. Assim, indivíduos, grupos e instituições são distribuídos a partir de duas diferentes dimensões. A primeria, o volume global de capital que possuem; a segunda, o peso relativo de cada tipo de capital no volume global de capital (Bourdieu, 2010, p. 19). Estas duas dimensões são o fundamento de diferenças nas disposições (*habitus*) entre indivíduos, grupos e instituições. As diferenças nas disposições são expressas nas diversas tomadas de posição de indivíduos, grupos e instituições. As tomadas de posição refletem as posições sociais através das

disposições, delineando um sistema de separações diferenciais nas práticas e bens dos indivíduos, grupos e instituições no espaço social. A cada conjunto de posições sociais estaria associado a) um determinado *habitus* produzido através de condicionamentos sociais associados a determinado conjunto de posições objetivas e, b) um conjunto de bens e propriedades (relação de homologia entre bens e práticas) as quais estariam conectadas através da afinidade de estilo (ou gosto) (Bourdieu, 2010, p. 21).

A noção de *habitus* está relacionada à estrutura do campo via a tomada de posição no espaço social. O *habitus* pode ser entendido como princípios geradores de práticas diferentes e que levam à distinção; são esquemas de classificação e organização; são princípios de visão e divisão do mundo e, sobretudo, de estilos de vida diferentes (Bourdieu, 2010, p. 21 e 22). É um sistema de disposições duráveis, transferíveis e não determinísticas; são modos de perceber, sentir, fazer, pensar que levam indivíduos a agir de determinada maneira, em determinada circunstância. São rotinas corporais (gestos, posturas, maneiras, linguagem verbal) e mentais (formas de observar, pensar, classificar) inconscientes que permitem aos indivíduos agir e pensar; é um condicionante e condicionador dos princípios de ação. É um princípio gerador e organizador de condições de existência, de uma racionalidade prática e que direciona a maneira de perceber, julgar e valorizar as coisas do mundo. Ele é adquirido através de interações sociais, as quais são classificadas e organizadas pelo próprio *habitus* (Thiry-Cherques, 2006, p. 7). Ele reflete a capacidade dos indivíduos de absorver, pela interiorização das estruturas sociais, características arbitrárias e com as quais eles não nasceram (Bourdieu, 2001, p. 189). Por apresentar disposições interiorizadas duráveis, o *habitus* pode ser entendido como uma estrutura estruturada. E como é gerador de práticas e representações, pode ser entendido como uma estrutura estruturante. Ele é produzido no campo social e, portanto, os indivíduos seriam os vetores de uma estrutura estruturada que se transforma em estrutura estruturante. Ele é produto das experiências individuais de vida, da experiência histórica coletiva e da interação e relação entre essas experiências. Ainda, o *habitus* carrega o código que decifra as potencialidades objetivas associadas à trajetória social de cada indivíduo. Estas potencialidades podem ser aprendidas, atualizadas e transformadas e, portanto, fazem com que o *habitus* varie no tempo e no espaço. Realizando uma ligação entre estruturas objetivas e as práticas individuais, o *habitus* opera distinções. Ele põe em prática princípios de distinção diferentes e/ou opera através de princípios de distinção comuns. Ele tem como função vincular um estilo de vida às práticas e aos

bens de um indivíduo, grupos ou instituições. Ao fazer esta vinculação, o *habitus* estabelece diferenças simbólicas geradas a partir da percepção da diferença nas práticas, nos bens e, principalmente, nas maneiras, que constituem um sistema de signos de distinção (Bourdieu, 2010, p. 22). Na relação entre as duas capacidades do *habitus* de a) produzir práticas classificáveis e de b) diferenciar e de apreciar práticas, bens e maneiras, é que se constitui o mundo social representado, denominado espaço de estilos de vida. Como observa Bourdieu (2008, p. 162):

> A relação estabelecida, de fato, entre as características pertinentes da condição econômica e social – o volume e estrutura do capital, cuja apreensão é sincrônica e diacrônica – e os traços distintivos associados à posição correspondente no espaço dos estilos de vida não se torna uma relação inteligível a não ser pela construção do habitus como fórmula geradora que permite justificar, ao mesmo tempo, práticas e produtos classificáveis, assim como julgamentos, por sua vez, classificados que constituem estas práticas [...] em sistema de sinais distintivos.

Os sinais distintivos só podem ser estabelecidos por aqueles que são capazes de firmar uma diferença. Eles são percebidos e reconhecidos por aqueles que, enquanto parte do espaço social, são dotados de categorias de percepção, de esquemas classificatórios que lhes permite discernir e decifrar a diferença estabelecida através do sinais distintivos. Ou seja, a diferença só se torna signo de distinção a partir de um sistema classificatório que estrutura a percepção dos indivíduos, o qual é estabelecido através da incorporação da estrutura de diferenças objetivas.

Os conceitos apresentados foram operacionalizados por esta pesquisa da seguinte maneira: primeiro, o campo a ser estudado é definido como o campo do consumo, concentrando-se na investigação dos diferentes modos de uso de computadores entre membros de diferentes grupos sociais pertencentes a classes sociais próximas na estratificação social brasileira. Através do conceito de capital é que se pode entender a apropriação desigual dos computadores já que tanto o volume quanto a distribuição do capital econômico e do capital cultural vão determinar o *habitus* de cada conjunto de agentes. Este trabalho pretende mostrar que o *habitus*, como

conjunto de disposições materializadas e incorporadas, é que determina a apropriação de computadores. São estas disposições específicas que, por serem desiguais em diferentes classes sociais, determinam os diferentes modos de apropriação dos computadores em cada classe social. As explicações que devem ser construídas para demonstrar um conjunto específico de bens ou práticas é a forma assumida, em determinado campo, pelo capital objetivado (propriedades) e incorporado (*habitus*). O conjunto de bens e práticas é que determinam o pertencimento a uma classe social específica. Ele constitui o princípio gerador de práticas distintivas, ou seja, classificadas e classificantes (Bourdieu, 2008, p. 107). Assim, indivíduos em uma mesma classe social estariam unidos por afinidade de estilo ou gostos. Esta pesquisa usa o conceito de estilos de Bourdieu para tratar da comparação dos diferentes modos de uso do computador entre os diferentes grupos analisados neste estudo. Desta maneira, este estudo constrói os dados para saber se os diferentes modos de uso do computador estão relacionados ao capital econômico e cultural dos diferentes grupos sociais analisados.

Esta pesquisa alinha-se com Bourdieu no sentido de que todo indivíduo é um ser socialmente construído. O substancialismo, ao entender que as práticas e preferências dos indivíduos de uma determinada sociedade, em um determinado período histórico, são propriedades inscritas nos indivíduos como se fossem parte da sua essência biológica (Bourdieu, 2010, p. 17), entra em choque com o conceito de *habitus* de Bourdieu. Para o autor, o *habitus* é formado/inculcado pela educação provida pela família e pela escola e, como tal, determina as práticas e preferências de cada indivíduo. Desta maneira, o dom ou mérito individual não explicariam suficientemente em termos sociológicos porque, por exemplo, alunos de famílias mais abastadas conseguiriam os melhores empregos após terminarem a faculdade na França da década de 60 – já que para Bourdieu as diferenças são baseadas nas estruturas sociais que reproduzem a desigualdade. Não raro se encontram análises que promovem a ideia de que basta um computador para que qualquer ser humano possa realizar maravilhas, se beneficiando das ICTs de maneira similar – ou seja, a "igualdade digital" seria alcançada através do "dom" que todo ser humano tem para usar um computador. O professor Sugata Mitra[19] indica em uma entrevista para o jornal *The Guardian* em outubro de 2010[20] que professores primários deveriam

[19] Professor de tecnologia educacional da Universidade de Newcastle.

[20] "Give them a *laptop* and a group of pupils will teach themselves", 18 de outubro de 2010. http://www.guardian.co.uk/education/2010/oct/18/sugata-mitra-slumdog-teach-self. (Acessado em 8 de maio de 2011).

preparar questões que evoquem a curiosidade e interesse dos alunos e, então, deixá-los usar um computador em grupo e isto seria suficiente para que os alunos aprendam qualquer assunto por eles mesmos. O co-fundador da Apple, Steve Wozniak propõe que computadores e professores estejam em um mesmo nível: "Se houvesse 30 professores em uma classe com 30 alunos, todos teriam atenção individual e seguiriam seu próprio ritmo. Então acho que, algum dia, um computador poderá ser um professor."[21] Em julho de 2005, o diretor do Serviço Federal de Processamento de Dados (SERPRO), Sergio Rosa, em declaração à *Folha de S. Paulo* sobre as críticas feitas por diversos estudiosos da inclusão digital sobre o foco do plano de inclusão digital do governo federal ter como base o barateamento de computadores: "Quando damos acesso a computadores e à internet, já estamos abrindo uma porta para a inclusão das classes mais baixas... Esses comentários discriminam as classes mais baixas, pois partem do princípio de que elas precisam de ensino para usar a internet. São críticas elitistas. A partir do momento que essas pessoas tiverem acesso aos micros, saberão como tirar melhor proveito da internet". Sergio Rosa confia na criatividade e flexibilidade desse grupo de brasileiros, que "saberá se virar muito bem na internet".[22] Estes discursos carregam uma ideia muito difundida: a de que qualquer pessoa, quando munida de um computador com acesso à internet, consegue logo superar a desigualdade que a exclusão digital impõe àqueles que não têm acesso à internet. A ideia de que as pessoas podem aprender por elas mesmas apenas com a ajuda de um computador.

O saber "se virar" com o computador não leva em conta as condições materiais e simbólicas a que estão submetidos todos os indivíduos da sociedade. Ela subentende que todas as pessoas, em especial os alunos, estão em um mesmo patamar de aproveitamento do uso do computador, levando todas as pessoas a se beneficiarem da mesma maneira. Esta pesquisa quer testar os dados coletados de modo a saber se os modos de uso de um computador são diferenciados e estão intimamente ligados aos capitais econômico e cultural, cujas caracterísitcas determinam o *habitus* de cada conjunto de indivíduos. O *habitus* determina a amplitude de uso, tanto em termos de conteúdos acessados quando produzidos, para além dos benefícios a serem alcançados. Assim, esta pesquisa se opõe à ideia de que todos os indivíduos têm um "dom" para

[21] "Cofundador da Apple diz que computadores podem ensinar crianças", 4 de maio de 2011. http://www1.folha.uol.com.br/tec/911142-cofundador-da-apple-diz-que-computadores-podem-ensinar-criancas.shtml. (Acessado em 10 de maio de 2011).

[22] "Computador Para Todos" exclui iniciativas de alfabetização digital", www.folha.com.br, 19 de julho de 2005. http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u18699.shtml. (Acessado em 20 de abril de 2010).

usar um computador, o qual colocaria todos os indivíduos da sociedade em um mesmo patamar de igualdade.

A justificativa do objeto

Parte das discussões sobre a exclusão digital nos dias de hoje ainda leva em conta uma perspectiva limitada à dicotomia "número de pesssoas que tem acesso versus número de pessoas que não tem acesso". Diversos estudos dedicados parcial ou exclusivamente à compreensão da inclusão digital patrocinados pelo governo federal como os do IBGE, PNAD ou mesmo o Mapa das Desigualdades Digitais no Brasil do Ministério da Educação e Cultura, ainda estão concentrados na diferenciação "ter ou não ter acesso". A pesquisa do Centro de estudos sobre as tecnologias da informação e comunicação do governo federal (Cetic.br[23]) entitulada "TIC Domicílios e Usuários" traz dados sobre utilização do computador e da internet no Brasil, por diversos cortes como região geográfica e renda. Este estudo, ao tratar de itens como habilidades com o computador (mover pastas, usar o mouse etc.) e habilidades com a internet (usar ou não mecanismos de busca, enviar *e-mails* com arquivos anexados etc.), embora elucidativos em muitos aspectos estatísticos, ainda não trazem uma análise sociológica que consiga dar conta do entendimento do porquê a apropriação de computadores é desigual entre as classes sociais. O Observatório Nacional da Inclusão Digital (ONID[24]), órgão do governo federal para promoção da inclusão digital, apresenta em seu banco de referências (embora não seja uma posição oficial da instituição), um texto de Mori e Assumpção (2006, p. 2) sobre o entendimento de que a inclusão digital está correlacionada à apropriação de tecnologias:

> Apropriar-se das tecnologias significa desenvolver e aperfeiçoar habilidades que vão de tarefas básicas, como escrever um *e-mail* ou reconhecer um spam, a atividades complexas, como pesquisar de maneira eficaz, acessar serviços ou produzir um vídeo digital e transmiti-lo via web.

[23] http://www.cetic.br/. (Acessado em 18 de setembro de 2009).
[24] http://www.onid.org.br/portal/. (Acessado em 18 de setembro de 2009).

A definição acima considera como "tarefas básicas" da apropriação escrever um *e-mail* ou reconhecer um *spam*. É uma definição homogeinizadora do processo de apropriação da internet, que coloca todos os usuários em um mesmo patamar de capacidade e modos de apropriação: afinal, o que é básico para algumas pessoas pode não ser para outras que não foram treinadas para o domínio dos códigos de decifração da cultura letrada. Mesmo as abordagens atuais no Brasil que tentam entender a inclusão digital para o além de "ter ou não ter acesso", não exploram efetivamente como os usuários de computadores – os "já incluídos" – vêm usando tanto seus computadores quanto a internet, ou seja, o que está além da compra dos computadores e do acesso à internet. A ideia de que basta um computador para o indivíduo deixar de ser um excluído digital homogeiniza o processo de uso e aprendizado da internet. Ele dialoga com a ideia de que a internet permite que seus usuários das classes menos privilegiadas superem, pelos próprios esforços, a carência de ensino e de socialização que desfruta as classes mais privilegiadas. Então, membros das classes menos favorecidas e das classes melhor estabelecidas materialmente seriam colocados em condições semelhantes no que diz respeito, por exemplo, ao tipo de computadores utilizados, ao tempo de uso, ao tipo de conexão utilizada e ao tipo e trato com conteúdos acessados em termos de entendimento e compartilhamento deste mesmo conteúdo. Na verdade, o uso de qualquer tecnologia requer um repertório de cultura, instrução e informação mínimos, itens que podem diferenciar como membros das classes menos privilegiadas, quando comparados aos membros das classes mais privilegiadas, usam seus computadores e a internet.

A justificativa desse trabalho encontra-se no fato de que esta pesquisa busca informações que as pesquisas que trabalham com as questões de ter/não-ter acesso à internet e quem está acessando a internet não contemplam. São informações não reveladas sobre os diferentes modos de uso dos computadores por grupos sociais próximos na estratificação social brasileira que desvendam diferenças socialmente condicionadas. Partindo da teoria dos campos de Bourdieu, os modos de uso diferenciados revelariam o impacto da distribuição desigual dos capitais econômicos e culturais entre os membros das diferentes classes sociais e frações de classe do Brasil contemporâneo. A grande pergunta por trás deste trabalho é: será que os diversos tipos de capital (econômico, cultural, social e simbólico) que uma pessoa ou grupo de pessoas possam ter moldam a apropriação de computadores a ponto de que a desigualdade social seja reproduzida e não diminuída com a "inclusão digital"?

Este estudo trata do problema da apropriação desigual de computadores por diferentes camdas sociais médias na cidade de São Paulo (classes B, C e D). Ela está dentro da esfera da desigualdade digital indicada a partir das ideias de DiMaggio e Hargittai e utiliza os conceitos de campo, *habitus* e capital desenvolvidos por Bourdieu para entender os diferentes modos de apropriação entre classes sociais distintas.

O primeiro capítulo apresenta os diversos condicionantes que possibilitaram a penetração de computadores em residências das classes C e D crescer rapidamente na última década no Brasil. O segundo capítulo apresenta os trabalhos que levaram à identificação das famílias e das escolas, incluindo as fontes adicionais de informação (vizinhos, parentes) e as técnicas e instrumentos de coleta de dados. O terceiro capítulo apresenta as experiências de interação (os encontros sociais) com as diferentes famílias das classes B, C e D e com as escolas que fizeram parte dos trabalhos de campo para o levantamento de informações detalhadas que descrevem tais famílias e escolas de maneira a entender suas condições materiais e simbólicas de existência. O quarto capítulo apresenta as análises dos dados coletados durante os encontros sociais com base na etnografia dos usos. Os modos diferentes de apropriação dos computadores são o pano de fundo para a análise. Os dados foram organizados em quatro diferentes dimensões com base nas ideias de Di Maggio e Hargittai: equipamentos, autonomia de uso, habilidades e variedade de uso, dimensões que seriam instrumentos capazes de observar a desigualdade digital. Assim, para cada dimensão, os dados são apresentados de maneira comparativa. Ao final do capítulo, são apresentados alguns cruzamentos de dados, que embora não sumarizem as análises, objetivam entender determinadas práticas e respectivos sentidos no conteúdo acessado na internet.

Finalmente, as conclusões e questionamentos colocam em perspectiva as descobertas do estudo de maneira a reiterar os achados. Os Anexos apresentam dados detalhados que estão além dos assuntos tratados no texto mas que podem servir como informações extras para levar o leitor a um maior entendimento da problemática deste estudo.

Capítulo 1 – A penetração de computadores nas classes C e D no Brasil

Este capítulo diz respeito à análise dos fatores que levaram ao aumento da penetração de computadores entre membros das chamadas classes C e, em menor medida, classes D. Esses fatores e seus resultados são parte da história recente brasileira de aumento da renda média real mensal das famílias: entre dezembro de 2002 e dezembro de 2008, a renda média real anual familiar no Brasil cresceu 3.8%. Segundo a PNAD 2009, o Brasil tem hoje 94.9 milhões de pessoas na classe C. São indivíduos que pertencem a famílias que ganham entre R$1.126 e R$4.854. A classe C ultrapassou os 50% do total da população pela primeira vez na história do país, pois foram quase 30 milhões de pessoas que sairam da classe D e passaram para a classe C entre 2003 e 2009. Ainda neste mesmo período, houve um aumento de 5% da renda média real familiar observado nas famílias da classe D (famílias que ganham entre R$1.008 e R$1.610)[25]. O aumento de renda fez com que tanto a classe C quanto a classe D passassem a consumir produtos até então exclusivos das classes mais abastadas.

Descrevo, primeiramente, como o Brasil teve condições macroeconômicas, infraestruturais, produtivas, institucionais e políticas suficientes para desenvolver seu mercado de computadores, permitindo o acesso de milhões de brasileiros à internet nos últimos 10 anos. Estas condições foram essenciais para a ampliação do acesso material aos meios digitais.

O fenômeno da expansão de usuários de internet na década de 1990 em países desenvolvidos fez com que a inclusão digital fosse colocada em pauta, principalmente no meio acadêmico, ao mesmo tempo em que se observava o aumento de vendas de computadores e de usuários de internet. O entendimento na época era de que a desigualdade social seria intensificada, já que o acesso à internet seria um fator agravante das diferenças sociais entre ricos e pobres, tanto em países desenvolvidos quanto em países em desenvolvimento. Na década de 1990 a indústria de tecnologia da informação trabalhou em escala mundial no sentido de aumentar a capacidade de produção[26] ao mesmo tempo em que procurava o barateamento de

---

[25] Informações baseadas na pesquisa "A nova classe média: o lado brilhante dos pobres" da FGV/SP, 2010. Entrevista de Marcelo Neri, coordenador da pesquisa, para a www.exame.abril.com.br em 10 de setembro de 2010. http://exame.abril.com.br/economia/brasil/noticias/fgv-29-milhoes-brasileiros-entraram-classe-media-595338 (Acessado em 18 de maio de 2011).

[26] A capacidade de produção é algo importante para entender os custos marginais na indústria de tecnologia da informação, principalmente para produtos de *hardware*. Quanto maior o volume de produção, menores os custos marginais.

custos. O barateamento de custos de produção seguido do barateamento dos custos de distribuição, tanto de componentes quanto de produtos finais, levou a preços de computadores mais acessíveis em países desenvolvidos, principalmente nos Estados Unidos. A produção de computadores é de escala global, portanto, parte do aumento da produção foi destinado a países em desenvolvimento (como sempre tem acontecido), os quais também se beneficiaram dos novos preços. Para os países em desenvolvimento, questões relativas à tarifição alta, taxa de câmbio desfavorável e distribuição de produtos e serviços custosa ainda eram fatores que retardavam uma queda de preços de computadores como a observada nos países desenvolvidos. A indústria de telecomunicações nos países desenvolvidos presenciou uma queda nos preços de serviços através de um processo de concorrência muito forte. Nos países em desenvolvimento, ainda era possível observar setores de telecomunicações determinados por empresas estatais, com tarifas controladas. Alguns países, como o Brasil, caminhavam no sentido da privatização e da regularização de seus mercados de telecomunicações. Esses fatores em conjunto formaram o tecido necessário para o surgimento de uma nova classe mundial de pessoas que tinha acesso a tecnologias de informação e comunicação e, consequentemente à internet. Surgem, então, como já mencionado anteriormente, os *haves* e os *no-haves*, segundo Norris (2001, p. 32)[27], expressões que determinavam quem tinha e quem não tinha acesso à ICT.

Em uma tentativa de aumentar o número de *haves*, vários governos, tanto nacionais quanto locais em países desenvolvidos, iniciaram programas sociais que levariam computadores às escolas, bibliotecas, centros socias e *lan houses* patrocinadas pelo governo já na segunda metade dos anos 1990. Esses programas propuseram mitigar o aumento da desigualdade social nestes países causada pela exclusão digital. Ao mesmo tempo em que os governos trabalhavam (com a participação em determinada medida da indústria de tecnologia da informação e comunicação) para o aumento da inclusão digital, a baixa de preços de computadores e a baixa do preço da conexão nos países desenvolvidos fez com que, cada vez mais, os computadores penetrassem em domicílios não apenas das camadas superiores da sociedade, mas também nas camadas inferiores. Ademais, aquelas famílias que realmente não pudessem ter acesso em casa – tanto devido à dificuldade financeira de compra do computador quanto à dificuldade financeira de pagar pelo acesso à internet via operadoras de telecomunicação ou até devido à inexistência

[27] A proporção 1:1, ou seja, cada computador ter acesso à internet nem sempre é verdade. Há famílias que, embora tenham computador em suas residências, elas não possuem acesso à internet. Os motivos variam. Vão desde falta de infraestrutura na região das residências quanto até a não necessidade de uso da internet.

de infraestrutrua de telecomunicações na região de seus domícilios – poderiam ter acesso em escolas, bibliotecas e até *lan houses* do governo[28]. Grandes esforços de política pública via programas sociais e a competição cada vez mais acirrada no mercado de computadores e de telecomunicações fez com que o número de usuários aumentasse rapidamente já na segunda metade da década de 1990 nos países desenvolvidos.

Os países em desenvolvimento tardaram um pouco mais para implementar programas sociais de inclusão digital. Ao longo da última década, o Brasil também iniciou diversos programas sociais para incentivar a inclusão digital. Em 2004, o ministro das Comunicações, Eunício Oliveira, afirmava que os esforços para garantir o acesso da população a computadores "estão sintonizados" com a política de inclusão social do governo Lula[29]. Assim como nos países desenvolvidos, o governo federal, juntamente com os governos estaduais e municipais tiveram grande participação na ampliação do acesso da população à internet no Brasil. Entre os mais conhecidos da população brasileira, está o programa do governo federal chamado PC para Todos (antes chamado PC Conectado). Este programa foi o símbolo da inclusão digital no governo Lula. Para este programa, o governo federal fez uma parceria com o BNDES. Este banco concede empréstimos subsidiados para varejistas na venda de computadores no país[30]. Existem diversos programas federais. Para citar alguns, temos: Quiosque do Cidadão, Telecentros Banco

---

[28] Ao mesmo tempo em que houve iniciativas do governo dos países desenvolvidos para aumentar o acesso à internet da população, o mercado de *lan houses* floresceu nesses países. Hoje, essas *lan houses*, assim como aconteceu no Brasil, tornaram-se *bureaus* de serviços, onde se é possível fazer ligações nacionais e internacionais, encontrar serviços de *fax*, fotocópias, encadernação etc. de maneira a manter rentável o negócio de *lan houses*.

[29] "Inclusão digital está sintonizada com esforços sociais, diz ministro", www.folha.com.br, 26 de dezembro de 2004. http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u17757.shtml. (Acessado em 20 de abril de 2010).

[30] O BNDES (Banco Nacional do Desenvolvimento, www.bndes.gov.br) prorrogou até 2008 a concessão de empréstimos subsidiados para a venda de PCs no país, elevando para R$600 milhões a verba para financiamentos de computadores. Inicialmente, o programa visava liberar até R$300 milhões ao longo de 2005 e 2006 para que varejistas vendessem PCs com juros baixos a usuários finais. Só podem ser financiados com dinheiro do BNDES PCs que atendam a configuração mínima exigida pelo programa, custem no máximo R$1,4 mil e usem *software* livre. Os computadores do programa PC para Todos podem ser financiados em até 30 parcelas com juros calculados em função da TJLP, uma das taxas mais baixas disponíveis no mercado financeiro em 2008. Fonte: "Programa PC para Todos é prorrogado até 2008". www.info.abril.com.br, 15 de janeiro de 2007. http://info.abril.com.br/aberto/infonews/012007/15012007-13.shtml. A configuração do computador era: processador de 1,5 GHz, disco rígido de 40 GB, monitor de 15 polegadas, teclado, *mouse*, CD-ROM, disco flexível de 1.44 Mb, memória de 128 MB, placa de *fax modem* e sistema operacional Linux, além de mais de 20 aplicativos de *software* livre como editor de texto, planilha, programa gráfico. "Saiba mais sobre o Programa PC para Todos". www.tecnologia.terra.com.br, data não especificada. http://tecnologia.terra.com.br/interna/0,,OI703619-EI4801,00.html. (Acessado em 21 de abril de 2010). Atualmente, o programa PC para Todos continua em funcionamento. Para mais detalhes: http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Institucional/Apoio_Financeiro/Programas_e_Fundos/pcconectado.html. (Acessado em 21 de abril de 2010).

do Brasil, Telecentros.Br, Programa Banda Larga nas Escolas entre outros[31]. Governos estaduais também lançaram programas para inclusão digital. Para citar o caso de São Paulo, o governo estadual paulista lançou os programas Acessa São Paulo e Acessinha São Paulo.

Desde o final dos anos 1990, as empresas ligadas diretamente ao mercado de computadores vinham pressionando o governo brasileiro para alterar algumas medidas regulatórias para o setor de informática, baixadas pelo governo desde a introdução do processo produtivo básico (PPB) de componentes eletrônicos para informática em 1991, principalmente no que diz respeito à produção e importação de componentes eletrônicos para o Brasil[32]. O plano do governo federal era impulsionar a inovação de tecnologia no país através da importação de componentes e montagem destes mesmos componentes no Brasil (*assembling*), numa tentativa de estabelecer um processo de substituição de importações com produção local[33]. Era uma ideia louvável não fosse a pesada carga tributária associada à importação destes componentes, principalmente semicondutores[34]. A indústria de ICT, principalmente de computadores no Brasil (e mais tarde as empresas de produção de televisões de LCD e plasma), queria a diminuição da carga tributária de maneira a induzir preços menores de computadores e impulsionar o mercado interno. Os planos do governo federal para inclusão digital estavam começando a sair do papel na época, então, o pedido de diminuição de tarifas teve maior ressonância dentro do governo federal. Mesmo assim, tardou até novembro de 2002 para que a Câmara de Comércio Exterior (Camex) reduzisse a Tarifa Externa Comum (TEC) de 90 itens relativos a peças, partes e componentes de microcomputadores. A alíquota média era de 11%, e passou para 5%[35]. Nas

---

[31] Para acessar a lista completa de programas para inclusão digital do governo federal: http://www.inclusaodigital.gov.br/outros-programas. (Acessado em 14 de abril de 2010).

[32] O Processo Produtivo Básico (PPB) foi definido em 1991, por meio da Lei n.º 8.387, de 30 de dezembro de 1991, como sendo "o conjunto mínimo de operações, no estabelecimento fabril, que caracteriza a efetiva industrialização de determinado produto". Resumidamente, o PPB consiste de etapas fabris mínimas necessárias que as empresas devem cumprir para fabricar determinado produto como uma das contrapartidas aos benefícios fiscais estabelecidos por lei (Lei de Informática e Zona Franca de Manaus).

[33] O Brasil tem um parque industrial no estado da Bahia e um no estado do Amazonas para montagem de placas-mãe e demais componentes eletrônicos.

[34] Em 2008, o Brasil importou US$18 bilhões em componentes eletrônicos (só em semicondutores foram US$ 4 bilhões). Estes números caíram em 2009, devido à crise econômica, para US$13 bilhões e US$3,3 bilhões, respectivamente. "O Brasil, finalmente, acerta na política de semicondutores e tem chances reais de competir", Telesíntese Análise. 9 de abril de 2010. http://www.noticia.abinee.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=56767&query=advsearch&search_by_section=111&sid=111&text. (Acessado em 15 de abril de 2010).

[35] "Camex reduz imposto de importação de peças de computador", Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. 28 de novembro de 2002.

palavras do ministro do desenvolvimento, indústria e comércio da época, Sérgio Amaral: "Nós queremos aumentar a competitividade do produto nacional e estimular a fabricação de computadores no Brasil para que a população tenha maior acesso [à internet][36]... Essas medidas são, sobretudo, para combater o contrabando que corresponde, segundo algumas estatísticas, por volta de 50% das vendas no mercado brasileiro e, segundo, reunir incentivos necessários para a produção do computador no Brasil, para a substituição de importação, com preço compatível"[37].

Já em meados da década de passada, o consumidor brasileiro viu o preço dos computadores baixarem de maneira drástica, sendo esse um dos efeitos imediatos da baixa de tarifas de importação de componentes. A Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) da Universidade de São Paulo[38] vem medindo a evolução dos preços de computadores desde janeiro de 2000 na cidade de São Paulo (computadores de várias características técnicas têm seus preços calculados em médias para compor o preço final para efeito de cálculo mensal de inflação para este tipo de produto). O Índice de Preços ao Consumidor (IPC-FIPE) registrou uma queda de 46.8% entre janeiro de 2000 e abril de 2006. Apenas entre maio de 2005 e abril de 2006, foi registrada uma queda de 16,8% nos preços de computadores na cidade de São Paulo. Segundo a Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee), as vendas (em unidades) de 2005 para 2006 aumentaram 46%, chegando a 8,3 milhões em 2006 contra 5.7 milhões em 2005[39]. Já em 2007, segundo a IDC[40], consultoria especializada nos mercados de ICT, o Brasil, com 10 milhões de unidades vendidas, figurava entre os cinco maiores consumidores de computadores do mundo, estando atrás apenas dos Estados Unidos (64 milhões), China (36 milhões), Japão (13 milhões) e Reino Unido (11.2 milhões)[41]. De 2009 para 2011, os preços devem continuar a cair, devido à competição, taxa de câmbio e aumento do volume de vendas,

---

http://www.mdic.gov.br/portalmdic/sitio/interna/noticia.php?area=1&noticia=4913. (Acessado em 15 de abril de 2010).

[36] Inserção feita por mim.

[37] "Camex reduz imposto de importação de peças de computador", Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior www.mdic.gov.br. 28 de novembro de 2002.
http://www.mdic.gov.br/portalmdic/sitio/interna/noticia.php?area=1&noticia=4913. (Acessado em 15 de abril de 2010).

[38] http://www.fipe.org.br.

[39] "Venda de computadores no Brasil cresce 46% em 2006", www.ultimosegundo.ig.com.br, baseado em informações da Agência Estado. 7 de fevereiro de 2007.
http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo_virtual/2007/02/07/venda_de_computadores_no_brasil_cresce_46_em_2006_627229.html. (Acessado em 14 de abril de 2010).

[40] www.idc.com. (Acessado em 15 de abril de 2010).

[41] Ibidem. (Acessado em 15 de abril de 2010).

segundo diversas consultorias especializadas no mercado de tecnologia como IDC e Gartner[42]. Em meados de 2010, era possível comprar computadores por até R$599 parcelados em até 10 vezes em lojas de varejo da cidade de São Paulo como as Casas Bahia[43].

Em termos institucionais, o governo federal criou em 1997 a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel)[44]. Esta agência reguladora foi concebida para viabilizar o atual modelo das telecomunicações brasileiras e para exercer as atribuições de outorgar, regulamentar e fiscalizar esse importante setor da infraestrutura do Brasil[45]. A Anatel tem tido um papel importante nas decisões em todos os âmbitos relacionados às telecomunicações no Brasil desde sua criação. Embora tenha havido críticas recentes sobre sua falta de atitude em fazer da banda larga uma tecnologia acessível para a população brasileira[46], a Anatel teve destaque para regulamentar e evitar abusos nos aumentos de tarifas telefônicas, além de estabelecer metas de cobertura para a telefonia fixa de maneira que esteja presente em todo o território nacional – o que, com a devida tecnologia, a banda larga[47] poderia chegar a todos os domicílios brasileiros (possivelmente com a ajuda de incentivos fiscais), via esta estrutrura de rede de telefonia fixa.

---

[42] www.gartner.com. (Acessado em 15 de abril de 2010).

[43] Promoção microcomputador *Desktop* Positivo Plus F158 e F220 de R$899 por R$599 em até 10 parcelas sem juros, no cartão (desconto anunciado de 33%). http://www.casasbahia.com.br/abrirEspecies.do?totalRegistros=0&pagina=0&codigoDepartamento=5&codigoEspecie=2010&codigoSetor=40&codSubSetor=16&s_pfm=&au. (Acessado em 15 de abril de 2010).

[44] http://www.anatel.gov.br. (Acessado em 15 de abril de 2010).

[45] Conforme a Lei Geral de Telecomunicações (LGT) - a Lei nº 9.472/1997 - a Anatel é uma autarquia administrativamente independente, financeiramente autônoma, vinculada ao Ministério das Comunicações, e não se subordina hierarquicamente a nenhum órgão do Governo ou aos Poderes políticos. Seu processo decisório caracteriza-se como última instância administrativa e suas decisões só podem ser contestadas judicialmente.

[46] No início de maio de 2010, a imprensa brasileira veiculou que o governo federal tomou a iniciativa de reativar a Telebras para aumentar o acesso à banda larga no Brasil. "A Casa Civil informou nesta quarta-feira (5) que o Plano Nacional de Banda Larga prevê a capitalização da Telebrás pelo Tesouro Nacional em R$ 3,22 bilhões. "Esse valor será utilizado nos três primeiros anos de funcionamento e, depois, a ideia é que a empresa consiga se autogerir", informou Rogério Sant'anna, secretário de logística e tecnologia da informação do Ministério do Planejamento. "O que a Telebrás vai oferecer é uma rede de transporte a baixo preço para qualquer operadora interessada pelo serviço". O plano será consolidado por meio de um decreto e visa triplicar o acesso à internet rápida até 2014, atendendo mais 27 milhões de domicílios no país (a meta da proposta é chegar a um valor total de 40 milhões dentro do período). Para viabilizá-lo, haverá uma série de desonerações e oferta de crédito para pequenas e médias empresas. O comitê gestor do projeto... será formado por 11 ministérios, incluindo o da Educação, da Casa Civil e da Tecnologia." "Plano de Banda Larga prevê R$ 3,2 bilhões para a Telebrás", www.tecnologia.uol.com.br. 5 de maio de 2010. http://tecnologia.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2010/05/05/banda.jhtm. (Acessado em 6 de maio de 2010).

[47] A definição de banda larga considerada para este projeto é a de velocidade acima de 1MB. Ela difere daquela usada pelo ITU, em seus relatórios técnicos de pesquisa, ou seja, deve ser uma banda capaz de suportar voz, dados e vídeo simultâneamente. A velocidade deve ser acima de 256Kbps e possibilitar *downloads* e *uploads* à mesma velocidade de 256Kbps.

Ainda em 1995, o governo federal criou o Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br)[48]. Este comitê é composto por diversos setores da sociedade: governo, sociedade civil, empresariado, organizações não-governamentais e comunidade acadêmica. O comitê foi criado com a função de coordenar e integrar os serviços de internet no Brasil, através da recomendação de padrões e procedimentos técnicos operacionais para a internet, coordenação e atribuição de endereços IP e registro de nomes de domínios, e da coleta, organização e disseminação de informações sobre os serviços de internet: indicadores e estatísticas. A função de apresentar à sociedade indicadores e estatísticas é coberta pelo Núcleo de Informação e Coordenação do ponto BR (NIC.br)[49], uma entidade civil, sem fins lucrativos e ligado ao CGI.br. O NIC.br tem o objetivo de "adotar os procedimentos administrativos e operacionais necessários para que a gestão da Internet no Brasil se dê segundo os padrões internacionais aceitos pelos órgãos de cúpula da Internet, podendo, para tanto, celebrar acordo, convênio, ajuste ou instrumento congênere" (Decreto 4.829, ano 2003, art. 1, VII). A Anatel, juntamente com o CGI.br, perfazem o tecido institucional nacional para o desenvolvimento da internet no Brasil. Este tecido institucional é importante não apenas para formalizar o pacto do governo com o desenvolvimento da internet no país, mas para também organizar, planejar e acompanhar tal desenvolvimento.

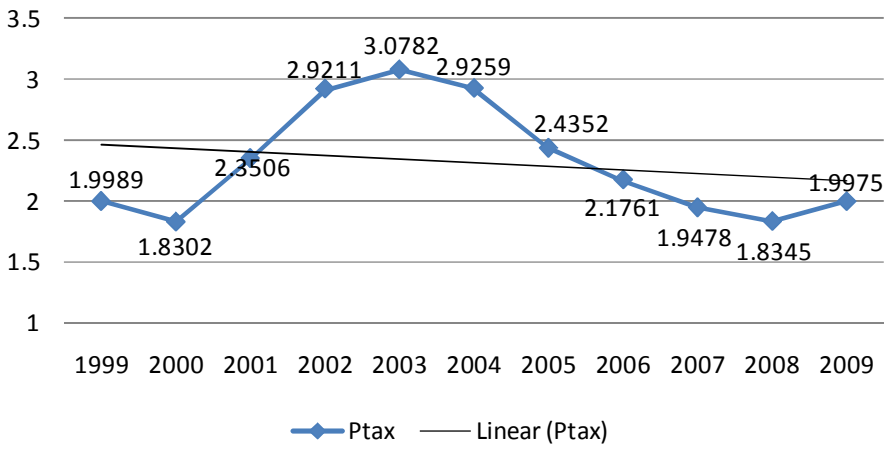
Não se pode creditar apenas à baixa na tarifação de componentes eletrônicos a queda dos preços e aumento do volume de vendas de computadores no Brasil e, consequentemente, o aumento do número de usuários de internet no país. Fazendo parte dos itens que colocaram o mercado brasileiro de computadores no mapa mundial nos anos 2000, estão também: a taxa de câmbio, a inflação controlada, a facilidade de crédito e o ganho de renda real, ou seja, ganhos acima da inflação. Todos estes itens combinados levaram à expansão do consumo de diversos itens da cesta de consumo do brasileiro, que passou a ter bens eletroeletrônicos como MP3, celulares e computadores. Descrevo nas próximas páginas a evolução destes quatro itens e suas implicações para o desenvolvimento do mercado de computadores e de telecomunicações, levando milhões de brasileiros nos últimos 10 anos a terem conexão à internet dentro de seus domicílios.

A taxa de câmbio conforme mostra o Gráfico 1 abaixo, mostra uma tendência de queda entre 1999 e 2009, tendo 2003 uma alta representativa correlacionada às eleições para presidente

[48] http://cgi.br/. (Acessado em 16 de abril de 2010).
[49] http://www.nic.br/. (Acessado em 16 de abril de 2010).

em 2002 e a temores relacionados ao mandato do presidente Lula em seus primeiros meses de governo, evidenciando uma fuga de dólares do país, elevendo, assim, a taxa de câmbio no período. Ademais, se não considerarmos os primeiros anos do plano Real, quando a taxa de câmbio esteve sobrevalorizada de maneira acentuada, nas últimas décadas do século XX, a economia nunca presenciou tamanha entrada de dólares no país que mantivesse a taxa de câmbio (de regime flutuante) nos níveis mostrados no Gráfico 1. A média da Ptax (taxa oficional de câmbio do Banco Central[50]) no período 1999-2009 ficou em 2,3178. A taxa de câmbio favorável desta década barateou as importações e este movimento foi sentido no preço final de computadores no mercado brasileiro, já que, ainda, muitos componentes para fabricação de computadores eram importados (e continuam a ser importados).

Gráfico 1 – Evolução da taxa de câmbio



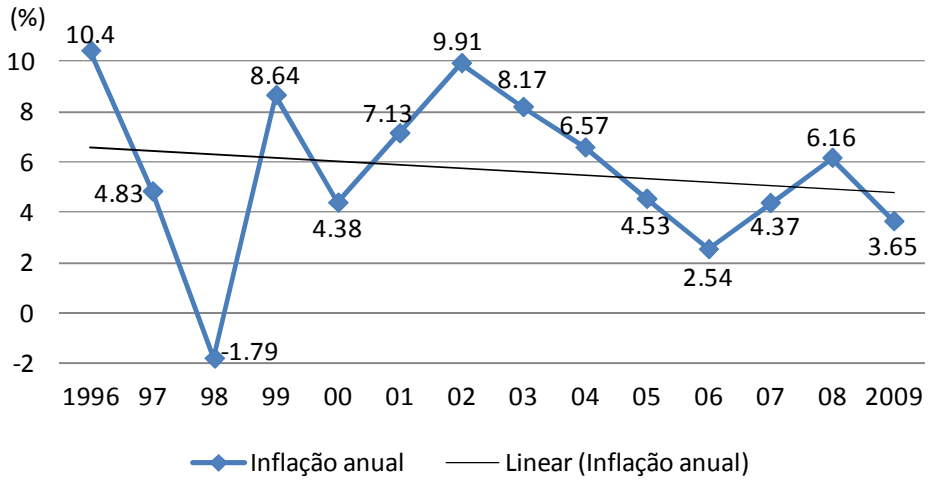
Fonte: Banco Central do Brasil, abril de 2010.

A inflação controlada, atrelada a uma política monetária de juros altos e de metas inflacionárias, não impediu a expansão do consumo no país. A estabilidade de preços ajudou os consumidores a gastarem mais e a tomarem mais crédito. Os consumidores brasileiros se tornaram mais confiantes para gastar mediante a previsibilidade da taxa de inflação e aos ganhos reais que seus salários tiveram, principalmente a partir de 2004. O Gráfico 2 apresenta as taxas de inflação anuais acumuladas medidas pelo índice da inflação IPC-FIPE. É possível observar

[50] http://www.bcb.gov.br. (Acessado em 16 de abril de 2010).

que existe uma tendência de queda clara nestas taxas, que atigiram 10.4% a.a. em 1999 e baixaram para 3.65% a.a. ao fim de 2009.

Gráfico 2 – Evolução inflação anual IPC - FIPE



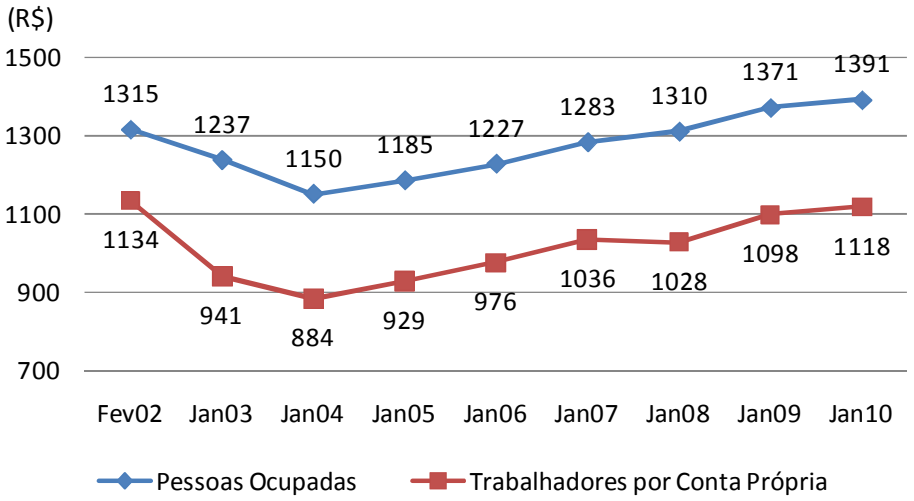
Fonte: Fundaçao Instituo de Pesquisas Econômicas da USP – FIPE, abril de 2010.

Os salários em termos reais também contribuiram para aquecer a demanda no país. O brasileiro passou a ter todo mês um dinheiro extra que poderia ser convertido não apenas em poupança mas também em consumo. A cesta de consumo do brasileiro passou a ser mais diversificada e mais sofisticada na última década, tendência apresentada por diversas empresas de pesquisa de consumo, entre elas a Kantar[51], uma das grandes empresas globais que investigam o consumo de famílias em diversos países. Essa tendência de diversificação e sofisticação culminou em 2009. A pesquisa Kantar Worldpanel[52] mostra que as famílias brasileiras não aumentaram apenas o gastos em relação a 2008 (aumento de 17%), mas também aumentaram o volume de itens (15% a mais). A cesta de bens do brasileiro também se tornou mais sofisticada. O volume médio de itens não básicos comprados pelas famílias para o abastecimento doméstico

[51] http://www.kantar.com/. (Acessado em 16 de abril de 2010).
[52] "Consumo de bens não duráveis expande em 2009", www.mundodomarketing.com.br. 3 de março de 2010. (Acessado em 15 de abril de 2010). A Kantar Worldpanel acompanha no Brasil semanalmente os hábitos de compra de mais de 80 categorias das cestas de alimentos, bebidas, higiene pessoal e produtos de limpeza, numa amostra que representa 45,9 milhões de domicílios em todo o país (90% do potencial de consumo domiciliar do mercado brasileiro).

avançou 15% em 2009. A pesquisa ainda indica que as classes DE[53] foram responsáveis por impulsionar a alta de 15% de itens não básicos. Esta classe gastou 21% a mais em relação a 2008 (a classe C, 15% e AB, 8%) e, em 2009, a classe DE comprou 37 diferentes categorias (34 em 2008), já equiparando-se à classe C. Ademais, outros itens que o brasileiro passou a consumir e que ajudam a entender os novos consumidores brasileiros da última década foram os carros, o turismo e as viagens de avião. Os jovens das classes C foram os maiores consumidores de computadores na última década no Brasil. O Gráfico 3 abaixo apresenta o rendimento médio real de pessoas ocupadas e de trabalhadores por conta própria medido pelo IBGE em seu índice Pesquisa Mensal do Emprego[54]. É possível observar no Gráfico 3 que o rendimento médio real cresceu constantemente a partir de 2004, fenômeno que também impulsionou as vendas de computadores no Brasil e a contratação de serviços de internet.

Gráfico 3 – Evolução do rendimento médio mensal real PME - IBGE



Fonte: Pesquisa Mensal do Emprego (PME), IBGE, abril 2010. Nota: série inflacionada pela média ponderada do INPC das seis regiões metropolitanas a preços do último mês.

[53] A pesquisa Kantar Worldpanel considera comom classe DE famílias com renda média familiar de R$900 por mês. A classe C tem renda familiar média de R$1.500. A classe AB, acima de R$3.000.

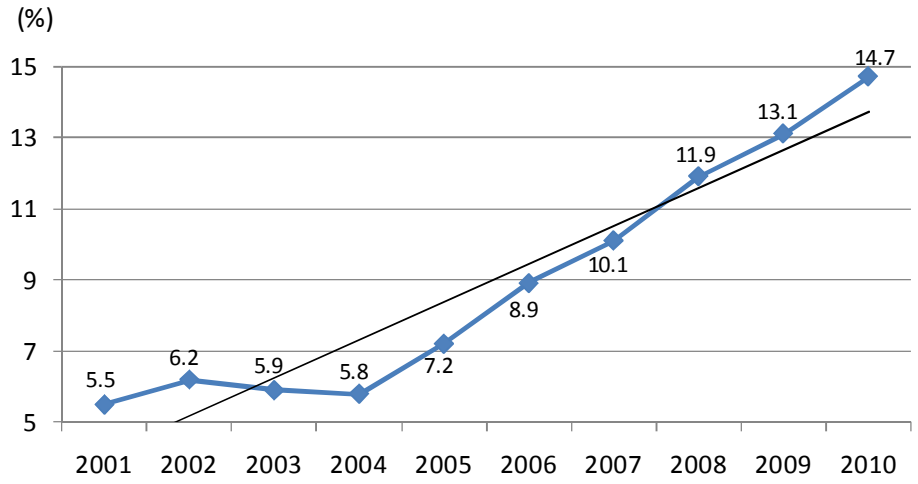
[54] A pesquisa mensal de emprego do IBGE (PME/IBGE) é feita mensalmente em unidades familiares em cinco regiões metropolitanas: São Paulo, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Considera-se como pessoas ocupadas, todas aquelas pessoas que têm vínculo empregatício no momento da entrevista, incluindo proprietários e sócios da unidade. Considera-se trabalhadores por conta própria, aquelas pessoas que não possuiam vínculo empregatício mas que trabalharam explorando seu próprio empreendimento, sozinho ou com sócio, sem ter empregado e contando, ou não, com ajuda de trabalhador não remunerado de membro da unidade familiar.

O crédito ao consumidor nunca esteve tão presente na vida do brasileiro como esteve nos últimos 10 anos. Se mais brasileiros têm comprado mais por verem sua renda real aumentar na última década, o facilitador das compras tem sido o cartão de crédito. Este instrumento financeiro é um facilitador para compras porque dispensa a burocracia do cheque, evita a vergonha de ter de devolver produtos no caixa devido à limitação de compras que o dinheiro vivo impõe (controle estrito do volume de compras) e, finalmente, repassa o problema da inadimplência para as empresas de crédito (embora nos últimos anos várias lojas de varejo tenham passado a ofertar seu próprio cartão de crédito a seus consumidores, como Casas Bahia, Ponto Frio etc.). Ademais, o cartão de crédito é usado como uma possibilidade de extensão da renda mensal, o que aumenta o poder de consumo do usuário do cartão. Tão importante quanto o preço, é a possibilidade de parcelar as compras. O cartão de crédito é a chancela necessária para o parcelamento de compras[55], ou seja, "é o que cabe dentro do mês" como um dos entrevistados para esta pesquisa afirmou. "O que cabe dentro do mês" significa a possibilidade de compra com a esperança de que haverá dinheiro para o pagamento das parcelas do mês. O parcelamento, junto com o crédito como extensão da renda mensal, é o que possibilita o consumo contínuo[56]. O Gráfico 4 abaixo apresenta o crédito ao consumidor (consumo dos indivíduos) como proporção do PIB anual de 2001 a 2010. O crédito ao consumidor inclui, além do cartão de crédito, cheque especial, crédito pessoal e aquisições de bens como automóveis e financiamento de imóveis. Observa-se um aumento entre janeiro de 2001 e janeiro de 2010 de 267%. Assim, o mercado de crédito tomou proporções jamais vistas na economia brasileira, sendo um dos principais motores para o aumento do consumo de computadores no país.

[55] Segundo a consultoria Data Popular (www.datapopular.com.br), especializada no consumo popular, 69% dos cartões de crédito estão nas mãos das classes CDE (renda familiar mensal abaixo de R$ 1.900), reprensentando 52% das transações de cartão de crédito no Brasil em 2008. Ainda, as classes CDE contabilizam 78% dos cartões de lojas de varejo, como as Casas Bahia, no mesmo período. (Acessado em 16 de abril de 2010).

[56] Vale citar que as classes populares se valem também de estratégias como o fiado e o empréstimo de dinheiro de vizinhos, parentes e patrões entre outros.

Gráfico 4 – Operações de crédito ao consumidor como percentual do PIB



Fonte: Banco Central do Brasil, abril de 2010. Nota: os dados têm como referência o mês de janeiro de cada ano.

Conforme evidenciado acima, os cinco pilares econômicos que catapultaram o Brasil como grande *player* no mercado de computadores são: a diminuição de tarifas para componentes eletrônicos importados; a taxa de câmbio favorável que ajudou a baratear estes mesmo componentes; a estabilidade de preços que, com sua previsibilidade, encorajou o consumidor a se endividar; os aumentos reais de rendimentos fazendo com que o orçamento mensal tivesse uma parcela para consumo de qualquer natureza e, por fim, a facilidade de crédito (atrelada ao parcelamento das compras[57]) que fez com que o sonho de ter acesso à internet em casa fosse possível.

Para entender a penetração da internet nos domicílios brasileiros não podemos pensar apenas pelo lado da economia possibilitando as compras de computadores. É preciso entender também o que as tecnologias de telecomunicação fizeram para possibilitar a chegada da internet até os domicílios brasileiros. Na década de 1990, o acesso discado (ou banda estreita) era o meio de acesso à internet mais comum no Brasil para quem queria acessar a internet em casa. No início dos anos 2000, as empresas de telecomunicações começam a ofertar o serviço de banda

[57] O presidente Lula afirma sobre o Programa PC para Todos: "...compraram porque o computador, que até outro dia era inacessível à imensa maioria da população brasileira, com prestações de R$300, R$400 reais, hoje deixou de ser um sonho irrealizável para as crianças das camadas populares, porque o pai ou a mãe podem (sic) comprar pagando R$50 ou R$60 reais por mês numa prestação." "Lula diz que computador deixou de ser coisa de rico no Brasil", www.uol.combr, 14 de maio de 2007. http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u22063.shtml (Acessado em 20 de abril de 2010).

larga via rede telefônica. Empresas de TV a cabo também apresentam ofertas ao mercado onde têm estrutura de cabeamento. Em 2009, apenas 146 municípios (2,6%) tinham banda larga via cabo, ao passo que 2.840 municípios (51%) tinham banda larga via rede telefônica[58] para serviços de acesso a internet residencial. As demais cidades no país, ou seja, 2.574 municípios (46,2%) ainda não têm acesso à banda larga residencial, por fatores que vão desde o desinteresse das operadoras nestes munícipios, porque a lucratividade com serviços de internet pode ser baixa, ou até porque não existe infraestrutura telefônica que cubra os requerimentos técnicos para a banda larga nestes municípios[59]. Há muita discussão sobre a oferta de banda larga no Brasil. Governo e setor privado vêm se desentendendo há anos e, quem vem sofrendo as consequências são os internautas brasileiros[60]. Este trabalho tem como foco a cidade de São Paulo, onde há disponibilidade de banda larga tanto via cabo quanto via rede telefônica, portanto não é intenção deste estudo fazer uma discussão da disponibilidade de banda larga no país. Como mostro adiante neste estudo, a maioria dos alunos e famílias entrevistadas vivem na cidade de São Paulo e tem acesso à banda larga. A discussão acima serve para ilustrar que a cidade de São Paulo pode ser considerada privilegiada diante da realidade brasileira no que se refere ao acesso à internet via banda larga no país.

Pagar o computador nem sempre é o problema para o acesso à internet. Muitas famílias não acessam a internet pelo menos enquanto estão pagando as prestações do computador. Assim, arriscam-se com o acesso discado mas logo descobrem o quanto este serviço é frustrante e caro. Para os grupos sociais acessados para este estudo, a maioria das famílias teve instalado seu primeiro computador há pelo menos mais de um ano e, portanto, já passou pela fase inicial de gastos com as parcelas de pagamento do computador e os gastos iniciais com o acesso à banda larga[61]. Assim, a barreira da compra do computador e da instalação do acesso à internet foram

---

[58] Atlas Brasileiro de Telecomunicações: Toda infra-estrutura de Telecom no País; telefonia fixa, celular, banda larga, TV por assinatura, satélites, redes metropolitanas, backbones. Teletime. 2009.

[59] Existem municípios onde empresas de serviços de acesso à internet oferecem acesso via rádio ou via satélite acima de 64Kbps. Esta pesquisa considera como banda larga todo acesso à internet acima de 1Mbps.

[60] Desde 2009 o governo brasileiro quer criar uma empresa estatal para o Plano Nacional de Banda Larga, de maneira a cobrir espaços onde a iniciativa privada, por diversos motivos, não ocupou. A morosidade do governo federal em relação à banda larga pode ser exemplificada com o caso da liberação da banda larga móvel 3G em 2006 quando o Tribunal de Contas da União suspendeu o leilão e até 2010 o governo federal não sinalizou quando trabalhará neste tema novamente. Outro exemplo é que apenas 272 municípios no país tem tv a cabo, onde a maioria das operadoras tem oferta de serviços de banda larga. O último leilão de licenças para tv a cabo ocorreu em 2000 e nunca mais o governo se pronunciou sobre novos leilões.

[61] O estudo New ITU ICT Development Index sobre banda larga feito pelo ITU em 2008 em 154 países classificou o Brasil entre as nações com o serviço de banda larga mais caro do mundo. O estudo avaliou a qualidade da

superadas. Isto quer dizer que o gastos das famílias com computador ficam restritos aos pagamentos mensais de conexão, energia elétrica e eventuais serviços de manutenção e *upgrade* de *hardware* e *software*. Parece pouco, mas estas são barreiras que muitas famílias brasileiras ainda não conseguiram superar até 2010[62]. Até 2009, apenas 24% dos domicílios brasileiros têm acesso à internet[63]. Se contarmos acesso banda larga, este valor cai para 12%[64], indicando quanto o acesso à internet residencial e à banda larga ainda é elitizado no Brasil. O plano atual do governo federal para a expansão da banda larga objetiva uma tarifa de R$15 para o plano com incentivos (o governo paga parte dos custos), com velocidade de até 512Kbps (quilobits por segundo) e com limitação de *downloads*, e outra de R$ 35 para o plano comum, com velocidade entre 512 e 784Kbps. Em 2009, o brasileiro pagava em média R$50 pela banda larga com velocidade de 256Kbps. Se compararmos com outros países, a velocidade de conexão ainda é muito baixa. No Japão a velocidade média é de 100Mbps e na França, de 51Mbps com preços bem mais acessíveis.

Os dados explicitados nas páginas acima demonstram que o Brasil na última década tinha condições macroeconômicas, institucionais, industriais e de infraestrutura tecnológica que permitiram o desenvolvimento do mercado de computadores, tanto pelo lado da demanda, quanto pelo lado da oferta e, também, pelo lado tecnológico para o acesso à internet (discado ou banda larga). Estas condições impulsionaram as vendas de computadores tanto *desktop* quanto *notebooks* no país e catapultaram milhões de brasileiros ao acesso à internet. A sociedade

---

infraestrutura telecom em 154 nações, o grau de inclusão digital em cada país e o custo que estas tecnologias têm para o usuário final. Para o cálculo do custo de cada país, o ITU preparou um índice que correlaciona o custo do serviço de acesso à internet à renda *per capta* de cada país. Nos Estados Unidos, um serviço de banda larga compromete 0.4% da renda média do usuário. Já no Brasil, é preciso comprometer 9.6% da renda por habitante. O custo da banda larga coloca o Brasil na 77ª posição num ranking de acesso a serviços de internet em 154 países. Com este índice de 9,6, o Brasil fica atrás de outros países emergentes como Argentina (7,6), México (5,3), Rússia (2,2) e China (5,6). http://www.itu.int/newsroom/press_releases/2009/07.html. (Acessado em 21 de abril de 2010).

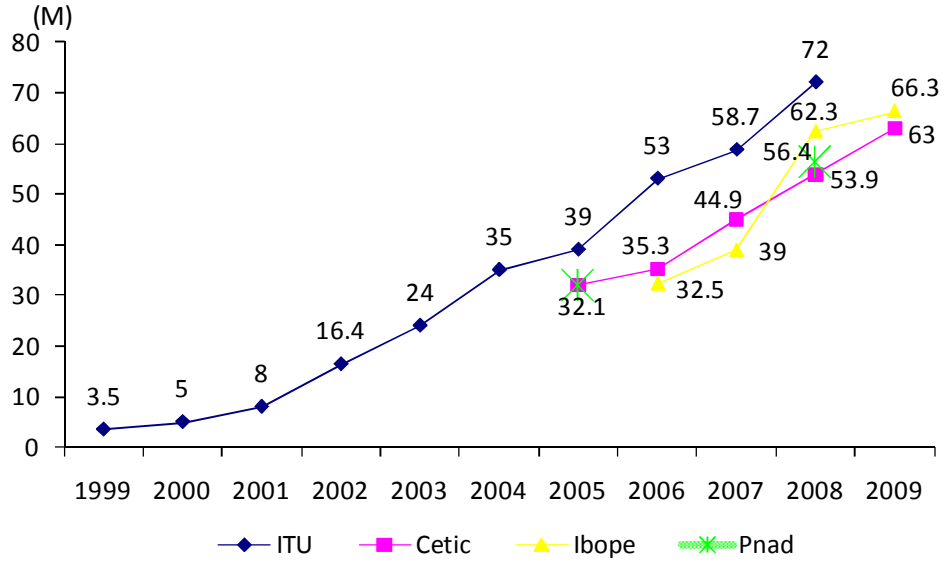
[62] Embora a PNAD 2005 (Tabela 1.44.2) indique que 1.4% da população do sudeste do Brasil tenha afirmado que não acessa a internet devido aos custos envolvidos e 6.7% da população indique o custo do computador como sendo o principal motivo para o não-acesso à internet, é fato que a populaçào desconhece tanto os planos de acesso à banda larga e acesso discado oferecidos pelas operadoras, incluindo taxas de instalação e habilitação quanto a variabilidade de preços de computadores e suas características técnicas, levando a crer que estes percentuais poderiam ser mais altos quando comparados às seguintes respostas: não tinham acesso a computador, 37.7%; não achavam necessário ou não queriam, 24.7% e, não sabiam usar a internet, 16.8%.

[63] TIC Domicílios e Usuários – Total Brasil. 2009. Tabela A4 – Proporção de domicílios com internet. http://www.cetic.br/usuarios/tic/2009-total-brasil/rel-geral-04.htm. (Acessado em 21 de abril de 2010).

[64] Informações baseadas em: TIC Domicílios e Usuários – Total Brasil. 2009. Tabela A4 – Proporção de domicílios com internet. http://www.cetic.br/usuarios/tic/2009-total-brasil/rel-geral-04.htm e TIC Domicílios e Usuários – Total Brasil. 2009. Tabela A6 – Velocidade de Conexão à Internet Usada por Domicílio. http://www.cetic.br/usuarios/tic/2009-total-brasil/rel-geral-06.htm. (Acessado em 21 de abril de 2010).

brasileira, em seus diversos níveis, não mais se comunica ou acessa e processa informações ou gasta seu tempo dentro de seus domicílios da mesma maneira que nas décadas de 80 ou 90. A década de 2000 é marcada pelo número crescente de brasileiros que acessam a internet. A seguir, apresento algumas estatísticas relacionadas ao número de computadores vendidos e ao número de usuários de internet no Brasil durante a última década. O Gráfico 5 abaixo é um comparativo dos diversos dados sobre o total de internautas no Brasil. É possível observar o rápido crescimentos do número de internautas a partir de 2001/2002.

Gráfico 5 – Número total de usuários de internet por diversas fontes de informação (em milhões)



Nota: Para o ano de 2008 os dados do ITU estão mais altos que os dados das demais fontes – 13.4% e 25.1% a mais quando comparado aos dados do Ibope e Cetic.br, respectivamente. É interessante observar que o ITU usou os dados da PNAD para sua pesquisa de 2005, pois ambos registram o mesmo valor, 32.1 milhões de usuários.

É nesse contexto de aumento do consumo de computadores e de aumento da penetração da internet que esta pesquisa definiu os parâmetros para identificar as famílias das classes sociais B, C e D. Os processos de definição dos grupos sociais entrevistados, incluindo os alunos das escolas Max e Oswald, são expostos no próximo capítulo.

Capítulo 2 - Os critérios de definição dos perfis sociais dos participantes da pesquisa

Neste capítulo são apresentadas as atividades realizadas para se determinar e conseguir a participação dos membros dos grupos sociais acessados. Os conceitos de campo, capital e *habitus* de Bourdieu servem como pano de fundo para se entender não apenas a escolha do campo de estudo mas também a escolha dos diferentes grupos sociais acessados para se propor uma análise relacional dos dados.

O campo a ser investigado nesta pesquisa é o campo do consumo, onde a análise se dá sobre a apropriação de tecnologia da informação e comunicação na residência de membros das famílias das classes B, C e D e toda a gama de recursos envolvidos – desde o próprio computador e da conexão à internet até os conteúdos acessados e aplicativos de *software* utilizados. A delimitação do campo é de cunho analítico (Vandenberghe, 1999, p. 44). A liberdade de demarcar um campo nos é proporcionada pelo próprio Bourdieu, que trabalhou com uma variedade muito grande de campos (científico, literário, do poder, religioso, jurídico, construção civil, economia regional, pintura, educação universitária, político, econômico, jornalismo, produção intelectual, produção cultural, ciência política, marketing, alta-costura, arte...) segmentados segundo a sua própria lógica e interesse específicos de pesquisa (Thiry-Cherques, 2006, p. 17). Como já mencionado, o objeto de pesquisa encontra-se no tema da desigualdade que, em termos específicos para este estudo, consubstancia-se no conceito de desigualdade digital (*digital inequality*).

2.1- As famílias de classe D

Inicialmente, as entrevistas com as famílias da classe D não estavam previstas[65]. Durante uma das visitas à família do conjunto habitacional Cingapura do Rio Pequeno (Família 4), quando perguntado sobre quem "dava um jeito" no computador quando houvesse algum problema que a própria família não pudesse resolvê-lo, o Luciano (pai, Família 4), me contou sobre o amigo dele (Marcelo) que tinha uma *lan house* e que este amigo prestava serviços de manutenção e *upgrade* em computadores instalados em residências (para além do trabalho na

[65] Esta é a razão principal por que este trabalho não inclui escolas públicas próximas à favela do Sapé e do Rio Pequeno.

própria *lan house*). Agendamos uma visita à *lan house* do Marcelo, a qual localiza-se no Rio Pequeno, há 10 minutos de carro da casa da Família 4. Já na primeira visita ao Marcelo, ele me convidou para acompanhá-lo durante suas visitas às famílias na Favela do Sapé, favela próxima ao bairro do Rio Pequeno. Seria uma oportunidade valiosa de estender a análise comparativa. As famílias a serem entrevistadas por mim seriam famílias que ele deveria visitar para prestar alguns serviços de manutenção. Foram visitadas duas residências na Favela do Sapé, embora o Marcelo tivesse me contado que ele deveria visitar três residências (nenhum membro da terceira família estava em casa na tarde das visitas).

Diferentemente das famílias das classes B e C entrevistadas, as quais foram selecionadas baseadas em diversos critérios como renda mensal familiar e localização geográfica da residência, as famílias da classe D não foram selecionadas – elas foram apresentadas baseadas na rede social que o meu guia tinha na Favela do Sapé. É importante mencionar que minha entrada na favela só foi possível porque o Marcelo é um velho conhecido da comunidade e me apresentou às pessoas que estavam em um dos bares da frente da favela, onde dois ou três grupos de homens jovens estavam conversando. O Marcelo foi a minha "chave" para entrar no mundo da Favela do Sapé. Sem ele, minha inserção na comunidade teria sido bastante difícil. Percebi isto quando estacionei o carro na praça existente em uma das principais entradas da favela: o Marcelo acenou e cumprimentou de longe alguns jovens em frente ao bar, o que me pareceu ser uma tentativa de ser reconhecido, como se dissesse "Sou eu, Marcelo!", de maneira a evitar problemas tanto para o Marcelo, quanto para mim e para o carro.

Durante o tempo de visita às famílias da Favela do Sapé, ficou claro que a definição das famílias a serem entrevistadas era pautada por um "conjunto de forças" formado pela rede social do Marcelo na favela, a aceitação de alguns membros conhecidos do Marcelo (presentes nos bares em frente à favela) da minha presença na comunidade e a disponibilidade e aceite das famílias para o encontro. Estas visitas chamaram atenção para o fato de que as famílias da classe C entrevistadas para este estudo não estão em condições de moradia tão precárias quanto as famílias da Favela do Sapé e, também, nem mesmo em um nível de renda tão baixo. É importante mencionar que a Família 1 – como nomeio a primeira família da Favela do Sapé – é a única entre as participantes desta pesquisa que usa banda larga clandestina. Pelo preço de R$50 por mês, esta família tem até 500kpbs para uso. O Marcos (pai, Família 1) não soube explicar exatamente como funciona este tipo de conexão: "É via antena, que está no telhado. Olha o fio

aqui." (e mostra um cabo que sai por trás do computador e sobe até o teto e passa por uma das lâminas de brasilite do teto da residência). Ele afirmou que muita gente compra este serviço dentro e fora favela (a Família 4 – terceira família do grupo correspondente à classe C – também comprava este serviço ilegal, mas decidiu comprar a conexão banda larga da Telefonica com medo de ter de pagar multa e ter problema na justiça, já que o pai da Família 4 é ex-presidiário: ele foi preso por roubo). Este serviço vem paulatinamente substituindo a *lan house* na periferia de São Paulo. Centrais clandestinas que oferecem internet banda larga via rádio substituem as antigas *lan houses* e levam serviço às casas da periferia de São Paulo e de cidades do interior paulista onde os cabos das operadoras de banda larga não alcançam. O sinal da banda larga chega até a pessoa (distribuidor ou fraudador) que vai fazer a distribuição do sinal ilegal como se esta pessoa fosse qualquer outro assinante de banda larga. O distribuidor acopla o cabo da banda larga até um aparelho chamado roteador, o qual tem a função de redistribuir o sinal da conexão via cabo por antena. Este processo todo permite que a redistribuição do sinal chegue até 90 clientes. A empresa fornecedora da banda larga para o fraudador não consegue perceber que tem mais de um usuário usando uma mesma linha, a não ser pela fiscalização visual.[66] Este é um exemplo claro das estratégias de superação que os grupos sociais de baixo poder aquisitivo usam para participarem do mundo digital. Outros exemplos seriam a própria *lan house*, o uso compartilhado (do computador do vizinho, de parentes), a mensagem/recado transmitido pelo vizinho e a compra de conexão banda larga compartilhada, geralmente por vizinhos. Também clandestina, esse tipo de conexão usa o mesmo princípio de distribuição via roteador, mas a distribuição pode ser feita via cabo ou *wi-fi* e é destinada a poucos computadores.

[66] Os equipamentos de emissão e recepção clandestinade banda larga via rádio podem ser comprados por menos de R$500 em lojas da Rua Santa Ifigênia, no Centro da capital. Cada contratante paga em média R$200 pela instalação e mensalidades em torno de R$50. A Anatel afirma que até maio de 2009 recebeu 727 denúncias contra "gatos de banda larga", operação chamada tecnicamente de prestação clandestina de serviço de comunicação multimídia (SCM). O número de denúncias aumenta a cada ano. Foram 200 em 2006, 955 em 2007 e 1,6 mil em 2008. De acordo com a Anatel, a lei estabelece que o desenvolvimento clandestino de atividades de telecomunicações é sujeito a pena de detenção de dois a quatro anos, aumentada da metade se houver dano a terceiro, e multa de R$ 10 mil. "Banda larga clandestina substitui *lan houses* na periferia de SP", www.g1.globo.com, 17 de junho de 2009. http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL1190644-5605,00-BANDA+LARGA+CLANDESTINA+SUBSTITUI+LAN+HOUSES+NA+PERIFERIA+DE+SP.html. (Acessado em 20 de setembro de 2009).

2.2 - As famílias da classe C

A definição das famílias da classe C teve como critério principal o fato de estas famílias serem usuárias de internet em suas próprias residências na cidade de São Paulo. Não foram considerados os usuários de *lan houses*, telecentros ou outros tipos de acesso – embora alguns entrevistados tenham declarado que usaram ou usam esporadicamente algum tipo de acesso que não o residencial[67] – de maneira a restringir o foco da pesquisa ao uso do computador e da internet na residência.

O fato de o computador em uso ter sido instalado na residência entre um e dois anos anteriores à data da entrevista de recrutamento se fez necessário para que o usuário pudesse falar das mudanças em suas práticas a partir da aquisição do computador. O prazo de até dois anos permitiria que os usuários da família conseguissem se lembrar de práticas anteriores à chegada do computador na residência e compará-las com as práticas atuais. Outra característica relacionada ao computador é o uso deste aparelho por pelo menos dois membros da família, incluindo parentes, vizinhos e amigos. Isto me permitiria entender as negociações entre estes indivíduos para o uso do computador e as limitações impostas por estas negociações, o que, em última análise, poderia influenciar a apropriação. Ademais, seria possível também entender a hierarquia estabelecida após a instalação do computador entre os membros usuários e também uma possível hierarquia estabelecida entre a residência com computador e outras residências sem computador.

Em termos de circunscrição geográfica, originalmente a intenção era manter todos os grupos sociais a serem acessados dentro da zona oeste da cidade de São Paulo. A ideia de manter o campo de análise restrito à zona oeste da cidade era proporcionar uma maior homogeneidade aos dados coletados, o que levaria a melhores termos de comparação. Embora vários esforços tenham sido feitos para manter as famílias dentro da zona oeste, elas apresentaram dispersão geográfica. Sendo três o total de famílias da classe C entrevistadas, apenas uma das três famílias (Família 4) está domiciliada na zona oeste (Rio Pequeno). As outras duas famílias estão domiciliadas uma (Família 3) na zona sul (Saúde) e outra (Família 5) na zona norte (Casa Verde). Esta dispersão aconteceu não apenas devido ao tempo disponível para o recrutamento,

[67] Como mostro adiante neste estudo, embora 91.1% dos estudantes usuários tenham acesso à internet em seus domicílios, alguns destes usuários frequentam a *lan house* ou telecentros por diversos motivos: impressão, *games online*, socialização, fax etc.

mas também devido à decisão de descartar três das seis famílias recrutadas e diminuir o número de entrevistas etnográficas, de cinco para três ou quatro entrevistas. Esta decisão foi baseada na dificuldade em achar famílias com o perfil desejado que estivessem disponíveis para participação na pesquisa no tempo pré-determinado para os encontros sociais acontecerem[68]. A dificuldade de entrevistar todos ou a maioria dos membros de uma mesma família ao mesmo tempo, aliada à dificuldade do meu deslocamento nos horários estabelecidos pelas famílias – geralmente nos fins de semana – também acabaram colaborando para a dispersão do campo de pesquisa para além da zona oeste. Esta decisão também foi acertada porque pude gastar mais tempo com as três famílias durante as três ou quatro visitas para a exploração etnográfica, o que repercutiu em um maior detalhamento das informações coletadas.

Como já mencionado, o corte de renda foi uma característica importante para determinar a escolha das famílias. Inicialmente, foram consideradas pertencentes à Classe C as famílias que tinham rendimento familiar mensal de até R$1.9 mil. Este valor pareceu ser muito restritivo, o que foi demonstrado pela baixa taxa de sucesso em encontrar as famílias na primeira semana da fase de recrutamento. O recrutamento foi realizado com base em questionários[69] aplicados via telefone, contendo diferentes filtros (*screening*) que continham, como principal delimitante, o corte de renda. Assim, o valor mínimo de renda familiar foi aumentado para algo próximo ao que os resultados da primeira semana de recrutamento estavam informando: ao aumentar para R$3 mil de renda familiar mensal haveria maiores chances de serem entrevistadas famílias da classe C com maior aderência à atual realidade brasileira, pelo menos no que se diz respeito às famílias atualmente consumidoras de tais produtos eletrônicos[70]. Assim, o valor do rendimento mensal familiar foi aumentado para R$3 mil[71]. Foi uma decisão acertada porque, já nos primeiros dias da

[68] As famílias foram informadas que as entrevistas deveriam acontecer entre os meses de agosto e setembro de 2009. Duas famílias indicaram que parte dos membros viajariam nos meses de agosto ou setembro, o que não foi determinante mas foi importante no processo de escolha das famílias.

[69] Para maiores detalhes sobre o questionário de recrutamento, ver Anexo III, na página 256 deste documento. É importante informar que o recrutamento foi feito pela empresa A+ Recrutamento e Seleção (www.amaisrecrutamento.com.br) de maneira a ser randômico e não realizado através das minhas redes sociais, as quais se mostraram ineficientes na procura por famílias de baixa renda que se enquadrariam no perfil proposto para este estudo.

[70] O crescimento do mercado brasileiro de computadores tem por base a população de baixa renda como principal consumidor, principalmente a partir de 2005, já que as classes de maior poder aquisitivo começaram a instalar seu primeiro computador em casa a partir da segunda metade da década de 90 e, atualmente, possuem mais de um computador com acesso à internet em suas residências.

[71] O salário mínimo na cidade de São Paulo foi fixado em R$505 (menor valor, destinado a posições de trabalho basicamente relativas a comércio e serviços) desde 1 de maio de 2009. Assim, o teto de R$3 mil equivalem a 5,9 salários mínimos mensais por família. "A partir de 1º de maio entra em vigor o novo Salário Mínimo de São Paulo –

segunda semana de recrutamento com a determinação do aumento do corte de renda em curso, foram pré-selecionadas seis famílias que se encaixaram no perfil inicialmente desejado, com a exceção do corte geográfico que, como dito acima, acabou ultrapassando o limite da zona oeste de São Paulo.

Houve ainda o corte baseado na escola frequentada pelos jovens: apenas as famílias com filhos que estudaram pelo menos três anos de sua vida escolar em escolas públicas foram selecionadas. A intenção era de que não houvesse recrutamento de famílias que, com a melhora da renda nos anos 2000, tivessem matriculado seus filhos em escolas particulares. Isso se deve ao fato de que a escola pública está associada às classes de menor poder aquisitivo, sendo uma das instituições importantes que compõem o universo da baixa renda.

Com relação à conexão à internet, apesar da procura inicial por algumas famílias com acesso discado, foi necessário aceitar o modo de conexão via banda larga como predominante porque foi muito difícil achar famílias com conexão discada que se encaixassem nos demais itens do filtro de seleção. Foi a mesma situação do corte de renda, onde tive de adequar o perfil das famílias às primeiras informações que chegavam do campo já no início da pesquisa[72].

A composição da estrutura das famílias entrevistadas é um item muito importante para esta pesquisa pois ela direciona todas informações que foram coletadas e posteriormente comparadas. Apresento, então, o conceito de família e a estrutura de família sobre a qual este estudo repousa. Primeiramente, é importante notar que a família, em todos os segmentos da população brasileira, vem atravessando diversas transformações desde o último século, impulsionadas por desdobramentos relacionados à economia, história, demografia e movimentos sociais. Nas últimas décadas, ocorreram mudanças marcantes na sociedade com reflexos diretos na demografia do país, como a queda da fecundidade e da mortalidade, aumento na expectativa de vida ao nascer, alterações nos padrões de relacionamento entre os membros da família, aumento de uniões consensuais, além das grandes mudanças no papel da mulher dentro e fora da vida doméstica (Nascimento, 2006).

O conceito de família adotado para este trabalho é aquele que parte dos objetivos de análise estabelecidos por pesquisas censitárias. O conceito de família pode variar em função da

---

Confira aqui os novos valores". http://www.salariominimo.net/2009/04/22/a-partir-de-1%C2%BA-de-maio-entra-em-vigor-o-novo-salario-minimo-de-sao-paulo-confira-aqui-os-novos-valores/. (Acessado em 26 de abril de 2010).

[72] Foi interessante notar que, após analisar os dados de acesso à banda larga nos domicílios de alunos de escola Max, 70.5% dos domicílios possuem acesso acima de 1MB.

unidade de referência que, nos censos brasileiros, tem sido historicamente o domicílio[73]. Esta unidade de referência costuma ser identificada como grupo de pessoas que habitam uma mesma moradia que, por motivos de análise, são chamados de família. Desta maneira, existe uma associação direta entre família e residência, onde os membros de uma mesma família vivem em uma mesma residência. Então, o domicílio e o parentesco teriam o mesmo significado para análises demográficas (Goldani, 1984, p. 1261). Ainda para esta autora, o conceito de família associado ao convívio e/ou ligação doméstica está relacionado à família como unidade de consumo. Medeiro, Osório e Varella (2004, p. 2) discutem a importância da definição dos núcleos familiares e do domicílio nas pesquisas do IBGE. Essas pesquisas determinam que o domicílio é definido pelo grupo de pessoas que residem em uma mesma moradia (IBGE, 2000, p. 14):

> Domicílio é o local estruturalmente separado e independente que se destina a servir de habitação a uma ou mais pessoas, ou que esteja sendo utilizado como tal. Os critérios essencias desta definição são os de separação e independência. A separação fica caracterizada quando o local de habitação é limitado por paredes, muros e cercas, coberto por um teto, permitindo uma ou mais pessoas que nele habitam, isolar-se das demais, com finalidade de dormir, preparar e/ou consumir seus alimentos e proteger-se do meio ambiente, arcando, total ou parcialmente, com suas despesas de alimentação ou moradia. A independência fica caracterizada quando o local de habitação tem acesso direto, permitindo a seus moradores entrar e sair sem a necessidade de passar por locais de moradia de outras pessoas.

Já as pessoas que habitam tais domicílios seriam chamados de famílias pelo IBGE. O conceito de família tem sido desenvolvido desde o primeiro censo preparado em 1872 até chegar

[73] Há diferentes nomes para determinar o espaço físico onde uma ou mais pessoas habitam. São eles: domicílio, moradia, residência e habitação. O IBGE historicamente chama o espaço físico habitado de domicílio. Esta pesquisa entende que esses nomes têm descrições similares e adota a definição de domicílio do IBGE mas substitui o nome "domicílio" por "residência".

à sua forma atual no censo do ano 2000 (Nascimento, 2006). O conceito de família para o IBGE é definido através de três considerações distintas (IBGE, 2000, p. 14):

> Nos domicílios particulares, considerou-se como família: a pessoa que morava sozinha; o conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco ou de dependência doméstica; e as pessoas ligadas por normas de convivência.

A definição acima é bastante ampla. Esta generalidade poderia levar a comparações entre famílias que, em essência, eram diferentes: famílias de apenas uma ou duas; pessoas casadas ou não casadas; famílias compostas apenas por regras de convivência (e sem a figura do pai e/ou mãe); famílias com membros com e sem laços consanguíneos para citar alguns exemplos. Assim, foi preciso estabelecer um corte para determinar dentro do conceito de família aquelas composições e estruturas familiares que possibilitariam comparações e análises diversas de maneira a minimizar quaisquer vieses que poderiam surgir. Então, a indicação de Fukui (1998, p. 17) de que a família deve ser analisada com base na composição familiar (mono-parentais, bi-parentais, ampliadas etc.)[74] foi importante para a definição de como se deveria pensar a estrutura das famílias a serem analisadas.

Em alguns casos, com objetivo de restringir o conceito de família aos laços consanguíneos, o IBGE utilizou a tipologia: casal sem filhos, casal com filhos, mulher chefe sem cônjuge com filhos e unidade unipessoal. Então, a definição para a estrutura da família foi determinada como uma estrutura composta por pelo menos três membros: um ou dois chefes de família, sendo estes pai e/ou mãe de filhos(as) biológicos(as) ou adotados(as), casados legalmente ou não. A família também poderia ser composta por agregados (sobrinhos, primos, avôs, avós, amigos etc.), desde que esses fossem considerados pelo(s) chefe(s) de família como membros da família e como moradores da mesma residência na data da entrevista de recrutamento. Empregados domésticos não deveriam ser considerados parte da família (nenhuma família contatada, dentro do recorte de renda para definir a classe C, tinha empregados domésticos na data de recrutamento). A decisão por esta definição de estrutura de família está em

[74] A autora ainda comenta sobre a necessidade da idade dos filhos ser considerada nas comparações, mas este item não foi considerado nesta pesquisa.

consonância com a maioria das estruturas familiares apresentadas no censo demográfico de 2000 a qual relaciona o conceito de família aos laços consanguíneos. Assim, a estrutura familiar usada como parâmetro para este estudo poderia apresentar melhores termos de comparação em relação aos 61.2% das estruturas encontradas no Brasil. Este percentual refere-se às famílias compostas por casais com filhos e casais com filhos e com parentes como demonstrado na Tabela 10 abaixo.

Tabela 10 – Estruturas familiares – famílias com parentesco, residentes em domicílios particulares – Brasil – Censo demográfico de 2000

Estrutura familiar	Total de famílias	Percentuais
Casal sem filhos	5.783.250	13.1%
Casal sem filhos e com parentes	881.208	2.0%
Casal com filhos	**23.915.116**	**54.4%**
Casal com filhos e com parentes	**2.971.769**	**6.8%**
Mulher chefe/responsável sem cônjuge e com filhos	6.047.643	13.7%
Mulher chefe/responsável sem cônjuge e com filhos e com parentes	1.542.017	3.5%
Homem chefe/responsável sem cônjuge e com filhos	762.869	1.7%
Homem chefe/responsável sem cônjuge e com filhos e com parentes	187.324	0.4%
Outras famílias com parentesco	1.902.476	4.3%
Total Brasil	43.993.672	100%

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2000. Notas: a) Mulher/Homem chefe/responsável refere-se ao responsável pela residência. b) Categoria 'Outras famílias' inclui os seguintes arranjos (não limitados a): avós morando com netos, dois ou mais irmãos, primos e amigos etc. c) Agregados, pensionistas, emprego doméstico estão distribuídos nos tipos de família.

Se a estrutura de família assim determinada teve como objetivo estabelecer melhores termos de comparação entre as famílias, foi necessário determinar uma estrutura familiar similar entre as famílias participantes do estudo. A opção foi por uma estrutura basicamente composta por pai, mãe e filhos/filhas. Mas encontrar cinco famílias, como inicialmente pensado, com esta estrutura, seria muito difícil. Então, foram adicionados os agregados (avôs, avós, tios, tias, primos, primas, amigos etc.), o que seria mais aderente à realidade das estruturas familiares contemporâneas no Brasil. Assim, foi tomada a decisão de trabalhar com famílias estruturadas basicamente por pais e filhos, embora os agregados pudessem ser considerados.

2.3 - As famílias de classe B

Para que fosse possível uma análise comparativa, famílias da classe B foram incluídas na pesquisa. A importância da análise comparativa reside no fato de Bourdieu afirmar que para se entender o espaço social é preciso ter uma perspectiva relacional, ou seja, entender as relações entre diferentes indivíduos e grupos sociais que lutam pela hegemonia em determinado campo. Essas relações podem ser entendidas através das diferenças ou traços distintivos, os quais são propriedades que apenas existem em relação umas às outras (Bourdieu, 2010, p. 18). É neste sentido que este trabalho volta-se para a análise relacional das famílias através da distribuição desigual de diferentes capitais e do *habitus* pertencente a cada tipo de família.

Assim como foi determinado para as famílias da classe C, o corte de renda mensal familiar foi o mais importante para a escolha das famílias da classe B. Procurou-se para este estudo famílias da classe B que tivessem uma renda mensal familiar acima de R$8 mil. As duas famílias da classe B foram recrutadas a partir de minhas redes sociais e tiveram uma dinâmica mais simples de seleção e recrutamento quando comparada à dinâmica das famílias da classe C. Os filtros aplicados foram similares aos filtros aplicados às famílias da classe C. Os itens sobre o tempo de instalação do computador e o número de usuários e frequência de uso trouxeram informações importantes já durante o processo de seleção e recrutamento pois todas as famílias contactadas tinham mais de um computador (a Família 6 tem quatro computadores, sendo o mais velho um *desktop* comprado há mais de cinco anos). A informação importante é de que os computadores novos foram comprados há menos de dois anos e são esses os mais usados pelas famílias. Esses novos computadores são os portáteis *notebooks* e foram comprados para substituir os *desktops*. Não foi pré-determinado qual tipo de computador cada família deveria ter, inclusive para as famílias da classe C. A divisão "*desktop* para famílias da classe C" e "*desktop* e *laptop* para famílias da classe B" aconteceu espontâneamente como uma das primeiras informações que conduziram esta pesquisa à realidade destas famílias.

A princípio, o corte geográfico também seria a zona oeste, mas minha rede de contatos pessoais não conseguiu circunscrever as famílias da classe B apenas à zona oeste pela dificuldade em encontrar famílias com vontade e disposição para a participar deste estudo. Através da minha rede de amigos e conhecidos, eu entrei em contato com oito famílias nos bairros Itaim Bibi, Jardim Paulistano e Morumbi. Nenhuma delas participou da pesquisa por

motivos diversos como a falta de disponibilidade de todos os membros no período de tempo que eu tinha para entrevistá-las ou até mesmo o não interesse em participar. Finalmente, consegui uma família na Vila Maria (zona leste) e outra na Chácara Santo Antônio (zona sul)[75]. Os contatos iniciais para recrutamento e agendamento das entrevistas foram feitos por mim via telefone. Tais como as famílias da classe C, cada família recebeu R$30 como incentivo à participação.

O corte para as famílias da classe B foi a renda familiar mensal que deveria ser superior a R$8 mil. Todas as famílias contactadas apresentaram renda mensal superior a este limite, sendo a Família 6, com R$14.5 mil, e a Família 7, com R$11.5 mil. Todos os filhos(as) estudaram em escolas particulares durante suas vidas escolares.

A Tabela 11 a seguir coloca de forma comparativa as características das famílias acessadas. É importante mencionar que as famílias das classes D e C foram acessadas entre agosto e outubro de 2009. Já as famílias da classe B[76] foram acessadas entre outubro de 2009 e abril de 2010.

[75] Antes de me decidir por estas duas famílias, eu havia contatado oito famílias, sendo que destas oito, apenas duas se dispuseram a participar da pesquisa. Após o acerto das datas e horários para a entrevista, as duas famílias cancelaram as entrevistas por diversos motivos e não mais se colocaram disponíveis para participação. A entrevista com a família da Vila Maria foi feita em abril de 2010 e a da Chácara Santo Antonio, no mês de outubro de 2009.

[76] Maiores detalhes sobre o perfil das famílias da classe B podem ser vistos no Anexo I – Tabelas na página 250 deste estudo.

Tabela 11 – Características das famílias acessadas			
Características procuradas inicialmente	Características finais		
	Famílias da classe D	Famílias da classe C	Famílias da classe B
A) O computador em uso (*desktop* ou *notebook*) deve ter sido comprado ou ganho e sido instalado entre um e dois anos atrás (relativamente ao dia da entrevista para recrutamento).	Computador *desktop* atualmente em uso instalado na residência há menos de dois anos.	Computador atualmente em uso instalado na residência há menos de dois anos e meio.	Computador atualmente em uso instalado na residência há menos de dois anos (basicamente, *laptop*s, embora todas as duas famílias tenham mais de três computadores na casa).
B) O computador deve ser usado por dois ou mais integrantes da família (parentes, vizinhos e amigos devem ser considerados) diariamente ou no mínimo duas vezes por semana.	Computador usado por pai e filhos da Família 1 diariamente e por apenas um membro da Família 2.	Computador usado por três membros ou mais da família diariamente ou no mínimo duas vezes por semana.	Apesar de haver três ou mais computadores na casa, todos eles são usados diariamente por diferentes membros das famílias.
C) Residência nos seguintes bairros (Pinheiros, Lapa, Vila Leopoldina, Perdizes, Pompéia, Barra Funda, Jardim Bonfiglioli, Butantã, Rio Pequeno, Jaguaré, Parque Continental).	Todas as duas famílias residentes na Favela do Sapé, na zona oeste de São Paulo.	Geografia que coloca uma família em cada região da cidade (sul, norte e oeste), sendo os bairros Bosque da Saúde, Casa Verde e Rio Pequeno.	Geografia que coloca uma família em cada região da cidade (sul e leste), sendo os bairros Chácara Santo Antonio e Vila Maria, respectivamente.
D) Renda familiar mensal	Renda familiar mensal mais baixa da R$1.3 mil (Família 1).	Renda familiar mensal mais alta de R$2.8 mil (Família 4).	Renda familiar mensal mais alta de R$11.5 mil (Família 7).
E) Dependentes devem ter estudado três anos em escola pública (famílias das classes D e C) e pelo menos cinco anos em escola particular (famílias da classe B).	Filhos estudam atualmente em escola pública.	Filhos estudaram pelo menos 8 anos em escola pública (com exceção da Família 3 que tem filhos de cinco e três anos).	Filhos estudaram em escola particular durante toda vida escolar.
F) Número de membros: acima de três, sendo um ou dois chefes de família + dois (ou mais) dependentes diretos (filhos) acima de 12 anos + agregados (sobrinhos, primos, avôs/avós, amigos, se houver).	Todos as famílias tinham mais de quatro membros com laços de consanguinedade. Pais e mães chefes de família para todas as famílias. Agregados em apenas na Família 2, totalizando três agregados na mesma família.	Todos as famílias tinham mais de três membros com laços de consanguinedade. Pais e mães chefes de família para todas as famílias. Agregados apenas na Família 3, totalizando dois agregados.	Todos as famílias tinham mais de três membros com laços de consanguinedade. Pais e mães chefes de família para todas as famílias. Agregados em apenas uma das famílias, totalizando dois agregados na mesma família.
G) Conexão à internet -Banda larga (acima ou igual a 1MB de velocidade).	A Família 1 tem conexão ilegal de 500Kpbs. A Família 2 tem conexão discada Telefonica.	Todas as famílias tinham conexão banda larga igual a 1MB.	Todas as famílias tinham conexão banda larga igual a 1MB.

Nota: Para as famílias da classe D, não houve critérios para definição, já que foram contatadas mediante a rede social do guia na Favela do Sapé.

2.4 - As escolas

A participação das escolas está vinculada à perspectiva relacionada às ideias de Bourdieu sobre o papel socializador da escola e da família. Para ele, a família e a escola são instituições que reproduzem as desigualdades sociais e legitimam inconscientemente essa reprodução (Thiry-Cherques, 2006, p. 12). Para o autor, o sistema de ensino tende a reproduzir a estrutura de distribuição do capital cultural e do capital econônomico entre diferentes classes e frações de classe (Bourdieu, 2009, p. 326), legitimando as posições hierarquizadas do espaço social. Inculcando em cada um de seus membros os prinípios de visão e classificação próprios a certo conjunto de condições de existência – o *habitus* de classe as duas instituições são de suma importância para se entender a apropriação desigual de computadores. Bourdieu (2008, p. 9) observa que o consumo de cultura está associado, primeiro, ao nível de instrução e, segundo, à origem social:

> [...] a observação científica mostra que as necessidades culturais são o produto da educação: a pesquisa [que o livro tem por base] estabelece que todas as práticas culturais (frequência dos museus, concertos, exposições, leituras, etc.) e as preferências em matéria de literatura, pintura ou música, estão estreitamente associadas ao nível de instrução (avaliado pelo diploma escolar ou pelo número de anos de estudo) e, secundariamente à origem social.

A escolha de alunos de segundo grau (e não de outros ciclos de ensino) para comparação deve-se ao fato de que seria possível entender o uso de computadores e da internet em usuários de computadores que já terminaram o ciclo básico de ensino, que já teriam redes socias formadas (embora em constante transformação) e que poderiam entender as perguntas dos questionários de maneira completa[77]. Não seria possível escolher alunos que não completaram o ciclo escolar fundamental porque não havia segurança de que os alunos entenderiam as perguntas, tanto em termos de semântica, quanto em termos técnicos. Mais importante ainda, seria difícil (embora não impossível) de encontrar alunos de nove anos que fossem usuários de Orkut, Messenger e *e-*

[77] Quando da aplicação dos questionários, esse "entendimento completo das perguntas" demonstrou não ser verdadeiro para os alunos da escola Max como discutido no Capítulo 3 deste estudo.

mail e tivessem contatos acima de, pelo menos, 50 pessoas em cada uma desta aplicações. Também não eram atraentes os alunos do ensino superior porque as faculdades, principalmente as particulares, têm alunos que tiveram sua formação fundamental e média feita em escolas particulares e alunos com formação fundamental e média em escolas públicas. Ademais, estes alunos já estariam com uma formação universitária iniciada e estariam matriculados em diversos cursos (o que forçaria a escolha de apenas alguns cursos para análise e isto poderia trazer um viés para os dados) e, provavelmente, estes alunos já teriam em seus contatos muitas pessoas do trabalho, o que poderia distorcer o número de contatos e a frequência de uso das diversas aplicações analisadas: Messenger, Orkut, *e-mail*, Facebook, Skype levando a conclusões equivocadas[78]. Então, os alunos do ensino médio seriam um campo de análise fértil para se analisar a apropriação de computadores.

A escolha das escolas foi determinada pela área geográfica e pela disponibilidade do corpo diretivo e dos professores para a aplicação dos questionários. Após duas tentativas de acesso a escolas públicas de ensino médio em Pinheiros (sem sucesso), a terceira tentativa foi feita com a escola estadual de primeiro e segundo grau Maximiliano de Carvalho, situada na Vila Madalena, que aceitou participar do projeto. A escola Max (como é conhecida), tem um perfil que a aproxima da outra escola escolhida, a Oswald de Andrade, no que diz respeito às atividades extracurriculares pois ela faz parte do projeto Cidade Escola Aprendiz[79]. Este projeto tem proporcionado aos alunos diversas atividades extracurriculares como aulas de música, capoeira, informática, DJ, educação artística etc. Este mesmo projeto traz alunos de diversos bairros periféricos de São Paulo para estudar no Max, perfazendo um interessante convívio de alunos de periferia e alunos com residência relativamente próxima ao Max. A escola apresenta também um perfil de "escola de passagem", ou seja, parte dos alunos estudam no Max porque os pais vêm trabalhar em Alto de Pinheiros, Vila Madalena ou Perdizes e deixam os filhos na escola

[78] Isto não quer dizer que não haja nos grupos acessados alunos que trabalham. Eles compõem 3% dos alunos da escola Max. Este número baixo de trabalhadores diz respeito ao tipo de escola. A escola Max tem apenas segundo grau na parte da manhã, o que impossibilta o trabalho em tempo integral. A escola Oswald não apresentou nenhum aluno que estivesse trabalhando no período das entrevistas.

[79] A Associação Cidade Escola Aprendiz é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) que, desde 1997, experimenta, desenvolve e divulga o conceito de Bairro-Escola, visando o aprimoramento simultâneo da comunidade e da educação. Cria-se, assim, um amplo espaço educativo, estruturado por uma rede que une toda a comunidade, amplia as possibilidades de aprendizagem e melhora a qualidade de vida urbana. Como estratégia, a Cidade Escola Aprendiz realiza projetos focados em arte, cultura, educação, comunicação, tecnologia e articulação comunitária. As tecnologias sociais desenvolvidas são sistematizadas e compartilhadas com outras comunidades que se inspiram nessa experiência. http://www.cidadeescolaaprendiz.org.br. (Acessado em 1 de setembro de 2009).

pela manhã e os buscam no período da tarde. Ou seja, boa parte dos alunos não estuda nos bairros onde vive: 45% dos alunos moram em bairros da zona sul de São Paulo[80], 40% na zona oeste e apenas 15% moram relativamente próximos à escola Max. O fato do Max estar situado na Vila Madalena e participar do projeto Cidade Escola Aprendiz o aproxima da escola Oswald, devido a sua localização em um bairro de classe média alta e com suas instalações preparadas para aulas extracurriculares.

O recrutamento da escola Oswald foi diferente do recrutamento da escola Max. Consegui a participação do colégio Oswald de Andrade através de um conhecido que trabalha como professor de literatura neste colégio. Enviei uma carta de apresentação em setembro de 2009 e esperei pelo aceite da direção. O colégio Oswald tem como típicos alunos, aqueles de famílias das classes A e B. Ele não tem, como o Max, um perfil de "escola de passagem": a maioria dos alunos ali está porque (a) o plano de ensino do Oswald atende às expectativas de ensino das famílias e (b) o Oswald localiza-se relativamente próximo à residência da maioria dos alunos. A escola também provê diversas atividades extracurriculares como: dança, escola de futebol, inglês, xadrez, música, teatro, robótica, coral, ginástica olímpica, violão, violino, entre outras.[81] Combinei com a direção da escola e com o professor de literatura que iniciaria minhas visitas já na última semana de setembro de 2009.

Entendo que, embora os dois colégios tenham semelhanças como a localização na zona oeste de São Paulo e ofereçam cursos extracurriculares para seus alunos, a realidade dos alunos, professores e da própria estrutura física de cada escola são diferentes. Como este estudo não objetiva trabalhar com os extremos mas sim com grupos de classes sociais próximas, foram tomadas para análises estas duas escolas pois existem semelhanças entre elas como a localização no bairro da Vila Madalena, as atividades extracurriculares e respectiva infraestrutura para estas atividades. Mas, apesar destas semelhanças, poucos foram os resultados que não foram contrastantes, como mostrarei adiante nos Capítulos 3 e 4. A Tabela 12 abaixo indica os números finais de entrevistas por tipo de escola. Os questionários de múltipla escolha foram aplicados *in loco*:

---

[80] O projeto Cidade Escola Aprendiz mantêm vans que buscam alunos de outros bairros e regiões da cidade para manter a escola Max aberta pois o governo do estado de São Paulo queria fechar a escola em 2004 por falta de alunos.

[81] As atividades extracurriculares têm maior diversidade na escola Oswald, mas a maioria das atividades disponíveis são similares nas duas escolas.

Tabela 12 – Total de entrevistas realizadas por escola			
Escola	Alunos Com Computador em Casa	Alunos Sem Computador em Casa	Total de Questionários
Max	61 (42.4%)	14 (100%)	75 (47.5%)
Oswald	83 (57.6%)	0 (0%)	83 (52.5%)
Total de Questionários	144 (100%)	14 (100%)	158 (100%)

Infelizmente, nem todos questionários puderam ser aproveitados. Alguns alunos não responderam o questionário e outros ainda apresentaram respostas que não faziam sentido. Os questionários inutilizados totalizaram 10 questionários, ou 6.3% do total de alunos. A Tabela A1, no Anexo I, página 250, indica os detalhes do número de questionários inutilizados. A aplicação dos questionários aconteceu entre setembro e outubro de 2009.

2.5 - Fontes adicionais de informação: vizinhos, parentes e amigos das famílias

Os informantes que não são parte das famílias – mas de alguma maneira estão relacionados a elas – foram entrevistados, informalmente, sempre que possível. Não seria propriamente uma entrevista mas, sim, uma "conversa informal", o que seria o melhor termo para definir o tipo de contato com estes informantes. Eles eram vizinhos, parentes e amigos das famílias. Foi interessante contatar esses indivíduos porque eles tanto confirmaram informações, quanto colocaram mais dúvidas sobre as respostas dadas pelas famílias. Estas informações foram usadas para dupla checagem das respostas das famílias e para refinamento da minha percepção sobre elas como, por exemplo, o uso esporádico do computador (e também do telefone e do *video game*) pelos vizinhos, parentes e amigos e o acesso a esses bens ora providos, ora não providos pelas famílias. Estes contatos informais aconteceram esporadicamente em festas, nos corredores do Cingapura, nos corredores das escolas e na rua. E não necessariamente foram conversas individuais: em algumas conversas havia mais de uma pessoa. A Tabela 13 abaixo indica as diferentes fontes adicionais acessadas para cada tipo de família. É importante salientar que, tanto no Max quanto no Oswald, também houve a oportunidade de estabelecer contato com alguns informantes que me ajudaram a ter um melhor entendimento do funcionamento das escolas. Estes informantes também estão presentes na tabela abaixo.

Tabela 13 – Tipos de grupos sociais acessados e respectivas fontes adicionais de informação	
Grupos sociais acessados	Fontes adicionais de informação
Famílias da classe D	O próprio Marcelo (guia) que faz manutenção dos computadores.
Famílias da classe C	Vizinhos e parentes.
Famílias da classe B	A pessoa que me colocou em contato com as famílias.
Escola Max	O professor de literatura e alunos escolhidos aleatoriamente durante os intervalos das aulas.
Escola Oswald	A professora de sociologia, a professora de matemática, a professora da sala de informática e alunos escolhidos aleatoriamente nos corredores durante os intervalos das aulas.

2.6 - Técnicas e instrumentos para coleta de dados

Primeiramente, é preciso afirmar que foram adotadas diferentes técnicas de coleta de dados para esta pesquisa. Foi intencional o objetivo de fugir ao que Bourdieu chama de "monoteísmo da técnica", que frequentemente impõe barreiras para a inteligência e para a criatividade quando se precisa superar problemas nos trabalhos de campo, desde a determinação dos grupos sociais a serem acessados até as análises de dados (Bourdieu, 2003, p. 26). Até porque a construção de cada objeto de pesquisa determina o uso de diferentes técnicas de coleta de dados: um certo método de amostragem, uma determinada técnica de coleta de dados propriamente dita e até mesmo uma maneira específica de analisar os dados (Bourdieu, 2003, p. 24). Então, foram empregadas diferentes técnicas para que não houvesse o problema da privação de dados, que o uso de uma ou outra técnica singularmente não me permitiria acessá-los. A apuração dessas técnicas foi um processo que se iniciou desde a desenho do projeto de pesquisa, onde já se havia determinado as entrevistas com famílias da classe C e da classe B para preparar uma análise comparativa dos dados. Conforme observa Bourdieu, o trabalho de pesquisa se realiza de maneira lenta e precisa, através de correções baseadas nas práticas que orientam as opções desde as mais pequenas até as maiores e mais decisivas (Bourdieu, 2003, p. 27). O próprio Bourdieu, em suas pesquisas empíricas, fez uso de técnicas tanto qualitativas quanto quantitativas, tomando como ponto de referência a significação epistemológica do tratamento a que será submetido o objeto (Thiry-Cherques, 2006, p. 22). Basicamente, as técnicas qualitativas que utilizo são a entrevista – a conversação a partir de um roteiro de temas a serem abordados –, e a observação. As técnicas quantitativas são as ferramentas estatísticas de análise – basicamente correlações e análise fatorial – aplicadas sistematicamente aos resultados

das entrevistas e das observações, procurando o distanciamento com o discurso particular, ou seja, a objetivação dos fatos observados (Bonnewitz, 2002, p. 30).

A Tabela 14 abaixo indica as diferentes técnicas de coleta de dados utilizadas para este estudo. É possível observar que para um mesmo grupo foram acessadas diferentes pessoas e que os instrumentos de coleta de dados também foram diversos. Tanto as técnicas quanto os instrumentos foram importantes para coletar informações de maneira focada e estruturada e para que a pesquisa já pudesse ter uma visão comparativa desde o início dos trabalhos de campo. As técnicas basicamente empregadas neste estudo foram a etnografia multissituada e a análise quantitativa. A pesquisa etnográfica, via o guia de entrevistas, foi usada para entender principalmente o componente "família". Como afirma Malinowski (1978, p. 22), o uso da etnografia reflete um melhor nível de qualidade das informações coletadas sobre um determinado grupo, além de proporcionar uma análise de dados com maior autonomia.

A pesquisa quantitativa foi realizada durantes as aulas. Cada aplicação de questionário levou entre duas e três aulas e no final de cada aplicação foi realizado o que chamo aqui de "mini grupo focal", devido ao tempo escasso para sua realização. Esses grupos focais serviram para abordar temas que não foram inicialmente tocados no questionário, ou que haviam sido tocados de maneira superficial, e para esclarecer dúvidas que surgiram baseadas nestas respostas dos questionários. Ademais, também houve a intenção de testar alguns itens importantes que as entrevistas com as famílias trouxeram como: a) dificuldade em se usar *e-mail* e, b) as preferências de programas de televisão e rádio. Através de uma dinâmica de grupo focal entre 10 e 15 minutos, pude encontrar algumas respostas para assuntos que permitiam maior exploração qualitativa.

A fotografia tem participação importante pois é a partir dela que os leitores poderão ter uma melhor ideia das famílias entrevistadas e dos ambientes que frequentam. Os cadernos de campo serviram para armazenamento de informações para posterior consulta, tanto para fazer *cross-checks* de informações, quanto para as análises.

Tabela 14 – Técnicas e instrumento de coleta de dados utilizadas, por grupos sociais contatados		
Grupos sociais contatados	Técnicas	Instrumentos
Famílias da classe D	Uma visita de duas horas a cada residência para a) observação, b) entrevista de profundidade (conversação) baseada (e não limitada) no guia de entrevista e c) conversa informal com guia que me levou até a favela.	Guia de entrevista e caderno de anotações. Fotografia. Caderno de campo.
Famílias da classe C	Quatro visitas de duas a três horas às residências para a) observação e b) entrevistas de profundidade baseadas (e não limitadas) no guia de entrevista e c) conversas informais com vizinhos e parentes e amigos.	Guia de entrevista, caderno de anotações e gravador de voz, usados em todas as visitas. Fotografia. Caderno de campo.
Famílias da classe B	Uma visita de duas horas a cada residência para a) observação e b) entrevista de profundidade (conversação) baseada (e não limitada) no guia de entrevista e c) conversas informais com pessoas que me colocaram em contato com as famílias.	Guia de entrevista, caderno de anotações e gravador de voz, usados em todas as visitas. Fotografia. Caderno de campo.
Escolas Max e escola Oswald	Oito visitas ao Max e quatro visitas ao Oswald para a) observação, b) aplicação de questionário a ser preenchido pelos próprios alunos; c) *focus group* no final de cada aplicação de questionário; d) conversas informais com alunos entre as aulas; e) conversas informais com professores.	Questionário de com questões abertas, de escolha única e de múltipla escolha a ser preenchido pelos próprios alunos na minha presença[82]. Caderno de anotações. Fotografia. Caderno de campo.

[82] O fato de responderem em minha presença se deve ao fato de eu poder esclarecer quaisquer dúvidas necessárias durante o preenchimento dos questionários, o que permitiria uma maior acuracidade das respostas. Um motivo secundário foi o fato de que, quando levados para casa – como fiz com o primeiro ano A da escola Max – alguns questionários não foram respondidos e outros foram até perdidos, levando a um maior tempo para ter a maioria dos alunos participando da pesquisa.

Capítulo 3 - Os encontros sociais com os informantes: a experiência de inserção nas residências das famílias e nas escolas

Este capítulo estabelece, com base nas noções de Bourdieu sobre capital, campo e *habitus,* as relações objetivas entre as famílias de maneira a identificar seus diferentes estilos de vida e suas posições na estrutura social. Estas relações apenas podem ser compreendidas em profundidade a partir da comparação de diferentes práticas, as quais estruturam e são estruturadas pelo *habitus*. Assim, os estilos de vida são apresentados de maneira comparativa neste trabalho. Foram introduzidas fotos, tabelas, gráficos e figuras para melhor entendimento do leitor a respeito dos estilos de vida das famílias e dos alunos.

As visitas às famílias e às escolas são entendidas por esta pesquisa como encontros sociais entre o pesquisador e as pessoas pertencentes aos grupos sociais analisados. Assim, este estudo entende que o pesquisador, como um indivíduo posicionado socialmente, condiciona tanto as perguntas que serão feitas por ele quanto as respostas dos entrevistados em termos do próprio conteúdo das respostas e as maneiras pelas quais esse conteúdo será dito. É preciso adicionar o que Bourdieu denomina de "falácia escolástica". Ela indica que, dependendo da posição particular ocupada pelo pesquisador no espaço social, o pesquisador tomará o que determina as práticas dos indivíduos e grupos baseado em suas próprias representações dessas práticas ou até mesmo modelos teóricos elaborados para explicá-las, o que seria colocar seu próprio pensamento (do pesquisador) pensando na cabeça dos indivíduos agindo (Bourdieu, 2000, p. 19 apud Raud, 2006, p. 2). Indo neste mesmo sentido, Bourdieu também discute o "*habitus* sociológico" onde questiona que as disposições do pesquisador na elaboração de hipóteses para a fundamentar a pesquisa empírica, já que o autor indica que todo conhecimento é condicionado pelo *habitus*. Assim, o conhecimento do empírico é distorcido não só pelo *habitus* do indivíduo mas também próprio *habitus* do pesquisador (Thiry-Cherques, 2006, p. 17). A sua preocupação diz respeito às condições do conhecimento, à reflexividade, isto é, ao fato de que todo conhecimento é condicionado pelo *habitus*. Ele leva em conta que a percepção do empírico é distorcida não só pelo *habitus* dos agentes, mas pelo nosso próprio *habitus* como pesquisador (Thiry-Cherques, 2006, p. 19).

Por esse motivo, devemos buscar a consideração consciente das nossas próprias disposições e maneiras para poder enxergar os diversos sentidos que elas ganham nas interações

com membros de grupos sociais diferentes, posicionados desigualmente em relação aos atributos sociais incorporados pelo pesquisador. Assim, os encontros sociais são um processo simbólico de interações que revela as diferentes formas de receber em cada família, entendidas como expressão de maneiras e modos de estilo de vida diferenciam e hierarquizam os diferentes grupos e subgrupos na capital paulista. Os estilos de vida distinguem as famílias entrevistadas entre si. Assim, os encontros sociais foram momentos onde foi possível colher informações não apenas baseadas nos guias de entrevistas, mas também através da observação direta das casas, dos modos de organizar o espaço interno das residências e das maneiras de receber.

3.1 - As famílias de classe D

Os encontros sociais com as famílias da classe D aconteceram com a ajuda de um guia, o Marcelo. O Marcelo não avisou previamente as famílias da minha presença durante a visita dele. Fomos recebidos na residência da Família 2 pela Sonia, mãe da usuária do computador, a Daniela. Foi a Sonia quem proveu todas as informações sobre o computador e a dinâmica de uso do computador pela Daniela. Dos demais membros da família, apenas o pai da Sonia, um senhor doente e de cama, estava presente, mas não participou da entrevista. A dinâmica aconteceu com a participação especial do Marcelo. Ele ajudou a Sonia a entender melhor alguns termos relacionados a computadores e internet. Em questões consideradas mais complexas, como o uso de aplicativos, o Marcelo interveio, já que conhece bem o computador, a usuária (Daniela) e seus usos do computador. O encontro teve duração de duas horas. Foi possível mapear a dinâmica de uso do computador e também as relações de hierarquia estabelecidas pelo membros da família com relação ao uso esporádico dos vizinhos, tanto do computador como do telefone fixo. Por outro lado, questões como colaboração e frequência a determinados *websites* ficaram de fora, porque apenas a usuária do computador poderia respondê-las. Não gravei a conversa com a Sonia mas pude tirar algumas fotos.

Depois da visita à Família 2, nos dirigimos à residência da Família 1. Foi uma visita inesperada. Mesmo assim o Marcos, pai da Família 1 (contato principal), nos permitiu entrar. A visita durou quase duas horas. A conversa foi tomada muito mais pelo entusiasmo do Marcos em me mostrar o que ele tem e o que ele faz com os computadores e servidores antigos que ganhou, do que eu ter imposto um esquema de perguntas e respostas baseado no guia de entrevistas. Não

conversei com a mulher dele, a Sueli (que estava trabalhando), mas conversei um pouco com os filhos que assistiam televisão no outro cômodo da residência. O Marcos foi meu único informante, com uma participação pequena do Marcelo, que o incentivava a mostrar os equipamentos de *hardware* e os aplicativos que a família usa. O Marcos contou sobre a dinâmica da casa, o uso do computador pelos três filhos e seus sonhos de trabalhar com tecnologia da informação para, então, deixar de ser porteiro de prédio. Não pude gravar a entrevista e nem tirar fotos da Família 1 e sua residência, porque as baterias do gravador e da câmera fotográfica acabaram.

O modo de receber das famílias da classe D foi baseado na importância que eu representava para estas famílias – receber um pesquisador da USP em suas casas foi um evento importante. Esta importância foi expressa na atenção, no esforço e no esmero em responder as perguntas e também nos detalhes das respostas. Algumas vezes, foi necessário explicar as perguntas de maneira simples mais de uma vez, o que indicava tanto a distância de alguns termos técnicos e da própria tecnologia da informação, como também o baixo nível escolar dos entrevistados. A timidez inicial deu espaço à informalidade, a qual é o caminho encontrado para aproximação com a visita. A informalidade ficou aparente no convite para conhecer os outros cômodos das residências (algo que não aconteceu nas visitas às famílias da classe B), no café passado na hora e na oferta de comida (um pedaço de bolo em cada uma das residências). O café, já adoçado, foi servido em uma xícara, sem pires. O bolo, foi servido no pires que seria usado para repousar a xícara do café. O café e o bolo foram servidos no espaço reservado à cozinha e foi onde aconteceu boa parte da conversa. O fato de ser recebido neste espaço, assim como a oferta de comida e bebida, estavam ligados à ideia de fazer o visitante sentir-se à vontade, bem-recebido, incluído, ou seja, próximo às pessoas da casa – seria o "sentir-se em família" identificado por Bourdieu entre as camadas sociais populares francesas, em oposição ao formalismo ritualista das maneiras burguesas (Bourdieu, 2008, p. 187). A falta do rigor em oposição "aos conformes" está na raiz do sentimento de que o anfitrião não vai impor a si e à visita maneiras, obrigações e restrições (Bourdieu, 2008, p. 186), pois estas não fazem parte do "receber bem" para estas famílias, concebido como 'receber sem cerimônia', acolhendo e tratando de forma pessoal o pesquisador (ao contrário das famílias da classe B, entre as quais a formalidade definiu o "receber bem", demarcando o distanciamento educado em relação ao pesquisador). A relação de troca foi estabelecida rapidamente e com intensidade. Isto resultou

em uma coleta de dados ampla, mas com muitos detalhes, levando a informações importantes que me auxiliaram posteriormente nos termos comparativos entre famílias. Segue abaixo a descrição das visitas às duas famílias da classe D.

3.1.1 - O Marcelo e a visita à Favela do Sapé

O Marcelo – técnico em computação, 36 anos – foi apresentado a mim pelo Luciano, pai da Família 4. Os dois se conhecem desde adolescentes, já que cresceram no mesmo bairro, o Rio Pequeno. Depois do terceiro encontro, o Luciano me levou até a *lan house* do Marcelo, em uma rua residencial, a 50 metros da avenida do Rio Pequeno, à qual o Marcelo refere-se apenas como "a avenida". Todas as casas da rua são pequenas mas com espaço para garagem, o que faz um tanto difícil a vida de quem quer estacionar seu carro nesta rua. Estacionei na frente da casa do vizinho, já que havia uma moto estacionada na frente da *lan house*, e fiquei atento para caso precisasse retirar o carro de lá.

A *lan house* do Marcelo tem 10 computadores *desktop*. Quando cheguei havia três computadores sendo usados por adolescentes. Todos estavam jogando *games online* relacionados a guerra, armas ou morte. Limpo e bem arrumado, com paredes pintadas de verde claro, o lugar tem um balcão que divide os computadores do fundo da *lan house*, onde o Marcelo usa o espaço para administrar seu negócio. Lá está instalado o computador que gerencia todos os computadores da *lan house*, o caixa, um pote de água e diversos instrumentos, como chaves de fenda de diversos tamanhos, usados para consertar computadores. Na primeira visita, havia três computadores para serem consertados – a maioria com problemas de *software* e não de *hardware*, à primeira vista. Como o Marcelo é um dos poucos técnicos de computadores na região e porque nasceu e foi criado no bairro, ele conhece muita gente, o que faz com que sua clientela seja relativamente grande; ele conserta em torno de 60 computadores. Assim, o Marcelo se tornou um excelente ponto de referência para exploração de algumas famílias na região. O que mais chamou a atenção foi o fato de Marcelo ter mencionado na entrevista que tinha clientes "até na Favela do Sapé", algo em torno de 10 ou 12 famílias/computadores.

O Marcelo me contou que o uso de computadores vem se intensificando no bairro desde há mais ou menos três anos atrás, devido à melhora das condições de vida em geral da população, que, segundo ele, "está com mais dinheiro porque o salário mínino vem aumentado

bastante", à facilidade de pagamento "nas Bahia" e porque "as pessoas da periferia acordaram para o fato de que não se pode viver mais sem computador, seja para enviar um currículo ou para falar com os parentes". Ele resolveu abrir uma *lan house* porque há cinco anos atrás (quando ele abriu a *lan house*), muitas pessoas do bairro ainda não tinham computador em casa. Ele fez dois cursos "intensivos" onde aprendeu a consertar, fazer manutenção e *upgrade*s em computadores e redes baseadas em cabos ou *wireless*. Um dos cursos foi feito no Senac e o outro na SOS Computadores. Ele diz que o número de clientes da *lan house* vem diminuindo, ficando apenas aqueles "moleques que não têm computador e que, em vez de brincar na rua como eu fazia, hoje ficam enfiados na *lan house*".

O Marcelo obtem a maioria da sua renda dos clientes para os quais presta serviços de manutenção e *upgrade* e, também, auxilia os clientes na hora de fazer a compra de um computador novo – um trabalho que ele chama de "consultoria". Ele afirma ainda que "as pessoas aqui do bairro vêm comprando cada vez mais computadores, e a *lan house* já não dá tanto dinheiro como há três ou quatro anos atrás". Ele diz que até gostaria de abrir uma *lan house* maior, com mais serviços tipo impressão e fax, mas para isso precisaria de mais dinheiro e "achar um espaço na avenida, algo que não é barato... Não tenho capital para isto".

Depois desta conversa inicial, voltei à *lan house* do Marcelo 15 dias depois. Era uma sexta-feira, e havia combinado com o Marcelo de ele me levar para conhecer algumas famílias na Favela do Sapé. O Marcelo seria meu guia neste, para mim, novo espaço social a ser explorado. Ele me apresentaria às pessoas-chave para eu ter acesso à favela. Passei na *lan house*, peguei o Marcelo e seguimos para a Favela do Sapé, onde o Marcelo deveria visitar três residências para prestar serviços técnicos. Seguimos conversando sobre como seria a minha atitude na chegada – ele me apresentaria aos conhecidos e líderes da comunidade antes de entrarmos pelas ruelas da favela. Chegamos e fomos diretamente a um dos três bares em frente à favela. O Marcelo cumprimentou algumas pessoas (todos homens, entre 20 e 30 anos de idade), como um velho conhecido. Ele me apresentou a todos eles, e perguntou por algumas pessoas que ele gostaria de visitar. Uma pessoa não estava, nem a família, sobrando, assim, duas famílias para visita. Seguimos para a primeira residência. Depois de caminhar por cinco minutos pelos labirintos, chegamos à residência da Família 2. Era uma casa de tijolo e concreto, pintada por dentro de branco e amarelo e, por fora, sem nenhum acabamento. Deve-se subir uma escada para chegar à porta de entrada. Nesta casa, cujas dimensões alcançam 6m por 10m e apelidada pelos moradores

da favela de “palácio”, moram seis pessoas da mesma família. A residência tem uma sala de onde sai uma escada para o segundo andar com dois quartos, que ainda estão sendo construídos. Abaixo, além da sala, existem dois quartos, um banheiro, uma copa e uma cozinha. Todos os cômodos são pequenos, contendo o básico dos móveis para tais ambientes. A residência desta família tem apenas um computador *desktop*. Esse computador fica no quarto pequeno, onde dormem mãe e filha, a Sonia e a Daniela, respectivamente. O quarto tem uma janela que fica bem próxima de uma escada que leva às outras casas da favela, acima da residência. Neste quarto, com uma cama de casal junto à parede, existe um guarda-roupas grande (comprado nas “Bahia”), uma tv em cores de 14 polegadas em um rack que fica próximo ao teto e o computador, com conexão discada, colocado sobre um rack para computadores. Enquanto conversava com a Sonia, ela afirmou usar pouco o computador. Sua filha Daniela é quem faz uso frequente do computador, o qual foi um presente do pai da Daniela. Ela usa o computador principalmente para conversar com os amigos da escola via Orkut e MSN, fazer *download*, eventualmente algum trabalho escolar e escutar música “bem alto”, o que, segundo a mãe, acabou fazendo com que os dois *speakers* quebrassem.

O Ronilson, filho de 19 anos da irmã da Sonia, disse não se interessar pelo computador. Nem mesmo Orkut, ou algum conteúdo de futebol. Mas ela afirmou que Ronilson não vive sem celular: “prioridade número um no pagamento das contas do mês”. Sonia contou que a família não o cobra por ter parado de estudar (Ronilson terminou o ensino fundamental apenas).

A decisão de não estudar seria impensável para as famílias das classes C e B, que veem nos filhos a continuação do projeto de reprodução da família e de ascenção social (projeto de futuro), para o qual o acúmulo de capital escolar pelos filhos é fundamental. Este adolescente é uma das evidências de que esta família não tem um plano de futuro desse tipo, tendo suas práticas mais voltadas ao que é imediato e ao presente. Com pouco capital econômico e pouco investimento em capital cultural, assim como, provavelmente, a maioria dos homens que estavam nos bares na entrada da favela no dia da visita, sua provável trajetória social aproxima-o do ilícito, que supre desejos e necessidades imediatas sem a cobrança do investimento em capital escolar e o esforço requerido. Ronilson nunca trabalhou. Quando foi perguntado à Sonia sobre o que ele faz, ela mencionou que “ele faz bicos”. Em conversa com o Marcelo, guia que me levou até a Favela do Sapé, ele me confidenciou que é bem provável que o Ronilson faça parte de um dos grupos locais ligados à ilegalidade: tráfico de drogas, roubos e assaltos.

No momento da entrevista, apenas o Jorge, pai do Ronilson, trabalhava entre os membros da família. A Sonia servia café em um bingo que foi fechado pela Polícia Federal e estava procurando emprego – "qualquer coisa", segundo ela. A Sonia ainda informou que apenas a mãe do Ronilson, a Elza, terminou o segundo grau, mas trabalha há anos como empregada doméstica. As fontes de renda no momento da entrevista eram a Sonia (seguro desemprego), a aposentadoria por invalidez do Seu José, pai da Sonia e da Elza, e o salário do Jorge, que trabalha como eletricista em uma empresa de construção civil e faz bicos nos fins de semana nas imediações do bairro do Rio Pequeno.

O computador da residência é um *desktop* de marca desconhecida (Aksum) e monitor Acer. Ele não tem impressora, fax, *webcam* ou microfone. Todos os membros da família têm celular e este é o melhor jeito de entrar em contato com eles. A única que se interessa pelo computador é a Daniela, por motivos de estudo ou de comunicação com os amigos. Os outros membros da família parecem indiferentes ao computador e sentiriam-se desconfortáveis se tivessem, por algum motivo, de usar o computador – "eu chamaria o Marcelo ou pediria para minha filha me ajudar", disse Sonia. Em geral, portanto, o computador não faz parte da vida deles.

A segunda visita foi feita a um barraco a cinco metros do "palácio" – é a residência da Família 1. A porta de entrada era de latão e o barraco, feito de tábuas de madeira e algumas partes de tijolo e concreto. O teto era recoberto por telhas de brasilite. O barraco deveria medir algo como quatro por seis metros e era composto por dois cômodos. O primeiro, onde está a entrada da residência, é onde estão os servidores e CPUs antigas guardadas pelo Marcos, onde está o computador e onde fica o espaço reservado à cozinha, com um ponto de água (pia), um fogão e uma geladeira, todos os dois muito antigos. No segundo cômodo ficam as duas camas usadas uma pelo casal e outra pelos filhos, além da televisão. As paredes dos dois cômodos contém roupas penduradas e alguns objetos de cozinha e alimentos perto do fogão em uma estante de madeira pequena. O pai da Família 1, o Marcos (contato principal), é casado com a Sueli. Eles são pais de duas meninas de 12 e 11 anos e um menino de sete anos. Marcos é porteiro em um prédio na Lapa e Sueli, empregada doméstica. A família frequenta um templo da Igreja Universal do Reino de Deus no bairro do Belém.

O Marcos indicou que os filhos usam o computador para jogar *games* (instalados no próprio computador) e que pouco usam a internet se não for para jogar *games online* no *website*

do Universo Online (UOL)[83]. Ele e a esposa usam a internet para falar com parentes distantes, usando a *webcam* e o microfone comprado em uma loja na Santa Efigênia, além de acessar algum conteúdo religioso no *site* da Universal. Ele afirma ter segundo grau incompleto e a Sueli terminou apenas o ciclo fundamental. Ele quer fazer um curso técnico de informática "mas nunca sobra dinheiro e a prioridade é as crianças". Quando perguntado sobre se gostaria de ter um *laptop*, ele diz "eu quero comprar um Apple, porque dá menos problema, é mais estável, sabe? E é bem bonito. Eu gosto do *design*." O entrevistado não fez curso de informática; é, pois, na prática que ele entra em contato com o linguajar técnico; neste caso, mais significativo em termos simbólicos, ao afirmar um valor estético, na contracorrente dos critérios de estrita funcionalidade que, entretanto, são marcantemente observáveis na casa, na disposição e no estado de conservação dos móveis e objetos. Seu interesse por informática veio da doação dos servidores pelos moradores do prédio onde trabalha. Marcos viu nesta doação um incentivo e uma oportunidade (embora ainda não concretizada) de conseguir um trabalho com melhores condições de rendimento. Ou seja, a informática é vista pelo entrevistado como uma chance – projetada em um futuro indefinido – de conseguir aumentar sua renda. Independentemente da percepção da possibilidade objetiva de realizar esse projeto, Marcos aparece como um aficcionado pela tecnologia, cercado de máquinas e equipamentos, uns quebrados, outros muito usados e deteriorados, outros ainda doados, em condições diversas, e alguns de acordo com os padrões dominantes da atual tecnologia.

Após a visita à Família 1, ainda fomos à residência de uma terceira família. Mas não havia ninguém naquela residência quando eu estava visitando a comunidade. Embora não planejada e restrita a essas duas famílias, a visita à comunidade da Favela do Sapé me fez ver a diversidade dos usos (e não usos) e de sentidos das mesmas coisas por membros pertencentes a diferentes grupos sociais, ao mesmo tempo em que permitiu observar a força simbólica das tendências culturais dominantes. O Marcos, chefe da Família 1, é o caso mais chamativo. Morando em um barraco, em condições de insalubridade, ele possui não só banda larga (segundo ele, a conexão é de 500kpbs) quanto possui diversos computadores e um monitor de tela plana, sem *webcam* e microfone. Mas, para não provocar superaquecimento do computador, ele tem um ventilador bem antigo – que meus olhos de classe média registram também como 'muito sujo' – voltado para a CPU, "aqui é meio quente", afirma ele, encabulado, mas com um sorriso no rosto.

[83] www.uol.com.br (Acessado em 20 de outubro de 2010).

3.2 - As famílias de classe C

Os encontros sociais com as famílias da classe C tiveram uma dinâmica de interação que foi similar às famílias da classe D, no que tange ao receber bem identificado ao "sentir-se em família" (Bourdieu, 2008, p. 187). Mas a similaridade para por aqui. Nas famílias da classe C, para além da aproximação, estava também presente a obrigação de oferecer bebida e comida – durante as visitas, sempre havia o oferecimento de café, bolacha ou bolo. Como afirmou a Elaine (mãe, Família 4): "Se tem visita, tem que oferecer alguma coisa". Baseado nesse comentário, foi possível observar que a obrigação de oferecer algo de comer e beber está associada à necessidade de demonstração da dona da casa de que ela conhece as regras para receber visitas. Em todas as visitas às famílias da classe C, foram servidos café, água, bolo e bolachas (às vezes doces, às vezes salgadas). O café (adoçado depois de perguntado sobre quantas colheres de açúcar eu gostaria) foi servido em xícaras sem pires. O bolo foi servido ora no pires da xícara do café, ora em pratos de sobremesa. Já as bolachas foram servidas na própria embalagem. Em comparação às famílias da classe D, as famílias da classe C apresentaram um ritual de receber mais elaborado: maior diversidade de bebida e comida, assim como uma maior diversidade de utensílios como pratos, xícaras e talheres. Estas famílias estariam no meio do caminho entre o receber das famílias da classe D, com menor diversidade de comida, bebida e utensílios em relação às famílias da classe C, e o receber das famílias da classe B, cuja diversidade e sofisticação da comida e da bebida e o uso de utensílios é maior, relativamente às famílias da classe C. Assim, o receber para as famílias da classe C tem o sentido não apenas da aproximação/familiaridade, mas também é uma oportunidade de mostrar que a dona da casa sabe receber bem as visitas. Uma observação importante é que, apesar dos esforços das donas de casa em quererererem mostrar que conhecem as regras do receber bem, os modos estavam mais próximos à substância e funcionalidade do que à forma e maneira de servir: o importante é servir algo de comer e beber; o como servir não tem a mesma importância.

Nas famílias da classe D, eu fui recebido na cozinha porque as duas residências visitadas tinham espaço na cozinha para receber pessoas (e na casa da Família 1, é apenas na cozinha que se pode receber alguma visita pois não existe sala). Já nas famílias da classe C, a interação social aconteceu na sala. Porque as cozinhas dessas residências eram espaços pequenos e que não poderiam conter fisicamente cadeiras para uma reunião social. Todos os eventos socias e

refeições nessas casas acontecem na sala. A sala para estas famílias é o cômodo onde se recebe as visitas. Até o meio do século passado, a cozinha era o coração da casa para as famílias pobres brasileiras (as famílias ricas seguiam a concepção europeia de casas com diversos cômodos com diversas funções especializadas – sala de visitas, sala de jantar, sala de almoço, sala de música, biblioteca, despensa etc.). A penetração da televisão nas camadas mais baixas fez com que a sala tomasse o lugar da cozinha para estas famílias. Worsley (2011) indica que na Europa atual pode-se observar, principalmente nas residências das famílias da classe média, que é na sala para todo uso (*all-purpose reception room*) onde diversas práticas acontecem: fazer refeições, receber visitas, ver televisão, usar o computador, trabalhar e reunir a família. A sala tornou-se o coração da casa (Worsley, 2011, p. 178). Essa transformação também pode ser observada nas famílias da classe C visitadas: a sala é o principal cômodo em termos de interação social intra e extrafamília.

Os informantes viram em mim uma pessoa importante e que, como quaisquer atividades de "pessoas importantes", elas requeriam responsabilidade. Eu notei a importância dada a mim e à pesquisa no esforço para ser pontual, nos detalhes das respostas dadas, na família que se organizava para minha visita em termos de horários e pessoas disponíveis e pela paciência em responder uma mesma pergunta de maneiras diferentes (que foi uma maneira de checar algumas respostas). Houve poucos problemas de entendimento das questões do guia de entrevistas, diferentemente das famílias da classe D, onde tive de reformular e por vezes resgatar a ajuda do meu guia para ter certeza de que as perguntas foram entendidas, já que tive de explicar boa parte dos termos de maneira bem simples e devagar, para ter certeza do entedimento de todos os membros da família. Para ilustrar a pergunta, às vezes, eu citava um exemplo ou dois para que todos entendessem quais tipos de informações eu estava pedindo. Este movimento de explicar em detalhes, de maneira lenta e gradual, uma pergunta não entendida está vinculada a minha impressão de que os entrevistados não saberiam responder às perguntas com entendimento completo do conteúdo da pergunta. Desta maneira, entendo que as perguntas que foram reformuladas durantes as entrevistas evidenciam a assimetria de encontro social, onde eu me coloquei em um nível social e intelectual acima dos entrevistados porque assumi que os membros dessas famílias não entenderiam determinadas perguntas do guia de entrevistas.

Outro ponto a ser ressaltado é a privacidade. Ela pareceu não ser um problema para nenhuma das famílias, tanto da classe C quanto da classe D, quando eu passei a visitar os outros cômodos da casa ou no momento em que pedi para os membros dessas famílias que me

mostrassem o que tinham de seu nos computadores. Todos foram solicitos, não houve hesitação e me acompanharam pelos cômodos. Como comento adiante, já para as famílias da classe B, a privacidade foi um obstáculo, a ponto de uma das famílias se recusar a mostrar os cômodos da casa.

Os instrumentos de coleta de informações foram: o gravador de áudio, nem sempre necessário, principalmente quando acontecia aquele café ou cerveja após as entrevistas; a câmera digital, para ter fotos do computador, da casa e dos entrevistados; o caderno de anotações, que, junto com as transcrições de áudio, me ajudaram a preparar um caderno de campo de mais de 70 páginas e, finalmente, o guia de entrevista[84] que pautou as entrevistas e foi meu fio condutor mesmo durante a coleta de informações em *off*, ou seja, aquelas informações que não faziam parte da rotina de entrevistas. O tempo de duração de cada visita foi entre uma hora e meia e três horas. Importante mencionar o tempo das famílias concedido às interações sociais com o pesquisador: nas famílias da classe C, foram realizadas quatro visitas, além dos convites para ocasiões sociais; nas famílias da classe B, somente uma visita foi realizada: a possibilidade de retorno foi pronta e claramente negada.

A seguir, apresento fotos dos contatos principais das Famílias 3 e 4. Infelizmente, as fotos da Família 5 foram perdidas quando se tentava passar as fotos da máquina fotográfica para o computador. A Família 3 teve uma dinâmica onde o Juninho (pai, Família 3) foi o centro das respostas. Esta família é composta pelo Juninho (contato principal), 28 anos, marceneiro (ver Foto 1 abaixo); a esposa do Juninho, Monica, 31 anos, escriturária; os filhos, Fabio e Mateus, um de cinco anos e outro de três anos respectivamente e, finalmente, os agregados: o irmão da Monica, o Sarará, 27 anos, chapeiro, e o pai da Monica e do Sarará, o seu João, 64 anos, aposentado.

[84] O guia era composto por itens demarcados por áreas que começavam pela minha observação da infraestrutura do bairro e da casa até itens sobre mudança de hábitos domésticos pós-instalação do computador na residência, interações sociais intra e extrafamília e conteúdos acessados. Para detalhes sobre o guia de entrevista ver Anexo III, na página 256.

Foto 1 – Juninho e seu computador

Apesar do meu pedido de ter todos os membros da família juntos para participar das entrevistas, isto não foi possível na Família 3 por causa dos horários de trabalho da Monica, embora eu a tenha entrevistado junto com os demais membros em duas das quatro visitas, e também devido à ausência ou atraso do Sarará para participar das entrevistas. Agendei a primeira entrevista via telefone com o contato principal. Ela aconteceu em um dia de semana às 18h, após o entrevistado chegar do trabalho. A primeira entrevista aconteceu apenas com o contato principal porque sua esposa se atrasou devido ao trabalho e ao trânsito. As entrevistas aconteceram tendo a seguinte dinâmica: a primeira durante a semana e as outras três, aos domingos pela manhã. Todas as entrevistas aconteceram na sala não sem antes conversarmos, eu e o contato principal sobre MPB. Acho que isto nos colocou bem próximos, a ponto de trocarmos música via internet e eu levar alguns CDs meus para ele gravar no seu computador. Para esta família, também, gravei todas as entrevistas e usei meu caderno de anotações em todas as visitas.

A Família 4, moradora do Cingapura do Rio Pequeno (Foto 2 abaixo) foi a primeira das famílias de classe C que foi entrevistada. Esta família é composta pelo Luciano, pai da família, 35 anos, músico; sua esposa, a Elaine, 33 anos, promotora de vendas; seu filho mais velho,

Junior, 16 anos, estudante e auxiliar de escritório, e de seu filho mais novo, o Fabio, nove anos, estudante.

Foto 2 – Família 4

A primeira visita foi agendada por telefone, no mesmo telefonema em que avisei o Luciano de que eles foram selecionados para participar da pesquisa. No dia combinado, cheguei às nove horas da manhã em um dia de semana na casa da Família 4, com todos os membros da família me esperando. Segundo o Luciano (contato principal), os dias de semana pela manhã eram os melhores para eu ter todos os membros da família participando da dinâmica da entrevista. Antes e depois das entrevistas, eu sempre conversava com eles sobre assuntos não relacionados necessariamente à pesquisa. Os assuntos eram bem variados: iam desde o trânsito para chegar à residência, supermercado, televisão, música e até sobre os vizinhos. E essas conversas foram importantes como elos que me aproximaram os membros da família, fazendo-me parecer mais um amigo deles já depois na segunda visita. As entrevistas aconteciam na sala com cada um dos membros em um dos sofás e com o filho mais novo já usando o computador (instalado na sala). Elas transcorreram de modo tranquilo, apesar do fator tempo como limitante – às 11h30 todos deveriam se aprontar para sair: o filho mais novo para escola, o filho mais velho para o trabalho de meio período, a mãe para a academia onde trabalha como promotora de

vendas e o pai para fazer alguma coisa relacionada à sua banda de pagode. As perguntas foram feitas de maneira a seguir com o fluxo da conversa mais do que seguir a sequência de perguntas do guia. Assim, os entrevistados se sentiram mais à vontade, como fosse uma conversa informal, mais do que uma dinâmica repetitiva de perguntas e respostas. Todos foram sempre muito solícitos e pacientes, mesmo quando eu passei algum tempo com cada um deles para que me mostrassem o que têm de arquivos (*e-mails*, fotos, música etc.) e o que fazem no computador (acessar Orkut, MSN, jogos, serviços bancários etc.) e até mesmo quando eu pedi para fazer um *tour* pela casa. Havia nesta família um entendimento de responsabilidade e importância em relação a mim e à pesquisa.

No início da pesquisa eu tinha como um dos itens no guia de entrevistas, convidar as famílias (ou um dos membros) para preparar no computador algumas tarefas (procurar *websites*, usar aplicativos como processadores de texto, visitar *websites* e informar o entendimento do conteúdo e como poderia compartilhar este conteúdo). Senti que isto não foi bem-vindo porque escutei o pai dizer para os filhos "quem pode fazer isto?" e ninguém se prontificou. O filho mais novo acabou aceitando o desafio, mas na visita posterior ao pedido das tarefas (segunda visita), ele admitiu não ter feito nada. Assim, eu desisti de pedir (para todas as famílias) as tarefas a serem realizadas no computador. Ao final das quatro visitas, todas as perguntas do guia de entrevistas foram respondidas. Como já mencionado, as respostas não foram coletadas de maneira sequencial, mas conforme um determinado assunto aparecia. Antes de iniciar cada entrevista, eu sempre pedia licença para gravá-la, o que não foi visto como um problema pela família. O caderno de anotações fez parte de todas as entrevistas, onde foram anotadas as informações mais relevantes e lembretes que ajudariam no momento de comparar as transcrições. Ademais, as próximas visitas eram agendadas ao final da visita anterior, buscando sempre o melhor dia para a família me receber novamente.

A terceira e última família da classe C entrevistada foi a Família 5[85]. Ela é composta pelo pai, seu Douglas, 65 anos, aposentado; a mãe, dona Catarina, 55 anos, vendedora de roupas, aposentada; a filha, Camila, 23 anos, estudante universitária, e o filho, Fabio (contato principal), 26 anos, bancário. A pessoa que foi o centro das respostas foi o Fabio, apesar da participação do pai em todas as três entrevistas com esta família. A dona Catarina não quis participar das

[85] Assim como as fotos das famílias da classe B, eu as perdi na passagem do cartão de memória da máquina fotográfica para o computador.

entrevistas pois afirmou não usar o computador e, quando precisa de algo, ela pede para o marido ou para o filho. A Camila participou apenas de uma das três entrevistas. Na primeira visita, ela estava trabalhando em um projeto da faculdade portanto, não pode participar e, na segunda visita, ela estava estudando na casa das amigas da faculdade. As visitas aconteceram no domingo à tarde, depois do almoço (e depois das visitas à Família 3) entre 14h e 17h. Seu Douglas e o Fabio fizeram uma dinâmica bem interessante de respostas, um complementando (ou corrigindo até) a resposta do outro. Os laços aconteceram com esta família baseados na comida. Dona Catarina sempre oferecia um prato ou algum docinho preparado para o almoço de domingo, para além do bolo e do café. As interações mais significativas que estreitaram os laços entre mim e os membros da família giravam em torno de conversas sobre as mudanças no Bairro da Casa Verde e lugares para se comer no Bairro e até sobre programação de TV. Como para as outras famílias, eu não segui a sequência da lista de perguntas do guia de entrevistas. Deixei os assuntos aparecerem conforme as entrevistas foram acontecendo. Nesta família, também gravei todas as entrevistas e usei meu caderno de anotações em todas as visitas e as visitas foram agendadas ao final de entrevista anterior.

Nos encontros com as famílias de classe C, em especial com alguns de seus membros, com os quais troquei músicas, tomei cerveja e fui inclusive convidado, em certa ocasião, a dividir um 'baseado', em um ato de confiança e reconhecimento como 'um de nós', senti como se estivesse estabelecendo relações afetivas com essas pessoas, cuja simplicidade favorece a simpatia mútua. Mas sei que, de fato, ficamos, naqueles momentos, 'amigos', justamente porque somos de mundos diferentes. Apesar da simpatia que elas me fizeram sentir, depois de realizada a pesquisa, razão de minha "ida lá", eu acabei por abandonar o contato com elas, das quais guardarei ótimas recordações. Serei sempre grato pelo modo como me ajudaram em meu trabalho, mas não farão parte do meu "grupo de amigos". Este comentário se complementa no próximo item, no qual trato da interação – a mais fria de todas – com os meus "mais iguais", membros das camadas da classe média paulistana.

3.3 - As famílias de classe B

Antes da aplicação do guia de entrevistas nas duas famílias visitadas, eu me apresentei e iniciei uma conversa sobre os amigos em comum – para esse tipo de família, o contato pode ser

feito por intermédio de amigos comuns –, uma maneira rápida de aproximação e para geração de confiança mútua. Embora eu tenha conseguido manter um clima descontraído durante as entrevistas, eu já esperava por uma situação de restrição do acesso a essas famílias, principalmente devido ao tempo "valioso" de seus membros, que só poderiam me oferecer uma pequena e restrita parcela dele. Ficou claro para mim desde o princípio das entrevistas que a pesquisa não tinha o mesmo significado que teve para as famílias das classes C e D. Ficou evidente desde o contato inicial por telefone, que a visita a ser agendada seria a minha única oportunidade de estar em contato com tais famílias, principalmente pela dificuldade de colocar todos os membros da família juntos na mesma ocasião para a entrevista, devido à rotina de cada um. Ou seja, a entrevista não motivava ninguém a mudar qualquer atividade normal de suas vidas. Assim, aproveitei o tempo com estas famílias ao máximo, explorando todos os itens do guia de entrevistas.

Embora as duas famílias entrevistadas tenham colocado todos os membros à disposição da pesquisa na data e hora agendadas (no final de semana), foi difícil manter uma dinâmica onde todos participassem de maneira efetiva, já que os membros destas famílias não viam valor ou importância na pesquisa. Com estas famílias, eu tratei e fui tratado pelos seus membros como alguém da mesma classe social, algo que pode ser observado na minha decisão de não refrasear ou explicar calma e detalhadamente as perguntas do guia de entrevistas (eu já esperava um entendimento completo das perguntas, tanto em seu conteúdo quanto em termos técnicos), e nas maneiras mais formais com as quais eu fui recebido. Diferentemente das famílias das classe D, onde a entrevista aconteceu na cozinha, e na classe C onde a entrevista aconteceu na única sala da residência por não haver espaço melhor para as entrevistas, a recepção nas residências das famílias da classe B aconteceu na sala de estar, especializada para o recebimento de visitas - havia também outras salas, de jantar, almoço e televisão. Em vez de café servido na xícara e bolo servido no pires que fazia par com a xícara do café, foram servidos café, açúcar, adoçante, água, bolacha e chocolates em conjuntos de taças, copos, pratos e talheres destinados a funções diferentes e específicas (a xícara com respectivo pires e colher para mexer o café, etc.). É um detalhe exemplar da formalização e a estilização que tendem a deslocar a ênfase da substância e da função (como nas classes C e D) em direção à forma e a maneira, tal como o modelo de Bourdieu define para o estilo de vida burguês, ou seja, para os modos de conduta legitimados como *mais distintos* (Bourdieu, 2008, p. 187). Enquanto para as famílias das classes C e D, a

dinâmica do encontro estava na interação social direta comigo através do "sentir-se em família", a dinâmica do encontro com as famílias da classe B aconteceu através de "objetos mediadores" (Douglas, 2006, p. vii): a sala de visita e seus objetos (móveis e decoração), os pratos, taças onde foram servidos o café e os chocolates, os *notebooks* sendo usados durante as entrevistas. Estes objetos comunicavam tanto a formalidade da interação social quanto, de modo correspondente, o volume de capital econômico e cultural (os diversos utensílios com função específica; a diversidade da comida oferecida; a maneira de servir tranquila e moderada, como acostumada aos rituais de receber, a disponibilidade de açúcar e adoçante, para eu mesmo me servir).

Eu tive a oportunidade de conhecer os demais cômodos apenas da casa da Família 7. A privacidade é uma questão delicada para este tipo de família. Quando mencionei sobre a possibilidade de fazer um *tour* pela casa, alguns membros se sentiram desconfortáveis e reagiram: porque "a casa está desarrumada" (Mariana, Família 6); "o que tem a ver computadores e os cômodos da casa?" (Tadeu, Família 6) ou "você não é ladrão, não é?" (Marcio, Família 6). Estas foram algumas perguntas que escutei que evidenciaram o desconforto provocado pelo pedido. Em comparação com a visita à Favela do Sapé, onde tive receio de ter meu carro roubado, aqui, quando estou com os "mais iguais", mas sendo de fato um desconhecido para estas famílias, elas ficaram receosas de eu ser um ladrão. Na visita à Favela do Sapé, eu tinha algo que poderia ser roubado e receava perder. Com as famílias da classe B, eram eles que receavam ser roubados e perder suas coisas de valor, as quais estavam dispostos a defender. Isso não quer dizer que eu não tenha me sentido confortável durante as entrevistas. As famílias foram atenciosas, embora eu não tenha sentido aquele componente de responsabilidade que presenciei nas famílias das classes C e D. Embora a conversa tenha durado quase duas horas nas duas residências, ela não foi suficiente para engajar todos os participantes.

Como não tenho fotos das famílias da classe B[86], as Tabelas 17, na página 110 e a Tabela 18, na página 121 sobre estilo de vida das famílias, apresentam um comparativo onde é possível se observar diversos itens, que vão desde a vestimenta até a alimentação e o entretenimento. Segue abaixo um comparativo entre as famílias onde pode-se observar em perspectiva o modo de receber das famílias participantes.

[86] As fotos das famílias da classe B foram perdidas na passagem do cartão de memória da máquina fotográfica para o computador.

Tabela 15 – O modo de receber das famílias			
Características	Famílias da classe D	Famílias da classe C	Famílias da classe B
Importância da pesquisa	Grande importância. Atenção e dedicação.	Grande importância. Atenção e dedicação.	Não importante. Displicência e ritualização.
Significado do receber	Aproximação; sentir-se parte da família/grupo.	Aproximação; obrigação de preparar ritual para o receber, expressando capital cultural.	Formalidade, distanciamento, ritualização, expressando capital econômico e cultural.
Modo de receber	Acolhedor e sem restrições. Falta de rigor em oposição aos conformes.	Acolhedor e sem restrições. Falta de rigor em oposição aos conformes.	Moderado, funcional, objetivo. Em consonância com as regras.
Conhecer os cômodos da residência	Demonstração de informalidade e tentativa de aproximação.	Demonstração de informalidade e tentativa de aproximação.	Inexistente. Separação grande entre o que é privado e o que é público.
Oferta de comida e bebida	Sem elaboração. Simples no modo de ofertar e nos utensílios utilizados, comunicando funcionalidade.	Mais elaborada que a classe D, com oferta maior de comida e bebida e uso maior de utensílios, mas sem a sofisticação da classe B.	Elaborada. Comidas e bebidas sofisticadas, com o uso de utensílios específicos. Expressão do capital econômico e cultural.
Lugar de receber	Cozinha. Poucos espaços funcionais e reduzidos ao mínimo das atividades dentro da casa: domir e comer.	Sala. Cozinha pequena demais para receber visitas.	Sala de estar. Residências com vários cômodos de funcionalidade específica.

3.4 - As escolas

A participação do Max aconteceu a partir do momento em que a coordenação de ensino da escola aceitou participar da pesquisa e destinou a professora de sociologia para me acompanhar durante a aplicação dos questionários. Os questionários foram aplicados em todas as classes do ensino médio: 1ºA e B, 2ºA e B e 3ºA, totalizando cinco classes. A aplicação começou com um pré-teste na turma do 1o A. Primeiro, apresentei-me e expliquei o conteúdo da pesquisa. Depois, distribui os dois questionários (para alunos com computador e para alunos sem computador). Eu tinha em mente que os alunos terminariam o preenchimento dos questionários nos 35 minutos de aula restantes. Mas muitas perguntas surgiram. Muitas delas estavam relacionadas ao entendimento das perguntas e à própria tecnologia, apesar do meu esforço em escrever o questionário com estrutura gramatical e de vocabulário simples e termos relacionados

à tecnologia simples e bem explicados. Alguns exemplos de dúvidas levantadas pelos alunos do Max: "minha casa tem apenas um cômodo [com sala, cozinha e quarto], qual devo escolher como resposta [as alternativas para resposta eram o número de salas, quartos e banheiros]", resposta: escolha a alternativa "quarto"; "posso considerar o amigo da minha mãe como família?", resposta: se ele estiver morando na sua casa, sim; "a internet em casa tem conexão clandestina, onde coloco isto?", resposta: coloque na opção outros e responda a pergunta "qual?". Outra dificuldade encontrada foi que muitos alunos não se esforçaram para terminar o questionário no tempo da aula. Deixei que aqueles alunos do pré-teste que não terminaram o preenchimento do questionário no tempo restante da aula levassem tais questionários para casa. Foi, então, quando voltei na próxima semana para apanhar os questionários, que notei que alguns alunos o haviam perdido, outros o esqueceram, outros deliberadamente não o responderam. Precavido, eu havia levado cópias suficientes para os alunos que não entregaram os questionários. Assim, na mesma segunda aula que fui coletar os questionários, tive de aplicá-los uma segunda vez. A partir de então, combinei com a professora de sociologia que aplicaria os questionários em classe para as demais séries. Pelo lado da professora, ela daria um ponto positivo para os alunos que entregassem os questionários preenchidos, sendo este o incentivo para os alunos responderem o questionário. Apesar do desinteresse dos alunos – acredito que já havia uma rixa entre os alunos e a professora e a própria matéria de sociologia em todas as séries, fato que complicou um pouco a aplicação dos questionários – o processo como um todo foi um pouco tumultuado. Ouvi várias vezes as seguintes frases: "Isto [sociologia] não cai no vestibular, não me interessa"; "Onde vou aplicar sociologia na minha vida?"; "Você [professora] não dá aula e inventa coisas para a gente fazer". Foi difícil conseguir ser carismático com os alunos a ponto de fazê-los responder os questionários – às vezes tive de tomar as rédeas dentro da sala de aula para que os alunos se comportassem e tivessem foco na resposta dos questionários[87]. Foi difícil manter a classe concentrada para responder os questionários. Além do desprezo pela aula de sociologia, eles viam o preenchimento do questionário como uma oportunidade de socializar e contar sobre o que aconteceu durante o fim de semana (as aplicações aconteceram durante as manhãs de segunda-feira). Tive de ser vigilante e impositivo

[87] Os alunos pareciam bem desinteressados não só por Sociologia, mas pela escola como um todo. Muitos confessaram nem pensar na faculdade, por que querem primeiro arrumar um emprego "para juntar dinheiro". Durante minhas visitas à escola, apartei três brigas entre alunos da mesma sala e alunos de salas diferentes. Manter o foco dos alunos dentro da sala de aula foi um desafio. Eles saiam e entravam da sala e todos os dias tive de buscar pelos corredores alunos que não queriam entrar na aula.

muitas vezes para conseguir com que os questionários fosse preenchidos adequadamente. Após o preenchimento dos questionários pelas duas primeiras séries, um segundo ano e um terceiro ano, totalizando 75 questionários, voltei mais uma vez a visitar todas as séries para tirar as dúvidas sobre respostas inconsistentes pela última vez (aproveitei todas as visitas para questionar os alunos com respostas inconsistentes, até porque os alunos faltam muito às aulas, principalmente de sociologia). Precisei visitar o Max por sete vezes entre setembro e outubro de 2009 para finalizar o processo de coleta de dados.

É importante comentar sobre as (mini) sessões de grupo focal realizadas toda vez que eu visitava uma classe. Foram tomados os últimos dez ou cinco minutos para fazer algumas perguntas baseadas em algumas dúvidas que advinham das respostas dos alunos nos questionários. Embora com tempo muito limitado, estas sessões foram importantes para coletar informações qualitativas rapidamente já que não haveria a possibilidade de fazer uma sessão inteira de *focus group* fora do tempo determinado para as aulas porque muitos alunos vivem em bairros distantes da Vila Madalena e dependem de transporte especial providenciado pela prefeitura e esse transporte acontece apenas uma vez por dia.

A aplicação dos questionários na escola Oswald teve uma dinâmica mais assertiva. A aplicação ocorreu durante as aulas de literatura. Os questionários foram aplicados no 1ºA e B e 3ºA. É importante mencionar que os questionários não foram aplicados no segundo ano porque eles estavam em semana de prova e a aula de literatura foi adiada na semana das entrevistas, o que impossibilitou o uso das aulas de literatura para aplicação do questionário, caso contrário, o conteúdo seria atrasado. A aplicação transcorreu de maneira mais rápida, sem tumulto e sem a necessidade de eu "tomar as rédeas" dentro da sala de aula, como foi na escola Max. Foi uma dinâmica tranquila e interativa. Foi interessante notar que as questões dos alunos relativas às perguntas do questionário foram bem pontuais. Não houve perguntas sobre entendimento das perguntas (semântica) e nem sobre tecnologia. Os alunos estavam bem confortáveis com o questionários (embora houve algumas reclamações sobre sua extensão) e estavam confortáveis também com o tema do questionário: tecnologia. Alguns exemplos de perguntas são: "moro alguns dias da semana na casa do meu pai e alguns dias na casa da minha mãe, que casa devo escolher para responder o questionário?", resposta: escolha a casa onde você mais gasta tempo acessando a internet; "uso mais de dois computadores, qual deles devo usar para responder o questionário?", resposta: pense naquele que você mais gasta tempo acessando a internet; "devo

considerar o quarto e o banheiro da empregada como cômodos da minha casa?", resposta: conte apenas os cômodos usados pela sua família; "o escritório deve ser considerado como o quê?, resposta: conte como quarto e escreva entre parênteses (escritório). É importante mencionar que as respostas foram específicas e foi necessário contatar poucos alunos para esclarecer dúvidas sobre respostas inconsistentes (algo que fiz durante minhas quatro visitas à escola). A dinâmica dentro da sala de aula foi bem tranquila - os alunos de todas as séries entrevistadas se mostraram bem interessados na pesquisa e, 90% dos alunos terminaram o preenchimento do questionário em um prazo de 50 minutos (as aulas têm duração de 70 minutos). Estes dados demonstram a competência intelectual para entender as perguntas e a disciplina para responder no tempo requerido. Os alunos ainda fizeram perguntas sobre como a USP iria usar os dados e qual a situação da internet em outros países, o que se faz notar que estes estudantes têm familiaridade com o mundo intelectual. Seus horizontes culturais vão além das fronteiras do Brasil, já que outros países são relevantes em suas perspectivas. A Tabela 16 abaixo indica de forma comparativa a dinâmica de aplicação dos questionários nas escolas.

Tabela 16 – A dinâmica de aplicação dos questionários nas escolas

Características	Escola Max	Escola Oswald
Dinâmica	Tumultuada, morosa e repetitiva.	Tranquila, rápida e funcional.
Importância dada à pesquisa pelos alunos	Pouca, assim como qualquer atividade relacionada à escola.	Grande. Alunos curiosos, atentos e críticos.
Entendimento das perguntas do questionário pelos alunos	Necessidade de explicar as questões tanto em termos de significado semântico quanto de tecnologia.	Sem necessidade de explicar questões.
Perguntas dos alunos	Relacionadas ao entendimento das questões.	Relacionadas às diversas possibilidades de resposta, cujas questões não pareciam considerar.

3.5 - A descrição dos estilos de vida

As informações e análises deste item tratam dos estilos de vida das famílias e dos alunos entrevistados, entendidos como um conjunto de preferências que se articulam segundo padrões gerais aplicados a cada conjunto de signos expressos através de suas propriedades: decoração da casa, os móveis e a sua distribuição, livros, roupas, alimentação e também das práticas: consumo de cultura, viagens, esporte, linguagem verbal e expressão corporal (Bourdieu, 2008, p. 165). A descrição dos estilos de vida desta pesquisa foi baseada na observação etnográfica multisituada

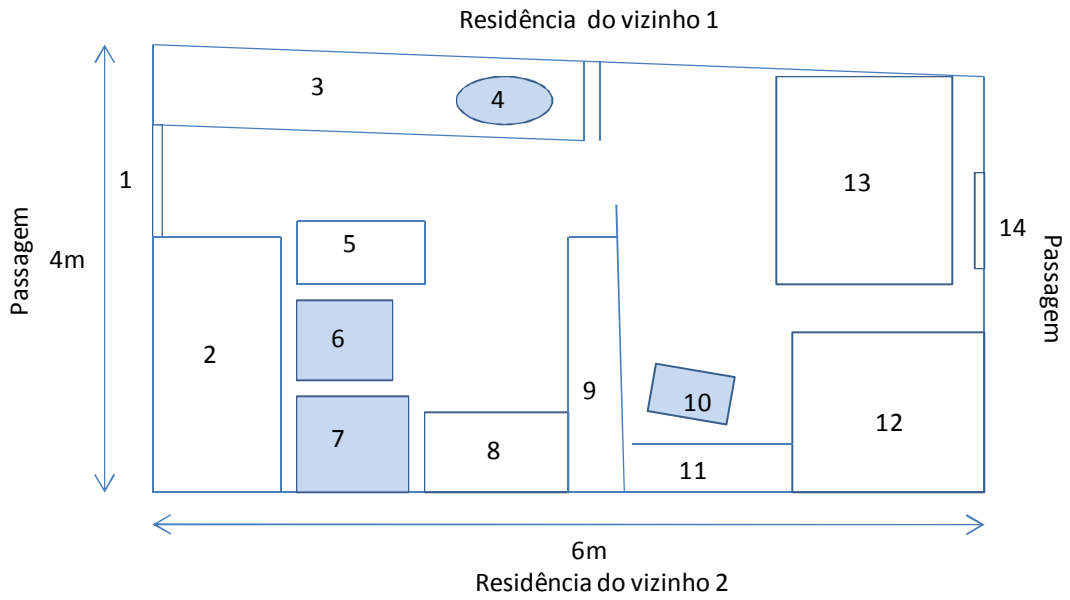
na residência das famílias de maneira a entender as diversas propriedades e práticas que indicariam as condições de vida destas famílias. Para cada campo do espaço social, existe uma estrutura de distribuição dos diferentes tipos de capital cuja configuração corresponde, através do *habitus* a um certo estilo de vida. A forma assumida em determinado campo pelo capital objetivado e pelo capital incorporado é que define uma determinada classe social. Esta forma assumida é o princípio responsável pela geração das práticas distintivas, entendidas como classificadas e classificantes (Bourdieu, 2008, p. 107). O conceito de *habitus* torna inteligível a relação entre o volume e distribuição do capital e os traços diferenciais associados a um estilo de vida que se exprime em um conjunto variado de práticas. O *habitus* possui duas capacidades interrelacionadas: ele é um sistema gerador de práticas e, ao mesmo tempo, um sistema que classifica tais práticas. É nessa relação entre estas duas capacidades que se constituem os estilos de vida ou mundo social representado (Bourdieu, 2008, p. 162). Os estilos de vida são produtos do *habitus* que é uma estrutura estruturante enquanto organiza tanto as práticas quanto a percepção destas práticas. Assim, as práticas geradas pelos diferentes *habitus* são propriedades que expressam distâncias diferenciais (Bourdieu, 2008, p. 164). Guiado por essa perspectiva, apresento aqui uma comparação entre condições materiais e simbólicas das famílias e dos estudantes, explorando as diferenças que distinguem entre si os espaços sociais hierarquizados da cidade e os modos como os objetos tecnológicos se incluem diversamente nesses ambientes desiguais.

3.5.1 - As famílias

Logo à entrada da residência, estavam vários servidores antigos, incluindo um Apple. Todos sem condições de funcionamento. O Marcos foi juntando estes equipamentos graças a alguns amigos que trabalhavam com informática e a alguns condôminos do prédio em que trabalha, que sabem que ele gosta de computadores. Uma família de condôminos tinha uma empresa que faliu e doaram estes servidores velhos para o Marcos. Além dos servidores, Marcos tem mais quatro CPUs antigas. Ele quer consertá-las para vendê-las e fazer algum dinheiro. As CPUs estão acima dos servidores e encostadas à parede da entrada. Ao lado dos servidores está instalado, em uma estante de madeira, um computador *desktop* com um monitor tela plana de 13

polegadas (que o Marcos ainda está pagando). Sua conexão à internet é clandestina (ele paga 50 reais por mês). Ele a chama de "gatonet". Adiante do cômodo onde está instalado o computador (que é o mesmo onde está a cozinha), existe um quarto mal iluminado onde há uma janela pequena que dá para uma ruela/passagem da favela. O calor dentro do barraco é indiscritível, já que a única porta da residência, a família a mantêm fechada para que as pessoas que passam em frente ao barraco não vejam o que eles têm, então, a única ventilação é esta janela pequena no cômodo usado como quarto. Neste cômodo existem duas camas onde dormem o casal e os filhos. Neste mesmo quarto existe uma televisão em cores de 21 polegadas na qual, no momento da entrevista, as crianças estavam assistindo desenho animado. Eu me sentei quase em frente ao computador. Atrás de mim estava o pequeno espaço usado como cozinha (eu estava praticamente dentro desta pequena cozinha para ser exato). A cozinha continha uma geladeira bem velha, um fogão quatro bocas muito sujo onde apenas duas bocas funcionam e uma pequena pia. A pia ficava ao lado do fogão e a geladeira bem encostada no fogão (para abrir a geladeira eu deveria me levantar) de maneira que não era possível abrir a porta do forno. Todas as paredes que não tinham estantes de madeira (construídas com pedaços de madeira achados pelo Marcos ou doados por vizinhos) com produtos de informática, caixas de papelão, latas, utensílios domésticos antigos (e mais uma variedade grande de objetos, todos empoeirados) tinham roupas penduradas em cabides de plástico. Algumas roupas estavam embaladas em sacos plásticos, as quais possivelmente eram roupas para eventos importantes, como ir à igreja, já que observei um terno embalado. A Figura 2 abaixo indica o posicionamento dos móveis e eletrodomésticos dentro da residência assim como o local de instalação do computador. Importante notar que os móveis não estão em escala mas permitem ao leitor ter uma ideia bem aproximada das dimensões da residência e onde os móveis e eletrodomésticos estão situados.

Figura 2 – Residência da Família 1



Notas: As dimensões da residência assim como dos móveis e eletrodomésticos são aproximações. Os números indicam: 1- porta de entrada; 2- estante de madeira com diversos objetos, incluindo servidores antigos; 3- estante de madeira basicamente com servidores e computadores antigos, incluindo alguns monitores e onde o ventilador estava situado; 4- computador com acesso à internet (incluindo monitor de tela plana, *webcam* e CPU); 5- estante de madeira com objetos diversos, incluindo roupas em cabides; 6- geladeira; 7- fogão de quatro bocas; 8- pia (ponto de água); 9- estante de madeira com utensílios de cozinha (pelo lado do quarto, havia muitos cabides com roupas de toda a família); 10- televisão em cores; 11- estante de madeira com objetos diversos, incluindo itens de higiene pessoal; 12- cama usada pelo casal; 13- cama usada pelas crianças (para ver televisão); 14- janela lateral tipo "de correr".

A estrutura da residência é feita com uma mistura de placas de lata, pedaços de plástico, madeira e alvenaria. A parte da frente, onde está a entrada, é uma mistura de placas de lata, madeira e plástico. A porta e o batente são de madeira. As paredes que são divisas entre o vizinho 1 e o vizinho 2 são feitas de alvenaria e rebocadas. A parede do quarto que dá para uma passagem é de madeira. O teto da residência tem estrutura de madeira e telhado de brasilite, sendo uma ou duas peças transparentes situadas em cima da cozinha para iluminação. Existe também uma parede de madeira que divide a cozinha do quarto. Esta parede tinha, pelo lado da cozinha uma estante baixa (item número 9 da figura acima) com utensílios de cozinha e do outro lado roupas (de todos os membros da família) penduradas em cabides. Finalmente, o chão é de cimento. A estrutura para energia elétrica era precária (com fios expostos) mas funcional, já que

estava presente em toda a casa e suportava geladeira, ventilador, computador e televisão ligados ao mesmo tempo. Interessante mencionar que havia apenas um ponto de água na casa, o qual estava no espaço reservado à cozinha. Em minhas conversas com o Marcelo, entendi que o banheiro usado pela família está fora da casa – é um banheiro coletivo (estilo fossa) usado por várias famílias da comunidade. A desorganização, a sujeira, assim como a falta de iluminação e ventilação estão em contraponto frontal com as residências das famílias da classe B, que primam pela estética expressa na decoração e na organização dos móveis e objetos e cuja construção das casas tiveram participação de um engenheiro e/ou um arquiteto para determinar pontos de iluminação, ventilação e água.

A segunda descrição diz respeito às minhas anotações do caderno de campo sobre a minha primeira visita à família do Cingapura (Família 4). As famílias da classe C analisadas são similares no contexto de propriedades objetivas e valores simbólicos, como pude averiguar comparando as anotações no meu caderno de campo relacionadas às três famílias. O texto abaixo apresenta as descrições do bairro, do conjunto habitacional, arquitetura da residência e de seus móveis e objetos e respectiva localização. A intenção é fazer o leitor entender com detalhes o ambiente em que eu estava inserido e no qual vive a Família 4 (classe C). Logo após este texto, adicionei o descritivo da minha visita à Família 7 (classe B)[88] para manter a dinâmica comparativa das análises. Adicionei fotos da residência Família 4 para que o leitor tenha uma perspectiva mais apurada da descrição. Como já mencionado anteriormente, infelizmente as fotos das famílias da classe B foram perdidas.

Primeira visita à Família 4

Cheguei a casa da Família 4 em uma quinta-feira, às 9h30 conforme combinado. A casa fica no conjunto habitacional Cingapura, perto da favela São Remo, a 100 metros da avenida do Rio Pequeno (o que os moradores chamam de "avenida"). Para se chegar lá de carro – usei meu carro para fazer as visitas – deve-se ir até o final da avenida Queiroz Filho e se manter à direita. Na primeira entrada à direita, segue-se até a avenida do Rio Pequeno, onde entra-se à direita. Anda-se por mais ou menos 500 metros, vira-se à esquerda novamente e mais 100 metros chega-se ao conjunto habitacional. O caminho é um pouco complicado mesmo.

O bairro tem, em sua maioria, casas de pequeno porte e sem pintura. Possui ainda infraestrutura de água, esgoto, energia elétrica, asfalto e sistema de transporte. Vi pouquíssimas árvores ou áreas verdes no bairro. As casa vizinhas ao Cingapura são casas pequenas, geralmente com

[88] Como já mencionado, a Família 6 não se sentiu confortável em levar-me para conhecer os cômodos da residência.

garagem para um carro na frente, o que dificultava o estacionamento do carro. Eu tentei estacioná-lo em frente do conjunto habitacional para ficar claro para os jovens que estavam na rua (e que ficaram me observando enquanto procurava uma vaga de estacionamento). Eu fiquei um pouco receoso sobre ter de deixar o carro ali. Fiz questão de que eles me vissem entrando no Cingapura, com a intenção de que pensassem que estava visitando alguém da comunidade, portanto, meu carro estaria seguro. Eu cumprimentei todas as pessoas que encontrei entre meu carro e a casa do Luciano e sempre me apresentei quando cabia. Desta maneira, pensei que os moradores já poderiam ir ficando mais acostumados com minha presença e já saberiam que eu era "o estudante da USP que está fazendo pesquisa na casa do Luciano", o que me pareceu ser um "escudo" contra qualquer problema. Na rua havia muitos carros relativamente antigos. Em muitos era possível ver que foram batidos e consertados várias vezes pois a lataria estava amassada ou de uma cor diferente da original (e às vezes até sem pintura). No final da rua havia uma oficina mecânica, um bar e uma lojinha com diversos produtos disponíveis, de pão até produtos de limpeza. Todos são estabelecimentos pequenos e têm em sua maioria clientes que moram nas redondezas mas principalmente do conjunto habitacional, segundo pude confirmar com Luciano já nesta primeira entrevista. A entrada do conjunto habitacional era limpa mas tinha as paredes sujas. Para se conseguir entrar dentro do edifício é preciso passar por uma porta de vidro, a qual pode ser aberta pelo internefone (que não funcionava). Assim, era comum que pessoas ou usassem o telefone celular ou gritassem o nome de alguém para abrir a porta de entrada. A Foto 3 abaixo mostra a fachada e entrada do bloco do apartamento do Luciano.

Foto 3 – Fachada e entrada do prédio da Família 4

Como averiguei com o Luciano nesta primeira entrevista, este Cingapura foi construido para abrigar a população da antiga favela que estava onde o conjunto habitacional foi construido. São

quatro blocos de sete andares cada um (dois andares estão abaixo do nível da rua de cima, onde estes dois andarem dão para a rua de baixo, em um declive). Os blocos são pintados de vermelho escuro. O conjunto habitacional tem um salão de festas pequeno e uma quadra poliesportiva. Nos corredores do conjunto, é possível perceber que a prefeitura toma o cuidado de fazer um censo periódico (havia um quadro de avisos no primeiro andar onde havia papéis como este do censo prefeitura e outros sobre vendas dos mais diversos tipos de produtos, incluindo celulares e cosméticos). Os moradores sabem que o censo é "fachada". O censo é para saber se as famílias que têm o direito de posse (e não propriedade) ainda estão vivendo no imóvel e não o sublocam o ou o revenderam. A prática da revenda é algo comum. Não existe contrato firmado em cartório – eu soube que algumas pessoas (possíveis compradores) levam a pessoa que tem o nome registrado na prefeitura (e de posse do imóvel efetivamente) até o cartório onde é feito um contrato entre as partes, mas sabe-se também que a prefeitura ou qualquer outra pessoa competente pode contestar este contrato na justiça. Assim, existem vizinhos do Luciano que fizeram este contrato. Um imóvel no bloco da Família 4 – o mais caro porque é o mais quieto e não tem traficantes, assaltantes ou ladrões, ou seja, "não é barra pesada" segundo o Luciano – custa até 25 mil reais. É possível comprar apartamentos por até 10 mil, dependendo das condições do apartamento, se é pagamento à vista ou não, e dependendo do bloco. Em tempo: o Luciano afirmou que "aqui a palavra da pessoa vale mais que qualquer contrato".

Cada andar tem quatro apartamentos de mais ou menos 50 metros quadrados. Todos os espaços comuns apresentam portas de entrada dos quatro apartamentos do andar. Apesar de bem iluminados, estes espaços tinham as paredes pintadas de branco mas estavam bem sujas. O espaço comum entre os apartamentos e nas escadas que ligam todos os andares (o conjunto não tem elevador) eram uma extensão dos apartamentos – em todos eles havia objetos diversos como bicicletas, carrinhos de bebe, vazos de plantas, skates, brinquedos diversos, livros e revistas, caixas com diversos itens que estão para serem vendidos ou jogados fora. Há vários dizeres religiosos nas portas, além de cartazes que sinalizam a venda de celulares, geladeiras, bicicletas etc., os quais incluem o telefone de contato. Em cada área comum de cada andar existe um ponto de energia elétrica e, nas escadas, entre um andar e outro, existe uma janela para ventilação e iluminação. Andando pelas escadas que dão acesso aos andares do prédio era possível escutar diversos tipos de música – pagode (predominante), hip hop, gospel e aquelas provavelmente tocadas nas missas evangélicas. Era uma mistura bem grande de estilos. O cheiro de comida caseira estava em todos os andares quando eu saia da residência da Família 4 entre 11h ou 11h30 da manhã. A Foto 4 mostra o interior do prédio.

Foto 4 – Interior do prédio Cingapura

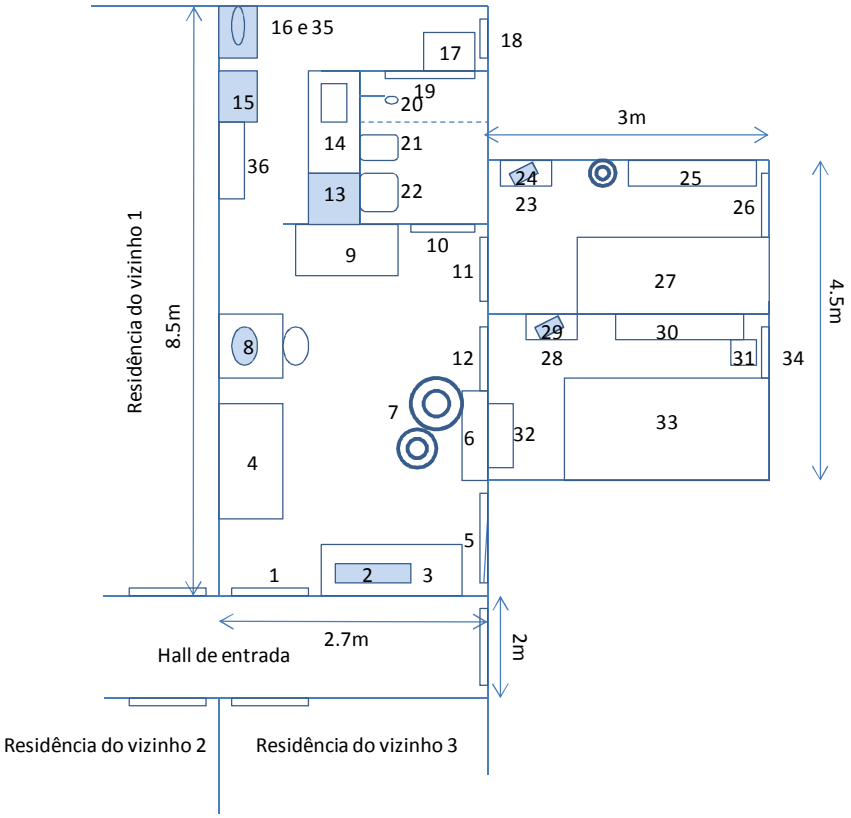
Os apartamentos, como depois confirmei com o Luciano, são todos iguais em termos de arquitetura e metragem. Eles têm uma sala para onde dão as portas dos dois quartos e do banheiro. Existe uma entrada ao fundo da sala, ao lado da porta do banheiro, que dá para a cozinha (é possível ver a cozinha da sala) e, após a cozinha, uma pequena lavanderia. O maior cômodo dos apartamentos é a sala. Já dentro da residência, pude observar que a família possui diversos aparelhos eletrônicos. Existe na sala perto da porta de entrada, um rack preto com uma televisão de 30 polegadas colorida, DVD *player* (que eles dizem só comprar vídeo pirata na "avenida"- não alugam), um *home theater* (doado pelo ex patrão do Luciano); um PlayStation versão dois; fogão; geladeira e freezer (novos); microondas (antigo); chuveiro elétrico grande (proporcionalmente ao banheiro); liquidificador e mixer. Ademais, apenas o filho mais novo não possui celular. São celulares simples, sem muitas funções mas em bom estado de uso. Todos são Nokia. Obviamente, existe também o computador (HP) comprado nas casas Bahia e a impressora doada pelo ex-patrão do Luciano. Alguns eletrodomésticos foram doados, outros foram comprados em diversas lojas – desde Casas Bahia (microondas) até Extra (geladeira e fogão). Fios de eletricidade que conectam os aparelhos à única tomada perto do rack estão por toda a parte.

A sala tem dois sofas com estampas diferentes, sendo um pequeno e outro grande. Ainda, a sala tem uma estante pequena e estreita, com fotos da família, diversos instrumentos musicais de percussão e alguns livros, a maioria sobre religião – a família frequenta uma igreja Batista na Lapa. Entre um sofá e outro – dispostos em "L" – há a entrada da cozinha e, um pouco antes desta entrada está instalado o computador. Todos os dois quartos possuem um televisão antiga de 14 polegas, em cores. Os quartos têm mobiliário bem simples. O chão da casa toda é coberto por um piso de madeira marrom claro doado pelo ex patrão do Luciano. A cozinha, pequena mas com todos os itens básicos – fogão novo, geladeira nova, um microondas antigo, um freezer pequeno, uma bancada que deveria servir para as refeições, mas as refeições são feitas todas na sala, em frente à tv ou ao computador. A Figura 5 abaixo refere-se à sala da residência.

Foto 5 – Sala da residência da Família 4

O apartamento tem as paredes pintadas de azul e as portas pintadas de bege claro (com exceção da porta de entrada, envernizada em cor marrom). Há poucos pontos de luz e de eletricidade mas a residência é bem iluminada por janelas em todos os cômodos. Ainda, o apartamento parece ter sido construído para quatro pessoas apenas. Acredito que uma família maior teria problemas de espaço, com talvez, pessoas dormindo na sala ou dividindo o quarto do casal, já que o quarto dos meninos é bem pequeno e não comportaria mais uma cama ou outro beliche. A Figura 3 abaixo ilustra o apartamento da Família 4 em termos arquitetônicos e a disposição dos móveis, que quando comparado à Figura 4 e à Figura 5, nas páginas 103 e 104, pode-se notar as diferenças entre a residência da Família 4 e da Família 7, a qual tem vários cômodos com funções específicas e espaços exteriores para uso exclusivo da família como os jardins nas frente e atrás da casa e a garagem.

Figura 3 – Residência da Família 4



Notas: As dimensões da residência assim como dos móveis, eletrodomésticos e do hall de entrada são aproximações, não estão em escala. Os números indicam: 1- porta de entrada; 2- estante de madeira com TV tela plana de 30 polegadas; 3- *DVD player*, *home theater* e *video game* Xbox; 4- sofá de três lugares; 5- janela da sala que dá para a frente do conjunto habitacional; 6- estante com fotos, livros, revistas de música e instrumentos de percussão; 7- instrumentos de percussão; 8- rack (com cadeira) onde está instalado o computador *desktop* e a impressora; 9- sofá de dois lugares; 10- porta do banheiro; 11- porta do quarto dos meninos; 12- porta do quarto do casal; 13- fogão de quatro bocas; 14- pia; 15- geladeira; 16- freezer horizontal; 17- tanque de lavar roupas; 18- janela da lavanderia; 19- janela do banheiro; 20- área para banho (sem divisória com o resto do banheiro); 21- assento; 22- lavatório; 23- estante baixa de madeira; 24- tv em cores 14"; 25- armário para roupas; 26- janela; 27- cama estilo beliche; 28- estante baixa de madeira; 29- tv em cores 14"; 30- armário para roupas; 31- mesa de cabeceira; 32- penteadeira; 33- cama de casal; 34- janela; 35- microondas; 36- balcão para refeições.

Conforme havia pedido, estavam todos em casa para a entrevista na hora agendada. Pareceu-me estranho todos estarem em casa às 9h30 da manhã – pensei que os pais tivessem de trabalhar e os meninos, possivelmente deveriam estar na escola. Acontece que a dinâmica da casa é diferente do que eu pensava: a mãe entra às 13h na academia onde trabalha como vendedora, o pai trabalha à noite no seu grupo de pagode e durante o dia fica em função do grupo fazendo trabalho de banco, consertando instrumentos, dando aulas de percussão etc. O filho mais velho entra no trabalho às 13h e vai para a escola noturna às 18h30 (a aula começa às 19h) e o filho mais novo vai para a escola, levado por uma vizinha às 12h30 (a escola começa às 13h) onde fica até às 17h, quando também é levado de volta para casa pela mesma vizinha.

Cheguei, me apresentei e, como de costume tentei ser o mais amigável possível, simpático e humilde. Claramente, havia uma distância entre nós – um estudante da USP, que chega de carro, roupas diferentes etc. Eu tentei minimizar esta lacuna já percebida desde o começo dizendo que fazer pesquisa não é fácil, é uma vida difícil também, que fazia compras no Roldão (atacarejo perto da casa deles) – e eu fazia compras lá mesmo, era verdade – até para conhecer um pouco melhor o bairro, seus moradores e sua dinâmica. Quando disse isso, a Elaine (mãe, Família 4) já começou a falar dos preços das coisas e eu emendei que na Vila Madalena é tudo caro e o pai já disse que gosta dos bares mas não faz nada lá porque é caro e a conversa engrenou. Esqueci do questionário e da entrevista no momento. A mãe já preparou um café e eu, o pai e o filho mais velho começamos a falar de música – samba, MPB, pagode etc. A entrevista começou mesmo depois de uns quarenta minutos. Depois deste tempo de descontração, nos sentamos todos na sala e pedi licença para iniciar a entrevista.

A visita à Família 7

Cheguei a casa da Família 7 em um sábado às 10h30, conforme combinado. A casa fica no bairro Chácara Santo Antonio. Este bairro possui melhor infraestrutura de transporte do que o bairro da Família 4, o que está relacionado basicamente às condições físicas das ruas e respectiva sinalização mais do que ao sistema de transporte em si, embora esteja presente e seja eficiente. O bairro é arborizado, vê-se que as casas são maiores e têm melhor acabamento - especialmente em termos de pintura recente e paredes rebocadas -, onde a arquitetura privilegia a garagem para dois ou mais carros. O bairro também dá acesso relativamente fácil e rápido a shopping centers, escolas, creches, hospitais e às principais vias de trânsito da cidade, como a marginal Pinheiros. Diferentemente das minhas visitas à residência da Família 4, aqui não fiquei preocupado em estacionar e deixar o carro na rua (apesar da rua ser bem tranquila em termos de pessoas e trânsito de carros, diferentemente da rua da Família 4, onde havia muita gente) porque havia um guarda de rua na esquina próxima à casa da Família 7 (pago pelos moradores). Este fato, conforme explicado pelo seu Pedro, pai da Família 7, indica a preocupação dos moradores com a segurança de suas casas e dos moradores (principalmente durante a entrada e saída de suas residências) e a não confiança dos moradores de que a polícia consiga dar conta da criminalidade na cidade ou seja suficientemente rápida para inibir a ação de criminosos.

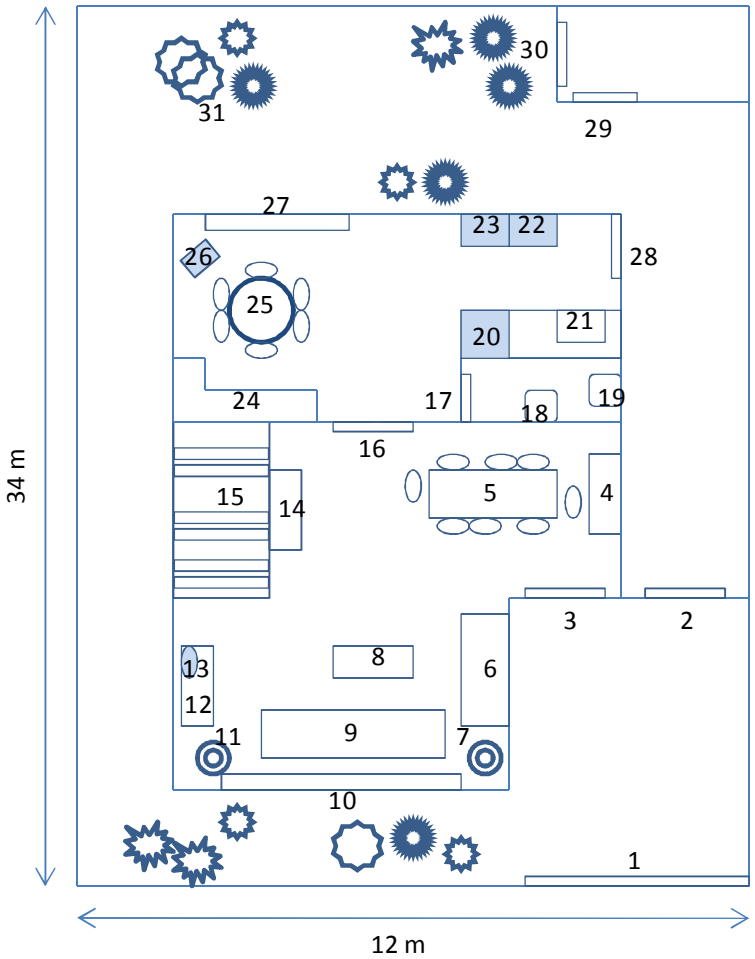
A casa da Família 7 tem garagem para um carro apenas, mas possui um jardim na frente e atrás da casa. Ela foi pintada recentemente de amarelo claro por fora e branco por dentro. Fui recebido na sala de visitas. Esta sala é grande, com uma janela ampla que dá para o jardim da frente da casa. Possui móveis bem cuidados e dispostos de maneira ordenada, combinando com a decoração dos quadros e objetos em exposição – é possível perceber a preocupação com a organização harmoniosa dos objetos que comunicam o capital econômico e cultural da família. São quadros grandes pintados à mão, com molduras elaboradas em madeira; objetos trazidos de viagens para fora do Brasil; presentes de amigos; tapetes de diversos tamanhos (tapetes não foram vistos nas residências das classes C e D, porque ele é considerado um item "caro e de difícil limpeza" (Elaine, Família 4)); abajours (que indicam haver na sala a disposição de

diversos pontos de luz, ao contrário da residência das famílias da classe C, onde poucos pontos de luz estão presentes nos cômodos, o que faz com que fios de eletricidade estejam expostos em quase todos os ambientes das residências). Em continuação à sala de visitas, estava a sala de jantar. Ela continha uma mesa de madeira escura para oito pessoas, onde havia um vaso grande com flores ganhas no aniversário de uma das filhas dois dias antes à visita. Próxima a essa mesa, havia um móvel onde era possível ver os objetos para os dias de festa em exposição: conjuntos de pratos, jarras, vasilhas, copos e taças. Ainda, no andar térreo, e passando pela sala de jantar, entra-se em um corredor, onde à direita existe um lavabo bem decorado com fotos de viagens. Estas duas salas, com seus objetos e suntuosidade estão dentro do conceito de mostrar para pessoas que visitam a casa (*display*) (Douglas, 1996, p. vi) o capital econômico e cultural da família que está intencionalmente neste cômodo para ser mostrado, como coloca Worsley (2001, p. 171):

> Intended to be seen by visitors as well as family, living rooms illustrate the art of putting on a show.

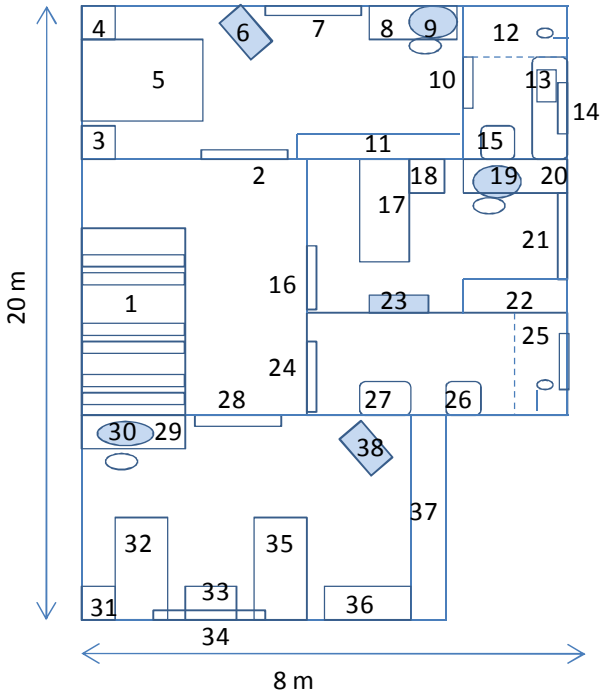
Na sequência, a sala de almoço, contígua à cozinha bem equipada com armários embutidos, duas pias, fogão de seis bocas, geladeira, freezer, microondas. A sala de almoço, uma mesa redonda com seis cadeiras e uma televisão. Nesta sala, havia um porta de vidro que dava para o jardim bem cuidado, ao fundo da casa. Neste jardim, havia uma edícula com um quarto e um banheiro. Nesta edícula, a emprega diarista troca de roupa e guardar seus objetos, além de passar e lavar as roupas da casa. Voltando à sala de jantar, ali existe uma escada que dá para os três quartos da casa no segundo andar. Eram quartos relativamente grandes, bem iluminados, organizados e decorados. Todos tinham armários embutidos e tinham televisão, diferentemente das famílias da Família 4, onde havia televisão na única sala da casa e no quarto dos pais. Cada quarto também tinha uma mesa de madeira que combina com a decoração (e não era um rack comprado especificamente para o computador como nas famílias da classe C, os quais não tinham a necessidade de combinação de cores e estilo com os demais móveis da sala) onde podia-se ver os *laptop*s usados pelos membros da família. Havia também um banheiro para uso dos dois quartos. O terceiro quarto, ocupados pelos pais da família, continha um banheiro e uma janela bem grande que dava para o jardim dos fundos da casa. É importante notar que o quarto para esta família é usado também para o uso do computador. Ademais, não existe televisão na sala de visitas e jantar, onde apenas está instalado o aparelho de som pois são lugares de socialização e "a televisão não permite isso; é falta de educação [assistir televisão com visitas]", segundo dona Gabrielle, mãe da Família 7. Abaixo, seguem as Figuras 4 e 5 que ilustram a casa da Família 7.

Figura 4 – Residência da Família 7 – Térreo



Notas: As dimensões da residência assim como dos móveis e eletrodomésticos são aproximações, não estão em escala. Os números indicam: 1- portão de entrada; 2- portão do quintal; 3- porta entrada principal; 4- móvel com pratos, copos, taças, talheres usados em ocasiões especiais; 5- mesa da sala de jantar; 6- sofá de dois lugares; 7- mesa com abajour e fotos de viagens; 8- mesa central com objetos de viagens e presentes; 9- sofá de três lugares; 10- janela grande que dá para o jardim da frente; 11- mesa com abajour; 12- estante com livros, fotos e objetos de decoração; 13- aparelho de som; 14- estante contendo objetos de decoração e bebidas; 15- escada para o primeiro andar; 16- porta para cozinha e sala de almoço; 17- porta do lavabo; 18- assento; 19- lavatório; 20- fogão de seis bocas; 21- pia; 22- *freezer*; 23- geladeira; 24- armário embutido; 25- mesa da sala de almoço; 26- televisão; 27- porta de vidro para jardim; 28- porta para o quintal; 29- porta da edícula; 30- janela da edícula; 31- plantas.

Figura 5 – Residência da Família 7 – Primeiro andar



Notas: As dimensões da residência assim como dos móveis e eletrodomésticos são aproximações, não estão em escala. Os números indicam: 1- escada de acesso ao primeiro andar; 2- porta do quarto dos pais; 3- criado mudo com fotos, despertador e abajour; 4- cama de casal; 5- criado mudo com fotos, despertador e abajour; 6- televisão; 7- janela; 8- mesa de madeira com cadeira; 9- computador *notebook*; 10- porta do banheiro; 11- armário embutido; 12- área para banho (com divisória de vidro); 13- lavatório com bancada; 14- janela; 15- assento; 16- porta do quarto do filho e do neto; 17- beliche; 18- criado mudo com livros infantis e brinquedos; 19- computador *notebook*; 20- mesa de madeira com cadeira; 21- janela; 22- armário embutido; 23- televisão; 24- porta do banheiro; 25- área para banho com divisória de vidro; 26- assento; 27- lavatório; 28- porta do quarto das filhas; 29- mesa de madeira com cadeira; 30- computador *notebook* com impressora; 31- criado mudo com livros, revistas e fotos; 32- cama de solteiro; 33- criado com abajour, fotos, despertador e objetos diversos; 35- cama de solteiro; 36- estante com roupas, sapatos, bijouterias, livros e fotos; 37- armário embutido; 38- televisão.

As descrições das residências através do número de cômodos e objetos relacionados à decoração da casa, comida e lugares das refeições etc., quando tomados em conjunto, comunicam determinados significados (Douglas, 1996, p. ix) que nos ajudam a entender a trajetória e a posição social de cada família. Tanto a trajetória quanto a posição social podem ser entendidas a partir do histórico de privação das famílias das classes D e C[89]. O histórico de privação está na base do princípio gerador de práticas, o *habitus*. Ele direciona as práticas e as escolhas que se refletem na estética em diversos níveis – na decoração da casa, na comida, no corpo, na socialização e no consumo de cultura, por exemplo. Assim, o gosto da necessidade

[89] O histórico de privação também é parte importante do *habitus* das famílias da classe D.

(Bourdieu, 2008, pag. 170) é o pano de fundo que faz a ligação entre as propriedades objetivas e os valores simbólicos. É nestas famílias que a substância e a função são determinantes em suas escolhas de consumo (Bourdieu, 2008, 187). Este histórico foi contado por alguns membros das famílias através da lembrança da vida difícil na favela ou há 20 ou 30 anos atrás: os trabalhos que tantos estes membros quanto os pais tiveram que fazer como limpador de vidros de carros, carroceiro, vendedor(a) de loja, operários(as), faxineiras e mecânicos; as dificuldade de acesso a serviços públicos como educação e saúde (a dificuldade de comprovar endereço e conseguir dinheiro para ir à escola); a infraestrutura ruim (em termos de arquitetura e acesso à água, luz e esgoto da moradia); a pouca privacidade em todos os níveis nos barracos e nas casas de poucos cômodos; o tipo de comida acessível: "Nunca passei fome mas comi muito arroz com feijão só, sem mistura" (Luciano, pai, Família 4) e a valorização do trabalho como impulsionador de consumo em detrimento da educação: "Meu pai e minha mãe me colocaram na escola mas eu trabalhei a vida inteira. Primeiro dentro de casa, cuidando dos meus irmãos e das minhas primas e depois, já mocinha, trabalhando de vendedora de loja. Nunca deixei de trabalhar." (dona Catarina, mãe, Família 5).

Diversamente, as famílias da classe B têm uma história de relativa facilidade de acesso a bens e serviços que as coloca em uma situação em que pretendem ter a forma e a maneira como mais importantes do que a substância e a função (Bourdieu, 2008, p. 187). Suas práticas têm aspiração de ser – e tomam como modelo – as práticas legítimas das classes superiores, que reproduzem e legitimam "Eu queria comprar um *notebook* da Apple, aquele branco, super legal, super chic... e caro, né? Mas acabei comprando este da HP mesmo porque estava com uma promoção super boa no Ponto Frio." (Patrícia, filha, Família 7). Este é o pano de fundo para se entender as práticas das famílias da classe B entrevistadas.

A decoração da residência das famílias da classe D é praticamente inexistente. A multifuncionalidade dos cômodos aliada à funcionalidade de móveis e objetos, na medida do possível, é que dão o tom do que está dentro da residência. A escolha dos móveis e objetos e sua disposição está associada à necessidade. É ela quem dita o que deve estar dentro da casa, cuja função é servir para o básico da moradia: espaço para dormir e espaço para comer. O entretenimento (televisão ou computador) deve acontecer onde se dorme ou onde se come. Não há espaço para decoração; quase não há espaço para a funcionalidade, como exemplifica o fogão cuja porta no forno não pode ser aberta por falta de espaço. Os espaços (pequenos), incluindo as

paredes da residência, devem atender o que é considerado básico, importante. Para além da função de dormir e cozinhar/comer e os respectivos móveis e objetos necessários, os espaços são usados para armazenamento: roupas, sapatos, higiene pessoal. E no caso da Família 1, os servidores e CPUs antigos.

Já para as famílias da classe C, os objetos de decoração são poucos. São comedidos no sentido de não serem ostentatórios e geralmente estão relacionados à família como fotos e toalhas de crochê feitas pela avó que recobrem sofás e prateleiras; e relacionadas também à religião, como a Bíblia em lugar visível, fotos de santos e cruzes de metal ou madeira na sala e nos quartos. Soma-se a isto é o calendário anual com imagens de Jesus penduradas nas paredes da cozinha, geralmente oferta da farmácia mais próxima à residência. A decoração dá espaço à multifuncionalidade da sala já que os quartos contém móveis apenas (no máximo uma televisão), pois são encarados como espaços para dormir: "Assisto minha novela na sala mesmo, não no quarto porque lá eu assisto um pouquinho e já caio no sono de tão cansada." (Monica, mãe, Família 3). A sala é o maior cômodo da residência. Ela é usada como espaço para se ver televisão, usar o computador, jogar *video game*, para fazer refeições, socializar com visitas de parentes e vizinhos e é também um espaço de armazenamento de objetos diversos como revistas, livros, caixas de costura e instrumentos musicais, como na residência da Família 4. Além de tudo isso, serve também como lugar para os filhos estudarem, isto é, não há um espaço que atenda as condições de silêncio e tranquilidade requeridas pelo estudo. Ou seja, é na sala da casa onde a maioria das práticas dessas famílias acontece. Ela é o lugar de socialização interna mais importante para a família e ponto de contato com o mundo exterior: é nela onde está localizada a única porta de entrada/saída da residência, é nela onde se recebe as visitas e é nela também onde estão a televisão e o computador para acesso de informações exteriores ao núcleo familiar. A facilidade de limpeza da casa também tem influência na decoração. Não raro, ela dita a organização não rigorosa e o número de móveis e objetos na casa: "Não gosto de muita coisa na casa porque sou eu que tenho de limpar, sabe? E ficar arrastando móvel e caixa eu não faço mais não. Ninguém me ajuda! Eu tiro pó, passo um pano... e uso produto de limpeza bom, tipo Veja. Tem de ser cheiroso. Porque o cheiro diz que você limpou mesmo." (Monica, mãe, Família 3). A Foto 6 abaixo apresentam parte da sala casa das Famílias 3 e 4. É possível observar a decoração da casa através da sobreposição de objetos e do desapego à organização e à estética.

Foto 6 – A sala da residência das Família 3 (d) e da Família 4 (e)

Para as famílias da classe B, a decoração expõe o pecúlio econômico, cultural e social: a televisão de plasma de 45 polegadas; o *home theater* da marca Sony (Família 7); fotos e objetos especiais trazidos de viagens e o capital social, como os presentes de amigos: "Esta caixinha é presente de um amigo super querido que mora em Milão." (Patrícia, filha, Família 7). A preocupação com a organização, estética e manutenção/limpeza da residência é evidente. Tanto a disposição dos móveis quanto dos objetos de decoração no interior da residência seguem uma organização que privilegia o cômodo onde estão tais móveis e objetos e a funcionalidade deste mesmo cômodo: sofás grandes de tecidos sem padrões e de algodão na sala de visitas e/ou na sala de estar; objetos mais valiosos do ponto de vista econômico e/ou simbólico na sala de visitas; mesa para refeições na cozinha e na sala de jantar; mesas para estudo nos quartos; *video game* estão nos quartos para além dos computadores. Os cômodos das residências não são multifuncionais, mas especializados já que as residências têm muito mais cômodos que das famílias das classes C e D. A sala de visitas ou a sala de estar também são lugares de acesso ao mundo exterior mas através das visitas de amigos e parentes. O computador e a televisão estão na sala de estar e nos quartos, sendo o computador *desktop* geralmente está no quarto e o *laptop* sendo usado nos diferentes cômodos da casa, mas mantendo seu espaço no quarto para carregar a bateria e para local de repouso quando não em uso.

O lugar de instalação do computador também varia entre famílias. Para as da classe D, o computador está instalado no cômodo onde está a cozinha (Família1) e no quarto (Família 2). O

computador está aí instalado porque no caso da Família 1, é o cômodo onde está a cozinha que mantêm a melhor infraestrutura de energia elétrica. No caso da Família 2, o computador está no quarto porque antes este cômodo era usado como sala e foi ali que a infraestrutura de telecomunicação foi instalada na residência e, também porque ali, além da cozinha, é o cômodo com melhor infraestrutura de energia elétrica. Para as famílias da classe C, o computador está instalado na sala porque é ali onde está a infraestrutura de telecomunicações necessária para conectar o computador à internet. Ademais, a sala é o único cômodo onde o computador cabe fisicamente e, por ser o computador um item de uso de praticamente todos da família, das crianças aos adultos, a sala é o lugar perfeito para que todos tenham acesso ao produto. As mães das três famílias da classe C tiveram de rearranjar a disposição dos móveis na sala para encaixar o computador e a mesa de apoio (rack) comprada especialmente para o computador. Nesta parte da análise, gostaria de adicionar os dados sobre o Sarará, cunhado do Juninho (pai, Família 3). Estes dados ajudam a entender, para além da infraestrutura de telefonia, a hierarquia estabelecida pela chegada do computador. Antes de ser instalado na sala, o computador, desde quando foi comprado, foi instalado no porão da casa, onde os amigos e vizinhos do Juninho (pai da Família 3) bebem cerveja, assistem jogos de futebol e usavam o computador para ver pornografia. O Sarará, cunhado do Juninho, também participava das reuniões no porão até que começou a frequentar a Igreja Universal do Reino de Deus "na João Dias porque a que tem aqui perto de casa [igreja da Universal] tem um monte de vizinho que vai e é uma fofoca só...". Apesar de não usar muito o computador "apenas para usar o Messenger com alguma paquerinha" ele determinou que o computador deveria sair do porão e ser instalado na sala "pois todo mundo pode usar, inclusive as crianças." Este fato está ligado a que pornografia "não é aceita na igreja [Universal], ela é uma decisão sua", então, ele achou que o computador (que ele comprou) na sala estaria alinhado com as diretrizes da igreja de não consumir pornografia – pouco adiantou porque o cunhado confessou ter visto pornografia com o computador mesmo na sala. Assim, a determinação da mudança do computador para a sala é um exemplo da hierarquia que pode ser estabelecida dentro da família com a chegada do computador. O computador para o Sarará tem um elemento de fazê-lo sentir-se próximo ao grupo social diverso com os qual está em contato: como trabalha como chapeiro em uma universidade da zona sul de São Paulo, ele tem como amigos não apenas o pessoal do lanchonete, mas também o pessoal que trabalha para a universidade e os alunos do curso de graduação em educação física, que o chamam para jogar

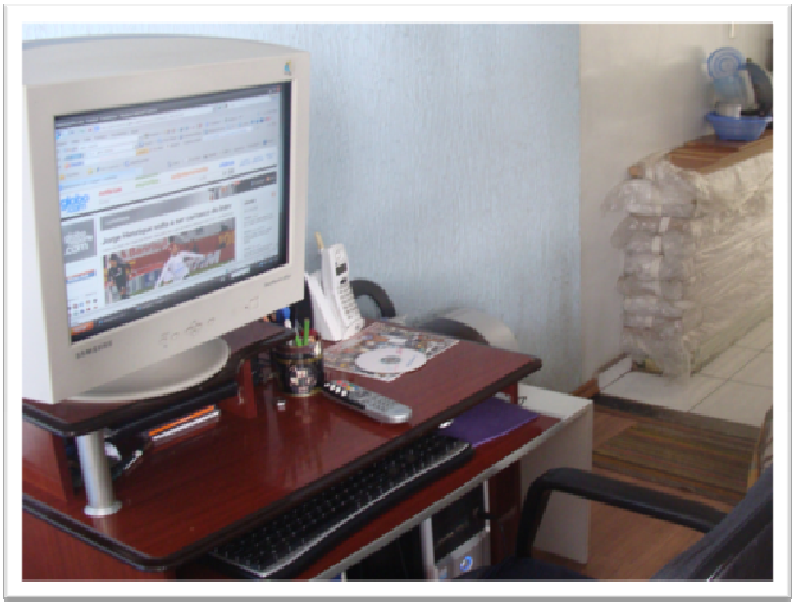
bola e tomar cerveja toda semana. São estes amigos da cerveja e do futebol que têm sido uma referência para ele no modo de se vestir (tênis, calça de marca, boné e óculos escuros) e na atitude com relação à educação "ano que vem eu vou aceitar o convite da faculdade para eu fazer de graça o curso de educação física", que ele já começou e parou uma vez porque "não conseguia conciliar o trabalho com as aulas". Como pessoas de referência, os alunos do curso de graduação de educação física foram a influência que o levou a comprar o computador, embora ele tenha pouca disposição para usá-lo. Estas atitudes do Sarará indicam seu desejo por inclusão naquele grupo de amigos do futebol – vide a roupa, para além da compra do computador –, e os limites objetivos e subjetivos a essa inclusão. Ele pertence ao grupo apenas enquanto jogador de futebol.

Para as famílias da classe B, o local de instalação do computador é o quarto: ele proporciona maior privacidade, não incomoda as pessoas que estão nos demais cômodos da residência e, ademais "... ele [computador] não combina com a sala de estar, nem de jantar, nem nada. Computador é para se usar no quarto ou no escritório, se tivéssemos um. Como agora moramos em uma casa menor, sem escritório, o computador deve ficar no quarto mesmo." (dona Gabrielle, mãe, Família 7).

Nas classes D e principalmente C, o computador é um produto que traz uma série de signos para a casa que o tem e para quem o usa. Ele está relacionado ao poder econômico (da compra e da manutenção), ao nível escolar, à rede social (virtual) e ao conhecimento de como operar o computador e seus diversos aplicativos. Assim, estabelece-se uma hierarquia entre as residências que têm computador e aquelas que não têm. Também existe uma relação de dominação entre os membros da família que tem computador e os vizinhos, parentes e amigos que solicitam o uso do computador (ou telefone ou queiram jogar algum jogo usando o PlayStation): "Às vezes eu não atendo o interfone ou a porta porque sei que é fulando querendo usar o computador ou o telefone. Às vezes, eles [vizinhos] querem usar o computador nas horas mais horríveis, à noite ou de manhã, quando a gente está para sair. Aí eu não atendo o telefone ou invento que estou sem internet ou que não paguei a conta do mês [do telefone]. Já cansei de pagar conta de ligação que não é minha e ter de aturar o fulano na minha sala uma hora no telefone e eu querendo assistir a novela, sabe? Vai usar [o computador ou telefone] quando eu achar que pode." (Elaine, mãe, Família 4). Esta hierarquia não foi observada nas famílias da classe B. No bairro e no prédio onde moram, todos têm seu telefone fixo e, geralmente, mais de

um computador na casa; o compartilhamento solidário de coisas com os vizinhos está fora do horizonte de práticas desses grupos.

Foto 7 – Computador na residência da Família 4



A Tabela 17 abaixo indica de modo comparativo como são diferentes as residências visitadas, as quais são representativas do estilo de vida das famílias acessadas. É possível observar que o número de cômodos e o investimento em itens de decoração (inclusive aqueles relacionados ao computador) crescem das famílias da classe D em direção às famílias da classe B. É possível observar que as práticas deslocam-se da substância e a funcionalidade para a forma e a maneira das famílias da classe D para as famílias da classe B.

	Tabela 17 – Os estilos de vida das famílias em perspectiva – a residência		
	Famílias da classe D	Famílias da classe C	Famílias da classe B
Arquitetura	Residências entre 1 e 4 cômodos, (sendo apenas um com ponto de água). Iluminação e ventilação interior ineficientes.	Entre 4 e 6 cômodos, sendo pelos menos dois cômodos com ponto de água. Iluminação e ventilação eficientes.	Mais de seis cômodos, com pelo menos três cômodos com ponto de água. Iluminação e ventilação eficientes e especializadas.
Infraestrutura da residência	Teto de brasilite e paredes de tijolo sem acabamento (Família 2) ou latão (Família	Presença de telhado e paredes de tijolo com acabamento (que precisa de	Presença de telhado e paredes de tijolo com acabamento com

	Tabela 17 – Os estilos de vida das famílias em perspectiva – a residência		
	Famílias da classe D	Famílias da classe C	Famílias da classe B
	1). Infraestrutura de energia elétrica, de água e esgoto deficiente.	manutenção). Infraestrutura de energia elétrica, água e esgoto eficientes.	manutenção em dia. Infraestrutura de energia elétrica, água e esgoto eficientes.
Privacidade	Sem privacidade	Pouca privacidade.	Muita privacidade.
Funcionalidade dos cômodos	Todos os cômodos são multifuncionais (na Família 1, pais e filhos dormem no mesmo cômodo). Sem espaço formal (mesa) para refeições, as quais acontecem em frente à televisão.	Sala é o ambiente multifuncional. Sem espaço formal (mesa) para refeições, as quais acontecem na sala, em frente à televisão.	Cômodos com funcionalidade definida e com espaços definidos para refeições e socialização. Presença de garagem e jardim.
Decoração	Praticamente inexistente. Espaços internos aproveitados ao máximo, contendo muitos objetos não relacionados à decoração (roupa, comida, televisão). Poucos móveis, cuja presença é estritamente funcional. Cabos de eletricidade expostos. Emaranhados de fios elétricos (do computador, da televisão, do rádio) expostos. Inexistência de lustres (lâmpadas penduradas por fios iluminam os cômodos). Sem presença de plantas ou flores.	Comedida, relacionada à família ou religião. Espaços internos com objetos não necessariamente relacionados à decoração (objetos musicais, táboa de passar roupa na sala; caixas de material de construção na cozinha). Móveis suficientes para o ambiente (sala com sofás, televisão e computador). Emaranhados de fios elétricos (do computador, da televisão, do rádio, DVD *players*) expostos. Acabamento da residência precisando de melhorias como pintura nova e instalação de interruptores. Inexistência de lustres em alguns cômodos mas lâmpadas estavam fixas no teto. Presença de flores de plástico na sala.	Existência de muitos móveis e objetos de decoração, condizentes com a função do cômodo e tem objetivo estético: fotos de viagens, quadros, presentes de amigos, objetos caros, como prataria e televisão grande. Acabamento da residência e cômodos com manutenção em dia. Lustres em todos os cômodos, incluindo diversos pontos de iluminação com abajoures. Presença de plantas e flores como itens importantes da decoração, dentro e fora da residência.
Ostentação	Sem ostentação. Atenção à funcionalidade dos objetos.	Ostentação está principalmente nos objetos eletroeletrônicos (geladeira, televisão, DVD, computador).	Ostentação não apenas nos objetos eletroeletrônicos mas nos itens de decoração (fotos de viagens, prataria).
Local de instalação/repouso do computador	Determinado pelo ponto de energia elétrica mais apropriado (aquele mais robusto e que não vai fazer a "energia cair").	Determinado pela infraestrutura de telecomunicações e pela "dona da casa" pela decisão do rearranjo dos móveis da sala para instalação do computador.	Geralmente nos quartos mas mobilidade dos *laptop*s (*wi-fi*) faz com que o computador possa estar presente em todos os cômodos da residência.
Móvel para instalação/repouso	Rack especificamente desenhado para	Rack especificamente desenhado para	Móveis que combinam com decoração do ambiente.

	Tabela 17 – Os estilos de vida das famílias em perspectiva – a residência		
	Famílias da classe D	Famílias da classe C	Famílias da classe B
do computador	computadores comprado em lojas como Casas Bahia ou Pernambucanas (no caso da Família 1, computador instalado em estante de madeira feita pelo Marcos). Sem necessidade de combinação com decoração da casa.	computadores comprado em lojas como Casas Bahia ou Pernambucanas. Sem necessidade de combinação com decoração da casa.	Geralmente mesas de madeira de boa qualidade, compradas em casas de móveis como TokStok, Etna ou em lojas da rua Gabriel Monteiro da Silva. Mesas com vários objetos especializados (abajour, cinzeiro, porta-canetas, peso para papel).

Para além da residência é possível analisar outros aspectos interessantes para ajudam a entender os contrastes entre as famílias das diferentes classes analisadas. Podemos tomar como um primeiro aspecto o corpo. Analisando-se o corpo como produto social, ele tende a reproduzir em sua lógica específica a estrutura que compõe o mundo social. A relação que um indivíduo mantêm com o mundo social pode ser expressa através do corpo pela maneira de apresentar-se (maneira legítima de posicionar o corpo e apresentá-lo) e pela maneira de comportar-se, já que o corpo é um vetor de sinais e também um produtor de signos, os quais são produtos de fabricação cultural. Os sinais e signos são apreendidos através de sistemas de classificação incorporados socialmente. A vestimenta e os adereços, o corte de cabelo, a barba, a forma de se sentar e comer etc. são marcas sociais distintivas cujos sentido e valor são dependentes dos recursos econômicos e culturais investidos. Estas marcas sociais distintivas são homólogas ao sistema de posições sociais (Bourdieu, 2008, p. 183).

Assim, é possível observar nas famílias das classes D que a vestimenta é marcadamente um item de funcionalidade cujo balizador é o preço e a facilidade de pagamento. A maioria das roupas (calças jeans, camisetas, sapatos, tênis) é destinada ao trabalho. Elas são compradas na 25 de março ou em lojas do bairro "porque a gente conhece a dona da loja e pode marcar [para pagamentos parcelados]" (Sonia, mãe, Família 2). Apenas uma pequena porção dos itens de vestimenta é destinada a ocasiões especiais como casamentos ou a igreja (vestidos, camisas, sapatos, ternos, gravatas). Para as famílias da classe C, a vestimenta tem um vetor funcional mas sem deixar de ser reveladora da personalidade de cada indivíduo. A vestimenta pode ser dividida entre roupas para ocasiões e roupas do dia-a-dia. As ocasiões especiais como casamentos, festas e a igreja requerem roupas especiais, como ternos, gravatas, vestidos, sapatos de bico fino,

sapatos de salto alto, relógios e bijouterias diversas. Geralmente as roupas são compradas em lugares do centro de São Paulo como ruas José Paulino ou 25 de março. A outra modalidade de roupas são aquelas consideradas de uso diário: shorts, bermudas, camisetas, camisetas de time de futebol, jaquetas esportivas, gorros, chinelos, presilhas de cabelo, óculos de grau, calça social, calça jeans, tênis, sapatênis, celular, carteira, bolsa, mochila etc. Roupas de uso diário também são usadas para ir ao trabalho e para ir à escola e são compradas geralmente nas lojas do bairro ou no shopping do parque Continental (peças especiais e de marca, geralmente associadas a datas especiais, aniversários e natal) assim como adereços – bijouterias e bolsas. Importante notar a combinação de peças de cores fortes, com padrão curto e bem ajustadas ao corpo para as mulheres. Já os homens usam roupas largas. As roupas do dia-a-dia estão associadas à noção de facilidade de compra (local e preço), de lavar, secar e passar e guardar e da possibilidade de usá-las muitas vezes.

Para as famílias da classe B, a vestimenta está associada à distinção social e ao lugar de uso mais do que à situação ou função. O lugar da compra, a marca além do estilo, são importantes no processo de compra e na escolha das peças de roupas e bijouterias as quais podem ser combinadas e trocadas entre pares dependendo do lugar em que se vai: "Compramos muitas coisas no shopping Morumbi porque é o mais próximo de casa. E porque tem as marcas [de roupa] que as meninas gostam. Eu mesmo não faço questão de marca... mas minhas filhas são moças, trabalham e gostam de sair, então, a roupa precisa ser condizente com o lugar em que elas trabalham. Não dá para ir mal vestida no trabalho, né? Aliás, não raro, nós usamos roupas uma das outras porque, dependendo da combinação ou lugar que você vá, uma camisa de uma e uma bijouteria da outra pode ficar bem e assim vamos economizando também, né? Uma pena homem não fazer isso..." (dona Gabrielle, mãe, Família 7). Para as mulheres, apenas as ocasiões especiais como casamentos e festas requerem compras "na José Paulino" assim como o uso de joias mais caras, geralmente herança de família ou presente do pai ou marido. As cores das roupas não são fortes mas estão ajustadas ao corpo (e não "bem ajustadas" como para as famílias da classe C), indicando a procura por um padrão de beleza que valoriza a magreza sem mostrar o corpo demais, sendo um padrão de peças mais próximo à moda presente nos shopping centers da cidade, tanto para homens quanto para mulheres.

A forma de se comportar e falar também é diferenciada entre as famílias. As famílias da classe D tem uma apresentação primeira de si mesmas muito tímida, passando uma ideia de

insegurança e em certa medida subserviente. Essa timidez inicial dá lugar à proximidade, tanto dos corpos (o tocar para chamar a atenção é bem comum) quanto da ideia de amizade e intimidade, o que me pareceu estar associado à segurança da relação social estabelecida. As famílias da classe C apresentam um comportamento tímido inicialmente. Mas este comportamento muda conforme o tempo passa. Ele dá espaço a fazer a visita sentir-se em casa, principalmente através da comida e, quando possível, da apresentação da visita a amigos e parentes. Sempre muito atenciosas, estas famílias entendem as informações providas pelas visitas de suas vidas como fator que facilita e agiliza a aproximação e a conexão. Já as famílias da classe B não apresentam timidez ao apresentar-se. Elas se colocam de "igual para igual", em uma relação estabelecida através das habilidades de comunicação moldadas na escola. A proximidade dos corpos é conquistada de maneira relativamente lenta e gradual. A contraposição entre as famílias está no que é decente ou vulgar, no distinto ou comum, na discrição ou apelativo, no forte e no leve, no modo comedido ou despachado, no que está na moda ou não. Ademais, o interesse assim como o tempo e recursos dedicados à representação de si mesmo estão vinculados aos ganhos materiais e simbólicos que eles podem proporcionar em determinada situação (Bourdieu, 2008, p. 194).

A alimentação também é um fator que deve ser entendido como uma das dimensões da relação com o mundo social e que expressa o estilo de vida de diferentes grupos sociais. A maneira como as diferentes famílias tratam desde a determinação do local de compra dos alimentos até o modo de servir, apresentá-los e comê-los nos trazem informações valiosas a respeito das práticas destas famílias (Bourdieu, 2008, p. 184). Para as famílias da classe D, a alimentação está ligada à ideia de resistência ao duro dia-a-dia destas famílias e à sensação reconfortante de saciedade. Para as famílias das classes C a alimentação está ligada à socialização, à resistência na luta do dia-a-dia, à sensação de abundância, à sensação de saciedade e à saúde. A socialização está ligada à reunião dos membros da família para que, sempre que possível, comam na mesma hora as refeições, principalmente nos fins de semana. Ela também faz parte da rede de solidariedade que existe entre parentes, amigos e vizinhos que se ajudam quando preciso: "O Junior acaba jantando na minha vizinha que vai pegar ele na escola todos os dias. Tem comida em casa mas ele acaba ficando por lá com os amiguinhos para brincar e come por lá." (Elaine, mãe, Família 4). Ademais, a comida está ligada ao receber bem, ou seja, "agradar com a comida".

A abundância está ligada à sensação de liberdade, de auto-gratificação e é uma contraposição às privações: “Aqui em casa o maior gasto mensal é com comida. Não dá para ficar sem comer... Então, a comida tem de ser bastante porque fazer miséria com a comida é muito feio, né?” (Marcos, pai, Família 1). A sensação de saciedade está associada às dificuldades enfrentadas pela família todos os dias – é esta sensação que é o motor para vencer a luta do dia-a-dia. Finalmente, a alimentação está ligada à prover saúde para todos os membros da família, onde o fator nutricional é importante. As mães, que geralmente fazem as compras, levam em consideração o preço dos alimentos mas também o valor nutricional, tendo as proteínas (carnes, ovos e leite) destaque nas compras mensais. Finalmente, o cheiro da comida é muito importante. Ele indica que a comida é gostosa e que foi feita no capricho. O cheiro está associado à saciedade: “O Luciano já vem elogiando a comida desde a porta [de entrada]” (Elaine, mãe, Família 4). A forma de comer está associada à pouca formalidade, a qual está associada à sensação de liberdade, aconchego e proximidade dentro da casa. O local de alimentação é um item interessante. Pelo fato de que as casas têm poucos cômodos, a multifuncionalidade é observada também no que diz respeito ao local onde acontecem as refeições. Não há mesa para as refeições em nenhuma das residências. As refeições são feitas na sala porque uma mesa, por menor que seja, ocuparia um espaço mutio grande e desvincularia a ligação sofá-televisão que caracteriza a sala, algo que as mulheres da casa não aceitam: “Uma mesa aqui não faz falta porque temos horários diferentes durante a semana e porque não temos espaço. Onde vou colocar uma mesa? Na sala? E onde coloco os sofás? Como vamos ver televisão? Não dá...” (Elaine, mãe, Família 4). Ademais, além das condições técnicas de instalação, o computador só está na sala, naquele determinado lugar (perto ou distante da infraestrutura do telefone) e daquele determinado jeito (com rack, com cadeira, com monitor voltado para determinado lugar, com a impressora colocada naquele lugar específico), porque assim determinou a mãe da família. Foi ela que, para acomodar o computador em uma sala multifuncional, fez o rearranjo dos demais móveis na sala: “O computador só poderia ficar ali [aponta para onde o computador está instalado] mas eu pedi para o Marcelo [que instalou o computador] para comprar um fio maior para poder pôr o computador mais pra lá [para caber o rack e o sofá de três lugares na mesma parede]. Os outros móveis, eu tive de dar um jeito. Tirei os instrumentos musicais daqui (onde está o computador) e os coloquei ali e passei o sofá onde estou sentada para cá.” (Elaine, mãe, Família 4).

As famílias da classe B têm uma outra relação com a alimentação. Ela está associada ao comer o necessário para satisfação e à nutrição sem engordar. Em contraposição às famílias das classes C e D, a alimentação pode ser entendida no contraste entre o comedimento e a abundância, na satisfação ou "sustância", na magreza ou "corpo forte" e no refinamento ou no rendimento. O comer para as famílias da classe B também está ligado à socialização dentro e fora de casa: o comer fora da casa – comer determinada comida, em determinado local em determinado dia com determinadas pessoas. Quando ela acontece dentro de casa, ela está ligada a um lugar definido: a sala de jantar, na sala de almoço, na cozinha ou no jardim. Quando estes espaços são usados para receber convidados, maneiras específicas de se comportar e comer são requeridas, como indica Worsley (2001, p. 173):

> [...] the desirable upper-middle-class home had several rooms of reception, in which weird little conventions and rituals marked out men and women of respectability from the unfortunate families who could only afford one communal space in which to live.

Para as famílias das classes C e D a diversão ou entretenimento acontece dentro de casa. Para a classe D, a diversão está associada basicamente à televisão e à comida dentro da própria casa. Dificilmente estas famílias saem para comer ou beber na casa de parentes, amigos ou vizinhos. A visita a parentes, amigos e visinhos não está associada à comida ou bebida para além da interação social. Para as famílias da classe C, a diversão está associada a reunir amigos, parentes e vizinhos seja na sua própria casa ou na casa de alguém. Ou seja, mesmo quando se sai de casa para alguma diversão ela está associada à casa de algum amigo, parente ou vizinho. Todos esses eventos têm como ligação a alimentação preparada em casa. Almoços onde a abundância, o comer e beber bem e bastante são o mote destas reuniões: "A gente vai na casa dos meus pais em São Vicente a cada 15 dias. Saímos no sábado bem de manhã e voltamos na segunda de manhã para não pegar trânsito. Quando não vamos à igreja [aos domingos, cujo culto é seguido de almoço comunitário] a gente visita os irmãos e primos do Luciano. Raramente saímos para ir ao cinema. Restaurante, teatro, essas coisas, é tudo muito caro." (Elaine, mãe, Família 4). Um dos poucos lazeres que são inseridos no cotidiano é assistir televisão: novelas, Jornal Nacional, Brasil Urgente, futebol, Fantástico, Silvio Santos, Ratinho, Domingo Legal. O

computador também é visto como diversão: jogos diversos, acesso a notícias, Orkut, *download* de música, *upload* de fotos, Messenger (para contato com amigos e parentes). Usado como uma central multimídia, é no computador (além da televisão) que se assiste aquele DVD comprado no camelô (embora seja usado o DVD *player* também, principalmente quando mais de um membro da família ou visita quer assistir ao filme ou show de música – Ivete Sangalo, Luan Santana, Daniela Mercury, Só para Contrariar). É também no computador que acontece o armazenamento e compartilhamento de música, geralmente escutada nos eventos sociais através de caixas de som (*speakers*). Importante notar a ausência de sistemas de som como racks com radio, CD *player* e a presença, principalmente na cozinha, de *mini systems* (para rádio e CD). Já entre as famílias da classe B, a diversão está associada ao "poder gastar", ao contrário das famílias da classe C e D em que a diversão está associada ao limite imposto pelo "não poder gastar". Assim, a diversão das famílias da classe B está associada à socialização fora de casa: bares, restaurantes, clubes, shows, festas. Almoços e jantares em família são considerados uma mistura de obrigação e diversão: "Vamos almoçar na casa dos meus avós todos os domingos. Se eu chegar tarde da balada do sábado à noite, mesmo morta, eu tenho de ir na casa deles almoçar. É um compromisso. Pelo menos a comida é sempre boa!" (Juliana, prima, Família 6). A televisão é também considerada uma diversão, embora seja vista, na maioria das vezes, no quarto. Os programas assistidos são: novela, Jornal Nacional, filmes diversos, seriados, futebol e MTV (para os mais jovens). O computador também participa como item de diversão: Orkut, Facebook, Messenger, *download* de música e filmes e *upload* de fotos fazem parte das atividades atribuídas à diversão. Diferentemente das famílias da classe C, o computador não é usado como aparelho de som no sentido de compartilhamento de música – ele tem uma dimensão mais individual (uso de *laptops* e *desktops* instalados nos quartos) o que faz o "escutar música" algo individual. DVDs podem ser vistos em família através de DVD *players* e são considerados, assim como a TV, uma diversão associada à casa.

A importância dada à educação está intimamente associada ao capital econômico, cultural e social que as famílias podem disponibilizar para sua valorização (Bourdieu, 2008, p. 127). Para as famílias da classe D, a educação dá logo espaço ao trabalho. As dificuldades financeiras, o imediatismo e a falta de projeto futuro são o motor para que jovens como o Ronilson (Família 2) parem de estudar, reproduzindo a trajetória de vida de seus pais, tios, tias, avôs e avós. Para as famílias das classes C, quando os filhos ainda são crianças, a educação é a prioridade. O trabalho

toma cada vez mais importância à medida que as crianças vão se tornando adolescentes pois eles podem passar a compor o conjunto de pessoas que são responsáveis pelas finanças da casa. Mesmo que não colaborem nas despesas mas usem seu dinheiro para comprar aquilo que desejam e que, sem trabalho e dinheiro, pediriam aos pais. Ao trabalharem, estes adolescentes ganham status dentro da família: "O Junior trabalha desde os 15 anos neste escritório. Ele estuda à noite, então, consegue fazer a lição de casa de manhã. Não queremos que ele pare de estudar mas o dinheiro que ele ganha já paga o que eu gastaria em roupa, transporte etc." (Luciano, pai, Família 4). Existe o reconhecimento da importância da escola, mas conforme a idade dos adolescentes avança, o trabalho toma proporções cada vez maiores de tempo, dedicação e valorização para os próprios adolescentes: "Eu não pretendo prestar vestibular este ano. Vou trabalhar primeiro, juntar dinheiro para comprar minhas coisas e para pagar a faculdade. Mais para frente presto vestibular." (Aluna, 3º ano, Max). A educação, assim como o trabalho, é encarada como um sofrimento ou sacrifício necessário ao sustento da casa, cujos frutos começam a ser colhidos pela entrada no mercado de trabalho quando os filhos e filhas ainda são adolescentes. Diferentemente, a educação é prioridade tácita para crianças e adolescentes de famílias da classe B. Estas famílias entendem que a educação superior é tão importante como a educação básica, então, filhos e filhas trabalhando quando são adolescentes é algo raro. Os investimentos feitos em educação (principalmente em capital econômico, entendidos como de longo prazo) têm como objetivo o retorno em termos de capital não apenas econômico mas cultural, social e simbólico – ela está associada principalmente ao reconhecimento. Assim, a educação tem função de avanço ou manutenção da posição da família na estrutura social.

O consumo de cultura está atrelado ao capital escolar, econômico e cultural herdado da família. Em A Distinção (2008), Bourdieu indica que as necessidades culturais são originadas a partir da educação. Ele afirma que tanto as práticas quanto as preferência culturais estão intimamente associadas ao nível de instrução e, secundariamente à origem social (Bourdieu, 2008, p. 9). As famílias da classe D informaram que não frequentam cinemas, teatros ou museus. São atividades muito distantes tanto em termos econômicos quanto culturais: "Teatro é muito caro, não é para a gente, não. Eu nem entendo direito o que eles falam às vezes na televisão, teatro, então, deve ser pior." (Marcos, pai, Família 1). Como já mencionado, a diversão é a televisão e a comida. As famílias da classe C informaram não frequentar teatros ou museus, mas cinema não é uma possibilidade remota, já que ele é relativamente acessível. Mas teatro, shows

de música ou até a ida a museus não fazem parte das práticas culturais. Além do dinheiro para a entrada para teatro e shows música, é preciso pensar no dinheiro gasto para ir e para voltar destes lugares, a possibilidade do domínio de distâncias espaciais na cidade é um limitante impositivo. Estas famílias admitem entender a importância cultural destes lugares (legitimação), mas ficou evidente durante as entrevistas a falta de socialização com atividades culturais e a falta da habilidade para entender e reconhecer tais atividades culturais como opção de lazer e entretenimento. O consumo de cultura está ligado aos programas de televisão, ao CDs e DVDs comprados do camelô – música e shows de pagode e de música sertaneja principalmente – e ao acesso aos conteúdos da internet (com forte influência da televisão, como as visitas regulares ao globoesporte.com ou maisvocê.com) e às músicas baixadas da internet. O rádio tem uma participação importante na vida destas famílias. Ele está presente nas manhãs (rádio Tropical FM, Bandeirantes AM, Band FM, Tupi, Gazeta FM, Globo AM e Nativa FM) e serve como acesso às primeiras notícias do dia, principalmente relacionadas ao trânsito.

As famílias da classe B investem muito mais tempo e dinheiro no consumo de cultura. Compra de DVDs (mais do que CDs, que podem ser baixados da internet) fazem parte da cultura que é comprada e levada para casa. Cinema (geralmente em shopping centers), teatro (geralmente para os pais mas a frequência é baixa) e shows considerados de MPB (Maria Rita, Ivete Sangalo, Marisa Monte), internacionais (U2, Radiohead, Iron Maiden, Alanis Morissette, Rihanna além de DJs de música eletrônica) fazem parte do consumo de cultura. A televisão também é importante mas o computador (por ter um uso mais individual e estar geralmente nos quartos) compete com o tempo dedicado à assistir tv: novelas, futebol, jornais televisivos para além dos canais da TV a cabo – MTV, Sony, GNT são os preferidos. Usar seus *laptops* e ver televisão ao mesmo tempo tem se tornado um hábito para diversos membros dessas famílias. O rádio tem importância na viagem de ida ao trabalho, escola ou faculdade, quando é escutado no carro. As rádios podem ser CBN, Transamérica, Metropolitana, Mix, Energia 97 ou Nova Brasil. É importante citar a participação dos MP3 (aparelhos de armazenamento e execução de música que podem ser colocados em bolsos) como influenciadores do consumo de música.

Para as famílias da classe D, o consumo de maneira geral é limitado pelo dinheiro e pelo difícil acesso à crédito. Muitas vezes o crédito é conseguido nas lojas do bairro porque estas famílias conhecem os donos dos estabelecimentos. Este crédito é o parcelamento das compras em três ou quatro prestações, geralmente. Importante mencionar que cartões de crédito de

empresas como Mastercard ou Visa pedem comprovação de endereço e isso pode ser um obstáculo muito grande para as famílias da classe D[90]. Assim, o comércio de rua próximo às suas residências tem um importância grande na determinação de onde comprar e o que comprar. Para as famílias das classes C, o consumo de maneira geral é também limitado pelo dinheiro mas outros fatores limitantes como a distância às lojas e a facilidade de crédito, geralmente associados aos cartões de loja (para pagamento em prestações) são também importantes para entender o consumo destas famílias. O comércio de bairro é importante para roupas, calçados, alimentação, produtos de limpeza e, em certa medida, produtos para reforma da casa. São lojas como o Roldão, Dia%, D'Avó e Econ. Quando os produtos são mais sofisticados como móveis e eletrodomésticos, a compra se dá em grandes casas do ramo: "nas Bahia", Ponto Frio, Magazine Luiza; ou em hipermercados como Carrefour ou Extra, principalmente para eletroeletrônicos. Para os consumidores da classe B, o consumo também é limitado pelo dinheiro (embora não tanto como para as famílias das classes C e D) mas a distância às lojas e a facilidade de crédito não são limitantes. A distância não é um problema porque estas famílias geralmente têm mais de um carro disponível, além de morarem em bairros com boa infraestrutura de transportes. O crédito está disponível não apenas pela própria loja (através dos cartões de loja), mas também em cartões de crédito Mastercard e Visa, além do cheque especial e empréstimos bancários. Compra-se produtos de alimentação e limpeza em super ou hipermercados como Carrefour, Extra ou Pão de Acúcar. As roupas, calçados, adereços diversos são comprados em shopping centers. Os produtos eletroeletrônicos são também comprados em lojas como Ponto Frio ou Magazine Luiza já que as lojas Bahia "dividem em muitas vezes e eu quero pagar em poucas vezes, além de tudo, as casas Bahia ficam longe de casa e é difícil estacionar porque é comércio de rua. Eu acho que as casas Bahia não é para mim." (Juliana, prima 1, Família 6).

A igreja toma uma dimensão diferenciada para cada tipo de família. Para a classe D, é na igreja onde estas famílias encontram conforto para o sofrimento e para a dor. A igreja também é vista como um lugar onde milagres podem acontecer, o que tem um apelo forte para estas famílias, ou seja, a realização dos sonhos ou a resolução de diversos problemas é possível através da igreja: "Vamos na igreja do Belém porque conhecemos os pastores. Eles fazem milagres

[90] As Casas Bahia tem cada vez mais endereçado famílias da classe D. Através do crédito e parcelamento dados "na confiança", muitas famílias veem as Casas Bahia como único lugar onde podem conseguir crédito. Bancos nem são considerados. Como não querem perder o único lugar que lhes dão crédito, os pagamentos são feitos religiosamente. Como disse a Sonia (mãe, Família 2): "Eu nunca deixo de pagar as Bahia. Lá é um dos poucos lugares onde posso comprar, mesmo estando desempregada."

mesmo." (Marcos, pai, Família 1). Para as famílias da classe C, a igreja também é um lugar para encontrar conforto para o sofrimento, mas também para participar de redes sociais de apoio. Ela está associada ao acolhimento e à redes sociais consideradas seguras cujos vínculos são reforçados não apenas nos próprios cultos, mas também em eventos como casamentos, batizados, almoços, cursos especiais fornecidos pela igreja como informática ou estudos da Bíblia e programas de ajuda humanitária, como doação de comida ou roupas. Para as famílias da classe B, a igreja é vista com certo distanciamento – embora as duas famílias entrevistadas se considerem católicas, todos os membros afirmaram não ir à igreja há pelo menos seis meses e não tinham intenção de ir em um futuro próximo. As visitas à igreja estavam vinculadas à cerimônias de casamento.

Importante notar ainda o convívio das famílias das classes C e D com a polícia e a ilegalidade. Escutei destas famílias histórias ligadas a alguma atividade ilegal como roubos, assaltos, tráfico, formação de quadrilha, extorsão e chantagem (principalmente da polícia), pagamento de propinas e sequestro de pessoas. Estas histórias estavam ligadas a alguém conhecido (amigos e vizinhos), algum parente ou alguém da própria família entrevistada. "Aqui no bairro a polícia vem para pegar dinheiro. Ela pressiona. Há uns tempos atrás, a polícia fechou a rua e não deixava carro nenhum passar, nem de morador. Com isso, o pessoal não conseguia vender nada [drogas]. Até que o pessoal arrumou o dinheiro não sei de onde e pagou a quantia que a polícia queria." (Luciano, pai, Família 4). As famílias da classe B não vivenciam a polícia e a criminalidade de maneira tão intensa no seu dia-a-dia. Geralmente como vítimas, estas famílias acessam a polícia em casos de necessidade.

Pelo descritivo acima podemos vislumbrar as profundas diferenças que separam os estilos de vida das famílias investigadas por esta pesquisa. A Tabela 18 abaixo é um comparativo entre as famílias que endereçam diversos itens que fazem entender com detalhes as práticas das famílias e seus diferentes estilos de vida.

	Tabela 18 – Os estilos de vida das famílias em perspectiva – as práticas		
	Famílias da classe D	Famílias da classe C	Famílias da classe B
Histórico de vida	Privação e imediatismo.	Privação e imediatismo.	Consumo com limites e perspectiva de longo prazo.
Direcionamento das práticas	Substância e funcionalidade.	Substância e funcionalidade.	Forma e maneira.
Estética	Funcional.	Organização não rígida, cores fortes, comensuração e	Organização, leve, comensuração, combinação,

	Tabela 18 – Os estilos de vida das famílias em perspectiva – as práticas		
	Famílias da classe D	Famílias da classe C	Famílias da classe B
		combinação não importantes, desapego, facilidade, sem ostentação.	elaboração, distinção, ostentação, moda, magreza, atenção aos detalhes, limpeza.
Corpo	Corpo forte para aguentar luta do dia-a-dia.	Corpo forte para aguentar luta do dia-a-dia, saudável.	Corpo ideal é magro e saudável.
Maneira	Despachada, simples, voltada à facilidade, estar "à vontade", sem regras.	Despachada, simples, voltada à facilidade, estar "à vontade", mas praticam algumas regras, como a do "receber bem" das donas de casa.	Espelha-se nas classes superiores – objetiva a diferenciação, através da comensuração e do seguir regras elaboradas.
Alimentação	Abundância, rendimento, "sustância", sensação de saciedade, forma de receber (agradar com a comida), contraposição à privação.	Abundância, "sustância", sensação de saciedade, nutrição, cheiro, forma de socialização, contraposição à privação.	Perspectiva funcional de saciedade, nutrição e dieta, refinamento, forma de socialização, prazer comedido.
Entretenimento	Dentro de casa e relacionado à comida e televisão. Visitas ocasionais a parentes.	Dentro de casa (visitas a parentes, amigos, vizinhos); relacionada à comida, à bebida, à televisão e ao computador.	Variado. Dentro e fora de casa, incluindo visitas a parentes e amigos, restaurantes e bares, shows diversos, cinema, televisão e computador.
Educação	Sacrifício para conseguir emprego para filhos a partir da adolescência. Universidade não é almejada.	Sacrifício para conseguir emprego para filhos a partir da adolescência. Possibilidade de ingresso na universidade para ascenção social.	Investimento de longo prazo.
Consumo de cultura	Televisão aberta, rádio e CD.	Televisão aberta, rádio, computador, CD e DVD.	Televisão aberta e a cabo, rádio, computador, CD, DVD, teatro, cinema, shows de música, exposições diversas, leitura de jornais, livros e revistas.
Canais e programas de televisão	SBT, Record. Programa Silvio Santos, programa do Ratinho, Datena, programa do Gugu, Raul Gil, Linha Direta, novela, futebol, Jornal Nacional, Jornal da Record.	SBT, Record, MTV. Fantástico, programa Silvio Santos, programa do Ratinho, Datena, programa da Ana Hickmann, programa do Faustão, novela, futebol, filmes dublados da tv aberta, Jornal Nacional, Jornal da Record, Hebe.	GNT, Globo, Sony, ESPN, MTV. Fantástico, filmes com legendas, filmes de vanguarda, documentários, novela, futebol, Jornal Nacional, Jornal da Globo, CNN.
Rádios	Band AM, Band FM Gazeta FM, Tropical FM, Tupi, Nativa FM.	Band AM, Band FM, Tropical FM, Tupi, Gazeta FM, Globo AM e Nativa FM.	Eldorado FM, CBN, Kiss FM, Mix FM, Energia 97.
Tipos de música	Hip hop, sertaneja, pagode, samba, gospel e forró.	Hip hop, sertaneja, pagode, samba, axé.	MPB , música eletrônica, rock, música clássica.
Programas culturais	Televisão.	Televisão, DVD (geralmente pirata). Cinema esporádico.	Teatro, shows de música, museu, exposição, viagens nacionais e internacionais,

	Tabela 18 – Os estilos de vida das famílias em perspectiva – as práticas		
	Famílias da classe D	Famílias da classe C	Famílias da classe B
			DVDs alugados, *download* de filmes e música.
Jornais e revistas	Não fazem parte da realidade destas famílias.	Jornais distribuídos em semáforos como Metro. Revistas de celebridades e fofocas de televisão.	Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo, Financial Times, IstoE, Veja, Caros Amigos, Carta Capital, Vogue, Claudia. Jornais *online*.
Igreja	É reconfortante e pode proporcionar milagres para solucionar problemas.	É reconfortante e proporciona relações sociais que se pode denpender/confiáveis.	Realização pessoal.
Lugares de compra	Lojas e supermercados do bairro.	Lojas e supermercados do bairro. Shopping center para compras de ocasiões especiais.	Hipermercados e shopping centers, não necessariamente próximos de casa. Compras *online*.
Polícia e criminalidade	Inseridas no dia-a-dia.	Inseridas no dia-a-dia.	Estão sujeitos à criminalidade. Mas tanto a criminalidade quanto a polícia não são parte do dia-a-dia.

Considerando, agora, as escolas, podemos fazer um paralelo entre famílias das classes C e D e estudantes do Max e famílias da classe B e os estudantes do Oswald. Isto é possível devido à própria estrutura dos grupos sociais pesquisados que indica que 90% dos alunos da escola Max pertencem à famílias das classes C e D. Por outro lado, 95% dos estudantes do Oswald são, em sua grande maioria, representados pelas famílias das classes B e A[91]. A escola e a família estariam conectadas, segundo Bourdieu, porque são aparelhos de dominação que legitimam inconscientemente a desigualdade da estrutura social (Thiry-Cherques, 2006, p. 12). Então, esta pesquisa entende que tanto a família quanto a escola são instituições importantes para se situar socialmente a apropriação desigual de computadores. O item a seguir apresenta o perfil dos alunos entrevistados, baseado nas perguntas para *screening* do questionário aplicado nas escolas e também informações comparativas das escolas.

[91] Para a escola Max, os 10% de alunos restantes são alunos de famílias da classe B. Para a escola Oswald, os 5% restantes dos alunos são de famílias das classes C e D com bolsa de estudos.

3.5.2 - Os alunos e as escolas

A Tabela 19 mostra de maneira agregada o perfil dos alunos do ensino médio entrevistados. É possível observar que há um número de alunos do segundo ano relativamente baixo devido à minha impossibilidade de aplicar os questionários no segundo ano da escola Oswald. A média de idade ficou em 15.9 anos para os alunos da escola Oswald e 16.1 para alunos da escola Max. Apenas 14 alunos (8.9% do total) não têm computadores instalados em seus domicílios e estão todos concentrados na escola Max. Em termos de gênero, o total de alunos entrevistados está balanceado, com uma pequena porcentagem maior para o gênero feminino (50.6%). Mas quando observamos a diferença de gênero na escola Max, as meninas são a maioria dos alunos (55.7%) devido a que os meninos, quando adolescentes, tendem a migrar para o período noturno para poderem trabalhar durante o dia e, não menos importante, existe uma pressão dos pais para que as meninas estudem durante o dia. Segundo uma das professoras que conversei no Max, as meninas tendem a estudar de dia porque os pais evitam ao máximo que elas se exponham à realidade da escola pública de São Paulo – violência, prostituição, drogas, roubo, assassinatos. Outro item importante é a diferença em números absolutos entre alunos do primeiro ano e terceiro ano. A expectativa era de que, para os alunos da escola Oswald, o número absoluto de alunos do terceiro ano fosse próximo ao número de alunos do primeiro ano. Mas o número de alunos do terceiro ano é bem menor do que o do primeiro ano. Existe uma explicação para isto. O Oswald tem uma metodologia de ensino que não tem como foco apenas o vestibular. Assim, é comum que os alunos mudem de escola, ingressando em escolas focadas no vestibular (como colégio Bandeirantes) a partir do segundo e terceiro anos. Para os alunos do Max, pude averiguar com alguns professores que a diminuição dos alunos está vinculada à evasão escolar em parte, mas principalmente está vinculada à mudança de horário de estudo. Muitos alunos passam para o período noturno para poder trabalhar e o Max não oferece curso noturno para ensino médio (existe curso supletivo noturno). Conforme vão ficando mais velhos, a prioridade vai mudando de foco, passando da educação para o trabalho, devido à pressão da família e pelo desejo de consumo, como uma aluna do segundo ano do Max afirmou: "Vou começar a trabalhar no ano que vem para poder comprar minhas coisas. Vou estudar de noite e trabalhar de dia. Assim, minha mãe não me enche mais o saco [...] A faculdade? Vou trabalhar primeiro e depois eu decido." (Aluna, 3º ano, Max). Outro item importante é notar que a concentração de alunos

sem PC é verificada em alunos do primeiro ano da escola Max. Isto se deve ao fato de que a escola tem alunos de baixíssima renda familiar mensal (abaixo de R$1.100), sendo a restrição orçamentária um importante fator que compromete a compra de um computador.

Tabela 19 – Total de alunos por série, escola e gênero										
Base: Total de alunos = 158		Total	Escola		Tem PC?		Escola com PC		Gênero	
			Oswald	Max	Sim	Não	Oswald	Max	Masc.	Fem.
Série		158	83	75	144	14	83	61	78	80
	% col	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
	% lin	100%	52.5%	47.5%	91.1%	8.9%	57.6%	42.4%	49.4%	50.6%
1ª		96	54	42	87	9	54	33	46	50
	% col	60.8%	65.1%	56.0%	60.4%	64.3%	65.1%	54.1%	59.0%	62.5%
	% lin	100%	56.3%	43.8%	90.6%	9.4%	62.1%	37.9%	47.9%	52.1%
2ª		22	2	20	20	2	2	18	6	16
	% col	13.9%	2.4%	26.7%	13.9%	14.3%	2.4%	29.5%	7.7%	20.0%
	% lin	100%	9.1%	90.9%	90.9%	9.1%	10.0%	90.0%	27.3%	72.7%
3ª		40	27	13	37	3	27	10	26	14
	% col	25.3%	32.5%	17.3%	25.7%	21.4%	32.5%	16.4%	33.3%	17.5%
	% lin	100%	67.5%	32.5%	92.5%	7.5%	73.0%	27.0%	65.0%	35.0%

Em termos de escolaridade[92], conforme apresentada na Tabela 20 abaixo, os alunos do Oswald apresentam média de anos na escola menor (9.8 anos) em comparação com alunos do Max (10.1 anos) devido à menor taxa de repetência. A taxa de repetência no Max é explicada pelo fato de que 30% do total de alunos (61 alunos) repetiu pelo menos um ano durante sua vida escolar.

Tabela 20 – Perfil dos alunos entrevistados - anos de estudo (até 2009)										
		Total	Escola		Tem PC?		Escola com PC		Gênero	
			Oswald	Max	Sim	Não	Oswald	Max	Masculino	Feminino
Base: Total		158	83	75	144	14	83	61	78	80
	% lin	100%	52.5%	47.5%	91.1%	8.9%	57.6%	42.4%	49.4%	50.6%
Média		10	9.8	10.1	10	10.1	9.8	10.2	10.1	9.8

[92] A pergunta sobre escolaridade não levava em consideração os anos de escola anteriores ao atual ensino fundamental.

Um fato que chamou muito a atenção foi o de que 100% dos alunos entrevistados afirmaram acessar a internet toda semana. Com base nas respostas, aqueles alunos que menos usam computadores, acessam a internet pelo menos entre duas e três horas por semana. Ou seja, as práticas relacionadas ao acesso à internet foram incorporadas às vidas de todos esses alunos. O fato de esta pesquisa situar-se na cidade de São Paulo, onde existem diversos tipos de serviços de acesso à internet, a pressão social e o fato de todas as mídias incitarem repetidamente a necessidade de acesso à internet ajudam a explicar porque 100% dos alunos acessa a internet semanalmente. Caso alguma escola no interior, ou de algum estado do norte ou nordeste tivesse participado da pesquisa, talvez o índice de 100% não pudesse ser alcançado devido a fatores como acesso à escola, o trabalho remunerado e a limitação de acesso à tecnologia de banda larga.

Importante ainda mencionar o número de pessoas que moram na casa destes alunos para que tenhamos uma melhor dimensão do tamanho das famílias em que os alunos entrevistados vivem. A Tabela 21 abaixo indica o número de membros que moravam na mesma residência que os alunos na data de aplicação do questionário. Pode-se observar que o número médio de pessoas por residência é maior entre os alunos do Max, o qual apresenta também maior número de famílias com seis ou mais membros.

Tabela 2119 – Número de pessoas na residência										
Número de pessoas		TOTAL	Escola		Tem PC?		Escola com PC		Gênero	
			Oswald	Max	Sim	Não	Oswald	Max	Masc.	Fem.
Base: Total		158	83	75	144	14	83	61	78	80
	% col	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%
	% lin	100.00%	52.50%	47.50%	91.10%	8.90%	57.60%	42.40%	49.40%	50.60%
2		16	10	6	14	2	10	4	6	10
	% col	10.10%	12.00%	8.00%	9.70%	14.30%	12.00%	6.60%	7.70%	12.50%
	% lin	100.00%	62.50%	37.50%	87.50%	12.50%	71.40%	28.60%	37.50%	62.50%
3		47	28	19	41	6	28	13	23	24
	% col	29.70%	33.70%	25.30%	28.50%	42.90%	33.70%	21.30%	29.50%	30.00%
	% lin	100.00%	59.60%	40.40%	87.20%	12.80%	68.30%	31.70%	48.90%	51.10%
4		54	29	25	51	3	29	22	29	25
	% col	34.20%	34.90%	33.30%	35.40%	21.40%	34.90%	36.10%	37.20%	31.30%
	% lin	100.00%	53.70%	46.30%	94.40%	5.60%	56.90%	43.10%	53.70%	46.30%
5		30	15	15	29	1	15	14	16	14
	% col	19.00%	18.10%	20.00%	20.10%	7.10%	18.10%	23.00%	20.50%	17.50%
	% lin	100.00%	50.00%	50.00%	96.70%	3.30%	51.70%	48.30%	53.30%	46.70%
6		5	0	5	4	1	0	4	1	4

Tabela 2119 – Número de pessoas na residência										
Número de pessoas		TOTAL	Escola		Tem PC?		Escola com PC		Gênero	
			Oswald	Max	Sim	Não	Oswald	Max	Masc.	Fem.
	% col	3.20%	0.00%	6.70%	2.80%	7.10%	0.00%	6.60%	1.30%	5.00%
	% lin	100.00%	0.00%	100.00%	80.00%	20.00%	0.00%	100.00%	20.00%	80.00%
7+		6	1	5	5	1	1	4	3	3
	% col	3.80%	1.20%	6.70%	3.50%	7.10%	1.20%	6.60%	3.80%	3.80%
	% lin	100.00%	16.70%	83.30%	83.30%	16.70%	20.00%	80.00%	50.00%	50.00%
Média		3.9	3.6	4.1	3.9	3.7	3.6	4.2	3.9	3.8

Em termos de infraestrutura, as duas escolas diferem bastante. O Max possui uma boa infraestrutura "Bem melhor que as escolas de periferia que já dei aula", segundo uma das professoras que conversei na sala dos professores em uma das minhas visitas. A escola tem quadra poliesportiva, teatro e sala de informática. As salas de aula são amplas e com janelas grandes, o que faz com que sejam eficientes para iluminação, embora as luzes sejam acendidas todas as manhãs. Mesmo com boa infraestrutura as carteiras e cadeiras precisam de consertos e há falta de giz para se escrever na lousa. A escola tem muitas portas e janelas contra roubo, o que dá uma sensação de aprisionamento – e não de acolhimento. Esta sensação foi compartilhada por alguns alunos que afirmaram sentir que a escola não pertence a eles, portanto, o cuidado com as instalações é desprezado por eles. A escola ainda provê vários cursos extracurriculares como teatro, informática, capoeira e dança. Esses cursos são oferecidos aos alunos no período da tarde. As Fotos 8 e 9 abaixo mostram duas salas de aula e dois corredores da escola.

A realidade no Oswald é bem distinta da realidade do Max. A boa infraestrutura e manutenção do prédio e das salas de aula são evidentes. A escola possui uma biblioteca grande, ginásio poliesportivo coberto, sala de informática, armários individuais, *wi-fi* e áreas verdes. No Oswald não existe mais lousa tradicional – são quadros brancos que necessitam canetas especiais para serem usados. O número de alunos por classe é menor. As carteiras estavam em perfeitas condições de uso. As salas de aulas contém uma televisão e um DVD *player*. Assim como o Max, o Oswald oferece diversos cursos extracurriculares como teatro, balé, xadrez, futebol e violão.

Foto 8 – Escola Max

Foto 9 – Escola Oswald

O descritivo abaixo na Tabela 22 tem a intenção de trazer ao leitor um comparativo tanto das escolas quanto dos alunos. É possível observar que a escola tanto quanto os alunos consagram diferentes estilos de vida. O Oswald, associado às famílias da classe B, e o Max associado às famílias das classes C e D.

Tabela 22 – Escolas e alunos em perspectiva

	Escola Oswald	Escola Max
Escolas		
Arquitetura	Ampla, que privilegia o deslocamento de alunos e professores além da iluminação e ventilação. Possui espaços amplos e verdes para socialização, com acessibilidade à deficientes.	Intenção clara de ter o maior número de salas de aula possível. Boa iluminação e ventilação. Acesso à deficientes reduzido. Pouco espaço para socialização.
Salas de aula	Salas projetadas para um número reduzido de alunos. As salas estão em perfeitas condições de uso, com materiais	Mais de 40 alunos por sala de aula. Condições das salas são precárias: falta de giz, carteiras e cadeira precisando de

	Tabela 22 – Escolas e alunos em perspectiva	
	Escola Oswald	Escola Max
Escolas		
	disponíveis como projetor e DVD *player*.	reparos.
Estética	Cores vibrantes, espaços amplos, verdes e funcionais que permitem socialização e integração. Convidativa e harmonioza. Ideia de acolhimento.	Cores pálidas e espaços reduzidos, embora funcionais. Pouco espaço para socialização. Foco na substância e ana funcionalidade. Ideia de reclusão e não-pertencimento.
Alunos		
Histórico de vida	Consumo com limites e perspectiva de longo prazo.	Privação e imediatismo.
Direcionamento das práticas	Forma e maneira.	Substância e funcionalidade.
Vestimenta	Roupas coloridas, de marca, compradas em shopping center. Bermudas, calças jeans e camisetas. Dão importância à moda mas são volúveis. Expressão de distinção e vaidade.	Roupas com cores mais escuras, sem necessariamente ser de marca. Bermudas, calças jeans e tops para meninas. Seguem a moda mas com atraso.
Estilo	Colorido, despojado, hippie, casual. Cabelos com corte moderno. Tênis de marca coloridos.	Surfista, camisas e abrigos de futebol, skatista, boné e tops para as meninas. Tênis para skatistas. Meninas geralmente tentam seguir o estilo de algum personagem de novela através de peça de roupa ou algum acessório.
Celulares e MP3	Todos têm celular relativamente novos e boa parte tem MP3.	A maioria tem celular, mas geralmente de segunda mão. MP3 está começando a ficar comum.
Atitude	Comedida mas agitada.	Agitada, nervosa e de desafio.
Polícia e criminalidade	Não inserida no dia-a-dia. Geralmente são as vítimas de assaltos e roubos.	Inserida no dia-a-dia, alguns professores indicaram que alguns alunos são ladrões de carros e traficantes.

3.6 - O processamento dos dados

Para o processamento dos dados das famílias, foram usadas as transcrições das entrevistas e minhas anotações do caderno de campo. Os dados coletados nas escolas foram digitados e, após um *cross-check*, eles tiveram um tratamento estatístico para retirada dos valores fora de duas vezes o desvio padrão de cada série de dados, embora a grande maioria dos dados estivesse próximo à média, sem grandes distanciamentos. Após o tratamento estatístico, foram geradas as tabelas que serviram para a análise das informações coletadas nas escolas – médias, frequências, correlações. O *software* usado para a geração das tabelas e das análises estatísticas foi o SPSS 13.0 for Windows.

Capítulo 4 – Os usos sociais do computador e a desigualdade digital

Este capítulo apresenta a análise dos dados coletados em campo. Os modos de uso do computador na residência das famílias, acessados pela etnografia dos usos, é o centro em torno do qual gravitam as análises. Os dados foram organizados com base no conceito de desigualdade digital como indicado por DiMaggio e Hargattai (2001) na página 16. Este conceito trata das diferenças entre pessoas ou grupos sociais que já possuem acesso à internet. Estes autores tratam de cinco dimensões para entendimento da desigualdade digital. Primeiro, o equipamento (o *hardware*, o *software* e o tipo de conexão). Esta dimensão está ligada à capacidade física do equipamento (computador e conexão), incluindo computadores com processadores de velocidade adequada para um *software* apropriado para uma determinada atividade, além da capacidade de conexão. Os autores levantam a hipótese de que aparatos tecnológicos inferiores podem reduzir os benefícios que os usuários podem ter: conexões lentas, *softwares* e *hardwares* antigos podem não funcionar para determinados *websites*. Ademais, se a experiência na web não é gratificante, pode ser que os usuários acessem a internet por menos tempo e adquiram menos habilidades do que aqueles usuários que se beneficiam de um acesso pleno. A segunda dimensão é a autonomia de uso (local de acesso, tempo que o computador está disponível para uso, negociação para uso do computador entre diferentes indivíduos, regulamentações, filtros, etc.). Ela está relacionada a questões como o controle que as pessoas têm para usar a internet: onde estas pessoas acessam (como escolas, bibliotecas, *lan houses*, a própria casa, a casa do vizinho, etc.) e a flexibilidade com que estes lugares determinam as horas disponíveis para uso, para além do tempo que um usuário pode gastar para chegar a determinados locais de acesso. Por exemplo, se o usuário está em casa, quais as negociações realizadas entre os membros da família ou quais as políticas dos provedores de internet em termos de limites de *upload* e *download* (MB por mês/semana). Os autores indicam que existem estudos que mostram que há uma forte associação entre nível educacional, renda, raça e acesso à internet em casa (lembrando que os autores tinham como foco dados dos Estados Unidos do início dos anos 2000). Eles ainda indicam como hipótese que quanto maior a autonomia de uso, maiores benefícios os usuários de internet podem ter. A terceira dimensão está ligada às habilidades pessoais dos usuários, uma mistura de habilidades educacionais, recursos econômicos e habilidades técnicas. Seria a capacidade de responder pragmática e intuitivamente a desafios e oportunidades de maneira a explorar todo o potencial da

internet – na definição dos autores: *internet competence*. Eles indicam que o *internet competence* determina que os usuários necessitam possuir pelo menos três tipos de conhecimento relevantes para a internet: a) saber como se conectar, conduzir pesquisas e fazer *download* de informações; b) entender como a internet opera para capacitar os usuários a navegar pela internet com eficácia e; c) ter um razoável conhecimento técnico sobre *hardware* e *software* que permita resolver problemas que possam eventualmente surgir. A quarta dimensão é a disponibilidade de suporte social: a capacidade de acionar ajuda de usuários mais experientes quando se chega ao limite de sua habilidade para resolver problemas. A quinta e última dimensão é a variedade de uso e está relacionada ao propósito de uso. Ou seja, seria acessar um determinado conteúdo com um propósito específico. Os autores indicam que a variedade de uso pode trazer benefícios que podem ser classificados em (a) produtividade econômica: procura por emprego, consumo de informação, educação etc., (b) capital político e social: usar a internet para seguir notícias, coletar informações para tomar decisão de voto nas eleições, juntar-se à organizações políticas ou movimentos sociais e, (c) consumo de entretenimento (que os dados revelaram ser onde os usuários mais gastam tempo, como se verá adiante). Sobre esta dimensão, os autores acreditam que no longo prazo, a educação é um fator decisivo dos modos de apropriação da internet, principalmento para melhora do capital humano, desenvolvimento do capital social e participação política (DiMaggio e Hargattai, 2001, p. 8 a 12).

É importante notar que a relação entre características individuais, desigualdade e uso de tecnologia merecem investigação constante pois sendo a desigualdade digital dinâmica, ela pode ter seus parâmetros alterados no futuro tanto pelo avanço das tecnologias da informação quanto pela interação entre as escolhas estratégicas das empresas de tecnologia, a resposta dos consumidores e políticas governamentais. Assim, é preciso ficar atento ao fato que os dados desta pesquisa são uma fotografia datada, tirada em um momento histórico de crescimento do poder de consumo da classe C e, em certa medida, da classe D. A lista de produtos desejados por estas classes passa a incluir o computador. É, principalmente através da classe C, que a penetração de computadores vem aumentando nas classes menos favorecidas a partir de meados da década passada no Brasil. Seus membros são os pioneiros da classe C no consumo do computador e da internet em suas próprias casas.

Esta pesquisa perpassa – de uma maneira ora abrangente, ora específica – por todas as cinco dimensões descritas acima por DiMaggio e Hargittai (2001). Não é intenção deste estudo

fazer um esforço de trabalhar todas as cinco dimensões apresentadas acima de maneira extensiva mas, sim, trabalhar com os itens de análise que são importantes para os grupos sociais pesquisados de maneira a dialogar com a hipótese geral deste estudo: a de que o uso de computadores, em especial da internet, depende de um conjunto de disposições determinadas pelo capital econômico e cultural de cada grupo analisado. Todas as cinco dimensões analisadas contam com muitas declarações (*verbatim*) coletadas durante as interações sociais realizadas com as pessoas entrevistadas para esta pesquisa.

4.1 - A organização das análises

A organização dos dados foi baseada nas ideias de DiMaggio e Hargattai apresentadas acima sobre as dimensões que podem ser observadas para o entendimento da desigualdade digital. Estas dimensões seriam classificações ou ainda ferramentas que ajudariam o pesquisador a organizar e decifrar variáveis que, combinadas, poderiam permitir um maior entendimento da desigualdade digital. Esta pesquisa entende que a dimensão "suporte social" pode ser incluída dentro da autonomia de uso, pois os dados coletados em campo sobre o suporte (de amigos, família, técnico) estão intimamente ligados à dimensão autonomia de uso. A Tabela 23 abaixo sumariza as ideias desses autores e o que, baseado na etnografia dos usos realizada com as famílias, seriam as quatro dimensões adotadas por esta pesquisa para entendimento da desigualdade digital.

Tabela 23 – As dimensões da desigualdade digital	
1- Equipamento	Itens de *hardware*, *software*, periféricos e conexão.
2- Autonomia de uso	Local de uso, compartilhamento do computador, negociação entre pessoas para uso, filtros, suporte social para resolver problemas de *hardware* e *software*, etc.
3- Habilidades	Capacidade de explorar efetivamente os diversos conteúdos da internet.
4- Variedade de uso	Procura por emprego, educação, socialização, entretenimento, atividades políticas etc.

Este estudo modifica ligeiramente, como mostrado na tabela acima, as dimensões equipamento e autonomia de uso, como indicadas por DiMaggio e Hargittai (2001). A primeira dimensão diz respeito ao equipamento, ou seja, o próprio computador e os equipamentos para conexão à internet. Existe um consenso de que o equipamento é uma dimensão *sine qua non* para

observação da desigualdade digital. A perspectiva deste estudo observa os periféricos como itens que ajudam os usuários de computador a terem uma experiência diferenciada – a impressão do trabalho da escola ou da conta a ser paga ou até a impressão das fotos da família. A segunda dimensão, a autonomia, tem a) o formato do computador (*desktop* ou *notebook*) e b) o lugar de uso como indicadores marcantes. Como mostrado adiante, os resultados da etnografia indicam a existência de modos de apropriação do computador distintos pela perspectiva do formato do computador, da arquitetura da residência – expressa no número de cômodos para este estudo – e do número de pessoas que vivem na residência. Estas três perspectivas combinadas são influenciadores dos conteúdos acessados, os quais são diferenciados mediante o local de uso efetivo do computador na residência. Também, a dimensão autonomia incorpora a capacidade dos usuários de conseguir suporte de outras pessoas para resolver problemas de *hardware* e *software*, o que tem implicações diretas na amplitude da autonomia. As outras duas dimensões restantes (a habilidade e a variabilidade) mantêm-se idênticas como definidas por DiMaggio e Hargittai. Cada uma das quatro dimensões modelam a experiência que o usuário tem quando acessa a internet, ou seja, elas modelam as maneiras como os usuários usam a internet e os benefícios que conseguem extrair dessa experiência. Os benefícios estariam relacionados a ganhos de a) capital humano (como educação, habilidades pessoais e profissionais, busca por trabalho, informação, cultura em geral, etc.); b) capital social (socialização, *networking*, etc.) e, c) envolvimento político (engajamento em questões políticas ou em organizações políticas).

Antes de passarmos efetivamente às análises, é importante relembrar algumas informações e apresentar alguns direcionamentos que podem ajudar no entendimento das análises e das tabelas. Primeiro, todos alunos da escola Oswald têm computador, portanto, não haverá tabelas com colunas zeradas em que o título seja "alunos da escola Oswald sem computador". Este estudo não teve foco no corte de gênero, portanto, poucas tabelas apresentam dados sobre "masculino versus feminino". O total de alunos da escola Oswald com computador é 83; os alunos da escola Max com computador, 61, totalizando 144 alunos com computador. Os alunos sem computador (todos estudantes da escola Max) totalizam 14 e se somados aos demais alunos, chega-se ao total de alunos cujas informações foram usadas para esta pesquisa: 158 alunos.

É importante explicar o modo de ler as tabelas. A maioria das tabelas apresenta dados onde pode-se ler %col e %lin. Para o indicador %lin deve-se tomar o dado percentual descrito

relativo ao número total de eventos na linha. Para o %col, é preciso tomar o dado percentual descrito relativo ao número total de eventos na coluna. Trato a seguir das quatro dimensões da desigualdade apresentadas. As análises disponibilizam informações baseadas nas observações etnograficas das famílias ao mesmo tempo em que colocam em perspectiva as informações coletadas com os alunos do ensino médio. Inicio as análises a partir da primeira dimensão, que está relacionada aos itens de *hardware*, *software*, periféricos e conexão.

4.2 - Equipamento

Esta primeira dimensão está relacionada ao equipamento tradicionalmente usado para acesso à internet, o computador. Os modelos analisados nesta pesquisa foram os modelos *desktop* e *notebook* – nenhuma das famílias entrevistadas tinha um *smartphone*, *tablet* ou *netbook* (computador compacto e lançado pelo indústria de tecnologia da informação há poucos anos com objetivo de prover acesso à internet). O *desktop* é o computador com maior presença em todas as residências das famílias das classes C e D e presente na maioria das residências dos alunos. Assim como as famílias das classes C e D, as famílias da classe B compraram seu primeiro computador como sendo o computador *desktop*, realizando a migração para os *notebooks* anos depois desta primeira compra. A migração foi impulsionada principalmente pela queda paulatina de preços proporcionada pela taxa de câmbio mais favorável na década passada, impulsionando as importações, inclusive de computadores[93]. A tendência de migração de *desktops* para *notebooks* é impulsionada fortemente pela indústria de computadores. Ou seja, os benefícios da computação 1:1 (maior tempo de uso do computador por pessoa, privacidade, ubiquidade, etc.) estão mais presentes nas famílias da classe B e têm um impacto grande na apropriação do computador como mostrarei neste capítulo.

Quando observamos os dados das escolas na Tabela 24 abaixo, é possível ver que em termos de número e tipo de computadores por família, existem diferenças acentuadas. Os domicílios dos alunos da escola Oswald apresentam, em média, 1.6 *notebooks* por família enquanto os domicílios de alunos da escola Max apresentam em média 0.2 *notebooks* por família. O número de *desktops* também é maior para alunos da escola Oswald (1.4 por família).

[93] No início da última década, a produção nacional de *notebook*s foi ampliada mas ainda muitos componentes precisavam ser importados, fato que têm uma influência muito grande na determinação dos preços deste produto.

Isto se deve ao fato de ser comum que as famílias da classe B tenham mais de um computador por família porque estas famílias vêm comprando computadores há mais anos do que as famílias das classes C e D. Vale mencionar que 28.9% dos alunos da escola Oswald disseram ter pelo menos dois *notebooks* em suas residências.

Tabela 24 – Média de *notebooks* e *desktops* instalados na residência dos alunos

Base: Total de alunos com computador (144)		TOTAL	Escola	
			Oswald	Max
	Notebook	1.0	1.6	0.2
	Desktop	1.2	1.4	0.9

Pergunta 9: Quantos computadores *notebook* e *desktop* estão instalados na sua casa? [Resposta múltipla].

O computador *desktop* é o modelo que permite a entrada no universo da internet nas residências das classes menos favorecidas devido ao preço e às condições de pagamento. Uma das explicações para o preço acessível dos *desktops* é que eles são os computadores mais baratos disponíveis nas lojas de varejo pois é este tipo de computador que mais tem tido incentivos fiscais por parte do governo brasileiro. As famílias das classes C e D entrevistadas disseram que não consideraram no momento da compra um computador *notebook* devido ao preço. Mas a análise das informações coletadas indica que o preço não foi o único quesito, evidenciando uma explicação adicional à presença de *desktops* nestas residências. Quando perguntados sobre se no futuro, eles gostariam de comprar um *notebook*, todas as famílias disseram, entusiasmadas, que sim. Mas ficou claro que nenhuma das famílias tinha pensado na possibilidade de compra de um *notebook* ao invés de um *desktop* na compra do primeiro computador: "Nós temos um *desktop* porque é este que a gente pode ter. *Notebook* é caro e quebra fácil." (Marcos, pai, Família 1); "Além de ser mais caro, acho que seria demais. Um computador como esse daí está bom demais para a gente. Até porque, onde nós iríamos com o *notebook*?" (Monica, mãe, Família 3). Estas falas são muito importantes no sentido em que evidenciam a autoexclusão das famílias "acho que seria demais" evoca o "isso não é para nós" que Bourdieu aponta, entre os membros de grupos sociais desfavorecidos, como expressão do reconhecimento da hierarquia social, introjetada em suas visões de seu lugar no mundo (Bourdieu, 2008, p. 355). Para além da autoexclusão, o fato das famílias da classe D não terem um *notebook* está atrelado ao custo financeiro do produto.

Para as famílias da classe C, o fato de não terem um *notebook* está aliado não apenas ao custo do produto mas também à mobilidade. A não possibilidade de levar o *notebook* para algum lugar dá espaço a uma das características fundamentais deste produto – a mobilidade. As famílias da classe C não se veem usando um computador fora de casa: "Onde eu poderia usar [o *notebook*]? Talvez algum dos meninos usar na escola? Mas lá não tem internet..." (Junior, filho, Família 4); "Ninguém usa *notebook* na escola. Porque eu vou levar um [para usá-lo na escola]?" (Fabio, filho, Família 4). Para as famílias da classe C nem mesmo a escola pode ser considerada como local para uso do computador. A escola foi citada uma única vez e como sendo uma possibilidade remota, já que "lá não tem internet" e "ninguém usa *notebook* lá"[94]. Ou seja, a mobilidade permitida pelo computador *notebook* ainda não tem apelo forte para as famílias da classe C. Em nenhuma das entrevistas surgiu o fato da violência (roubos, assaltos) como fator de inibição para levar o *notebook* para fora de casa, como dito pelas famílias da classe B. Os membros destas famílias se viam usando um *notebook* fora de casa mas em locais considerados seguros por estas famílias – "no Fran's Café", "no Starbucks", "no shopping center", "na escola" – mas não saem de casa com o produto com medo de serem assaltados.

A Tabela 25 abaixo mostra que 41% dos alunos da escola Oswald afirmaram usar *notebooks* de uso exclusivo deles. A realidade para os aluno da escola Max é uma realidade ainda baseada no modelo *desktop*: 85.2% dos alunos usam computadores *desktop*. Apenas 14.8% dos alunos do Max usam *notebook*, sendo apenas um terço deles com conexão *wi-fi*. Para os alunos do Oswald que têm seu próprio *notebook*, quase a totalidade deles têm conexão *wi-fi* em suas casas, permitindo mobilidade em todo o domicílio. Assim, quando o assunto é mobilidade, estamos falando basicamente de alunos e famílias da classe B. Mas essa mobilidade é circunscrita ao domicílio. Como já mencionado anteriormente, os membros destas famílias afirmaram não levar seus *notebooks* para fora de casa. Mesmo aqueles que usam seus *notebooks* para trabalho evitam sair com eles pelas ruas de São Paulo. Eles têm medo de serem assaltados e perderem seus computadores. Ou seja, a mobilidade em São Paulo é reduzida a espaços onde os usuários mais abastados se sentem seguros. Ainda, a mobilidade também trouxe um fenômeno crescente – o acesso à internet ao mesmo tempo em que se assiste televisão, já que os momentos

[94] Interessante mencionar que a escola Oswald proibiu o uso de *notebook*s em sala de aula, assim como o uso de celulares, iPods e MP3 para não tirar o foco do aluno nas aulas. Uma situação diferente da escola Max onde apenas MP3 e celulares são proibidos em sala de aula – *notebook*s e iPods não fazem parte da realidade dos alunos desta escola.

de lazer dentro de casa cada vez mais incluem o uso do computador. Todas as famílias da classe B afirmam ver televisão enquanto acessam a internet com seus *notebooks* no colo. Essa é a maior experiência de mobilidade que estas famílias disseram ter. Para estas famílias a prática de usar o *notebook* e ver televisão ao mesmo tempo está associada a um indivíduo apenas. As famílias da classe C que têm o computador *desktop* instalado na sala também apresentam essa prática mas de maneira diferenciada[95]. Para estas famílias, essa prática envolve duas ou mais pessoas. Uma ou mais pessoas podem assistir a televisão enquanto apenas uma usa o computador. A pessoa que está usando o computador pode (ou não) acompanhar intencionalmente o que está sendo visto na televisão.

Tabela 25 – Tipo de computador mais utilizado				
	Escola Oswald		Escola Max	
	Número de alunos	%	Número de alunos	%
Notebook	34	41.0%	9	14.8%
Notebook com acesso *wi-fi*	32	38.6%	3	4.9%
Desktop	49	59.0%	52	85.2%

Pergunta 11: Qual o computador mais usado por você? [Resposta única]

Os computadores *notebook* são objeto de desejo de consumo às vistas de todas as famílias da classe C entrevistadas (as famílias da classe D não se veem como usuárias de *notebooks*). Mas as famílias da classe C, apesar de entenderem e desejarem os benefícios da computação 1:1 (um usuário, um computador) em termos de maior tempo de uso do computador (item relacionado à autonomia, como será comentado adiante): "adoraria ter um [*notebook*] porque eu posso usar quando eu quiser, não preciso dividir ele com mais ninguém" (Elaine, mãe, Família 4), os membros destas famílias ainda veem o *notebook* como algo caro e que tem um status de "coisa de gente rica" (Elaine, mãe, Família 4), apesar do grande apelo que o produto têm para essas famílias. Seria (o *notebook*) algo distante, que não condiz com a realidade dessas famílias. Quando perguntadas sobre a possibilidade de compra de um *notebook* para cada membro da família, as respostas foram: "Dois *notebooks* já seriam suficientes. Eu e minha irmã [membros da

[95] O computador também pode estar instalado no quarto (quando a infraestrutura de telecomunicação e a arquitetura da residência permitem) de um dos filhos já que "eles precisam [do computador] mais para estudar" (seu Douglas, pai, Família 5).

família que mais usam o computador] ficamos fora o dia todo, então, dois *notebooks* são suficientes. Meu pai nem se importa se é *notebook* ou não...” (Fabio, filho, Família 5), indicando que um *notebook* por pessoa (usuária de computador) da casa não é necessário; “Não tenho nem onde colocar tanto computador...” (Elaine, mãe, Família 4), identificando que a própria arquitetura da casa, infraestrutura de energia elétrica e os móveis e a disposição destes móveis não permitiriam a família ter quatro *notebooks* na casa; “Seria legal... mas além de não ter onde colocar [os *notebooks*], vai ter mais problema porque seriam mais computadores para a gente correr atrás de consertar, né? E a conta de luz?” (Juninho, pai, Família 3), identificando que existe também o problema de custos adicionais com manutenção para além do aumento no consumo de energia elétrica, ou seja, mais computadores na casa significa mais despesas em um orçamento familiar já apertado. Todos esses fatores são limitantes para o desenvolvimento da computação 1:1 nestas famílias. Através das análises das informações etnográficas, é possível entender que: a) o *notebook* é um produto desejado que, eventualmente, será o substituto do computador *desktop* no futuro; b) a compra de um segundo computador está na lista de desejos de consumo destas famílias mas não parece que o segundo computador (possivelmente um *notebook*) vá ser comprado em um espaço curto de tempo em relação ao primeiro computador, devido aos pagamentos e ao fato de que “enquanto estiver funcionando, vamos ficar com este mesmo.” (Luciano, pai, Família 4); c) quando perguntadas sobre onde possivelmente ficaria o *notebook*, elas indicaram: c.1) no lugar do *desktop* (que seria vendido antes ou depois da compra), indicando que as mesmas questões relativas à autonomia sobre privacidade e local de uso podem ainda permanecer; c.2) em algum lugar da sala, indicando o uso paralelo do *notebook* com o *desktop* – o *laptop* neste caso seria usado pelos pais ou pessoas que mais usam ou “entendem de computador” da casa (Juninho, pai, Família 3). Importante mencionar que nenhuma família citou o custo adicional de se comprar um roteador *wi-fi* e a possibilidade de a conexão ser ainda mais lenta do que a já habitual da Telefonica (via estrutura de telefonia fixa) que, quando comparada à conexão a cabo, apresentaria pior performance. Se estes problemas se tornarem realidade, seriam uma surpresa para estas famílias. O desconhecimento destes problemas (como depois confirmado pelo *cross-check* de informações) indica o conhecimento técnico limitado de *hardware* e de *software* destas famílias.

A configuração do computador é um mistério tanto para as famílias entrevistadas de todas as classes[96], quanto para a maioria dos alunos entrevistados. Todas as famílias identificaram com relativa segurança o sistema operacional, mas os demais itens, como o microprocessador, quantidade em gigabytes do disco rígido ou memória, foram difíceis de serem informados, fazendo com que eu tivesse de me sentar no computador e procurá-los para todas as famílias da classe C e para uma das famílias da classe B (Família 7)[97]. Em relação aos alunos, 86.7% dos alunos da escola Oswald e 77% dos alunos da escola Max sabem muito pouco a respeito da configuração de *hardware* e *software* dos seus computadores. Daqueles alunos que conseguiram prover algumas informações, elas estavam relacionadas basicamente à marca do sistema operacional (Windows, 38.9% dos alunos da escola Oswald e 25.5% para alunos da escola Max) e à marca do microprocessador (Intel, para 20.8% da escola Oswald e 29.8% para a escola Max). Para além da marca do sistema operacional e da marca do microprocessador, poucas respostas foram obtidas para a quantidade em gigabytes de memória e disco rígido e o tamanho da tela. Muitos confundem a marca do computador com o fabricante do monitor. A questão sobre configuração serve para ilustrar quanto os usuários estão longe de entender termos técnicos de computação, o que faz com que eles fiquem à mercê de provedores de serviços ("técnicos"), do parente "que entende mais de computador", ou até mesmo do vendedor da loja que indica o que acha ser melhor para o usuário, mediante seus próprios objetivos de vendas no momento da compra do computador. Dentro desta perspectiva, é importante ressaltar que 23.5% dos alunos da escola Max (contra apenas 5.3% dos alunos da escola Oswald) souberam responder às perguntas sobre a parte técnica do computador. Este valor de 23.5% de alunos está relacionado, para além do interesse em tecnologia, ao fato de que compraram computadores montados, ou seja, tiveram de escolher com o técnico e com os pais todas as características de seu computador, desde o sistema operacional até os *softwares* e periféricos a serem instalados indicando que, assim como as famílias que compraram computadores montados (Famílias 4 e 5), elas o compraram baseadas na confiança que estas pessoas depositam no "técnico", pessoa que "conhece essas coisas de computador" (Luciano, pai, Família 4), podendo indicar características técnicas, os melhores lugares para a compra (proximidade, termos de pagamento, garantias),

[96] Exceção para o Marcos (pai, Família 1), que possui bons conhecimentos técnicos de informática e soube explicar a configuração de seu computador.

[97] Para as famílias da classe D: o Marcos (pai, Família 1) sabia todas as configurações porque é um aficcionado por computadores. A Família 2, o Marcelo (guia) forneceu todas as informações, já que ele é o técnico contratado para cuidar do computador da Família 2.

como também os melhores preços. Ou seja, existe um percentual de alunos do Max que conseguem através dos seus próprios recursos ou contatos fazer reparos em seus computadores porque detém um certo nível de conhecimento técnico e possuem em suas redes sociais pessoas com conhecimentos técnicos com as quais podem contar. Na direção oposta, estão os alunos do Oswald que, em sua quase totalidade, precisam comprar serviços de manutenção e *upgrade* tanto de *hardware* quanto de *software*: "Meu pai paga o técnico que já conhece os computadores lá de casa. Ele [o técnico] conhece até os vírus [que o computador deste aluno geralmente "pega"]" (Aluno, 3º ano, Oswald).

A Tabela 26 na página 144, indica quais *softwares* estão presentes nos computadores dos alunos. É fácil observar que o aplicativo para comunicação instantânea Messenger é quase onipresente. Aplicativos de produtividade como processadores de texto e planilhas eletrônicas estão presentes na maioria dos computadores. Dois aplicativos chamam a atenção em relação aos demais: o iTunes e o Nero. 85.5% dos computadores dos alunos da escola Oswald têm iTunes, contra 13.1% dos computadores de alunos da escola Max. Este aplicativo *online* requer que você tenha algum contato com produtos da Apple, seja ele seu próprio *notebook* ou até mesmo um iPod, ou um amigo que indicou o iTunes para comprar e escutar música ou baixar aplicativos para uso em dispositivos móveis como iPod ou iPhone. A Apple tem um apelo grande pelo design, tem preços acima da média de mercado e sua manutenção é mais cara do que para um computador disponível em grandes lojas de varejo. 14.6% dos alunos do Oswald afirmam ter um *notebook* Apple em casa para uso próprio. Este é um fator que indica o refinamento destes alunos com relação à tecnologia da informação. Eles estão em contato com produtos de tecnologia que são *mainstream* em países desenvolvidos, evidenciando uma conexão com o mundo da tecnologia da informação fora do Brasil: "Eu pedi o MacAir para o meu pai porque é bonito. Meus primos que moram nos Estados Unidos têm e meu pai me trouxe um quando voltou de lá." (Aluna, 3º ano, Oswald); "Mac tem design, é legal, dura mais... Todo mundo quer [ter um]." (Aluno, 3º ano, Oswald). Este fato também pode ser comprovado pela Família 6, cujos dois *notebooks* mais novos foram comprados na Alemanha e trazidos por um tio que vive nesse país, e pelos alunos do Oswald que disseram que seus *notebooks* foram comprados fora do Brasil (19.3% dos alunos). O segundo aplicativo é o Nero. O Nero é um aplicativo que permite a gravação de CDs e DVDs. Ele está presente em 60.7% dos computadores de alunos da escola Max contra 41% dos computadores de alunos da escola Oswald. Como foi possível averiguar

com as famílias da classe C[98], gravar um CD ou DVD[99] e dar de presente para amigos e parentes é uma atividade que demonstra status através do "conhecer computador" (Família 3 e Família 4), evidenciando uma hierarquia entre o presenteado (que não necessariamente sabe gravar um CD ou DVD) e o provedor do presente. Pode-se pensar também que o sucesso do Nero nas famílias da classe C deve-se ao fato de que se pode piratear conteúdos diversos, principalmente músicas, filmes e shows com maior facilidade quando se usa este aplicativo.

Importante notar que o acesso a produtos pirateados é grande pelas famílias das classes C e D. Quando perguntados sobre a possibilidade de alugar filmes em DVD na locadora como meio de diversão/entretenimento dentro de casa, as famílias responderam que alugar filmes é caro ou que nem mesmo têm aparelho para DVD, como é o caso das famílias da classe D: "Não temos aparelho de DVD. A gente tinha um de vídeo cassete..." (Sonia, mãe, Família 2); "Não alugamos filmes, não. Compramos filmes na avenida [avenida do Rio Pequeno]. É mais barato. É dez reais por três CDs com capa [encarte de papel com a impressão colorida da caixa do CD original]."[100] (Elaine, mãe, Família 4). Os CDs/DVDs com filmes, quando não são comprados, são ou gravados por ou emprestados de amigos, parentes e vizinhos. Ademais, gravar CDs de música (geralmente dos estilos pagode, samba e axé) é algo muito comum para as famílias da classe C, embora esta prática também exista (em menor frequência) nas famílias da classe B[101]: o ato de presentear com um CD de música está na esfera da reciprocidade. Ele serve símbolo de apreciação, agradecimento ou marcadores de ocasiões como festas, aniversários, noivados etc. ou mesmo marcadores/símbolos de amizade. Nestes termos, os rituais de consumo que são gravar, presentear ou emprestar CD/DVD, podem ser vistos como marcadores de amizade (Douglas, 1996, p. xxii).

Softwares específicos para *download* estão presentes nos computadores dos alunos das duas escolas: observa-se que 60.2% dos alunos da escola Oswald e 49.2% dos alunos da escola Max têm *softwares* específicos para *download* instalados em seus computadores[102]. Estes

---

[98] As famílias da classe D não tinham o aplicativo Nero em seus computadores no momento da entrevista.

[99] Os CDs, principalmente, são gravados para pais e avós que utilizam (e dizem saber apenas usar) aparelhos de som ou *mini systems* que tenham entrada para CD ou mesmo amigos que não têm computador.

[100] Para comparação: em outubro de 2009, um DVD (lançamento) poderia ser alugado na BlockBuster da avenida Henrique Schawmann por R$6,90 por um dia de aluguel.

[101] Para as famílias da classe B, baixar música para gravar um CD tem como objetivo escutar este CD no carro ou gravar as músicas baixadas no iPod ou MP3.

[102] É preciso chamar a atenção para o fato de que as respostas "BitTorrent" e "*software* específico para download" não têm dupla contagem devido a que os alunos que responderam "BitTorrent" puderam também assinalar "*software* específico para download".

softwares específicos, como Emule e BitTorrent, permitem o *download* de filmes, seriados e shows de música diretamente de *websites* ou computadores de outros usuários da internet. Esta pesquisa entende que a pirataria poderia ser melhor explorada neste trabalho, mas ela não é o foco desta pesquisa. No entanto, é possível afirmar que os jovens tanto da classe C quanto da classe B estão munidos com os *softwares* necessários para fazer parte das estatísticas de pirataria no Brasil.

Finalmente, é importante notar a diversidade de aplicativos encontrados em computadores dos alunos. Há destaque para o processador de texto, o aplicativo mais usado para os trabalhos escolares[103]. As planilhas eletrônicas e aplicativos para apresentações como Power Point, embora presentes na maioria dos computadores (principalmente via pacote de aplicativos Office da Microsoft, nem sempre originais) são pouco usados. Durante a aplicação dos questionários e das mini sessões de grupo focal, todos alunos da escola Max disseram não ter tido aula de informática, apesar da disponibilidade do curso extra-curricular. Em entrevista com a professora responsável pelo laboratório de informática da escola, ela informou que o laboratório é novo. Ele foi instalado em 2007 e as aulas obrigatórias de informática começaram a partir de 2008. Mas os alunos do ensino médio ainda não foram considerados para uso porque a prioridade são os alunos do ensino fundamental, entre a sexta e nona séries. Assim, os alunos do ensino médio do Max não tiveram nenhuma aula de informática. As aulas no laboratório da escola exploram, para além dos aplicativos relacionados às matérias específicas como matemática ou geografia, os aplicativos processador de texto, planilhas eletrônicas e os aplicativos para apresentações. Importante notar que os aplicativos para comunicação como Messenger ou para redes sociais como Orkut são proibidos. Todo o conteúdo gerado pelos alunos é gravado no computador pré-determinado por aluno[104]. Existe, assim, um *gap* entre os alunos do ensino médio e os alunos do ensino fundamental. Os primeiros não tiveram nem aulas, nem acesso ao laboratório de informática. Mesmo as aulas de informática providas como cursos extracurriculares (que tiveram seu número reduzido devido à instalação do laboratório de informática), não tiveram apelo para estes alunos, que se interessaram mais por aulas de

[103] Nem todos os computadores apresentados na Tabela 26 têm todos os aplicativos de produtividade como processador de textos e planilhas eletrônicas porque muitos destes aplicativos são piratas e foram instalados um a um no computador. Ademais, alguns alunos não souberam responder à pergunta 14 sobre os *software*s instalados. Estas são as duas razões sobre as quais o número de aplicativos de produtividade não estão presentes em todos os computadores.

[104] Importante mencionar que o laboratório foi inaugurado ainda em 2009 com a presença de diversas autoridades da secretaria de educação do estado de São Paulo e da prefeitura.

capoeira, teatro, futebol ou DJ. Assim, os alunos do ensino médio do Max, que estavam matriculados em 2009, contando-se a partir do primeiro ano do ensino médio em diante, sofrem dois níveis de desigualdade em relação aos alunos mais novos: a primeira, pela não obrigatoriedade do curso de informática para ensino do uso de ferramentas como processadores de texto ou planilhas eletrônicas, justamente para alunos que objetivam arrumar um emprego para poder ter recursos financeiros suficientes para ingressar no ensino superior principalmente via universidades pagas; e a segunda, pela não possibilidade de acesso ao laboratório de informática, nem mesmo quando este não é usado pelos alunos do ensino fundamental. Já os alunos do ensino médio da escola Oswald tiveram oportunidade de aprender a usar os aplicativos não apenas nas aulas de informática no laboratório da escola (principalmente aqueles que estudaram no Oswald durante o ensino fundamental), mas também em casa, ajudado pelos pais: "Eu aprendi a usar o Excel com meu pai. Ele usa bastante no trabalho." (Aluno, 3º ano, Oswald); "Meu pai me ajudava quando eu precisava usar o Power Point, por isso, eu aprendi [a usar o aplicativo]" (Aluno, 1º ano, Oswald). Assim, os alunos do ensino médio do Oswald têm três vantagens sobre os alunos do Max que não têm computador em casa: a primeira, o acesso às aulas no laboratório de informática desde o ensino fundamental[105]; a segunda, a disponibilidade do computador para uso na residência e, finalmente, o suporte dos pais em casa para uso de aplicativos de produtividade, principalmente planilhas eletrônicas e aplicativos para apresentações. Este fato evidencia que a educação familiar pode ser vista como complementar à educação escolar relacionada ao uso do computador, pois, assim como pode acontecer para o mundo da arte, o sistema de ensino pode alcançar sua máxima eficiência na medida em que se exerce sobre os indivíduos previamente dotados pela educação familiar (Bourdieu, 2009, p. 304).

Tabela 26 – Configuração de *software* dos computadores dos alunos

Base: 144	Escola			
	Oswald	(%)	Max	(%)
Total de alunos	83		61	
Processador de texto	81	97.6%	53	86.9%
Planilha	67	80.7%	47	77.0%
Power Point	68	81.9%	43	70.5%

[105] Nas duas escolas, as aulas no laboratório de informática não necessariamente são sobre aplicativos para produção de conteúdo. Elas também são usadas para uso de aplicativos relacionados às matérias como matemática ou ciências e também para acesso à internet a conteúdos específicos determinados pelo professor de tais matérias.

Tabela 26 – Configuração de *software* dos computadores dos alunos				
	Escola			
Base: 144	Oswald	(%)	Max	(%)
Photoshop	38	45.8%	26	42.6%
iTunes	71	85.5%	8	13.1%
Nero	34	41.0%	37	60.7%
Skype	43	51.8%	20	32.8%
MSN	83	100.0%	60	98.4%
Bit Torrent	24	28.9%	10	16.4%
Software específico para *download*	50	60.2%	30	49.2%
Antivirus. Qual?	44	53.0%	36	67.9%
Outro.Qual?	0	0.0%	0	0.0%

Pergunta 14: Quais dos seguintes *softwares* estão instalados no computador mais usado por você? [Resposta múltipla. Assinalar todos que estão instalados].

Ainda sobre a Tabela 26 acima, a opção "*games*" não foi adicionada ao questionário propositalmente. Isto se deve ao fato de que o universo dos *games* é um assunto muito extenso e que exigiria um entendimento maior sobre (entre outros temas) quais tipos de *games* são utilizados (console, *online* ou via redes sociais), tipos de jogos, questões de gênero e temas como colaboração e compartilhamento. A atenção deste estudo está focada nos demais aplicativos por eles estarem presentes na maioria dos computadores e porque a observação do conteúdo produzido seria mais consistente em termos de acesso e comparação. De qualquer maneira, foi possível observar que 35% dos alunos do Oswald e 30% dos alunos do Max tinham ou um console (como Xbox ou Wii) e/ou jogavam jogos multi-usuários *online* toda semana (*multiplayer games*)[106].

Os periféricos encontrados nas casas das famílias da classe D são: os *speakers,* o microfone e a *webcam* na Família 1, com propósito de conversar com familiares distantes e, os *speakers* na Família 2, com o objetivo da Daniela escutar suas músicas; esta família não tem microfone ou *webcam*. Nas famílias da classe C, além do microfone e dos *speakers* para conversar com parentes e escutar música, foram encontrados também impressoras jato de tinta. Em todas as famílias visitadas, a impressora era de segunda mão, dada por algum parente ou amigo que havia comprado uma impressora mais nova. A impressora é usada principalmente

[106] Websites citados pelos alunos onde pode-se encontrar jogos multi-usuários: http://www.gamenet.com/ ou http://www.miniclip.com/games/br/.

para imprimir fotos, trabalho da escola dos filhos, recibos de pagamento feitos pela internet, letras de músicas e capas de CD. Para as famílias da classe B, a impressora (também jato de tinta) não necessariamente era nova, mas foi comprada junto com um dos computadores instalados na casa para "aproveitar a promoção" (Maurício, filho, Família 7), já que existem promoções que incentivam a compra da impressora junto com a compra do computador. Importante observar que todas as famílias da classe C disseram usar a impressora somente quando realmente necessário porque "...ela [a impressora] consome muita tinta e o cartucho [com tintas multicoloridas] custa muito, mesmo o refil. A gente evita usar... fora que a gente tem de comprar papel também e de vez em quando ela [impressora] encrenca e temos de chamar o Marcelo [assistência técnica]." (Luciano, pai, Família 4). A declaração acima indica diversos gastos que estão associados ao computador que apenas aparecem quando a família passa a usar o produto. Para além dos gastos associados à impressora (papel e cartuchos de tinta) e suporte técnico, existem também os custos associados às atualizações periódicas de *software* (nem sempre gratuitas) e a exigência constante de aumento de capacidade de processamento, já que as características de *hardware* e *software* do computador tornam-se rapidamente obsoletas (Sorj, 2003, p. 32). Embora todas as famílias tenham reclamado dos custos associados ao computador, o peso destes custos é diferenciado quando se pensa na proporção deles em relação à renda familiar mensal. Para as famílias da classe C, estes custos têm um peso maior no orçamento: "Às vezes a impressora fica sem funcionar um bom tempo porque precisamos juntar dinheiro para consertar; e a impressora não é prioridade, né?" (Monica, mãe, Família 3). Apesar de também reclamarem dos custos, o peso deles no orçamento não é tão grande nas famílias da classe B, fazendo com que a manutenção e *upgrades* sejam realizados com mais frequência, sem grandes interferências no uso tanto do computador, quanto de seus periféricos. Mas para superar estes problemas, os dois tipos de famílias usam estratégias diferentes. E é justamente na execução destas estratégias é que aparece a desigualdade. Embora todas as famílias tenham computadores e tenham impressoras, as famílias da classe C acabam por terem de gerenciar problemas de manutenção e *upgrade* por mais tempo que as famílias da classe B: "Quando a impressora está quebrada, eu tenho de ir na *lan house* imprimir ou peço para o Jonas, amigo meu que tem computador." (Junior, filho, Família 4). Estas práticas exigem maior tempo de execução e podem envolver dinheiro. No limite, os usuários podem simplesmente deixar de usar os periféricos e, às vezes, o próprio computador: "No mês passado, o computador deu pau. Simplesmente não

ligava. Chamei um amigo para dar uma olhada, ele me disse que não sabia o que era. Tive de chamar um técnico [que conserta o computador do primo] mas esperei cair o salário. O problema estava na fonte [de energia] que queimou. Levou uma semana para o cara vir trocar. A gente ficou mais de 15 dias sem usar o computador... Neste meio-tempo, se a gente precisava de alguma coisa da internet, minha mulher tentava ver no trabalho dela ou a gente pedia para algum amigo." (Juninho, pai, Família 3). As famílias da classe B também usam estratégias para superar as dificuldades. Mas estas estratégias podem não ser tão demoradas como as das famílias da classe C para execução ou até mesmo custosas: "Quando dá algum pau [no computador ou na impressora] eu peço para o meu pai imprimir no trabalho dele. Dá para usar o *notebook* do trabalho dele também, se precisar." (Juliana, prima 1, Família 6); "Eu uso o computador do meu irmão se acontecer alguma coisa no meu [computador]." (Fernanda, filha 2, Família 7). Assim, estas famílias conseguem superar as dificuldades advindas de problemas de *hardware* ou *software* ou periféricos de maneira relativamente mais rápida e não necessariamente envolvendo dinheiro, como para as famílias da classe C.

A Tabela 27 abaixo indica a presença de periféricos nas residências dos alunos do ensino médio. É possível observar que o número de residências com impressoras representa pouco mais de 50% do total de alunos. Este fato deve-se a que em muitas residências a impressora não tem a importância que o computador tem para a família, sendo a impressora relegada ao uma posição secundária, pois existem as estratégias apresentadas acima, como a *lan house* ou amigos, para as famílias da classe C, e o suporte de membros da própria família para as famílias da classe B. Pode-se notar também na Tabela 27 abaixo que o número de *webcam*s e microfones instalados diferem bastante de um grupo de alunos para o outro. *Webcam*s estão instaladas em 61.4% dos computadores dos alunos do Oswald, sendo que 33.5% dos alunos usaram pelo menos uma vez tal *webcam* nos dois meses anteriores à aplicação do questionário. Já para os alunos do Max, apenas 26.2% dos computadores têm *webcam* instaladas, sendo apenas 15.3% dos alunos usaram tal *webcam* nos últimos dois meses anteriores à aplicação do questionário. Em termos de microfones instalados, 61.4% dos computadores dos alunos do Oswald contra 32.8% dos computadores dos alunos do Max têm microfones instalados, sendo que 38.6% dos alunos do Oswald e 24.6% dos alunos do Max usaram o microfone nos dois meses anteriores à aplicação do questionário. As diferenças em valores percentuais apresentadas acima diferem do que foi observado nas famílias. As das classes C e D usam microfone para conversar com parentes e

amigos distantes via Messenger. As conversas acontecem geralmente aos domingos, pois é quando estas famílias conseguem se reunir para o almoço e quando a outra parte da família também está disponível para a interação. Geralmente, as duas partes que vão interagir estão distantes geograficamente: "Usamos o MSN para falar com meus pais que estão em São Vicente nos fins de semana que não vamos para lá." (Elaine, mãe, Família 4); "Uso o Messenger para falar com meus parentes nas Alagoas." (Marcos, pai, Família 1). O uso de *webcam* não foi detectado porque estas famílias ainda pretendem comprar a *webcam* para comunicação simultânea de imagem e voz. O uso simultâneo da *webcam* e do microfone está associado às famílias da classe B devido ao número de *notebooks* na casa com *webcam* e microfone embutidos (média de três por família). Este tipo de uso serve para comunicação entre familiares e amigos, não necessariamente distantes geograficamente. As famílias da classe B entrevistadas conseguem obter uma experiência mais rica com o uso da tecnologia da informação por usarem a comunicação por voz e por imagem de maneira frequente para interagir com parentes e amigos. Pelas conversas informais com os alunos das duas escolas, o não usar a *webcam* com o microfone para comunicação está associado intimamente ao uso do Messenger (mensagens instantâneas escritas), preferidas pelos alunos às conversas por voz, principalmente por poder "conversar" com várias pessoas ao mesmo tempo, ou seja, manter comunicação através da troca de mensagens instantâneas com vários amigos ao mesmo tempo. Assim, embora tenham o mesmo objetivo de comunicação, existe uma diferença entre o observado etnograficamente no uso de periféricos pela família e no uso de periféricos pelos alunos.

Tabela 27 – Periféricos instalados

	Escolas			
	Oswald		Max	
	Número de computadores	Participação % sobre total de computadores	Número de computadores	Participação % sobre total de computadores
Impressora	45	54.2%	34	55.7%
Funciona (sim)	40	48.2%	29	47.5%
Webcam	51	61.4%	16	26.2%
Funciona (sim)	50	60.2%	15	24.6%
Microfone	51	61.4%	20	32.8%
Funciona (sim)	48	57.8%	20	32.8%

Pergunta 13: O computador mais usado por você tem: [Resposta múltipla].

É importante comentar a dinâmica que faz com que pais e filhos ingressem no mundo da tecnologia, comprando um computador em um primeiro momento e, futuramente, periféricos.

Foi possível observar que os filhos são os principais impulsionadores para a compra de um computador para as famílias da classe C[107]. Quando perguntados sobre como a decisão de comprar um computador foi tomada, estas indicaram que os filhos foram decisivos para a compra: "Eles pediam sempre. Juntamos dinheiro e compramos. E eles precisam por causa da escola." (Luciano, pai, Família 4); "Eles me pediram dinheiro e, com o dinheiro deles também, compramos um computador mais novo. Por mim não precisava..." (seu Douglas, pai, Família 5); "Fui eu quem foi atrás de tudo: preço, lugar para comprar, o técnico que me ajudou a escolher a montar o computador, a ligar na Telefonica [para fazer a conexão à internet]." (Aluno, 3º ano, Max); "Eu que ficava enchendo o saco da minha mãe. Meu irmão também, mas ele só joga [jogos *online* do UOL, o irmão tem sete anos]." (Aluna, 3º ano, Max); "Minha vó ajudou meu pai e nós compramos o computador. Mas quem fez tudo fui eu. Meu vizinho indicou o cara que instalou o computador dele e decidimos tudo [parte técnica de *hardware* e *software*] sozinhos. Meu pai participou na hora de pagar." (Aluno, 2º ano, Max). Já para os alunos do Oswald, a atitude de compra passou primeiro pelos pais, já que o primeiro computador para a maioria desses alunos foi comprado quando eles eram muito pequenos para tomar qualquer atitude: "Eu nasci com o computador em casa." (Aluno, 1º ano, Oswald); "Não sei dizer quando foi a primeira vez que usei um computador, foi em casa mas não lembro a idade." (Aluno, 1º ano, Oswald). Mas a compra de um *notebook* (principalmente Apple, devido ao apelo do design e status) ou um novo computador (maiores recursos multimídia, maior capacidade de processamento, melhor placa de vídeo, etc.) é uma compra impulsionada principalmente pelos filhos, mais do que pelos pais: "Eu queria um Mac igual do meu primo." (Aluna, 1º ano, Oswald); "Eu queria um *notebook* porque sou mais velha [que meu irmão] e queria um computador para mim. Não aguentava mais ter de dividir com ele. Então, pedi para meu pai um Apple." (Aluna, 3º ano, Oswald); "Eu precisava de um processador mais forte porque eu jogo muito jogo e preciso de processador bom. Meu pai deu meu computador antigo para meu primo e eu fui com ele comprar um computador melhor, com melhor placa de vídeo [...] meu pai, de vez em quando, joga comigo." (Aluno, 1º ano, Oswald). É possível observar que as motivações para compra de computadores tem de ser entendidas em contexto diferentes. Para as famílias da classe D, o computador está ligado mais ao entretenimento do que ligado à escola, mas os filhos

[107] Para as famílias da classe D: Na Família 1, o Marcos (pai) foi quem comprou o computador (de segunda-mão). Na Família 2, a Daniela pediu e ganhou o computador de presente do pai.

também são os impulsionadores[108]. Para as famílias da classe C, os filhos impulsionam a primeira compra, cuja motivo que faz com que a compra seja efetivada pelos pais é o "meu filho precisa por causa da escola". Para as famílias da classe B, a compra do primeiro computador é uma decisão dos pais já que os filhos eram pequenos demais a ponto de fazer os pais comprarem um computador; em um segundo momento, quando os filhos estão mais velhos, são os filhos que impulsionam os pais a comprar um computador mais novo ou ainda periféricos.

O acesso a banda larga foi identificado em todas as famílias entrevistadas, com exceção da Família 2, que tem conexão discada. Pela Tabela 28 abaixo é possível observar que 91.6% dos alunos do Oswald contra 70.5% para os alunos do Max possuem conexão banda larga acima de 1MB. A expectativa deste trabalhdo era de que um maior número de alunos do Max teria acesso à banda larga devido ao fato de que, embora os preços da banda larga ainda sejam altos para as famílias das classes C e D proporcionalmente à renda mensal familiar, eles vêm apresentando de declínio nos últimos anos. Ademais, existe também o fato de que o usuário não tem uma boa experiência na internet quando a velocidade de navegação é baixa, o que fez com que muitos usuários tenham começado com acesso discado ou de velocidade abaixo de 256kpbs e tenham migrado para velocidades mais altas, conforme foram experimentando a navegação em velocidades mais altas, possibilitando o usuário a usar recursos de voz e vídeo e jogos *online*, por exemplo. Interessante notar que ainda existem alguns usuários com velocidade abaixo de 1MB (para este estudo, considera-se banda larga todo contrato de conexão à internet com velocidade igual ou acima de 1MB). São 7.2% dos alunos do Oswald contra 18% dos alunos do Max. Foi possível averiguar com os alunos do Oswald que, para alguns, o contrato é antigo e que não foi renegociado com a Net; para outros, a família entende que a velocidade atual é satisfatória já que o acesso em casa não é frequente e apenas uma ou duas pessoas usam o mesmo computador. Para os alunos do Max, isto é relacionado ao fator restrição orçamentária familiar, ou seja, algumas famílias ainda estão pagando as prestações do computador que, se somadas ao preço pago pela conexão, o valor a ser pago para acessar a internet toma uma parte relativamente alta dos rendimentos mensais. Importante notar que 11.5% dos alunos do Max ainda têm acesso discado, o que indica a má experiência de navegação desta parcela de estudantes, um fator decisivo para acesso prolongado e frequente de conteúdos e às redes sociais. Os alunos com

[108] Com exceção da Família 1, cujo interesse do pai pelas ICTs é o motivador da compra e uso do computador e seus periféricos.

acesso abaixo de 1MB enfrentam dificuldades específicas relacionadas ao preço de acesso mensal fixo ou ao custo de telefonia para acessos discados, sendo estes custos um dos fatores que mais dificulta o acesso à banda larga pelas famílias de baixa renda (Sorj, 2003, p.32).

É importante observar que a disponibilidade da banda larga para famílias das classes C e D, para além do custo, é um fator importante a ser levado em conta. Desde 2008, empresas como Telefonica e Net vêm disputando acirradamente clientes na cidade de São Paulo, com especial atenção nos bairros onde a Net possui infraestrutura de cabeamento. Assim, bairros como o do Rio Pequeno viram a chegada da oferta de banda larga da Telefonica chegar com anos de atraso em relação ao bairros mais abastados. Quando a banda larga ofertada pela Telefonica chegou até o Rio Pequeno, ela não foi ofertada para todas as casas do bairro, como relata a família moradora do Cingapura do Rio Pequeno: "Antes tínhamos conexão "do bairro" [conexão clandestina, geralmente compartilhada entre diversas famílias]. A gente não se sentia bem porque o negócio [a conexão] não era legal, a gente poderia ter problema com a polícia, sei lá... Decidimos, então, passar a usar a conexão discada [via telefone fixo com serviço da Telefonica] mas era ruim, as crianças reclamavam, acessar o *e-mail* era difícil e usar o Messenger sempre tinha falha porque caia muito. A gente ficou sabendo que a Telefonica estava oferecendo internet [com conexão a partir de 62kpbs na época] por um dos vizinhos que moram aqui em frente. A gente resolveu ligar na Telefonica para contratar os serviços do Speedy [nome do serviço de conexão à internet da empresa] e a menina [teleoperadora] disse que não poderíamos ter porque moramos em uma parte do bairro onde a conexão não está disponível por problemas de estrutura [infraestrutura para conexão à internet]. Fiz que fiz e pedi para eles enviarem um técnico para saber se a gente tinha problema de estrutura. O técnico veio, viu tudo e disse que não havia problema [de infraestrutura] mas que ele não podia fazer o serviço [de conexão] porque ele não estava autorizado. Perguntei porque, ele não quis responder direito. Eu liguei na Telefonica com o técnico aqui para saber porque a gente não poderia ter a conexão também. Falei com uma moça, expliquei a situação. Eu pedi para ela falar com o técnico. Ele [o técnico] me disse, então, que ele não estava autorizado porque o serviço está disponível até aquela calçada [onde estão as casas cuja frente dão para o conjunto Cingapura onde a família mora]. A gente aqui, não tinha. Por que? Porque a gente mora no Cingapura. A gente é pobre... Eles [da Telefonica] têm medo que a gente não vai pagar...".

A Telefonica tem um mapeamento da cidade, rua à rua, que permite identificar quais bairros e ruas são, possivelmente, os mais lucrativos em termos de número de possíveis clientes, de problemas de instalação e de problemas de pagamento, por exemplo. A Família 4 acredita que o Cingapura não foi incluído (naquela época) na oferta de serviços porque "é um lugar de gente pobre" (Elaine, mãe, Família 4) e que, assim, haveria muita inadimplência. Depois de muitas ligações na Telefonica, o serviço de conexão foi finalmente instalado. Não porque a família insistiu; mas porque a Telefonica passou a oferecer conexão às famílias moradoras de conjuntos habitacionais como o Cingapura e favelas (onde a operadora tinha estrutura de telefonia fixa) porque sabia que estava perdendo clientes para a conexão clandestina e para a conexão via satélite (da operadora Sky).

Já as famílias da classe D já usaram, como a Família 2, ou atualmente usam, como a Família 1, a estratégia do "gatonet" para superar as dificuldade de acesso à internet. O Marcos (pai, Família 1) paga R$50 por mês para ter conexão à internet (ilegal) em seu barraco. As famílias da classe B têm internet a cabo ou via satélite (Oi). Antes, estas famílias tinham conexão provida pela Telefonica mas não estavam satisfeitas com o serviço prestado e resolveram mudar de provedor. É preciso levar em conta também a) os problemas técnicos do "gatonet": "De vez em quando o sinal falha. E é meio complicado ir lá reclamar. Se você não está satisfeito, eles te mandam buscar outro lugar [que provenha conexão]." (Marcos, pai, Família 1) e, b) as reclamações dos serviços de banda larga da Telefonica: "Telefonica é complicado... Já ficamos sem internet por mais de uma semana." (Juninho, pai, Família 3); "Telefonica, nem se você pagar eles vêm consertar na hora." (Luciano, pai, Família 4), para se perceber que as famílias da classe D e C têm uma experiência de uso da internet não tão gratificante quanto a experiência das famílias da classe B, as quais pagam por um serviço de melhor qualidade.

Tabela 28 – Acesso à banda larga

Base: Total de alunos com computadores = 144	Escola			
	Oswald	(%)	Max	(%)
Total de alunos	83		61	
Banda larga acima de 1MB	76	91.6%	43	70.5%
Telefonica	18	21.7%	19	31.1%
Net	52	62.7%	20	32.8%
Outro.Qual?	6	7.2%	4	6.6%
Banda larga abaixo de 1MB	6	7.2%	11	18.0%

Tabela 28 – Acesso à banda larga				
Base: Total de alunos com computadores = 144	Escola			
	Oswald	(%)	Max	(%)
Telefonica	2	2.4%	11	8.2%
Net	4	4.8%	0	0.0%
Outro.Qual?	0	0.0%	0	9.8%
Acesso discado	1	1.2%	7	11.5%
Não acessa internet em casa	0	0.0%	0	0.0%
Outros.Qual?	0	0.0%	0	0.0%

Pergunta 15: Considerando o computador que é mais usado por você, como é o acesso deste computador à internet? [Resposta única].
Notas: Outro (banda larga acima de 1MB) = Ajato TVA, Oi3G. Outro (banda larga abaixo de 1MB) = Ajato TVA e (compartilhada) Telefonica, com seis respostas.

A Tabela 29 abaixo apresenta um comparativo entre os grupos sociais pesquisados em termos do equipamento. Pode-se observar que o modelo *notebook* assim como o interesse em mobilidade está mais presente nas famílias da classe B. A variabilidade de aplicativos *online* e de produtividade aumenta das famílias da classe D para as da classe B. A influência dos filhos para a compra do primeiro computador diminui da classe D para a B porque os pais das famílias da classe B compraram seus computadores independente da necessidade dos filhos, pensando primeiro nas suas próprias necessidades e desejos.

Tabela 29 – Dimensões da desigualdade digital – equipamento			
Características	Famílias da classe D	Famílias da classe C	Famílias da classe B
Formato de uso mais comum	Modelo *desktop*, ainda sem tendência à migração para *notebooks*.	Modelo *desktop*, com tendência à migração para *notebooks*.	Modelo *notebooks*. Pouca presença de *desktops*, os quais são geralmente antigos quando presentes.
Interesse em *notebooks*	Pouco interesse. Auto-exclusão.	Grande interesse. Auto-exclusão.	São usuários de *notebooks*.
Importância da mobilidade (provida por *notebooks*)	Não importante. Não percebem os benefícios providos pela mobilidade.	Não importante. Não percebem os benefícios providos pela mobilidade.	Importante. Percebem os benefícios da mobilidade. Mobilidade cirscunscrita ao domicílio.
Prática de assistir televisão e acessar a internet	Não presente.	Rara. É realizada quando o computador *desktop* está na sala.	Realizada pela maioria dos membros destas famílias que tem *notebooks*.
Interesse em ter mais de um computador na residência	Sem interesse.	Existe interesse mas questões sobre custos envolvidos (manutenção, eletricidade, local para repouso dos computadores) sobrepõem o interesse.	*Notebook* supre o interesse de ter um computador por pessoa. Não existe preocupação sobre custos envolvidos.

Tabela 29 – Dimensões da desigualdade digital – equipamento			
Características	Famílias da classe D	Famílias da classe C	Famílias da classe B
Conhecimento técnico	Família 1: pai com grande conhecimento sobre computadores. Família 2: dependente do técnico, não tentam resolver problemas pois realmente não têm conhecimento técnico sobre computadores.	Possuem conhecimento técnico limitado. Tentar resolver problemas antes de chamar algum técnico, o que teria um peso relativamente grande no orçamento.	Possuem conhecimento técnico limitado. Tentam resolver problemas mas podem chamar um técnico quando não conseguem. Pagamento do técnico não tem grande peso no orçamento.
Aplicativos *online*	Uso intensivo do Messenger e Orkut.	Uso intensivo do Messenger, Orkut, youtube e Nero.	Uso de diversos aplicativos: Messenger, Orkut, Facebook, Twitter, Spype, Nero e iTunes. Proximidade com produtos cujo apelo é o design, como produtos da Apple.
Aplicativos de produtividade	Raramente são usados.	Uso esporádico, voltado aos trabalhos da escola dos filhos, principalmente o processador de texto.	Uso intensivo de planilhas eletrônicas, processadores de texto, aplicativos para apresentações e aplicativos para *e-mail*.
Pirataria	Compra de CDs piratas. Computador com *softwares*/aplicativos não originais. Não fazem *download* de conteúdo na internet.	Compra de CDs e DVDs piratas. Computador nem sempre com *softwares*/aplicativos originais. Fazem *download* de conteúdo na internet.	Compra eventual de CDs e DVDs piratas. Computador geralmente com *software*/aplicativos originais. Fazem *download* de conteúdo na internet.
Gravar CD de música	Raramente o fazem.	Como presentes, são marcadores sociais de ocasiões (aniversários) e de relacionamento (amizade).	São preparados para uso próprio (principalmente para serem escutados no carro).
Uso da impressora	Não possuem impressora.	Possuem impressora. Ela geralmente é de segunda-mão. Tentam usar o mínimo para não haver gastos com cartucho.	Possuem impressora. Preocupação com gastos com cartucho presente mas não importante.
Manutenção e *upgrade* (*hardware* e *software*)	Não tentam resolver os problemas por eles mesmos. Não possuem conhecimento técnico, portanto, são bastante dependentes dos técnicos de informática (exceção para o Marcos, da Família 1). Usuários podem ficar semanas sem usar o computador. Não possuem alternativa que	Tentam resolver os problemas por eles mesmos. Possuem algum conhecimento técnico. Caso não consigam resolver algum problema, procuram um técnico mediante disponibilidade de dinheiro. Usuários podem ficar semanas sem usar o computador. Não possuem alternativa que	Tentam resolver os problemas por eles mesmos. Caso não consigam, existe a possibilidade de usar outros computadores da casa ou o computador do trabalho dos pais/irmãos. Enviam os computadores para conserto, mas não sofrem o *downtime* das outras famílias.

Tabela 29 – Dimensões da desigualdade digital – equipamento			
Características	Famílias da classe D	Famílias da classe C	Famílias da classe B
	não a *lan house* ou vizinhos para acessar a internet.	não a *lan house* ou vizinhos para acessar a internet.	
Uso de *webcam* e microfone	*Webcam* é usada apenas pela Família 1. Microfone usado para conversa com parentes.	*Webcam* não é usada. Microfone usado para conversa com parentes.	*Webcam* e microfone são usados para interação com amigos, principalmente porque já vêm embutidos nos *notebooks*.
Influência dos filhos na compra de computadores	Influência grande (exceção para o Marcos, da Família 1).	Influência grande tanto para o primeiro quanto para um computador mais novo.	Influência grande para compra de computadores mais novos ou de uso pessoal, como *notebooks*. Têm influência grande também na compra de periféricos.
Conexão banda larga	Presente, geralmente ilegal.	Presente. Antes ilegal, agora Telefonica.	Presente. Geralmente a cabo.

4.3 - Autonomia de uso

Este item diz respeito à dimensão da autonomia. Os dados etnográficos trouxeram informações de que o local de uso, o compartilhamento do computador e a privacidade de uso são fatores que estão intimamente associados à autonomia de uso de cada usuário e fazem parte dos determinantes da desigualdade digital, a qual aparece de maneira sutil nos diferentes discursos e nas diferentes práticas de todas as famílias das classes C e D. Inicio as análises a partir da ideia de contexto de uso (o qual inclui o local de uso), para logo depois passar para os comentários sobre os temas da disponibilidade e da privacidade.

O contexto é um item importante para se entender a apropriação desigual de computadores. Ele faz o link entre as condições da máquina (computador, PDA, smartphone, celular etc.), as condições do ambiente de uso e as condições humanas. Para entender o contexto, é preciso entender dois diferentes conjuntos de fatores: o humano e o ambiente físico (Schmidt, Beigl e Gellersen, 1999, p. 897). O humano pode ser organizado em três categorias: a informação do usuário (conhecimento, hábitos, estado emocional, condições biofisiológicas etc.); o ambiente social do usuário (interações sociais, dinâmicas de grupo etc.) e as tarefas do usuário (escrever *e-mails* relacionados a trabalho, comunicação com amigos e família, busca de informações para trabalhos escolares, etc.). O ambiente físico está organizado em três categorias:

local de uso (posição absoluta da máquina, posição relativa etc.), a infraestrutura (recursos para comunicação como a conexão à internet, disponibilidade de periféricos como impressoras etc.) e as condições físicas (iluminação, nível de ruído, temperatura etc.). O ambiente físico ainda pode comportar mais detalhes. Por exemplo, a iluminação: intensidade, tamanho da onda, frequência com que a luz pisca (*flickering*) etc. Esta pesquisa tem como foco o local de uso e a infraestrura (como descritas acima) como aspectos físicos do ambiente de uso do computador (Schmidt, Beigl e Gellersen, 1999, p. 894). O local de uso foi adotado para esta pesquisa como porta de entrada para se entender o contexto de uso relacionado a temas como privacidade, compartilhamento do computador, socialização (com os membros da famílias moradores da residência e com pessoas fora da residência), o conteúdo acessado e a produção e compartilhamento de informações (*e-mails*, mensagens instantâneas etc.). Esta pesquisa se beneficia da ideia de contexto acima descrita mas não a usa em toda sua extensão. Este estudo não pretende entrar em discussões com o nível de detalhes explicitados acima como o estado emocional e condições fisiobiológicas dos usuários ou nível de ruído e condições de iluminação, os quais estão relacionados ao desenvolvimento de produtos de tecnologia da informação, principalmente em termos de design e características técnicas.

Para se entender o local de uso, é preciso considerar quais são os cômodos da residência e o número de pessoas por residência. As Tabelas 30 e 31 abaixo indicam respectivamente o número médio de cômodos por grupo de alunos e o número de quartos nas residências. As residências dos alunos da escola Oswald têm em média 3.2 quartos de dormir (ou cômodos cujo objetivo de uso é único). Considerando-se que a média de pessoas por domicílio é de 3.64, existe praticamente um quarto para cada pessoa que habita o domicílio, obtendo-se uma relação pessoa por quarto 1.13. Para os alunos do Max, a média de quartos ficou em 2.2 quartos por domicílio. Considerando-se que em média moram 4.21 pessoas por domicílio, chega-se a uma relação pessoa por quarto de 1.91, ou seja, existe praticamente duas pessoas por quarto. É possível observar pela Tabela 30 que apenas 13.2% dos alunos do Oswald vivem em residências com até dois quartos, enquanto 68.9% dos alunos do Max vivem em residências com no máximo dois quartos. Quando se observa as informações etnográficas colhidas, o tamanho dos apartamentos e respectivos cômodos das casas das famílias das classes C e D visitadas, é possível afirmar que os quartos são relativamente menores que os quartos das residências das famílias da classe B em metros quadrados e muito ocupados para se instalar ali um computador (e adicionalmente um

rack), não apenas em termos de pessoas, mas também de móveis e objetos que estas pessoas mantêm nos quartos. Foi possível observar que este cômodo da casa é o que mais possui os móveis próximos um dos outros – a média da área dos quartos das famílias da classe C entrevistadas é de 5.8 m^2 enquanto a média da área dos quartos das famílias da classe B ficou em 8.2 m^2 [109]. Os quartos contêm basicamente cama (de casal ou beliche), guarda-roupa, penteadeira e suporte para televisão (que pode ser uma mesa pequena ou um criado-mudo). Organizar estes móveis para a instalação de um computador sem a retirada de um destes mesmos móveis seria algo muito difícil de acontecer porque o único móvel que os moradores estariam dispostos a retirar do quarto seria a televisão, já que a retirada dos outros móveis desqualificaria o cômodo como quarto na perspectiva dessas famílias. A televisão (e a mesa/criado-mudo) são os únicos móveis que não estão associados às características do que é considerado como "quarto" para estas famílias – lugar de descanso e armazenamento de itens pessoais: "Onde eu vou colocar as minhas roupas?" (Monica, mãe, Família 3); "E eu faço o que com os móveis? Não cabe mais uma mesa e uma cadeira no quarto... Não dá!" (Elaine, mãe, Família 4).

Outro fator importante na determinação do local de uso é a presença de infraestrutura de comunicação na residência. Este é o cômodo onde, geralmente, está a infraestrutura de telefonia. Então, se a ideia era comprar o computador para acessar a internet, ele deve ser instalado onde há condições de infraestrutura para acesso: "Toda vez que alguém quer usar o computador tem de entrar no quarto do outro e ficar lá? E como eu faria para puxar o telefone [a infraestrutura] para o quarto?" (Luciano, pai, Família 4). A opção que faz mais sentido para as famílias da classe C é ter o computador instalado na sala. Além de maior espaço físico para instalação do computador – composto pelo rack onde o computador *desktop* e a impressora estão repousados, além da cadeira destinada para uso do computador – a sala é uma área comum, onde todos da residência circulam, dando a impressão de que o computador está ali disponível para ser usado por todos, ou seja, seria um uso para compartilhamento (Douglas, 1996, p. i). Importante citar o rack comprado especificamente para a instalação do computador. Este móvel começa a fazer parte do conjunto de móveis da residência das famílias da classe C quando o computador é comprado. Assim como o computador, o rack é um novo objeto na sala, com uso específico. Como já mencionado, a dona da casa é que, em última instância, determina (mediante a localização da

[109] Para as famílias da classe D: A Família 1 vive em uma residência de dois cômodos. O cômodo usado como quarto tem 10.5 m^2 (onde toda a família de cinco pessoas dorme). Os quartos da Família 2 medem aproximadamente 2.3 m^2.

infraestrutura de conexão do telefone fixo) o local de instalação do computador (e subsequente rearranjo dos móveis da sala). Nas residências das famílias da classe B, o computador não estava instalado em racks. Ele foi instalado em escrivaninhas ou mesas, estando (obrigatoriamente) em harmonia com a decoração do quarto. Para as famílias da classe C, o rack tem um propósito funcional. Já para as famílias da classe B, as mesas que fazem a função do rack na classe C têm objetivo de decoração, o que demonstra a tendência das práticas destas famílias estarem associadas à forma e à maneira. Podemos entender que os quartos nas residências das famílias da classe C estão muito ocupados tanto com pessoas quanto seus objetos. Como os quartos não têm infraestrutura de telefonia, o computador apenas poderia ser instalado na sala. Nas famílias da classe B, os computadores estão, em sua maioria, instalados nos quartos porque há espaço físico suficiente para o computador e para a mesa onde ele estará repousado para uso e recarregamento da bateria. Ademais, estas famílias não consideram a sala um local apropriado estética e funcionalmente para a instalação do computador.

Na classe C, o fato de o computador estar na sala pode ser observado de duas maneiras: a) na vizinhança, ele confere status à família que o possui e, b) ele estabelece uma hierarquia entre as residências da vizinhança que não têm computador. Estes dois itens nos remetem à ideia de bem-estar material e *display* apresentada por Douglas (1996, p. vii). Ou seja, os indivíduos consomem para suprir necessidades materiais mas também para mostrar aos outros este consumo, o que dialoga com a ideia de sistema simbólico de Bourdieu, cuja função social pode transformar-se em função política na medida em que a subordinação lógica do mundo está submetida à diferenciação e legitimação das diferenças (Miceli apud Bourdieu, 2009, p. x). Quando vizinhos e amigos foram perguntados sobre o que achavam do computador na casa das famílias da classe C, as respostas foram as seguintes: "Acho importante por causa das crianças. Elas precisam. E já que eles [pais] podem pagar..."; "Acho chic, né? Quem não quer ter um computador?"; "Eu acho ótimo porque quando eu preciso [usar o computador], eu bato lá na casa deles."; "Eu preciso da ajuda deles [da Família 4] porque são eles que dão recado dos meus parentes [que acessam a Família 4 via telefone e via *e-mail* para agendar conversa com estes vizinhos] (Vizinhos da Família 4); "Todo mundo deveria ter computador. Quem não pode ter, e tem criança, se sente mal [...] Hoje em dia é como uma casa sem televisão."; "Eu ainda vou comprar um. Estou juntando dinheiro para ter o meu [computador]." (Amigos da Família 4). Para as famílias da classe B e para os alunos do Oswald, o computador é um mediador da

identificação entre os pares, ou seja, o computador está no entendimento de grupo: se você tem um computador, você pertence ao mesmo grupo que eu pertenço. Ou seja, o computador faz parte de um conjunto de significações que dão sentido à ideia de grupo, sentido esse que está relacionado aos outros itens do conjunto de significações (Douglas, 1996, p. ix e xiii), como usar a roupa de marcas como Cavallera ou Diesel, usar tênis Nike colorido, ter iPod ou ter MP3. O produto eletrônico que simboliza o que é considerado "mais legal", "mais moderno", "mais exclusivo" é o computador MacBook Air[110]. Assim, é possível perceber que o computador tem sua dimensão simbólica tomada em perspectivas diferentes entre as famílias da classe C e as famílias da classe B. A exceção para esta análise está no pai da Família 1, que tem um discurso parecido com o das famílias da classe B e dos alunos do Oswald – este pai reconhece o design, o status que um computador da Apple promete proporcionar. Sobre o valor que está embebido no consumo, os bens apresentam um conjunto de significados mais ou menos coerentes e intencionais. Estes significados são lidos por aqueles que conhecem o código (para ler estes significados) e sabem como reconhecê-los (Bourdieu, 2008; Douglas, 1996, p. ix).

Tabela 30 – Número médio de cômodos na residência		
Cômodos	Escola	
	Oswald	Max
Número de quartos	3.2	2.2
Número de banheiros	3.3	1.6
Número de salas	1.8	1.1

Pergunta 20: Quantos cômodos tem sua residência? Não foram considerados os cômodos não utilizados pela família como quartos das empregadas domésticas, banheiros das empregadas domésticas, edículas, garagens etc.

Tabela 31 – Número de quartos			
Número de quartos		Escola	
	Total	Oswald	Max
Base: Alunos com computador = 144	144	83	61
	%col	57.6%	42.4%
1	11	1	10
	%lin	9.1%	90.9%
2	42	10	32
	%lin	23.8%	76.2%

[110] Para mais informações: http://store.apple.com.

Tabela 31 – Número de quartos			
Número de quartos		Escola	
	Total	Oswald	Max
3	64	47	17
	%lin	73.4%	26.6%
4	20	18	2
	%lin	90.0%	10.0%
5	7	7	0
	%lin	100%	0.0%
Média		3.2	2.2

A Tabela 32 indica o cômodo da residência onde o computador está instalado. É importante mencionar que o lugar de instalação e uso é o mesmo para as famílias e alunos que usam computadores *desktop*. Já para as famílias e alunos que usam *notebooks*, o lugar de instalação é o lugar reservado para o *notebook*, onde é possível colocá-lo quando não está em uso ou quando está tendo sua bateria carregada, por exemplo. Este mesmo espaço reservado para o *notebook*, geralmente no quarto, pode também ser o espaço onde o *notebook* é usado, mas não necessariamente. A tabela abaixo indica onde o computador está instalado na residência dos alunos. É possível observar que apenas 10.8% dos alunos da escola Oswald afirmam que o computador (80% *desktop*) está instalado na mesma sala onde a família assiste televisão[111] contra 44.3% dos alunos no Max (100% *desktop*). Ademais, 61.4% dos alunos da escola Oswald afirmaram usar computadores instalados em seus quartos contra 42.6% dos alunos da escola Max.

Tabela 32 – Onde computador está instalado na residência				
	Escola			
Base: Alunos com computador	Oswald	Participação (%)	Max	Participação (%)
No meu quarto	51	61.4%	26	42.6%
No quarto dos meu pais	3	3.6%	5	8.2%
No quarto dos meus irmãos	1	1.2%	0	0.0%
Na sala (onde fica a televisão)	9	10.8%	27	44.3%
Outro. Qual?	19	22.9%	2	3.3%

Pergunta 19: Onde o computador mais usado por você está instalado na sua casa? [Resposta única]
Observação: Outro refere-se ao escritório (60%), quarto de hóspedes (30%) e corredor (10%).

[111] "Outro" na Tabela 32 refere-se ao escritório (a maioria), quarto de hóspedes e corredor. O escritório pode ser um escritório construído como cômodo para tal função ou um quarto convertido em escritório. Outras respostas incluem quarto de hóspedes e biblioteca.

A Tabela 33 toma por base de cálculo apenas os alunos que têm computador instalado em seus quartos e que compartilham ou não este computador. Ela mostra que 26 alunos (ou 42.6% do total de alunos) da escola Max têm o computador instalado no quarto, sendo 20 desses alunos (ou 74.1%) que precisam compartilhar este computador. Assim, sobram apenas seis alunos, ou 9.8% do total de alunos do Max que tem um computador próprio, sem precisar ser compartilhado, para usar em seu quarto. Em contrapartida, 51 alunos do Oswald (ou 61.4% do total de alunos) têm seu computador instalado no quarto mas apenas 22 alunos (ou 43.1%) precisam compartilhar esse computador. Então, sobram 29 alunos do Oswald (ou 34.5% do total de alunos) que têm um computador próprio, sem precisar ser compartilhado e para uso em seu próprio quarto. Comparativamente, o número de alunos do Oswald que se beneficiam da tríade 1:1:1 – um usuário, um computador, um lugar de uso privado – é 4.83 vezes maior do que o número de alunos do Max. Esta diferença também foi observada nas famílias entrevistadas. As da classe C tinham seus computadores na sala, e as famílias da classe B tinham seu *desktops* e *notebooks* nos quartos[112]. A partir dessa constatação, foram analisadas informações relacionadas à privacidade de uso, a regularidade de uso de aplicativos e o acesso a conteúdos diversos.

Tabela 33 – Compartilhamento do computador instalado no quarto

		TOTAL	Escola	
			Oswald	Max
Base: 77		77	51	26
	% col	100%	100%	100%
	% lin	100%	65.4%	34.6%
Eu e outra(s) pessoa(s)		42	22	20
	% col	53.8%	43.1%	74.1%
	% lin	100%	52.4%	47.6%
Somente eu		35	29	6
	% col	46.2%	56.9%	25.9%
	% lin	100%	80.6%	19.4%

Combinação da Pergunta 11: Qual o computador mais usado por sua família? [Resposta única.] e Pergunta 12: Qual o computador mais usado por você? [Resposta única.]

[112] Importante notar que as famílias da classe D tinham: Família 1, o computador em um dos dois cômodos da residência usado como cozinha. Família 2, o computador no quarto (que antes era a sala da residência).

O termo privacidade é definido neste estudo pela capacidade de o usuário ficar sem a presença física de demais pessoas para usar seu computador, em determinar e controlar o acesso e compartilhamento com outra pessoa de toda e qualquer informação que ele julga necessário controlar. Privacidade para esta pesquisa está relacionada ao indivíduo enquanto o direito de estar em um cômodo da casa onde não exista outra pessoa por perto para escutar suas conversas no Messenger, checar o que está na tela do computador e a segurança de que seus arquivos gravados no computador não serão vasculhados, por exemplo. Voltando ao fato de que apenas 9.8% dos alunos do Max contra 34.5% dos alunos do Oswald têm a possibilidade de usar seu próprio computador na privacidade de seus quartos, a entrevista com alguns alunos do Oswald levantou informações como: "Eu fico no meu quarto quando quero conversar [via voz pelo MSN] com meus amigos para minha irmã ou a empregada não escutarem o que eu falo." (Aluna, 3º ano, Oswald); "Só uso o Orkut ou MSN se ninguém pode ver o que eu estou escrevendo. Quando levo meu *notebook* para a sala, eu vejo notícias, fico baixando música. Mas fico conectado no MSN e respondo rápido ou vou para o meu quarto para responder." (Aluno, 3º ano, Oswald); "Se eu vejo alguma coisa engraçada no Youtube, eu chamo meus irmãos e minha mãe para ver. Se tenho de conversar com meu namorado, eu faço isso quando eles (irmãos e mãe) não estão por perto. Se estão, eu peço para sairem [do quarto dela]." (Aluna, 3º ano, Oswald). É possível perceber que existe uma articulação entre ter o seu próprio computador, o que o aluno quer compartilhar e o lugar de uso, sendo que este último é a segurança que o quarto pode proporcionar para que esta articulação seja efetivamente estabelecida. Já para os alunos que têm de compartilhar o computador, a privacidade tem de ser negociada. Os principais itens em jogo nesta negociação são o tempo de uso do computador para cada usuário, quando este tempo de uso se inicia e acaba e a presença ou não de pessoas no mesmo cômodo – principalmente quando se trata do uso de computadores em quartos ou escritórios/quarto de visitas, já que para computadores na sala, a presença ou não de alguém nem é parte da negociação, pois já é tácito que haverá pessoas na sala enquanto outra pessoa usa o computador. Para as famílias da classe D a privacidade não é uma questão. Ela praticamente não existe, ela não faz parte da realidade de vida desses grupos. No caso da Família 1, o *heavy user* é o Marcos, pai da família e que acaba controlando quem dos filhos usa o computador e em que hora (os filhos somente podem usar o computador quando o pai está em casa). No caso da Família 2, a única usuária é a Daniela. Ela não precisa negociar o uso com ninguém mas ela segue a regra de uso da Sonia (mãe): o

computador só pode ser usado até às 22h. Como pude observar nas famílias das classe C, a negociação para o tempo de uso e quando usar o computador se dá de maneira pacífica, seguindo a regra que prioriza o uso de quem tem mais urgência. Então, uma pessoa pode dar lugar à outra para usar o computador quando as duas negociam e concordam que a urgência de uma delas requer que outra pare de usar o computador. Como a maioria dos alunos do Oswald mora em residências onde o número de cômodos pode permitir que apenas o usuário esteja no cômodo onde o computador será usado, a negociação da presença ou não de pessoas nem sempre é considerada, pois está implícito que os demais membros da família não estarão presentes durante o uso do computador. Devido ao número maior de cômodos na residência, os alunos do Oswald que compartilham o computador, o usam em cômodos onde o nível de privacidade é maior do que na sala – 27.7% destes alunos usam o computador no quarto dos pais, irmãos, no escritório ou quarto de hóspedes e apenas 10.8% o usam na sala. Já entre os alunos do Max, 44.3% o usam na sala, lugar da residência onde a privacidade é pequena. As seguintes informações foram levantadas com os usuários que usam computadores na sala: "Eu vejo notícias de futebol e baixo música. Mas quando estou sozinho, principalmente à noite, eu uso o Messenger, entro em salas de bate-papo do UOL." (Aluno, 3º ano, Max); "Eu gosto de ver os *sites* da Claudia [revista] e ver notícias sobre os atores de novela [celebridades] e ver youtube. Não gosto quando estou no Messenger e vem gente ver o que eu estou fazendo. Eu já logo paro de fazer o que estou fazendo e já mando sair, principalmente meu irmão." (Aluna, 2º ano, Max); "É difícil poder usar o Messenger para conversar [via voz] quando tem gente vendo televisão." (Aluna, 3º ano, Max); "A televisão ligada, meus irmãos jogando *video game*, minha vó com o rádio ligado e o telefone da casa tocando... É uma loucura... Nunca uso o Messenger para conversar [via voz] por causa disso. Minha casa não dá." (Aluna, 3º ano, Max); "Eu fico no *chat* do UOL à noite, enquanto minha mãe faz a comida e depois que minha mãe assiste a novela." (Aluno, 1º ano, Max). Para as famílias da classe B, o fato de haver um computador para cada pessoa – geralmente *notebooks*, disponíveis em cômodos que podem ser usados por apenas uma pessoa (quarto, escritório, quarto de hóspedes) – o nível de privacidade é próximo daquele encontrado pelos alunos que não precisam compartilhar o computador e cujo local de uso pode ser privativo. Assim, é possível apreender que a privacidade é diferenciada para cada tipo de família.

Pelo lado das famílias da classe C, foi verificado tanto através das entrevistas quanto através do acesso que tive ao histórico de visitas a *websites* nos computadores, que os homens

acabam acessando *websites* com conteúdo pornográfico tarde da noite, quando todos da casa estão dormindo, pois o horário de uso que proporciona mais privacidade é aquele horário onde todos da família estão dormindo e justamente aquele horário que cobra do usuário um preço: o seu tempo de sono. Esta prática está ligada tanto à arquitetura da residência, que nas famílias das classes C não privilegia a privacidade, mas também ao capital econômico e cultural. Enquanto a pornografia está dentro da esfera da imoralidade, do proibido e do segredo para as classes C, para a classe B ela está associada ao erotismo e ao esteticismo. Quando perguntado aos meninos da Família 6 se eles acessavam algum conteúdo erótico, todos disseram, meio que encabulados, que sim. Quando perguntados se eles achavam que as meninas viam também conteúdo erótico, todos eles responderam que não. Imediatamente, as meninas retrucaram, dizendo que sim, viam também conteúdo erótico: "Claro que a gente vê!" (Juliana, prima, Família 6); "A gente também se interessa pelos corpos dos meninos." (Mariana, prima, Família 6). Nesta situação existe uma questão de gênero conectada ao conteúdo machista reforçado pelos meninos, o qual é rapidamente contestado pelas meninas. O fato dos entrevistados destas famílias conversarem sobre a situação de maneira mais aberta e leve que os entrevistados das famílias da classe C também indica o nível educacional superior desta família em relação às da classe C. É possível observar nesta família que o "interesse pelos corpos" está dentro da esfera do erotismo e da estética e não necessariamente da pornografia: "Eu e minhas amigas já vimos o *site* da Playgirl." (Juliana, prima, Família 6); "E as fotos dos artistas sem camisa na internet?" (Mariana, prima, Família 6).

Os alunos que não precisam compartilhar o computador acabam por acessar a internet mais horas por dia, 4.1 horas por dia contra 2.5 horas do seus colegas de escola que têm de dividir o computador. É importante notar que os usuários que se beneficiam da tríade 1:1:1 acabam acessando praticamente o mesmo conteúdo e aplicativos daqueles que precisam compartilhar o computador. A diferença entre os usuários está baseada no valor total de horas de uso, a qual é refletida na regularidade de uso dos aplicativos e de acesso a conteúdos. Para os usuários cuja privacidade e o compartilhamento não são uma questão, eles acabam por usar principalmente os aplicativos Messenger, acessar salas de *chats*, usar redes sociais como Orkut e usam mais vezes buscadores como Google do que os usuários que têm a privacidade como problema. Os dados coletados estabelecem que o lugar de uso está vinculado à ideia de privacidade, a qual tem influência no tempo de uso, frequência de aplicativos usados e o

conteúdo acessado. A privacidade, por ser maior nas residências de famílias da classe B, compele o usuário a usar por mais tempo o computador do que aqueles usuários que se veem com dificuldade para terem algum grau de privacidade que se sintam confortáveis. Seria de se esperar que quanto mais tempo disponível para uso do computador, maior a variabilidade de aplicativos e conteúdos acessados, mas os dados empíricos indicam que isto não é verdade. Todos os dois tipos de usuários acessam praticamente os mesmos aplicativos e conteúdos (com exceção do conteúdo sobre cultura, como demonstro adiante neste capítulo), a diferença está na regularidade e tempo gasto com estes aplicativos e, principalmente, na variabilidade dos conteúdos acessados. As evidências empíricas levam a crer que os usuários com maior privacidade se comunicam por mais tempo, levando a uma troca de informações maior, mas não necessariamente mais intensa.

Tabela 34 – Local de uso, privacidade e tempo de uso

Local de uso	Computador compartilhado?	Nível de privacidade	Tempo de uso
A) Quarto	Não	Alto	Maior que os outros locais de uso
B) Quarto	Sim	Médio	Mais tempo que sala ou escritório
C) Sala	Não	Médio	
D) Sala	Sim	Baixo	Menor que os outros locais de uso
E) Escritório/quarto de hóspedes	Não	Médio	
F) Escritório/quarto de hóspedes	Sim	Baixo	Menor que os outros locais de uso

A privacidade que um *notebook* pode proporcionar não foi citada por nenhuma das famílias das classes C e D: "Privacidade na favela? Aqui, todo mundo sabe de todo mundo..." (Sonia, mãe, Família 2); "A nossa casa é pequena, tanto faz usar aqui na sala quanto no quarto..." (Elaine, mãe, Família 4). O importante para estas famílias é a disponibilidade de uso mais do que a privacidade: "Eu posso usar na hora que eu quiser, não preciso pedir licença para usar ou ter de falar que a tal hora eu preciso entrar no Messenger então a pessoa tem de sair [do computador]." (Fabio, filho, Família 5). Para as famílias da classe B o *notebook* está relacionado mais à privacidade do que à disponibilidade de uso, embora todas as duas estejam intimimamente relacionadas: "[...] eu posso falar com quem eu quiser, na hora que eu quiser [via Messenger] e ter as minhas fotos sem que ninguém fique fuçando nelas [postagem de fotos no Orkut]" (Mariana, prima, Família 6). Ainda para as famílias da classe B, a privacidade está ligada também ao que se pode fazer com o computador em um espaço reservado e à possibilidade de ter

seus arquivos armazenados de maneira a que somente o proprietário do *notebook* tenha acesso a esses arquivos e informações consideradas pessoais, como são as fotos. Como exposto acima, a privacidade tem entendimentos diferenciados para cada tipo de família entrevistada.

O uso compartilhado pode ser observado a partir de quando os computadores atualmente em uso foram comprados. Observa-se que 61.4% dos alunos da escola Oswald usam computadores comprados há menos de dois anos. Para os alunos da escola Max, observa-se que 57.4% foram instalados a menos de dois anos. Há duas razões para isto: a primeira diz respeito a que os alunos da escola Oswald têm usado *notebook*s como um próximo passo em relação ao uso de *desktops*. Para estes alunos, o computador não é novidade, como mostro adiante na Tabela 36. Eles querem um novo computador que possa ser usado individualmente (embora possam compartilhar esporadicamente com parentes porque um ou outro computador quebrou, por exemplo) já que eles usam o computador diariamente por horas. Ademais, os próprios pais entendem que o filho adolescente "precisa de um computador para ele/ela": "Para estudar é melhor, para fazer os trabalhos da escola também. E além do mais, ter cada um o seu computador é mais prático e não dá briga. Aqui em casa, todo mundo tem um *notebook*." (Mariana, prima, Família 6). Estes fatos ajudam a explicar por que 61.4% dos alunos do Oswald têm computadores comprados há até dois anos atrás. Os alunos da escola Max anseiam também chegar à computação 1:1, mas o *desktop* ainda é o que prevalece: 73.9% dos alunos afirmam estarem usando o primeiro computador instalado no domicílio, o qual foi comprado há até três anos atrás. Como já observado anteriormente, o computador *desktop* prevalece para estas compras por ser o tipo de computador com preços atrativos e com maior facilidade de pagamento, para além da autoexclusão das famílias das classes C e D. Ou seja, o acesso à internet está vinculado ao computador modelo *desktop*[113] para estas classes. Toda a referência, quando se trata de um computador, é o modelo *desktop*: "A gente precisa de um computador para acessar a internet." (Junior, filho, Família 4); "O computador aqui em casa é para a gente acessar a internet." (Juninho, pai, Família 3). Diferentemente das famílias da classe B, a referência para o computador é o *notebook*, onde se enfatiza a) a mobilidade, mesmo sendo esta limitada à

[113] A indústria de ICT vem há anos buscando aumentar a participação de *notebook*s através da (a) diminuição de preços colocando-os cada vez mais próximos dos preços dos *desktops* e (b) da propaganda que incentiva a compra de *notebook*s. Exemplo é o *website* das casas Bahia: quando se acessa o site e se clica na opção informática, a página principal está coberta de ofertas de *notebook*s de vários preços e modelos. Nenhum *desktop* é ofertado. Para se achar as ofertas de *desktop*, é preciso clicar em computadores.
http://www.casasbahia.com.br/dep/Informatica?Filtro=C56 (Acessado em 11 de abril de 2011).

residência e, b) a privacidade, mais do que o próprio tempo de uso da internet: "Quando penso em computador, penso em *notebook* porque dá para levar ele para qualquer lugar. É mais legal!" (Juliana, prima, Família 6); "Eu adoro jantar na cozinha e ver os capítulos que perdi da novela no youtube" (Patrícia, filha, Família 7); "O computador é meu, uso quando e onde eu quero. E ninguém tem de ficar mexendo no que é meu." (Maurício, filho, Família 7). Essas falas apontam para a força crescente do sentimento de propriedade particular conforme o maior volume de capital, revelando como a valorização da privacidade se articula com a possibilidade objetiva de possuir coisas para seu uso exclusivo, em práticas que podem recusar totalmente quase todas as formas de compartilhamento como obstáculos ao consumo ideal.

Tabela 35 – Tempo de instalação do computador atualmente em uso

Base: 144	Escola			
	Oswald	(%)	Max	(%)
Menos de um ano	26	31.3%	13	21.3%
Entre um ano e dois anos	25	30.1%	22	36.1%
Entre dois anos e três anos	16	19.3%	10	16.4%
Mais de três anos	16	19.3%	14	23.0%

Pergunta 18: Considerando o computador que é mais usado por você, este computador foi instalado em sua casa há...: [Resposta única]

O tempo de uso diário ou semanal do computador é um fator crítico para se entender a apropriação dos computadores porque ele congrega diversos temas: privacidade de uso, local de uso, conteúdo acessado e aplicativos usados como Messenger e Orkut. A Tabela 36 abaixo indica a diferença de tempo de acesso semanal entre alunos. Embora a pergunta do questionário tenha sido "quanto tempo você usa a internet por semana em casa?", os alunos entendem o uso da internet como sendo o uso do computador. Eles não têm visibilidade de que possa haver uma separação entre diferentes atividades no uso do computador (como gravar um CD ou gerenciar arquivos gravados no computador), usar aplicativos de produtividade como processadores de texto ou planilhas eletrônicas e, finalmente, no uso da internet propriamente, o que pode envolver o uso de aplicativos para redes sociais ou para comunicação *online* e/ou simplesmente a navegação através de páginas da *web*. O acesso à internet para estes alunos compreende o acesso às paginas de diferentes *websites* e o uso de aplicativos *online* (Orkut, Messenger, *softwares* para *download* etc.).

Segundo o Ibope/NetRatings[114], em julho de 2009, o tempo de acesso mensal do internauta brasileiro estava dividido da seguinte forma: 48 horas e 26 minutos, considerando apenas a navegação em *websites* mas, considerando-se o uso de aplicativos como MSN, Orkut etc., o tempo sobe para 71h30m. Para este trabalho, considero como tempo de uso da internet tanto o tempo de visitas às diversas páginas da web quanto o tempo gasto com aplicativos para redes sociais e comunicação *online*. Embora tenha sido pedido para os alunos não contarem o tempo de uso dos aplicativos de produtividade como processadores de texto ou planilhas eletrônicas, como exposto acima, os dados podem conter um percentual pequeno de horas relacionados a tais aplicativos, devido à dificuldade dos alunos em quantificarem exatamente o tempo gasto apenas com acesso à internet. Em média, um aluno da escola Oswald gasta 18.9 horas por semana (ou 2.7 horas por dia ou 75.6 horas por mês, 4.1h a mais que a média Ibope/Netratings) acessando a internet em casa. Isto quer dizer que este aluno gasta por dia 15% a mais de tempo acessando a internet do que o aluno da escola Max que tem computador em casa, o qual acessa 16.1 horas por semana (ou 64.4 horas por mês, 7.1h a menos que a média do Ibope/Netratings). Os alunos que não tem computador em casa gastam 5.4 horas por semana em *lan houses*, Telecentros ou casa de parentes, o que faz com que os alunos da escola Oswald gastem até 71% a mais de tempo acessando a internet, comparativamente aos demais alunos sem computador[115]. Relativamente à média Ibope/Netratings, os alunos sem computador ficam bem abaixo da média de 71.5 horas por mês, gastando apenas 21.6 horas por mês.

O valor de horas acima dos demais alunos reflete a privacidade de uso do computador (computação 1:1, sem necessidade de compartilhamento) e do local de uso do computador (geralmente o quarto do aluno). Ou seja ter privacidade (além de usar computador próprio, sem ter de compartilhá-lo, e usá-lo em um ambiente privado) significa usar o computador por mais tempo. E usar por mais tempo o computador significa acessar por mais tempo aplicativos *online* para redes sociais como Orkut e MSN, acessar uma variabilidade de conteúdos 32% maior que os demais alunos e também a possibilidade de gerar e compartilhar conteúdos 25% maior que os demais alunos. As entrevistas com as famílias indicam que o uso prolongado – tanto do tempo

[114] "Estatísticas, dados e projeções atuais sobre a Internet no Brasil", www.tobeguarany.com, com base em informações do relatório mensal Audiência de Internet Domiciliar no Brasil e Perfil do Internauta Brasileiro, Ibope/Netratings, Dezembro de 2009. www.ibope.com. (Acessado em 03 de maio de 2010).

[115] É importante comentar que os alunos acessam semanalmente, em média, duas horas a mais a internet do que as alunas. Os dados das meninas são puxados para baixo porque as meninas da escola Max gastam menos tempo no computador devido à tarefas domésticas e trabalho, mesmo que esporádico como trabalhar em lojas para substituir uma amiga por curto período de tempo.

em anos da instalação do computador como do uso diário/semanal – tende a ampliar a variabilidade de conteúdos acessados, gerados e compartilhados, mas segundo as condições objetivas e subjetivas dos diferentes grupos sociais e frações de grupos sociais. As famílias da classe C mostraram uma variabilidade de conteúdos buscados na internet cujo crescimento foi bem mais lento do que o observado nas famílias da classe B. Quando os dois tipos de famílias foram perguntados sobre o que acessavam e quando começaram a usar o computador em termos de contéudo e aplicativos, as famílias da classe B mostraram exemplos concretos de variabilidade crescente de visitas a diferentes *websites* com conteúdos diferenciados, aplicativos (desde *e-mail* até Twitter) e redes sociais do Orkut ou Facebook, mostrando uma evolução crescente. Já as famílias das classes C e D mostraram que existe uma evolução, mas ela é mais lenta e está arraigada aos itens futebol, novela e igreja para as famílias da classe D e futebol, novela, música, Messenger e Orkut para as famílias da classe C. Para maiores informações sobre os diferentes conteúdos acessados pelas famílias, ver Tabela 38 na página 171.

Tabela 36 – Tempo gasto por semana usando a internet em casa (em horas)						
TOTAL = 144		Escola		Tem PC?	Gênero	
		Oswald	Max	Sim	Masculino	Feminino
		83	61	144	71	73
Média	17.7	18.9	16.1	17.7	18.7	16.7

Pergunta 8: Quanto tempo você gasta por semana usando a internet no computador que está instalado em sua casa?

As informações colhidas sobre a disponibilidade da internet indicam quão próxima ela está do dia-a-dia dos alunos e das famílias. A Tabela 37 abaixo mostra que para 85.2% dos alunos do Max e 56.6% dos alunos do Oswald a internet é algo que não está à disposição rapidamente se é necessário uma informação – é preciso ligar o computador para, então, acessar a internet e, depois, acessar tal informação. Os alunos que mantêm a internet acessível de maneira rápida, sem necessidade de ligar o computador – e estabelecer eventual conexão – somam 43.4% dos alunos do Oswald e apenas 11.5% dos alunos do Max. O fato de a internet não estar disponível a qualquer momento indica que ela é usada nos momentos especialmente reservados para o acesso, o que leva a um envolvimento diferenciado com a internet. Aqueles alunos e famílias que mantêm a internet disponível o tempo todo evidenciam que o acesso à

internet está presente a todo momento, facilitando o acesso a qualquer informação ou comunicação via aplicativos para redes sociais. Das famílias das classes C e D entrevistadas, nenhuma mantinha o computador ligado o tempo todo. Já as famílias da classe B mantinham muitas vezes mais de um computador ligado o tempo todo: "Eu deixo a internet ligada porque eu uso direto o Messenger. E também, eu paro para dar uma olhadinha nas notícias e no Facebook toda hora que estou em casa. Até porque a gente não paga a mais se deixar a internet disponível o tempo todo." (Patrícia, filha, Família 7); "Eu deixo o computador conectado porque eu gosto de assistir tv e mexer na internet ao mesmo tempo [...] vejo notícias, vejo coisa de futebol, de carro, às vezes procuro algo para minha mãe [tipo receita]. Gosto de ver coisas no Youtube e chamo o pessoal [pai, mãe, irmãs] para ver algo engraçado. E também porque converso com a Claudia [namorada, que está atualmente morando no Rio nos dias de semana]." (Maurício, filho, Família 7); "Aqui cada um gosta de uma coisa. Cada um tem seu computador. Manter a internet ligada é normal [rotina]. Todo mundo chega e já liga o computador mesmo que vá usar depois. Faz parte, como acender a luz da casa." (Jorge, tio, Família 6). É possível verificar que a internet faz parte da rotina da casa de uma maneira integrada e não como algo que "está ligado/não está ligado" em determinado período de tempo, como acontece para as famílias das classes C e D. É como se acessar a internet fosse um evento especial dentro do dia, ligado ao que é entendido como "necessidade" de usar o Messenger ou Orkut ou ver notícias sobre futebol: "Eu deixo a internet ligada apenas quando alguém está usando o computador porque não tem necessidade. Se precisar a gente liga mas ficar direto ligado a gente nunca deixa. Quando precisa, liga." (Juninho, pai, Família 3); "Não deixamos ligado porque a gente usa quando precisa, não precisa ficar vendo a internet toda hora. Tem outra coisa para fazer. Ver televisão, estudar, eu tenho de limpar a casa e o Luciano tem de ensaiar. Tem mais coisa para fazer além da internet." (Elaine, mãe, Família 4). Ou seja, existe uma diferença de uso para aqueles que mantêm a internet conectada o tempo todo e aqueles que não a mantêm. Manter a internet disponível faz com que ela esteja presente de maneira integrada às práticas dos usuários (como procurar uma receita, ou acessar a programação da televisão a cabo). Ela está integrada entre uma atividade doméstica e outra (como cozinhar, tomar banho, limpeza da casa). O tempo de uso está espalhado ao longo do tempo que o usuário está em casa. Não é necessário um tempo específico de uso, ela não é um evento específico durante o dia como o é para 85.2% dos alunos da escola Max ou 56.6% para os da escola Oswald.

Tabela 37 – Disponibilidade da internet				
	Escola			
Base: 144	Oswald	(%)	Max	(%)
Total de alunos	83		61	
Fica ligado o dia todo mas sem estar conectado à internet	0	0.0%	2	3.3%
Fica ligado e conectado à internet o dia todo	36	43.4%	7	11.5%
Fica ligado e conectado apenas quando eu ou alguém da casa precisa usar o computador	47	56.6%	52	85.2%

Pergunta 16: Considerando o computador que é mais usado por você, este computador: [Resposta única].

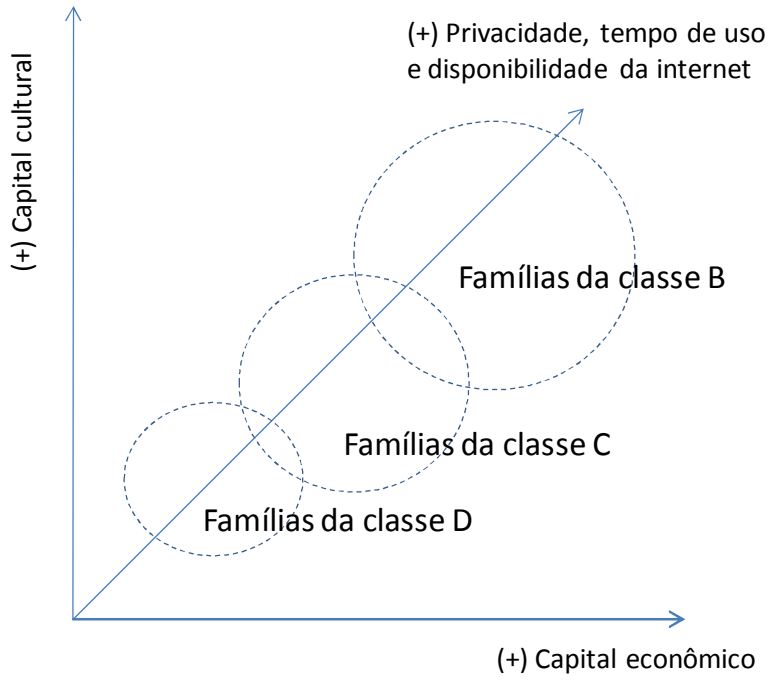
Tabela 38 – Variabilidade e integração no dia-a-dia das atividades domésticas			
	Conteúdo acessado	Conteúdo produzido e compartilhado	Comunicação
Famílias das classes D	Conteúdo acessado e variabilidade do conteúdo menores que das famílias da classe C.	Não produzem conteúdo e raramente compartilham.	Messenger (principalmente voz). Raramente usam *e-mail*.
Exemplos	*Sites* sobre futebol,novela, igreja,youtube (músicas de samba e forró).		
Famílias da classe C	Conteúdo acessado e variabilidade do conteúdo menores que das famílias da classe B.	Conteúdo produzido é repetitivo e compartilhado basicamente via Orkut.	Messenger (mensagens e voz) e Orkut. Raramente usam *e-mail*.
Exemplos	*Sites* sobre futebol (Globo Esporte); Youtube (músicas de pagode, samba, axé, vídeos engraçados); *sites* de letras de músicas; *sites* sobre novelas (Contigo); *sites* sobre procura de empregos; *site* sobre serviços do governo (iptu, boletim das crianças); *site* de notícias como o UOL.	Produzem conteúdo para ser postado no Orkut. Geralmente são fotos da família e amigos. Trabalhos de escola. CDs com música para presentear.	
Famílias da classe B	Conteúdo acessado e variabilidade do conteúdo crescentes.	Variável.	Messenger (mensagens), Orkut, *e-mail*, Facebook, Twitter, Skype (voz), MySpace.
Exemplos	*Sites* sobre futebol como Globo Esporte e Federação Paulista de Futebol; Youtube (novela); *sites* sobre receitas; conteúdo em inglês, espanhol e francês (principalmente jornais *online*); informações sobre turismo; compra de tickets de avião; compra de tickets para shows; *site* de notícias (Folha, Estadão);	Trabalhos de escola, postagem de fotos e vídeos no Orkut e Facebook, preparação de *blogs*. Gravação de DVDs com filmes. Mensagens no Twitter.	

Tabela 38 – Variabilidade e integração no dia-a-dia das atividades domésticas			
	Conteúdo acessado	Conteúdo produzido e compartilhado	Comunicação
	procura por livros (Fnac e Cultura); informações sobre agenda cultural na cidade (Folha e Estadão); informações sobre trânsito (CET); informações sobre restaurantes e bares (Guia São Paulo), informações sobre endereços.		

A Figura 6 abaixo identifica a composição entre capital econômico, capital cultural e privacidade, tempo de uso da internet e disponibilidade da internet. É possível observar que as famílias da classe B possuem um maior volume de capital ecônomico e cultural e também maiores níveis de privacidade, tempo de uso e disponibilidade da internet. Os círculos representam a variabilidade de conteúdos acessado e a integração às atividades do dia-a-dia. Nesta Tabela 38 é possível observar que existe uma ligação forte entre o conteúdo acessado na programação da televisão aberta e o conteúdo acessado na internet pelas famílias das classes C e D. É importante notar a maior variabilidade de conteúdo acessado pelas famílias da classe B em relação à variabilidade de conteúdo acessado pelas famílias das classes C e D, cuja televisão é importante como determinante do conteúdo acessado. A variabilidade de conteúdo acessado e a rejeição de conteúdos refletem reflete o padrão de gosto das famílias: "Eu procuro coisas assim... do dia-a-dia, na internet. Dificilmente procuro coisa sobre moda, roupa, restaurante..." (Elaine, mãe, família 4); "Eu procuro simpatia para as vizinhas e dou uma fuçada na Contigo. Moda? E eu tenho dinheiro para isso?" (Monica, mãe, Família 3). Para as famílias da classe B: "Eu não acesso o *site* da Ana Maria Braga para pegar receita, né?" (Fernanda, filha, Família 7); "Não procuro nada sobre novela na internet." (Juliana, prima, Família 6); "Eu curto procurar informação sobre restaurante também. Vejo dicas e avaliações na Folha e no Guia São Paulo. Faço um investimento todo mês em um restaurante legal. Nada dessas coisas de cantina, não..." (Patrícia, filha, Família 7); "Gosto de saber de esporte: futebol, tênis, golfe e Fórmula 1. Acompanho sempre." (Maurício, filho, Família 7). Vê-se claramente que, conforme afirma Bourdieu (2008, p. 58):

> Os gostos (ou seja, as preferências manifestadas) são a afirmação prática de uma diferença inevitável. Não é por acaso que, ao serem obrigados a justificarem-se, eles afirmam-se de maneira totalmente negativa, pela recusa oposta a outros gostos: em matéria de gosto, toda determinação é uma negação.

Figura 6 – Capital cultural, econômico, privacidade, tempo de uso e disponibilidade da internet



Embora exista pelo menos um computador com acesso à internet instalado no domicílio, tanto alunos do Oswald quanto do Max continuam a acessar a internet de lugares diferentes que não as suas casas. Foram circunscritos para esta pergunta os parentes, os amigos (da escola), os vizinhos (do domicílio). A Tabela 39 (resposta múltipla permitida, alunos sem computador não incluídos) indica que 31.1% dos alunos do Max (contra 2.4% do Oswald) acessam a internet de *lan houses*. Enquanto para os primeiros, o acesso está relacionado principalmente à impressão de documentos, *games online* (socialização) e acesso com melhor velocidade de conexão (motivos associados ao capital econômico), os últimos afirmam ir à *lan house* para jogar *games* e

encontrar os amigos, ou seja, para socialização (motivos aliados ao capital cultural). A tabela abaixo também mostra que os alunos do Oswald acessam a internet na casa de amigos e parentes. Os vizinhos foram pouco citados, indicando o vínculo de proximidade com a família e a escola. Para os alunos do Max, os vizinhos e parentes têm uma participação próxima em termos percentuais porque muitos alunos têm parentes fora do Estado de São Paulo. Interessante observar que 39.3% dos alunos da escola Max também acessam a internet na casa de amigos, indicando que a escola é o vínculo de proximidade mais forte para o uso extradomiciliar da internet.

Tabela 39 – Acesso fora de casa				
	Escola			
Base: Alunos com computador = 144	Oswald	(%)	Max	(%)
Número de alunos que acessam internet na *lan house* mesmo com computador em casa	2	2.4%	19	31.1%
Quantas horas por semana (média)	1		2.05	
O que você faz na *lan house*? (resposta aberta)	2	2.4%	19	31.1%
Não a acessa a internet em *lan house*, mas acessa também:	81	97.6%	52	85.2%
Nos vizinhos	2	2.4%	18	29.5%
Na casa de parentes	34	41.0%	17	27.9%
Na casa de amigos	58	69.9%	24	39.3%
Outro. Qual?	0	0.0%	1	1.6%

Pergunta 26: Mesmo tendo computador em casa, você acessa internet em *lan houses*? Quantas horas? Porque? Você acessa em algum lugar além da *lan house*? Nota: Outro se refere à biblioteca da prefeitura.

Uma comparação interessante para se entender a proximidade da família em relação ao acesso à internet é fazer a divisão do número de pessoas que usam computador para acessar a internet pelo número de habitantes da residência. Chamo esta divisão de quociente de utilização. Para os grupos sociais abordados por esta pesquisa, "usar o computador" tem uma correlação forte com "acessar a internet". São dois termos que se fundem. Em conversas informais com os alunos e nas entrevistas com as famílias, ficou claro que estes dois termos são quase sinônimos. Esta correlação talvez não seja verdadeira para todos os domicílios usuários de internet no Brasil. Existem muitos domicílios que, embora tenham computador, este não está conectado à internet ou é apenas conectado quando necessário (geralmente via acesso discado) para realizar tarefas

pontuais como acessar *e-mail*. É comum que neste computador sejam usados os aplicativos de produtividade como processadores de texto ou planilhas eletrônicas, as quais, se necessário, podem ser enviadas para os destinatários via acesso discado ou qualquer provedor de acesso como *lan houses*, Telecentros etc. O quociente de utilização é apresentado na Tabela 40. Nesta tabela observamos que o maior quociente pertence à escola Oswald, com 92.4% dos habitantes do domicílio usando o computador pelo menos uma vez por semana. Para os alunos do Max, o quociente atingiu 69.6%. A maior diferença reside nos domicílios onde não há computador: apenas 50% dos habitantes usam computadores, geralmente em *lan houses*, telecentros, na casa de amigos ou vizinhos.

Tabela 40 – Quociente de utilização

	Escola Oswald	Escola Max	
	Com computador	Com computador	Sem computador
Número médio de pessoas que vivem na casa (1)	3.64	4.21	3.71
Número médio de pessoas que usam o computador (2)	3.36	2.03	1.86
(2)/(1)	92.4%	69.9%	50.0%

Se o quociente de utilização é alto, pode-se esperar que os computadores instalados nos domicílios tenham um maior número de usuários por computador. Isto não foi observado durante a análise dos resultados. Chamo de índice de compartilhamento neste estudo o número de alunos que compartilham seus computadores com uma ou mais pessoas que moram na mesma casa que este mesmo aluno (irmãos, irmãs, pais, tios etc.). A Tabela 41 abaixo indica que 20 alunos, ou 24% dos alunos da escola Oswald compartilham o computador que usam em seus domicílios. Para os alunos da escola Max, o índice de compartilhamento chegou a 51 alunos, ou 83.6% dos alunos compartilham o computador que utilizam. Os alunos do Oswald apresentam um maior quociente de utilização e também estão mais próximos da proporção 1:1, um usuário para um computador, ou seja, 76% dos alunos do Oswald não precisam dividir o computador que usam com ninguém mais da família. Entre as famílias das classes C e D a situação é diferente: todas essas famílias tinham apenas um computador *desktop* para, em média, entre três e quatro usuários por família. As famílias da classe B tinham praticamente um computador (geralmente

notebook) por usuário. É de se esperar que o compartilhamento possa ter efeito no modo como os usuários de cada família usam a internet: "Não temos problema para dividir [o computador]. Quem precisa fala para o outro e o outro tem de sair [para deixar outra pessoa usar o computador]. Geralmente nós [pais] temos prioridade porque trabalhamos, estamos fora de casa mais que eles [os filhos]." (Luciano, pai, Família 4); "Mas eu acho chato você estar lá no Messenger e vir alguém pedir para usar [o computador]. Às vezes, estou baixando algo [da internet] e tenho de parar de baixar porque senão, o computador fica muito lento para usar." (Junior, filho, Família 4); "Geralmente quem mais fica tempo no computador sou eu. Mas quando alguém quer usar, eu saio. Não temos problemas para dividir [o uso do computador]. A única coisa é que, às vezes, as crianças querem jogar na hora em que eu estou na internet, aí eu não deixo." (Juninho, pai, Família 3); "Acho um saco ter de sair [para deixar outro usar]. Acho uma invasão. Estou guardando dinheiro para comprar um *notebook*. Aí tudo se resolve!" (Fabio, filho, Família 5); "Eu paro de usar e vou ver televisão. Fico esperando, né?" (Junior, filho, Família 4); "Se demora muito [a pessoa usando], eu mando sair." (Fabio, filho, Família 5). Pelas falas das famílias da classe C, é possível observar que, em um primeiro momento, os membros dizem não haver problema para compartilhar o computador mas, conforme a conversa sobre o assunto evoluiu, foi possível notar que os usuários se sentem incomodados por ter de compartilhar o computador pois têm de interromper o que estão fazendo (não raro uma conversa no Messenger) e deixar outra pessoa usar o computador: existe um sentimento de incômodo, de invasão (da privacidade) e de restrição de uso: "Imagine você ter de deixar de falar no celular e dar ele [celular] para outra pessoa falar? O que você acha?" (Elaine, mãe, Família 4). Este sentimento é reflexo de uma relação de força que se estabelece mediante a negociação entre quem tem o direito de usar o computador naquele determinado momento baseado na regra estabelecida e acordada da urgência do que esta ou aquela pessoa tem de fazer. Ademais existe a imposição da hierarquia familiar – se são os pais que pedem para usar o computador, os filhos têm de cedê-lo. Assim, enquanto os demais membros da família (principalmente os filhos) reclamam de ter de compartilhar, os pais sustentam que não existe problema algum no compartilhamento e na hierarquia de uso. Como provedor da família sem recursos para comprar mais computadores, o pai transforma a necessidade em virtude (Bourdieu, 2002, p. 79). Para as famílias da classe B entrevistadas, a hierarquia de uso não é tão forte quanto nas classes C e D porque as famílias da classe B têm disponibilidade de recursos para resolver o problema de

compartilhamento através da compra de computadores adicionais, então, o problema do compartilhamento estava apenas presente quando havia apenas um ou dois computadores disponíveis para toda a família e foi, segundo estas famílias, um dos impulsionadores da compra de novos computadores, principalmente os *notebooks*: "Comprei meu *notebook* porque não queria ter de ficar dividindo o computador com meus filhos. Eu precisava para meu trabalho, então, não dava para ficar sem." (Otacílio, pai, Família 6); "Cada um tem um horário aqui em casa mas que coincidia, principalmente à noite, quando todo mundo está em casa e todo mundo queria usar o computador, era difícil... Agora cada um tem o seu, usa na hora que quer, cada um tem sua vida... E também se vira se der algum problema [sobre a manutenção dos *notebooks*]." (seu Pedro, pai, Família 7). Ou seja, a diferença está na atitude objetivamente possível dos pais das famílias. Para a classe C, os pais afirmam que não há problema, porque não podem resolvê-lo. Para os pais da classe B, o problema existe e é resolvido mediante a compra de novos computadores, evidenciando o poder do capital econômico destas famílias.

Tabela 41 – Compartilhamento do computador

		Total	Escola	
			Oswald	Max
Base: Total		144	83	61
	% col	100%	100%	100%
	% lin	100%	57.60%	42.40%
Notebook		42	40	2
	% col	29.20%	48.20%	3.30%
	% lin	100%	95.20%	4.80%
Desktop		31	23	8
	% col	21.50%	27.70%	13.10%
	% lin	100%	74.20%	25.80%
Eu e minha família compartilhamos o mesmo computador		71	20	51
	% col	49.30%	24.10%	83.60%
	% lin	100%	28.20%	71.80%

Pergunta 10: Qual o computador mais usado por sua família? [Resposta única.]

Quando observamos quais pessoas compartilham o computador com os alunos, vemos que existe uma maior variedade de pessoas que acessam o computador nas residências dos alunos da escola Oswald, embora para os dois grupos de alunos, irmãos, pais e mães são os

membros da família com quem os alunos mais têm de compartilhar o computador (78% das respostas). Ou seja, o computador é compartilhado pelos entes mais próximos do aluno – pai, mãe e, principalmente, irmãos[116]. Então, o computador para a classe C é o "computador da família" – vide o percentual de 83.6% dos alunos da escola Max que compartilham o computador, contra 24% da escola Oswald. Isto é devido aos 94% do quociente de utilização: quanto mais pessoas usando o computador, maior a variabilidade de categorias de pessoas. Observando-se estes dados com uma perspectiva temportal, vê-se que as famílias da classe B já passaram pela fase do "computador da família", justamente onde estão agora as famílias da classe C. Esta perspectiva temporal está associada ao capital econômico – até meados da década passada, apenas famílias das classes mais abastadas podiam comprar um computador. Outras tecnologias também passaram pelo mesmo processo: rádio, televisão, telefone fixo e celulares. É interessante observar na Tabela 42 abaixo que a mãe tem uma participação tão importante quanto os irmãos para os alunos da escola Oswald no que tange ao compartilhamento do computador. Este fato está associado ao nível escolar das mães dos alunos do Oswald, relativamente mais alto que o nível educacional das mães das classes C e D.

Tabela 42 – Compartilhamento						
Base: Mais alguém usa o computador			Escola			
	Total	%	Oswald	%	Max	%
Total de citações	151	100%	68	100%	83	100%
Irmãos	70	46.4%	26	38.2%	44	53.0%
Mãe	45	29.8%	27	39.7%	18	21.7%
Pai	36	23.8%	15	22.1%	21	25.3%

Existe um outro lado do compartilhamento que não tem a ver com as dificuldades encontradas por aqueles que têm de dividir o computador: é a socialização promovida pelo computador: "O computador aqui em casa junta a família" (Juninho, pai, Família 3). Esta socialização foi observada principalmente nas famílias da classe C. A socialização promovida pelo computador acontece quando ele é usado como um produto multimídia: onde procura-se, seleciona-se e executa-se música ou vídeo de diversos *websites*, sendo o mais comum o youtube.com; ou quando se escuta música através do CD *player* (em substituição ao aparelho de

[116] A família estendida também aparece mas com menor peso relativamente aos membros do núcleo familiar. Tios, tias, primos, primas, agregados compõem a família estendida.

som[117]), ou se assiste a um filme via DVD *player* (prática rara nas famílias das classes C e D) ou se mostra alguma foto ou ainda quando as crianças jogam *games* juntas[118] (o que acontece nas Famílias 1 e 3). Este tipo de socialização indica uma tendência de que o computador está cada vez mais sendo percebido como um *media center*, onde escuta-se música (substituindo principalmente o aparelho de som); se vê fotos (substituindo os custos de revelação e impressão de fotos) e quando os membros de uma mesma família (interação intrafamília) se juntam para interagir com familiares e amigos distantes, principalmente via Messenger (voz), substituindo o telefone fixo, o celular e as viagens[119]. Neste tipo de socialização, o modo de usar o computador é o centro de gravidade por onde as interações sociais acontecem. A observação destes modos de uso do computador aconteceu em diversas ocasiões, como a descrita abaixo.

"Neste domingo, cheguei à casa da Família 3 e a música podia ser ouvida já no portão da casa – um samba do Paulinho da Viola. Quando entrei na sala, percebi que o som vinha do computador, auxiliado por duas caixas de som recém compradas (*speakers*). Antes de começar a entrevista, eu passei uns bons 30 minutos conversando com o Juninho, sua esposa (Monica) e seu sogro (seu João). A dinâmica era relembrar e mostrar um para o outro sambas antigos. Foi a primeira vez que vi o seu João - que até então eu nunca havia percebido sua participação em nada que se relacione ao computador – pedir para o Juninho achar um samba do Cartola. Justamente aquela música não estava gravada no computador, mas o Juninho a achou no youtube.com. Quando a conseguiu achar, ele chamou a Monica e o seu João para escutar o samba e ver o respectivo vídeo no computador."

Foi perguntado aos membros da Família 3 se a prática de escutar música no computador era comum. Eles foram unânimes em dizer que sim, inclusive porque eles não tinham aparelho de som (nenhuma das famílias da classe C ou D tinham um aparelho de som no período de visitas) e que esta prática acontecia principalmente aos domingos, quando todos estão em casa, "tomando uma cerveja antes do almoço." Na Família 5 foi acompanhada uma conversação via Messenger (apenas voz) entre os membros da família e familiares que estavam em Pernambuco. A observação aconteceu em um fim de semana também. Foi possível verificar que os pais chamam os filhos para falar com os familiares e que, do outro lado, várias pessoas se

[117] A qualidade do som dos *speakers* nunca foi questionada por nenhuma família, apesar de ser clara a melhor qualidade das caixas de som.
[118] Para a classe D: a socialização para além das crianças jogando games, é a interação com famílias distantes.
[119] Para que esta função de substituição aconteça, é necessário que haja *speakers*, que substituem as antigas (e grandes) caixas de som.

organizavam para poder conversar com a família em São Paulo. O computador sendo usado como meio de comunicação tem uma importância relativamente maior para as famílias das classes C e D pois a comunicação não é um problema para as famílias da classe B: elas sempre podem se comunicar via telefone e, regularmente, viajavam para encontrar o amigos e parentes distantes ou estes parentes e amigos vêm visitá-los – com alto domínio das distâncias espaciais. Portanto, o uso para comunicação é mais importante para as famílias da classe C e D porque ela revoluciona a comunicação em diversas frentes: ela passa a ser mais frequente porque ela se torna mais barata (não se paga nenhuma taxa telefônica para se conversar via voz pelo Messenger), não é necessário ir até o orelhão (ou no telefone do vizinho) para conversar, cuja prática está ligada não apenas ao custo financeiro mas também de uso compartilhado; e a possibilidade de vários membros da família participarem pelo menos em parte da conversação.

Existem duas facetas do compartilhamento. Uma, já discutida anteriormente, diz respeito ao uso individual do computador, o qual tem de ser compartilhado por diferentes usuários, o que leva à necessidade de se entender questões relacionadas à privacidade, hierarquias de uso, negociações para uso e possível impacto no uso do computador, como ser interrompida uma conversação ou ser interrompido um *download*. A outra diz respeito à socialização promovida pelo computador quando ele é usado como um produto multimídia ou como de comunicação.

Nas famílias da classe B, o uso individual 1:1 dá espaço à socialização 1:X quando os usuários querem "mostrar" para outros usuários um vídeo do youtube, um *e-mail*, uma foto. Usar o computador como produto multimídia é mais raro em relação às famílias das classes C e D, ainda mais se a família tiver apenas *notebooks* que são usados principalmente nos quartos da residência e não como substitutos de aparelhos de som localizados na sala, onde eventualmente o *notebook* pode ser ligado ao aparelho de som para reprodução de músicas instaladas no disco rígido do *notebook*, no *pen drive* ou ainda via internet/*online* (*streaming*). Essas práticas estão associadas à facilidade de transportar o *notebook*, as quais estão ligadas ao controle das distâncias espaciais das famílias da classe B. A comunicação entre parentes e amigos também acontece mas ela é de forma mais individual – poucas foram as vezes que estas famílias disseram mobilizar todos os membros para que se estabeleça uma interação (via Messenger ou Skype por exemplo) com outros membros desta mesma família situados em outros espaços geográficos porque, como já citado, as famílias da classe B têm domínio das distâncias espaciais, então, o modo de uso para comunicação não tem tanto impacto nestas famílias quanto tem nas famílias

das classes C e D. Temos, então, dinâmicas diferentes de socialização promovidas pelo uso do computador para cada tipo de família, com impactos diferenciados no modo de apropriação.

Finalmente, vale mencionar que a socialização promovida pelo computador pode não ficar restrita às famílias e seus membros. As famílias da classe D informaram que vizinhos não batem à porta para usar o computador. Este fato esta associado ao baixo capital cultural das famílias moradoras da Favela do Sapé, que veem o computador como algo distante de suas vidas. Mas as famílias da classe D indicaram que os vizinhos vêm usar o telefone fixo, principalmente para falar com familiares distantes (geralmente aos domingos quando a tarifa é mais baixa) já que o preço de falar no orelhão ou no celular pode sair caro. Não raro, amigos e vizinhos das famílias da classe C utilizam o computador da residência ou pedem para algum dos membros da casa para buscar informações para eles. A Tabela 43 abaixo indica que os alunos do Max (41%) são os que mais procuram informações para seus vizinhos na internet, indicando que a socialização com os vizinhos também passa por indivíduos não pertencentes ao núcleo familiar: "Eu procuro principalmente simpatias para elas [vizinhas]." (Monica, mãe, Família 3); "Às vezes eu imprimo currículo, às vezes procuro até emprego. Tem gente [parente dos vizinhos] que manda recado pelo meu *e-mail* para combinar de conversar [no telefone, com data e hora marcada]" (Elaine, mãe, Família 4); "Procuro coisa para o pessoal do prédio que precisa. Nem todo mundo tem computador, então... quando precisa, nego vem bater aqui. Às vezes até incomoda." (Luciano, pai, Família 4). É difícil dizer se a prática de pessoas usarem o computador de vizinhos reforça ou abala a rede de solidariedade que existe entre os vizinhos das famílias da classe C entrevistadas (neste caso é uma solidariedade ambígua, porque gera uma tensão e desconforto entre as pessoas do grupo). De todo modo, essa prática tende a diminuir cada vez mais na medida em que a penetração de computadores nas residências de famílias das classes C e D aumenta. Assim, as famílias entrevistadas das classes C e D seriam pioneiras entre as demais famílias destas classes. Entre os iguais, eles se destacaram por terem um recurso maior e, então, passaram a ser incomodados pelos iguais que querem compartilhar o recurso em nome da solidariedade.

Forma-se assim uma hierarquia entre a casa com computador e as demais: as primeiras são vistas como casas que possuem maior capital econômico mas principalmente cultural porque: "[...] são pessoas que sabem mexer no computador, por isso, eu peço para elas" (Amigo, Família 4); "Eu procuro as simpatias porque elas [vizinhas] nem sabem mexer no computador" (Monica,

mãe, Família 3); “Imprimo currículo porque a gente precisa ajudar, né?” (Luciano, pai, Família 4). Este vínculo com os vizinhos não foi observado nas famílias da classe B. Estas famílias afirmaram que raramente os vizinhos vêm até a casa deles até para conversar - pedir para usar o computador nunca aconteceu: “Conversamos com os vizinhos o necessário. É aquela coisa “São Paulo”, né? É difícil eu ou alguém daqui sair de casa para pedir alguma coisa para algum vizinho.” (Seu Pedro, pai, Família 7). Ao contrário das famílias da classe C que veem o vizinho como parte da rede de solidariedade que podem contar, para as famílias da classe B os vizinhos não fazem parte do círculos próximos de socialização, como amigos e parentes, com os quais estas famílias dizem contar porque elas têm domínio do espaço geográfico para deslocamento.

Tabela 43 – Procura de informações para vizinhos						
Base: Total de alunos = 144	Oswald		Max			
			Com computador		Sem computador	
	Alunos	%	Alunos	%	Alunos	%
Sim	14	16.9%	25	41.0%	4	28.6%
Não	69	83.1%	36	59.0%	10	71.4%

Pergunta 48: Eu procuro informações para meus vizinhos na internet. [Resposta única: sim/não].

A Tabela 44 abaixo apresenta de forma comparativa a autonomia de uso. Pode-se observar que o local de uso é geralmente onde há infraestrutura de energia elétrica para as famílias da classe D, a sala para as famílias da classe C e o quarto para as famílias da classe B. A necessidade de compartilhamento do computador diminui das famílias da classe D para as famílias da classe B. Na direção contrária, a privacidade e a disponibilidade da internet aumentam das famílias da classe D para as da classe B.

Tabela 44 – Dimensões da desigualdade digital – autonomia de uso			
Características	Famílias da classe D	Famílias da classe C	Famílias da classe B
Local de uso	Geralmente onde há infraestrutura de eletricidade que suporte o uso do computador.	Geralmente na sala, mas pode ser encontrado no quarto.	Geralmente nos quartos, mas pode estar no escritório, na biblioteca, no quarto para visitas.
Compartilhamento do computador	Poucos usuários, portanto, compartilhamento não é um problema.	Necessidade de compartilhamento leva a negociações entre membros para uso.	Pouca necessidade de compartilhamento já que existe quase um *notebook* por pessoa.
Privacidade para uso do computador	Pouca privacidade.	Pouca privacidade.	Bastante privacidade.

Tabela 44 – Dimensões da desigualdade digital – autonomia de uso			
Características	Famílias da classe D	Famílias da classe C	Famílias da classe B
Influência do local de uso, compartilhamento e privacidade no conteúdo e aplicativos usados	A combinação do local de uso, compartilhamento e privacidade não tem a importância do baixo nível do capital econômico e cultural, os quais levam a um acesso limitado a conteúdos e aplicativos.	A combinação do computador na sala (levando a pouca privacidade) e a necessidade de compartilhamento influenciam o conteúdo e aplicativos, os quais são acessados menos vezes, por menor tempo e de maneira irregular se comparado às famílias da classe B.	A privacidade promovida pelo local de uso (quartos) aliada ao uso de *notebooks* leva a um maior número de vezes que conteúdos e aplicativos são usados. Uso com regularidade, sem a pressão do compartilhamento.
Resolução do problema de compartilhamento	Compartilhamento não é um problema até que mais usuários requeiram usar o computador.	Negação do problema porque não existe outra solução que não seja o compartilhamento.	Problema resolvido com a compra de computadores para uso individual: *notebooks*.
Tempo individual de uso do computador	Alto (até o momento em que mais usuários requeiram usar o computador também).	Médio. Definido pelos parâmetros da negociação para uso estabelecios e pelo local de uso.	Alto. Uso individual com possibilidade de uso em ambiente com privacidade.
Disponibilidade da internet	Computador ligado e conectado à internet somente quando o *heavy user* está em casa, o que leva a uma baixa integração da internet às práticas das famílias.	Computador ligado e conectado à internet somente quando considerado necessário, o que leva a uma baixa integração da internet às práticas das famílias.	Computador ligado e conectado à internet o tempo todo levando ao uso do conteúdo da internet integrado às práticas das famílias.
Capacidade do computador como promotor de socialização	Capacidade baixa intrafamília mas capacidade alta em relação aos parentes distantes.	Alta capacidade intra e extrafamília.	Capacidade baixa intrafamília e capacidade média extrafamília pois o telefone já cumpria a função de interação com parentes e amigos.

4.4 - Habilidade

Até o momento foram analisadas duas dimensões: o equipamento e a autonomia. Este item está relacionado à ideia de *internet competence* (DiMaggio e Hargittai, 2001, p. 10), que é a habilidade dos indivíduos de usarem a internet de maneira pragmática e intuitiva para explorar o potencial da internet. Inicio as análises desta dimensão pelo tempo de instalação do computador na residência destas famílias.

Muitos alunos indicaram que o computador que é usado por eles atualmente não é o primeiro computador instalado na casa. A Tabela 45 abaixo indica o número absoluto destes computadores. Esta tabela indica que 89.2% dos alunos da escola Oswald tiveram contato com computadores dentro de casa antes do computador que estão usando atualmente. Em contraste, 41% dos alunos da escola Max afirma que o computador em uso não é o primeiro que foi instalado em suas casas. Seria razoável aceitarmos a ideia de que mediante o aumento de tempo de uso do computador, há um aumento das habilidades para uso da internet e aumento do conteúdo acessado e produzido. O tempo de instalação pode ser entendido como um indicativo de quão confortável os alunos estão com relação ao uso de computadores e da internet, já que 95% dos alunos do Oswald afirmaram que também acessavam a internet nos computadores que foram instalados anteriormente. Seria razoável afirmar que, de maneira geral, os alunos do Oswald, assim como as famílias da classe B (baseado na Figura 6, página 173), estão mais familiarizados e acessam conteúdos mais variados e produzem mais conteúdo do que os alunos do Max.

Tabela 45 – Computador em uso e primeira instalação do computador no domicílio

	Escola			
Base: 144	Oswald	(%)	Max	(%)
Computador em uso é o primeiro que foi instalado	8	9.6%	36	59.0%
Computador em uso não é o primeiro que foi instalado	74	89.2%	25	41.0%

Pergunta 22: O computador que é mais usado por você ou sua família é o primeiro computador instalado em sua casa? (sim/não).

A Tabela 46 indica a idade média em que cada tipo de aluno entrou pela primeira vez em contato com um computador. É possível observar que os alunos do Oswald entraram em contato com um computador, em média, quando tinham 6.4 anos de idade, em média três anos antes de alunos da escola Max, com ou sem computador. A Tabela 46 também indica que, assumindo-se que todos os alunos continuaram em contato com computadores de alguma forma e com certa frequência, os alunos do Oswald têm usado um computador por, em média, 9.5 anos, ao passo que os alunos de escola Max com computador, 6.7 anos e os alunos sem computador, 6.8 anos. Ou seja, o computador não é uma ferramenta exatamente nova para os alunos do ensino médio. A diferença entre alunos do Oswald e do Max está no acesso à internet dentro de casa, já que,

como dito acima, 59% dos alunos da escola Max estão acessando a internet através do primeiro computador instalado na residência. Outro fato que colabora para esta análise é que a escola, a casa de amigos e a casa de parentes tenham um peso importante na definição do lugar do primeiro acesso, o que faz com que mesmo os alunos sem computador do Max tenham usado um computador pela primeira vez praticamente no mesmo período que os alunos do Max com computador. A alternativa "Outros" apresenta um peso muito grande também, principalmente para alunos do Oswald: 51.8%[120] afirmaram ter tido contato com um computador pela primeira vez dentro da própria casa, contra apenas 24.6% dos alunos com computador instalado na casa atualmente. Ou seja, os membros jovens das famílias da classe B entraram em contato com computador três anos antes em média do que membros jovens das classes C, porque seu primeiro acesso se deu dentro de seus próprios domicílios de residência. O fato dos alunos do Oswald terem contato com o computador três anos antes dos alunos do Max indica o maior volume de capital econômico e cultural das famílias desses alunos, o que também influencia o modo de apropriação dos computadores, o que ajuda a explicar sua maior variabilidade de conteúdos acessados e produzidos relativamente aos alunos do Max.

Tabela 46 – Idade média do primeiro uso do computador e local

	Escola					
	Oswald		Max			
	Com computador	(%)	Com computador	(%)	Sem computador	(%)
Qual a idade que você tinha quando usou um computador pela primeira vez? (média das respostas)	6.4 anos		9.4 anos		9.3 anos	
Diferença média entre idade em 2009 e a primeira vez que usou um computador	9.5 anos		6.7 anos		6.8 anos	
Onde estava esse computador que você usou pela primeira vez?	83		61		14	
Na escola	16	19.3%	15	24.6%	6	42.9%
Na casa de amigos	6	7.2%	10	16.4%	3	21.4%
Na casa dos vizinhos	1	1.2%	3	4.9%	0	0%
Na casa de parentes	14	16.9%	14	23%	2	14.3%
Na igreja	1	1.2%	0	0%	0	0%
Lan house	2	2.4%	3	4.9%	1	7.1%
Serviços do governo	0	0%	1	1.6%	1	7.1%

[120] Eu afirmo "quase" porque houve duas respostas diferentes de "minha casa" para a alternativa outros, a saber: emprego do pai e emprego da mãe.

Tabela 46 – Idade média do primeiro uso do computador e local						
	Escola					
	Oswald		Max			
	Com computador	(%)	Com computador	(%)	Sem computador	(%)
Trabalho	0	0%	0	0%	0	0%
Outros. Qual?	43	51.8%	15	24.6%	1	7.1%

Pergunta 34 (questões inseridas na tabela acima). Nota: (a) Serviços do governo referem-se ao Acessa São Paulo, por exemplo; (b) Outros referem-se à "minha casa".

Adicionando-se às informações das Tabelas 45 e 46 acima, e com objetivo de entender melhor a influência do tempo no uso do computador sobre as habilidades, foram perguntadas questões para entender se os usuários, tanto famílias quanto alunos, conseguiriam comentar alguma diferença em termos de capacidade de uso do computador entre o primeiro computador instalado e o atualmente em uso (ou a primeira vez que usaram um computador e como usam agora)[121]. Das famílias da classe C entrevistadas, apenas uma usa atualmente o primeiro computador comprado. As outras duas famílias tiveram um computador instalado em casa antes do atualmente em uso. Estes computadores foram doados por parentes ou conhecidos, que compraram um computador (e impressora) mais novos e doaram os antigos para estas famílias. Todas as duas famílias foram unânimes em dizer que se sentiam mais seguras, o que indica uma evolução temporal da confiança e habilidade em resolver problemas, o que está associado à capacidade de uso do computador: "Antes eu tinha dificuldade até para ligar o computador, para digitar. Não sabia o que tinha de fazer para entrar na internet, aquela coisa de clicar duas vezes no símbolo [do internet Explorer], não sabia nem como mandar um *e-mail*, nem que *site* procurar. Hoje eu consigo até ver meu extrato no banco. Melhorou bastante." (Juninho, pai, Família 3); "Antes eu tinha medo de quebrar o computador. Tinha medo de que se eu fizesse alguma coisa errada, apertar um botão errado, eu poderia fazer o negócio quebrar ou perder aquilo que tinha feito. Mas fui devagarinho aprendendo a ligar, abrir os programas, salvar [os documentos]." (Fabio, filho, Família 5); "Eu comecei devagar, usando oWord. O primeiro computador não tinha internet. Eu gravava CD no computador. Quando dava algum problema, eu

[121] Importante mencionar que muitos alunos do Oswald não souberam dizer quando usaram o computador pela primeira vez: "Eu era muito pequeno" (1º ano); "Desde criança" (2º ano); "Sempre teve computador em casa" (3º ano); "Não lembro, era muito pequeno" (1º ano) e por isso, usar computador é algo tão natural quanto ver televisão. Eles tiveram dificuldade em expressar quando o computador passou a significar um tarefa difícil que teve de ser superada. Assim, as respostas estão associadas aos alunos do Max e alunos do terceiro ano do Oswald.

tentava usar o F1 [tecla de ajuda do Windows] mas eu não entendia o que eles explicavam. Então, foi por tentativa e erro. Hoje faço bem mais coisas: entro no MSN, vejo notícias, baixo música. Não sou um técnico mas me viro bem." (Juninho, pai, Família 3); "Quanto mais eu uso, mais eu aprendo. Gostaria de ter dinheiro para ter comprado um computador antes. Principalmente por causa das crianças, eles aprendem super rápido, eles são os que mais sabem mexer [no computador] aqui em casa." (Elaine, mãe, Família 4); "Foi dificil usar a primeira vez, era tudo tão legal mas meio difícil. Depois você vai aprendendo com os amigos e com o pessoal da escola." (Aluna, 1º ano, Max); "No começo eu meio que tinha vergonha [de usar]. Depois, eu fui fuçando. Minha irmã também. A gente ia junto na *lan house* e na casa da minha tia [que tinha computador]. Hoje a gente usa o Messenger e o Orkut e faz trabalho [da escola] no Word. A gente procura coisa na internet [...] tipo coisa da novela, coisa de artista, quando vai ter show do Katinguelê [grupo de pagode] e do Restart [grupo de música pop para adolescentes]." (Aluna, 2º ano, Max). Ficou evidente que, conforme os usuários foram usando o computador, eles foram ampliando suas capacidades de uso – desde aprender a ligar o computador, de perder o medo de fazer algo errado, até sentirem-se capazes de realizar tarefas mais elaboradas como enviar um *e-mail* ou acessar sua conta bancária. Mesmo assim, os membros destas famílias informaram usar o computador mais para "acessar a internet", o que significa basicamente (mas não limitado à): ver notícias sobre futebol, jogar *games*, baixar música, ver vídeo no youtube e usar o MSN e Orkut, principais meios de comunicação. Itens como enviar *e-mail* ou usar planilhas eletrônicas ou Power Point são esporádicos. A comunicação se dá basicamente via Messenger (assim como para os alunos, como descreverei adiante neste capítulo). Já nas famílias da classe B, o computador também é usado para "acessar a internet" nos mesmos termos descritos acima. A diferença está no conteúdo produzido: todos os membros destas famílias afirmaram usar *e-mail* como forma de comunicação, inclusive entre amigos e parentes (às vezes, o processador de texto é usado para corrigir o texto do *e-mail*). Usar planilhas eletrônicas ou Power Point não é um problema: eles se sentem bem confortáveis e ficou claro que usam com maior frequência do que as famílias da classe C (as famílias da classe D não usam aplicativos): "Eu uso o Excel para fazer as contas da casa. Temos uma planilha que me ajuda a saber quanto gastamos de supermercado, gaz, luz." (Juliana, prima, Família 6); "Power Point eu uso para o trabalho e quando tinha de apresentar algo na faculdade." (Mariana, prima, Família 6); "Se é algo mais sério como trabalho ou falar com meu gerente do banco, eu uso *e-mail*. Se é com amigos uso mais o Messenger ou

Orkut, eu [os] uso mais para isso." (Patrícia, filha 1, Família 7); "Fazer *download* de música e filme, eu faço. Coloco foto no Orkut também. Eu tinha um blog sobre futebol, mas não o atualizo mais. Já está até fora [da internet]." (Maurício, filho, Família 7); "Nós usávamos o Messenger para falar com meus tios na Alemanha. Mas agora usamos o Skype porque tem mais recursos, a qualidade de vídeo é melhor."; "Eu uso para pesquisar preço, principalmente de passagem de avião." (Marcio, filho, Família 6); "Eu uso para comprar ticket de show, procurar preço de passagem de avião, buscar uma pousada para as férias. Gosto também de ler crítica de cinema." (Fernanda, filha, Família 7); "Eu leio também os jornais de fora do Brasil nos fins de semana, tipo o *New York Times* e o *El Pais*." (seu Pedro, pai, Família 7); "Eu gosto de buscar receitas também. Gosto do *site* do Sergio Arno." (Fernanda, filha, Família 7); "Eu acesso sempre para saber que filme está passando [nos cinemas]." (Aluna, 3º ano, Oswald); "Eu vejo onde vai rolar uma balada legal. Vejo preço, lugar, como chegar, se tem de colocar nome na lista..." (Aluna, 3º ano, Oswald). É possível entender que o "acessar a internet" é uma prática mais elaborada para as famílias da classe B. Elas também "acessam a internet" para fazer coisas que as famílias da classe C fazem, como usar o Messenger, o Orkut ou ler notícias sobre futebol. Além de usar os aplicativos do computador de maneira mais frequente (como usar planilhas eletrônicas para gerenciar a casa), as famílias da classe B apresentam uma capacidade maior de se beneficiarem da internet como escrever *e-mails*, pesquisar preços, programar as férias e ler conteúdo em línguas que não apenas em português[122]. Ou seja, o tempo de uso do computador é um marcador que, conforme vai aumentando com o passar dos anos, reflete cada vez mais o capital econômico, cultural e o *habitus* de cada família através do tipo de conteúdo acessado, no conteúdo produzido e no tipo de serviço acessado (*online banking*, busca de preços de passagem de avião, compra de tickets para shows, programação de férias etc.). É através do tempo de uso que as pessoas cada vez mais se sentem confortáveis em explorar as capacidades do computador e da internet, fazendo com a desigualdade digital seja uma faceta da desigualdade social. Desta maneira, a desigualdade digital demonstra que o acesso às ICTs e à internet não muda a posição social relativa do indivíduo: a ICT é fluida. Mas a falta de acesso à ICTs e à internet mudam a

[122] Ainda sobre as habilidades, observa-se que em todos os grupos acessados não foram encontradas atividades que exigem conhecimentos elaborados como preparação, manutenção e atualização de blogs, preparação de filmes, organização de grupos para ação política ou social ou até mesmo cyberativismo. As atividades estão associadas à facilidade de uso dos aplicativos.

posição relativa daqueles indivíduos que não têm acesso, fazendo com que a desigualdade social seja mais profunda.

As análises sobre as dificuldades de entendimento do conteúdo acessado para esta pesquisa foram relacionadas ao entendimento de textos, gráficos e tabelas[123]. Quando perguntadas sobre a leitura de notícias na internet, as famílias da classe C responderam unanimemente que sim, quase que diariamente. Quando perguntadas sobre que tipo de notícia, elas se referiam às notícias que estão no dia nos jornais impressos, na televisão e relacionadas a futebol, novelas, celebridades, fofocas, música etc. Foram então perguntadas as seguintes questões listadas na Tabela 47 abaixo (respectivas respostas na tabela):

Tabela 47 – A dificuldade de entendimento do conteúdo de notícias na internet

	Famílias das classes C	Famílias da classe B
A) O que é uma notícia grande para você?	"Eu não costumo ler muito notícia na internet, mas... talvez aquela que demora mais de 15 minutos para ler." (Junior, filho, Família 4); "Aquela que não tem muita figura." (Sarará, cunhado, Família 3); "Eu começo a ler, se enjoar eu paro logo." (seu Douglas, pai, Família 5); "Não leio notícia na internet." (Luciano, pai, Família 4).	"Aquela que demora mais de 20 minutos para ler?" (Maurício, filho, Família 7); "Não me preocupo com o tamanho da notícia." (Juliana, prima, Família 6); "Se eu estiver com tempo, não me preocupo." (Maurício, filho, Família 7).
B) Quando o você considera o texto grande, você termina de lê-lo mesmo assim?	"Não tenho paciência para ler coisa grande, não." (Elaine, mãe, Família 4). "Só se for algo muito interessante como música." (Junior, filho, Família 4); "Se for futebol, sim." (Fabio, Filho, Família 4); "Se vejo que o texto é grande, não leio, não. Vou para outra coisa." (Juninho, pai, Família 3); "Se for muito grande, eu vejo na TV." (seu Douglas, pai, Família 5); "Se eu começar a ler e ver que está complicado, eu paro." (Luciano, pai, Família 4); "Se o texto não usar muito termo difícil, sim, se não, vejo outra coisa." (Monica, mãe, Família 3).	"Eu leio tudo o que quero independente do tamanho. O tamanho da matéria não é problema para mim." (Juliana, prima, Família 6); "Se for algo exaustivo e eu precisar ler, eu compraria o jornal ou imprimiria [a matéria]." (Maurício, filho, Família 7); "Se for um assunto que dá para ver na televisão, e eu achar que está demorando muito, eu paro." (Fernanda, filha, Família 7).
C) Você comenta as notícias que lê na internet com alguém?	"Às vezes, com os amigos." (Fabio, filho, Família 5); "Comento no trabalho, mas falamos mesmo sobre notícias do reporter da televisão. Gosto da Record." (Monica, mãe, Família 3); "Não necessariamente... conversamos sobre o que todo mundo fala." (Juninho, pai, Família 3).	"Comento, até porque eu leio mais jornal na internet, o Estadão, do que vejo televisão." (Marcio, filho, Família 6); "Comento, mas não necessariamente sobre o que li na internet. Eu escuto a CBN no carro indo para o trabalho, eu vejo o jornal [das oito] antes da novela." (Patrícia, filha, Família 7).

[123] A) Não foram consideradas as dificuldades e tempo gasto em procurar, selecionar e escolher o conteúdo a ser acessado. B) Não foi possível testar a dificuldade de entendimento das famílias da classe D durante as entrevistas devido ao tempo da visita, o qual foi usado para colher outras informações do guia de entrevista. Então, foi possível fazer um comparativo apenas entre as famílias da classe C e B, onde tive mais tempo para entender especificamente a dificuldade de entendimento de conteúdos.

Tabela 47 – A dificuldade de entendimento do conteúdo de notícias na internet		
	Famílias das classes C	Famílias da classe B
D) Se a notícia tem algum gráfico ou tabela, você as lê?	"Não, muito complicado." (Luciano, pai, Família 4); "Se tem gráfico e tabela, já é para não ler..." (Elaine, mãe, Família 4); "Eu ignoro as tabelas, essas coisas. Mas eu leio o texto se tiver tempo e vejo as fotos." (Sarará, cunhado, Família 3); "Se não for muito complicado, sim. Mas isso é coisa para gente que nem você, da USP." (Monica, mãe, Família 3).	"Leio, não vejo como problema." (Tadeu, filho, Família 6); "Eu gosto dos gráficos interativos da Folha." (Glaucia, prima, Família 6); "Os gráficos eu até paro para ver mas as tabelas, só se for pequena." (Fernanda, filha, Família 7); "Se eu tiver tempo, sim." (Maurício, filho, Família 7).

Pelas declarações acima, é possível entender que as famílias das classes C , quando leem notícias, preferem textos mais curtos, com palavras "simples", as quais são entendidas como palavras do cotidiano destas famílias. O conteúdo acessado na internet nem sempre é compartilhado – sendo a televisão a fonte principal de informação cujo conteúdo é passado de forma rápida mas explicado com palavras "simples" e de maneira relativamente vagarosa, é o conteúdo da televisão que é compartilhado. Ainda, a televisão representa a substituição da mídia escrita devido ao distanciamento que essas famílias têm da língua escrita. A dificuldade para ler gráficos e tabelas citada pela famílias da classe C está relacionada ao nível educacional dos membros, ou seja, seu capital escolar. Poucos terminaram o segundo grau. E mesmo aqueles que terminaram o segundo grau, não se sentem tão confortáveis para ler um gráfico ou analisar uma tabela. Pelo lado das famílias da classe B, ler notícias consideradas grandes não é um problema. Estas famílias disseram estar mais interessadas na notícia em si e menos preocupadas com o tamanho dela, o que não as faz parar de ler. Sobre o compartilhamento, estas famílias, assim como as famílias da classe C, utilizam também a televisão como fonte de informação, portanto, existe uma mescla entre TV e internet sendo usadas como fonte de informação quando se compartilha algum assunto. Vê-se claramente que embora exista um elemento de igualdade (assistir televisão) entre as famílias, o sentido não é o mesmo. Finalmente, o entendimento de gráficos e tabelas não é um problema mas só terão atenção se forem algo considerado simples e de rápida leitura. A preferência entre textos de diferentes tamanhos está condicionada aos padrões de gosto e, correlatamente, à pouca familiaridade com o letramento das famílias. Podemos entender que o capital escolar é um dos fatores mais importantes para se observar o entendimento do conteúdo da internet, já que é ele que estrutura a capacidade de entendimento de informações, o que corrobora a hipótese central desta pesquisa. Como fator limitante, o

capital escolar reproduz a desigualdade social através da capacidade de entendimento do conteúdo da internet.

As tarefas para superar dificuldades de gerenciar problemas no computador[124] não são intuitivas, embora tratadas de maneira espontânea, devido ao fato das famílias das classes C e D serem menos providas de capital econômico e cultural que as famílias da classe B. As primeiras afirmaram que quando o computador foi instalado, havia certo medo de "quebrá-lo" já que havia insegurança para tudo, desde ligá-lo até como onde gravar um arquivo e como desligar o computador. Estas dificuldades nem precisariam ser enfrentadas se: primeiro, os pais tivessem possibilidade de comprar um computador quando os filhos eram pequenos, o que levaria a um conhecimento do computador que poderia ser repassado aos filhos; segundo, se os filhos tivessem tido a oportunidade de ter aulas de informática na escola. Estes dois aspectos foram observados como vantagens das famílias da classe B na desenvoltura em gerenciar problemas, principalmente no período inicial da instalação do computador. As famílias da classe D, cada uma gerencia de uma maneira os problemas com o computador. A Família 1, o Marcos (pai) tem conhecimentos técnicos e não chama ninguém para consertar qualquer problema. A Família 2, por não ter conhecimento técnico algum, acaba por chamar o técnico quando tem dinheiro para isso. Caso contrário o computador ficará sem ser utilizado até que seja consertado.

As famílias das classes C[125] informaram que conforme foram usando o computador, elas foram ficando mais confiantes e experimentavam coisas diferentes para resolver problemas através da tentativa e erro (relação de enfrentar os problemas de forma espontânea) já que as alternativas como usar a tecla F1 (Help) nem sempre podiam ser entendidas com clareza: "Quando dava algum problema, eu tentava usar o F1 [tecla de ajuda do Windows] mas eu não entendia o que eles explicavam. Então, foi por tentativa e erro." (Juninho, pai, Família 3); "A tecla F1 é para gente que entende, gente técnica. Eu não uso. Tento isso, tento aquilo até dar certo." (Luciano, pai, Família 4).

De maneira geral, os usuários da classe C passam pelo processo de tentar eles mesmos superar o problema. Caso não consigam, eles lançam mão dos pais e irmãos para tentar resolver

[124] Problemas são entendidos nesta pesquisa como problemas não relacionados a como realizar alguma tarefa com os aplicativos como processadores de texto ou planilhas eletrônicas mas sim problemas de *hardware* como consertar a conexão com a impressora, problemas no *no-break*, problemas de bateria até problemas relacionados ao sistema operacional como reinicialização do computador e integração de periféricos.

[125] Esta análise não funciona para a Família 1 pois o Marcos tem conhecimento técnico sobre computadores. Para a Família 2, ela ainda depende dos conhecimentos técnicos do Marcelo.

tal problema, ou seja, pessoas da própria família. O acesso ao técnico é a última alternativa, já que amigos e vizinhos são pouco considerados como alternativas – apenas 10.8% dos alunos do Oswald e 11.5% dos alunos do Max procurariam amigos e vizinhos. Para as famílias das classes C e D, gastar R$60 para chamar o técnico para resolver algum problema é algo que pesa no orçamento: "Chamamos o Marcelo [técnico] em último caso. É caro... Às vezes o Marcelo nem cobra porque é amigo da gente, mas mesmo assim não dá." (Luciano, pai, Família 4); "Chamar alguém para consertar é caro. Levar para consertar é complicado porque não temos carro. Tentamos resolver aqui ou com a ajuda de amigos. Só se o computador parar mesmo é que a gente chama o técnico." (Juninho, pai, Família 3). Por outro lado, as famílias da classe B disseram que chamar o técnico pode ser uma alternativa rápida para solucionar algum problema e que aproveitariam a visita (do técnico) para dar uma olhada em todos os computadores da casa. Elas parecem mais inclinadas a buscar ajuda fora da casa com os técnicos já que o preço da visita do técnico não pesa tanto no orçamento e existe a possibilidade de manutenção de outros computadores além daquele que está com problema – 39.8% dos alunos do Oswald, contra 24.6% dos alunos do Max chamariam um técnico para resolver algum problema.

Os alunos do Max são mais relutantes em chamar um técnico não apenas pelo valor da visita, mas também porque 23.7% desses alunos compraram um computador montado por algum técnico e participaram de todo o processo de escolha de componentes, lugar de compra, instalação do computador etc., portanto, o conhecimento de *hardware* e *software* desses alunos é um conhecimento mais técnico do que os demais alunos, o que faz com eles tenham uma tendência maior a resolver eles mesmos os problemas de *hardware* e *software*. É possível observar neste dado que os "desprovidos" têm mais conhecimento que os alunos do Oswald. Eles têm uma relação direta com a técnica, não porque são mais preparados, mas por uma questão de necessidade, o que confirma a hipótese deste trabalho de que os modos de uso são determinados pela distribuição desigual de capital econômico e cultural.

A Tabela 48 abaixo indica de forma comparativa as características relacionadas à dimensão Habilidade. É possível apreender que a habilidade aumenta conforme aumenta o número de anos que cada usuário tem tido contato com o computador. O tempo de uso do computador (em anos) e a variabilidade de aplicativos usados e uso de aplicativos aumenta das famílias da classe D para as famílias da classe B. Já a dificuldade de entendimento de conteúdos

diversos disponíveis na internet segue no sentido contrário, das famílias da classe B para as famílias da classe D.

Tabela 48 – Dimensões da desigualdade digital – habilidade			
Características	Famílias da classe D	Famílias da classe C	Famílias da classe B
Tempo de instalação do computador	Instalação do primeiro computador (o atualmente em uso) aconteceu nos três anos.	Computador anterior ao usado atualmente (doado por parentes ou amigos) ao foi instalado há três ou quatro anos antes da entrevista. Ele foi substituído pelo computador em uso porque era considerado velho e desatualizado. A substituição aconteceu entre um e três anos antes da data da entrevista.	Há diversos computadores *notebooks* na casa, geralmente comprados entre um e três anos da data de entrevista. Anteriormente possuiam *desktops* que foram sendo substituídos paulatinamente por *notebooks*.
Primeiro uso do computador	Aconteceu em *lan houses* e serviços do governo.	Aconteceu em *lan houses*, serviços do governo ou na escola.	Aconteceu na própria residência, através do computador comprado pelos pais.
Dificuldade de entendimento de conteúdos	Baseado nas condições objetivas de vida observadas* e nas respostas das entrevistas, a dificuldade parece ser grande. Fotos e figuras são mais interessantes que textos. A comunicação oral (via Messenger ou radio) ou visual (televisão) são as que os fazem sentir mais confortáveis.	Possuem grande dificuldade entendimento de conteúdos. Estão mais inclinados a ler do que os membros da família D. Existe sentimento de auto-exclusão pois consideram textos grandes, gráficos e tabelas algo que não é para eles. Compartilham pouco o conteúdo acessado na internet com amigos, colegas de trabalho e a própria família.	Possuem melhor entendimento e maior interesse por conteúdos do que as demais famílias. Se sentem confortáveis com textos longos, gráficos e tabelas. Compartilham o conteúdo acessado na internet com amigos, colegas de trabalho e a própria família.
Dinâmica para resolver problemas	Família 1: Marcos, por ter conhecimento técnico, resolve os problemas. Família 2: sem conhecimento técnico algum, a Daniela ainda tenta resolver algum problema mas chamam o Marcelo (técnico) quando tem dinheiro. Computador pode ficar sem uso enquanto Marcelo não resolve o problema.	Inicialmente, eram tinham medo de "mexer" no computador para resolver problemas pois tinham medo de danificá-lo. Pouco a pouco, foram se sentindo mais confortáveis e tentam resolver problemas antes de chamar o técnico, o que é feito em último caso e quando há dinheiro para pagá-lo. Computador	Inicialmente eram tímidos, mas também tentam resolver os problemas antes de chamar o técnico (o que não é um problema pois o valor a ser pago não pesa tanto no orçamento). Usam estratégias como o uso do computador dos irmãos e dos pais caso seu próprio computador não funcione.

Tabela 48 – Dimensões da desigualdade digital – habilidade			
Características	Famílias da classe D	Famílias da classe C	Famílias da classe B
		pode ficar sem uso até que se tenha dinheiro para consertá-lo.	

* Não foi possível testar a dificuldade de entendimento de conteúdos das famílias da classe D devido ao tempo de visita, o qual foi usado para colher outras informações do guia de entrevista pois a dinâmica de entrevistas foi relativamente mais lenta para as famílias da classe D.

4.5 - Variações de uso

Esta parte da análise trata da última dimensão sobre a desigualdade digital. As análises das variações de uso da internet – ou seja, para que se usa a internet – tomam como base a informação (acessada, trocada, compartilhada), tratada aqui em três diferentes instâncias: a informação não-digital, a informação digital e a comunicação. A informação considerada não-digital está relacionada às mídias tradicionais – jornais, revistas, semanários impressos, televisão, rádio. Baseado nas entrevistas com as famílias e com os alunos, este tipo de informação serve de panorama para se entender o contéudo cultural acessado, como o acesso a shows de música, teatro, cinema, exposições etc. A informação digital está relacionada ao conteúdo disponível na internet em *websites*, *blogs*, portais, redes sociais etc. Finalmente, a parte de comunicação está relacionada à frequência de uso de diferentes aplicativos para comunicação como aplicativos para *e-mails*, comunicação via voz e via dados e redes sociais.

4.5.1 - Informação não-digital

Antes de entrar na parte de conteúdo acessado na internet, alguns dados sobre as práticas e preferências culturais dos alunos são apresentados pois estes dois itens se diferenciam mediante a posição social destes alunos e são importantes para entender o conteúdo acessado, que é o próximo item deste capítulo. A Tabela 49 abaixo indica que os alunos da escola Oswald são os que menos assistem televisão, ao passo que são os que mais acessam a internet. Estes alunos também são os que mais acessam mídias impressas e são os que menos escutam rádio. Surpreendente é o número de horas que os alunos sem computador escutam rádio (10.5 horas por semana). Isto pode ser explicado devido ao fato de que o rádio é ainda uma das mídias que mais atinge as famílias das classes C, D e E no Brasil. O sucesso da comunicação pelo rádio é que,

além de se poder executar uma atividade parelela, não é caro ter acesso a essa mídia (aparelhos de rádio são encontrados em qualquer loja de varejo a preços módicos); a mensagem, para ser efetiva, deve ser sintética e, mais importante, é uma mídia inadequada para temas complexos, textos técnicos ou longos: "Eu escuto [rádio] na Band [Bandeirantes FM] quando vou para o trabalho. Escuto no radinho ou no meu celular. Escuto no ônibus e na hora do almoço. Às vezes escuto também a Jovem Pan AM." (Juninho, pai, Família 3); "Eu escuto rádio em casa por causa da minha mãe que gosta da rádio Tropical. A gente escuta também a Band AM, a Jovem Pan e a Antena 1." (Camila, filha, Família 5). Daí, uma das explicações para o rádio fazer tanto sucesso nas classes menos favorecidas – o acesso é barato e é inteligível. Importante citar que a televisão é a mídia mais consumida em todos os grupos sociais acessados para esta pesquisa mas os programas assistidos são diferentes, com exceção das novelas e do futebol. Em termos de horas de uso, existe uma diferença entre os alunos do Max sem computador e os alunos do Oswald com computador – os últimos assistem televisão 5.4 horas semanais a mais que os primeiros. A televisão é a responsável por boa parte do conteúdo acessado na internet (a via contrária é quase inexistente): "Eu assisto o Globo Esporte e vejo o *site* todos os dias. Vejo também o *site* da federação paulista [de futebol] para acompanhar os jogos." (Fabio, filho, Família 4); "Eu assisto o Globo Repórter e vou procurar no *site* no outro dia, principalmente se falam de remédio." (Fabio, filho, Família 5); "Sempre que tem votação no SPTV, eu entro na internet para votar." (Elaine, mãe, Família 4); "Eu procuro para saber dos capítulos da novela. Gosto também de ver o *site* da Contigo." (Monica, mãe, Família 3); "Eu acesso o Globo Esporte, o *site* da federação paulista, o *site* do Palmeiras e claro, acompanho todos os jogos ou na ESPN ou na Globo." (Marcio, filho, Família 6); "Gosto de ver a propaganda de produtos tipo shampoo ou esmalte e depois procurar na internet para saber o que é, quanto custa." (Fernanda, filha, Família 7); "Se eu vejo alguma notícia que me interessa [na televisão], eu acesso o Estadão para saber mais." (Juliana, prima, Família 6). Os jornais impressos são pouco lidos pelas famílias das classes C e D. Quando o são, geralmente são aqueles jornais distribuídos nos faróis como o Metro ou o Agora São Paulo ou Diário de São Paulo. As famílias da classe B, geralmente leem a Folha de S. Paulo e o Estado de S. Paulo nos fins de semana, e assinam a revista Carta Capital ou Veja.

O cálculo das horas fornecidas como resposta podem apresentar imprecisão pois são declarações e atestam os limites e possibilidades dos dados. De qualquer maneira, os dados da tabela abaixo apresentam correlação forte com a hipótese deste trabalho, os quais refletem os

gostos dos entrevistados. Importante notar que conforme a melhor posição social relativa dos entrevistados, maior o consumo de mídias escritas e menor o consumo de mídias audio-visuais. Os alunos do Oswald ficam mais tempo na frente do computador do que na frente da televisão: este fato pode ser um indicador da relação entre tempo gasto com a tv e com a internet para os alunos com computador do Max que atualmente gastam o mesmo tempo (16 horas) – relação que provavelmente os alunos do Oswald já passaram, fato que indica mais uma vez que os membros das famílias da classe C são os pioneiros no uso do computador entre as classes C, D e E no Brasil.

Tabela 49 – Tempo médio gasto por semana acessando meios de comunicação (horas)			
Base: Total de alunos	Escola		
	Oswald	Max	
	Com computador	Com computador	Sem computador
Televisão	14.5	16.7	19.9
Rádio	3.6	6.7	10.5
Jornais impressos	4.1	2.9	1.5
Revistas	3.6	2.3	2.0
Internet	18.9	16.1	5.4

Pergunta 30: Você gasta quanto tempo (em horas) acessando as seguintes mídias? [Estimativa. Zero para aquelas mídias que você não acessa].

A análise dos tipos de produtos culturais consumidos ajuda a entender qual o nível de acesso a bens culturais e a importância da escola. Aliada à análise das práticas relacionadas ao consumo de diferentes tipos de mídias, podemos ter aqui uma das chaves para se entender as diferenças de conteúdo acessado na internet pelas famílias das classes C, D e B já que a exposição à mídia e acesso à cultura estão relacionadas ao capital cultural e origem social (Bourdieu, 2008, p. 9):

> [...] a observação científica mostra que as necessidades culturais são o produto da educação: a pesquisa [que o livro tem por base] estabelece que todas as práticas culturais (frequência dos museus, concertos, exposições, leituras, etc.) e as preferências em matéria de literatura, pintura ou música, estão estreitamente associadas ao

> nível de instrução (avaliado pelo diploma escolar ou pelo número de anos de estudo) e, secundariamente à origem social.

A Tabela 50 aponta que são os alunos da escola Oswald que mais consomem produtos de cultura e mídia especializada impressa. Impulsionados pela escola, pelos pais e por amigos que também consomem estes produtos, os alunos da escola Oswald apresentam a) a maior média de consumo por produto e b) o maior percentual de alunos que consomem tais produtos. Comparativamente, os alunos do Oswald consomem mais e com maior variabilidade que os alunos do Max. Por exemplo, o cinema: todos os alunos do Oswald afirmam ter ido ao cinema entre outubro de 2008 e outubro de 2009. Em média, estes alunos foram 13.8 vezes ao cinema. Para os alunos da escola Max com computadores, o percentual cai para 77% (5.6 vezes) e para os alunos sem computadores, chega a apenas 20.2% (ou 2.8 vezes). O acesso à mídia especializada em língua estrangeira é um privilégio dos alunos do Oswald. Eles leram 5.9 revistas em língua estrangeira, contra 2.2 para alunos da escola Max com computador e 1 vez em média para alunos do Max sem computador. Basicamente, os alunos do Max têm algum contato com revistas de língua inglesa que, às vezes, fazem parte das aulas de inglês. Interessante mencionar que quando os alunos foram perguntados se o computador instalado em casa fez com que eles buscassem mais informações sobre cinema, teatro, livros, exposições etc., 63.9% dos alunos do Oswald e 60.7% dos alunos do Max responderam afirmativamente. Pode ser que os percentuais sejam mais baixos, principalmente para os alunos do Max, já que existe uma pressão (e inclinação) dos respondentes a responder que "sim", procuram por informações culturais no computador.

As famílias da classe D não consomem produtos de cultura. Este fato está relacionado ao baixo capital econômico e ao baixo capital cultural, não havendo nenhum incentivo para a procura e consumo deste tipo de produto. As famílias da classe C afirmaram consumir poucos produtos de cultura pois suas práticas estão associadas à funcionalidade e à necessidade: pouco dinheiro, pouco tempo devido às funções domésticas (principalmente para mulheres), dificuldade de transporte e a própria condição de classe foram as razões mais citadas; ademais as práticas têm ênfase na vida social (amigos, comer e beber dentro de casa) e não na cultura: "Ir ao cinema... vixe, quase nunca. Teatro? Imagina... é caro [falta de recurso econômico], é longe [sem recursos de mobilidade/transporte], não tem com quem deixar as crianças [funçoes doméstica impedem], eu não tenho roupa [condição de classe]... Tudo isso... Não dá." (Elaine, mãe, Família

4); “No máximo é ir ao cinema. Mas a gente foi algumas vezes quando a gente namorava ainda, depois... Revista a gente não compra, não. Nunca comprou. De vez em quando eu compro a Placar. O negócio aqui em casa é televisão.” (Juninho, pai, Família 3); “A gente vai a show de música mas quando o grupo [de pagode] dele [marido] toca em algum barzinho. Do resto, não...” (Elaine, mãe, Família 4); “Sair de casa para ir no cinema, museu, teatro, a gente não vai. A gente visita os parentes e, no máximo, vai comer em algum restaurante aqui da [rua] Caetano Alves.” (seu Douglas, pai, Família 5); “Eu nunca fui a um museu, nunca entrei em um teatro. Tenho até vergonha de falar... Agora, não me pergunte quantas vezes fui no bar!” (Luciano, pai, Família 4). Já as famílias da classe B gastam tempo e dinheiro consumindo produtos culturais: diferentemente das famílias das classes C e D, onde a diversão é dentro de casa (receber amigos e parentes para comer e beber), as famílias da classe B veem o consumo de produtos culturais como entretenimento e diversão; veem o hábito de consumo de cultura como algo introduzido e mantido pelos pais para os filhos: “Eu gosto de ir ao cinema pelo menos uma vez por mês, principalmente no domingo à noite quando a gente não tem nada para fazer.” (Juliana, prima, Família 6); “Vou à bienal do livro, de arquitetura e artes todos os anos que tem. É um super passeio.” (Patrícia, filha, Família 7); “Quem mais vai ao teatro, não tanto, são os meus pais e meus tios. A gente vai pra balada! Mas de vez em quando eu vou com eles.” (Tadeu, filho, Família 6); “Sempre gostei de ler. Na escola tinha de ler muito e minha mãe sempre nos dava livros.” (Patrícia, filha, Família 7); “A gente assina a Veja. Meu pai gosta da Carta Capital. Só ele lê.” (Maurício, filho, Família 7); “Eu leio na internet o El Pais e leio também o New York Times.” (seu Pedro, pai, Família 7). Importante notar que para a classe B, cultura e entretenimento se confundem frequentemente, vide o comentário da entrevistada da Família 7 acima que diz “ir à bienal é um super passeio”. Diferentemente das famílias das classes C e D, as famílias da classe B podem consumir produtos culturais pois têm tanto capital econômico quanto cultural para isso.

Tabela 50 – Acesso a produtos de cultura e mídia impressa - Média de vezes entre outubro de 2008 e outubro de 2009 e percentual do total de alunos						
	Escola					
	Oswald		Max			
	Com computador	(%)	Com computador	(%)	Sem computador	(%)
Total de alunos = 158	83		61		14	
Foi quantas vezes ao cinema?	13.8	100%	5.6	77.0%	2.8	20.2%
Leu quantos livros?	7.2	97.6%	3.0	73.8%	3.6	25.7%
Foi a quantos shows de música, dança etc.?	5.5	78.3%	3.7	52.5%	3.6	25.5%
Foi quantas vezes ao teatro?	3.4	77.1%	1.8	42.6%	2.8	19.8%
Visitou uma exposição ou bienal?	3.3	72.3%	2.1	24.6%	1.6	11.6%
Leu revistas sobre atualidades (Veja, Época, Semana etc.)?	9.3	65.1%	5.7	57.4%	2.7	19.4%
Leu alguma revista em língua estrangeira?	5.9	56.6%	2.2	37.7%	1.0	7.1%
Leu revistas sobre curiosidades (Superinteressante, Galileu etc.)?	7.0	54.2%	2.4	49.2%	2.0	14.3%
Leu revistas e/ou livros sobre vestibular?	4.9	49.4%	2.7	50.8%	3.0	21.4%
Leu revistas sobre política e economia (Carta Capital, IstoÉ etc.)?	4.8	42.2%	3.6	42.6%	2.0	14.3%

Pergunta 31: Nos últimos 12 meses você: [Responder zero para nenhuma vez].

4.5.2 - Informação digital

Sabemos que os alunos do Oswald gastam em média 18.9 horas por semana na internet. Os alunos do Max com computador gastam 16.1 horas e os sem computador gastam 5.4 horas por semana. É preciso saber o que os usuários estão acessando para entender se o conteúdo acessado está intimamente ligado ao *habitus* de grupo de cada indivíduo. É possível observar na Tabela 51 abaixo que as atividades em que os alunos mais gastam tempo na internet são, por ordem de importância: comunidades virtuais como Orkut e Facebook (FB), comunicação via aplicativos de mensagem instantânea (*instant messaging*), sendo Messenger responsável por 100% das citações e buscadores (*web browsers*) como Google, Yahoo e Bing. O trio Messenger-Google-Orkut é responsável pelo uso da internet para 90% dos alunos e é este mesmo trio que faz com que os diferentes usuários das famílias e alunos possam ser colocados em uma mesma categoria de usuários, que chamo aqui de MOGs (Messenger-Orkut-Google). Para eles, usar a internet é sinônimo de estar disponível para conversas no Messenger, participar das redes sociais promovidas pelo Orkut e buscar informações, principalmente no Google: "Eu ligo o computador

e já entro no Messenger para saber quem está *online*. Depois vou no Orkut para saber o que está acontecendo, quem deixou recado, ver o que está rolando na comunidade [comunidade do pagode e pagode 3X4]. Depois eu vou ver o *site* do Globo Esporte ou buscar alguma coisa no Google que eu preciso." (Junior, filho, Família 4); "Entro no Messenger para conversar, principalmente à noite depois do trabalho. Checo também o Orkut, na comunidade [Eles Perguntam, Elas Respondem e Paulista 2009 – Série A] e para saber o que o pessoal vai fazer no final de semana. Dou uma olhada nos meus *e-mails* [Hotmail] e vou brincar na internet [...] vejo notícias rapidinho, dou uma olhada em coisas que eu gosto como futebol [*site* da federação paulista] e no *site* da Placar [revista sobre futebol]. Uso o Google para buscar algo novo mas eu também uso para buscar o *site* da Placar, por exemplo, eu não sei o "nome" do *site*, só escrevo no Google "placar" e já aparece [o endereço do *website*]." (Fabio, filho, Família 5); "Eu sempre vejo o Orkut, para mim é o principal. Deixo recado, posto foto, participo das comunidades [Nervosa, Ansiosa e Ciumenta; Elas Perguntam, Eles Respondem e Pérolas do Orkut]. Ligo também o Messenger." (Mariana, prima, Família 6); "Chego em casa e ligo o Messenger porque durante o dia não dá por causa de trabalho. Também tem o Orkut que eu gosto para conversar com o pessoal que estudei no colégio. Tenho também o Facebook para saber dos amigos." (Maurício, filho, Família 7); "Eu entro no Messenger e Orkut primeiro, para mandar alguns *scraps* [mensagens deixadas nas páginas dos usuários]. Depois vou fazer o resto." (Aluna, 1º ano, Max); "Messenger e Orkut. Google eu uso para fazer trabalho da escola ou procurar algo na internet." (Aluna, 2º ano, Max); "Eu uso o Google todo dia, não uso mais o Yahoo porque todo mundo usa Google [...] Uso o Messenger e o Orkut porque todo mundo tem e é onde eu sei o que está rolando." (Aluno, 3º ano, Max). Aqui é importante notar o "todo mundo": este termo se refere a todo mundo que importa para este indivíduo – para a classe C, este é um esforço para ser incluído, de fazer parte das classes superiores. Como mostrado adiante, o "todo mundo" da classe B é diferente: ele tem um sentido negativo já que está associado a uma perda do caráter distintivo da prática.

A Elaine (mãe da Família 4) utiliza o Messenger de uma maneira bem peculiar: ela usa esse aplicativo para monitorar, em seu local de trabalho, o filho que fica em casa. A dinâmica se dá quando o filho volta da escola trazido por uma vizinha. Entre 17h30 e 20h, o filho fica sozinho em casa. Neste período, a Elaine usa o Messenger para acessar o filho, sem precisar usar o telefone para não ter custos: "A gente não tem dinheiro para pagar alguém para ficar em casa

com ele [filho] e também não gosta de deixar ele com a vizinha todo dia... A gente deixa o Messenger ligado. Eu chamo ele de vez em quando para saber se está tudo bem. Se ele demora mais que cinco minutos para me responder, eu já ligo [no telefone fixo].” (Elaine, mãe, Família 4). Esta maneira de usar o aplicativo para monitoramento do filho é um exemplo do uso da tecnologia para superar as dificuldades do dia-a-dia das famílias da classe C. É o modo de uso relacionado às necessidades cotidianas em substituição aos recursos materiais que não tem – no caso, o recurso financeiro para ter alguém para cuidar do filho enquanto ela trabalha e para ligar do celular para o telefone fixo da casa várias vezes todos os dias da semana. A Elaine também exemplifica como uma tecnologia – no caso, a de mensagens instantâneas – pode ser apropriada de maneiras diferentes, as quais muitas vezes não foram pensadas originalmente no desenvolvimento dessas tecnologias.

Para além do acesso e interação na rede de relacionamentos via *scraps* e postagem de fotos, principalmente relacionadas a familiares: “Prefiro colocar as fotos no Orkut do que enviar pelo MSN porque todo mundo [da família e amigos] pode ver no mural do Orkut” (Luciano, pai, Família 4), as famílias da classe C participam principalmente de comunidades relacionadas à música (pagode, samba, sertanejo, hip hop, funk), futebol (comunidades oficiais do São Paulo, Corinthians etc.) e de relacionamento afetivo, principalmente as mulheres. Muitos membros das famílias da classe B afirmam que, apesar de estarem no Orkut, ele deixou de ser usado frequentemente como antes o faziam. Esses membros agora usam o Facebook: “Não uso mais Orkut. Todo mundo tem... eu passei para o Facebook porque é melhor e todos os meus amigos estão lá, principalmente os de fora do Brasil.” (Tadeu, filho, Família 6); “Participar de comunidades é tão breguinha...” (Maurício, filho, Família 7); “Orkut eu tenho mas não uso muito.” (Fernanda, filha, Família 7); “Eu checo o Orkut de vez em quando mas acabo usando bastante o Messenger e o Facebook. Orkut anda meio caído.” (Mariana, prima, Família 6); “Eu uso o Orkut por causa dos meus amigos do Brasil e uso o Facebook por causa dos meus primos que moram fora” (Aluna, 3º ano, Oswald); “Eu uso o Orkut, sim. Mas ainda não tenho Facebook.” (Aluno, 1º ano, Oswald). Foi possível identificar pelas entrevistas que os membros das famílias da classe B ainda mantêm o Orkut mas estão cada vez mais se distanciando dele e migrando para o Facebook, considerado menos popular e mais moderno e seletivo – fazer parte do Facebook para estes membros é um símbolo de distinção que valerá até o momento em que o Facebook passe a ser tão popular ou lugar comum quando o Orkut.

É possível observar na Tabela 51 abaixo que a busca de informações sobre cultura (cinema, teatro, shows diversos, música, exposições etc.) e comunicação via *e-mail* foram os dois itens mais citados pelos alunos do Oswald. Já para os alunos do Max nota-se a procura por informações sobre programas de televisão e por trabalho como itens mais citados. Para os alunos do Oswald e para as famílias da classe B, o acesso à internet é uma ferramenta que coloca o usuário mais próximo dos produtos de cultura: ele é um dos impulsionadores para o consumo de cultura por promover facilidade de escolha. Para os alunos do Max e das famílias das classes C e D, a televisão é um dos impulsionadores do acesso à internet. A internet é uma ferramenta que os faz estar ainda mais envolvidos com a televisão, como se o computador fosse uma extensão da televisão para o consumo dos produtos de massa que a tv proporciona: assistir aos jogos de futebol; acompanhar as notícias no *site* do Globo Esporte; assistir a novela e entrar no *site* de revista Contigo, por exemplo. Por isso, a televisão tem importância relativamente alta para estes alunos e famílias no relacionamento que eles têm com a internet.

Interessante notar que os alunos do Max veem a internet como um instrumento de busca por emprego. Importante notar que a busca por trabalho não está na lista de prioridades dos alunos do Oswald, com 0% de respostas. Para os alunos do Max, a busca por trabalho começa mais cedo do que para os alunos do Oswald, os quais procurarão emprego quando estiverem ainda na faculdade ou logo depois de terminá-la: "Eu quero procurar um emprego para ajudar em casa e para eu juntar para comprar minhas coisas. Faculdade... talvez mais para frente, não sei..." (Aluno, 2º ano, Max); "Eu fico meio de olho em emprego porque a empresa em que trabalho meio-período me disse que vai ser difícil me contratar [depois que terminar o ensino médio]." (Junior, filho, Família 4). Ainda, para os alunos do Max sem computador, a pressão por trabalho é especialmente forte. Durante minhas visitas à escola Max, ficou claro que os alunos sem computador têm condições objetivas de vida precárias. Estes alunos vêm de famílias que têm rendimentos familiares mensais muito baixos e a pressão por achar um emprego aumenta na mesma medida que aumenta a idade destes adolescentes. A praticidade, a lógica da necessidade ligada às utilidades concretas, a ênfase na substância e na função, que condiciona a matriz geradora das práticas e das classificações dos grupos e subgrupos das camadas populares (Bourdieu, 2008, p. 187), foi observada nas famílias da classe C principalmente nas mulheres. Elas não raro enxergam na internet um instrumento de ajuda no gerenciamento da casa: "Eu acesso o *site* da prefeitura para saber do valor do IPTU, como negociar a dívida do IPTU. Fiz

tudo pelo *site* e fui uma só vez na prefeitura. Eu acesso também o *site* da escola dos meninos. Eles colocam agora o boletim na internet." (Elaine, mãe, Família 4); "Eu acesso o *site* do banco, da prefeitura e da secretaria da educação por causa que todo ano é aquela luta para pôr os meninos na escola para checar datas de inscrição, documentos necessários, número de vagas, remanejamento, se for caso... E ainda aviso as vizinhas, hein?" (Monica, mãe, Família 3); "Eu controlo as contas do Banco Itaú e da Caixa pelo computador. Não faço pagamento, transações, essas coisas porque tenho medo. Mas vejo quase todo dia o extrato. Porque não tenho tempo de ir no banco para pegar extrato, pegar fila... É um saco..." (Elaine, mãe, Família 4); "Eu acesso o *site* do Itaú para ver meu extrato, saldo e cartão de crédito. Não faço nenhuma transação porque tenho medo [de fraude]. Pago minhas contas na agência, no caixa." (seu Douglas, pai, Família 5).

Tabela 51 – Atividades e contéudos mais acessados					
Oswald		Max			
Com computador	%	Com computador	%	Sem computador	%
Total de alunos = 83		Total de alunos = 61		Total de alunos = 14	
Com. virtual (Orkut, FB, etc.)	86.7%	Com. virtual (Orkut, FB, etc.)	95.1%	Info. programas de televisão	71.4%
Comunicação (Messenger,*chat*)	84.3%	Comunicação (Messenger,*chat*)	93.4%	Com. virtual (Orkut, FB, etc.)	64.3%
Buscadores (Google,Yahoo etc.)	72.3%	Buscadores (Google,Yahoo etc.)	68.9%	Comunicação (Messenger,*chat*)	64.3%
Cultura (cinema, teatro etc.)	41.0%	Info. programas de televisão	31.1%	Buscadores (Google,Yahoo etc.)	50.0%
Comunicação (*E-mail*)	41.0%	Procura por trabalho	27.9%	Notícias (UOL, Estadão, etc.)	42.9%
Notícias (UOL, Estadão, etc.)	28.9%	*Sites* de conteúdo adulto	26.2%	Procura por trabalho)	42.9%
Esporte (Lance,Gol etc.)	27.7%	Cultura (cinema, teatro etc.)	23.0%	Comunicação (*E-mail*)	35.7%
Portais (UOL, Terra etc.)	25.3%	*Sites* de esporte (Lance,Gol etc.)	23.0%	*Sites* de esporte (Lance,Gol etc.)	35.7%
Sites em lingua estrangeira	21.7%	Comunicação (*E-mail*)	21.3%	Serviços do governo	28.6%
Sites de conteúdo adulto	15.7%	Notícias (UOL, Estadão, etc.)	19.7%	Cultura (cinema, teatro, etc.)	14.3%
Info. programas de televisão	10.8%	Info. família e estilo de vida	19.7%	Portais (UOL, Terra etc.)	14.3%
Comunicação (Skype)	8.4%	Portais (UOL, Terra etc.)	8.2%	*Sites* de conteúdo adulto	14.3%
Info.família e estilo de vida	6.0%	Serviços do governo	8.2%	Comunicação (Skype)	7.1%
Info. sobre informática	4.8%	*Sites* em lingua estrangeira	6.6%	Info. família e estilo de vida	7.1%
Serviços bancários	3.6%	Comunicação (Skype)	6.6%	*Sites* em lingua estrangeira	0.0%
Sites de conteúdo religioso	2.4%	Info. sobre informática	6.6%	Info. sobre informática	0.0%
Serviços do governo	0.0%	Serviços bancários	6.6%	Serviços bancários	0.0%
Procura por trabalho	0.0%	*Sites* de conteúdo religioso	4.9%	*Sites* de conteúdo religioso	0.0%

Pergunta 27: Usando os números de 1 a 5, assinale abaixo os cinco principais tipos de atividades que você mais gasta tempo na internet semanalmente no computador que você mais usa na sua casa, sendo "1" a atividade que você gasta mais tempo e "5" menos gasta tempo entre as cinco principais. [Número de respostas = 5]. Nota: cálculo de frequência de respostas ponderadas por importância. *Games* não fizeram parte do questionário, embora alguns alunos tenham informado que jogam *games online* semananalmente.

Se já temos um entendimento sobre os conteúdos acessados, é interessante entender também quais são os impulsionadores usados como fonte de informação para o acesso a esses conteúdos. A Tabela 52 abaixo indica que a rede social formada pelos amigos da escola é mais importante como impulsionadora do acesso a diversos conteúdos e o acesso às redes sociais. Outro dado interessante é que muitos alunos indicam que a própria internet os incita a procurar por mais informações e conteúdos diferenciados, fato que está associado ao capital econômico e cultural destes alunos, como determinantes do conjunto de disposições necessárias para o acesso à internet. Importante mencionar o Marcos (pai, Família 1), como contraponto: embora tenha um conjunto de disposições relativamente menor quando comparado às famílias da classe B, ele tem um interesse grande nas ICTs, o que em termos de conhecimentos técnicos, o faz estar em uma posição superior a estas famílias. Finalmente, é importante mencionar novamente a televisão como importante fonte de informação, principalmente para os alunos do Max sem computador.

Tabela 52 – Fontes de informação para acesso à internet

	Escola					
	Oswald		Max			
	Com computador	(%)	Com computador	(%)	Sem computador	(%)
Televisão	32	38.6%	37	60.7%	10	71.4%
Amigos da escola	77	92.8%	48	78.7%	9	64.3%
Amigos da vizinhança ou distantes	32	38.6%	27	44.3%	3	21.4%
Jornais e revistas	22	26.5%	8	13.1%	2	14.3%
Rádio	8	9.6%	8	13.1%	4	28.6%
Parentes (irmãos, pais, tios etc.)	20	24.1%	18	29.5%	5	35.7%
Professores	10	12.0%	4	6.6%	1	7.1%
Pessoas do trabalho	1	1.2%	3	4.9%	0	0.0%
Pessoas da minha igreja	2	2.4%	6	9.8%	2	14.3%
A própria internet (um assunto leva a outro)	42	50.6%	24	39.3%	6	42.9%

Pergunta 35: Usando os números de 1 a 3, assinale abaixo as três principais maneiras que mais levam você a acessar os diferentes conteúdos da internet, sendo "1" a maneira mais importante e "3" a maneira menos importante das três principais. [Número máximo de respostas = 3].

4.5.3 - A comunicação

Esta parte da análise diz respeito à comunicação, entendida para este estudo através de duas perspectivas – a primeira, relacionada à comunicação de dados e voz; a segunda,

relacionada às redes sociais. A primeira envolve aplicativos para comunicação instantânea como o Windows Live Messenger e/ou *e-mail*: Hotmail, Yahoo, Gmail, UOL, etc. assim como a comunicação via voz, como Skype ou Messenger. A segunda diz respeito aos aplicativos para redes sociais, como Orkut, Facebook e Twitter. A Tabela 53 abaixo indica que o uso do Messenger tem uma frequência alta, principalmente para os alunos do Max, onde 72.1% deles usa o Messenger todos os dias. Para o Skype, chama a atenção que grande parte dos alunos das duas escolas não o tenham instalado nem o usem. O Skype ainda não é tão difundido nem interessante porque o Messenger pode ser usado para comunicação via voz: "Eu não uso Skype porque já dá para falar pelo Messenger." (Aluna, 3º ano, Oswald); "Messenger é melhor que Skype." (Aluna, 1º ano, Max). Apesar de usarem com menos frequência que o Messenger, os alunos usam *e-mail* com regularidade semanal. Importante notar que 45.9% dos alunos do Max, contra 20.5% dos alunos do Oswald, não possuem ou possuem mas não usam *e-mail*, o que reforça o Messenger como um dos aplicativos mais usados para comunicação. Baseado nas minhas entrevistas com as famílias das classes C e D, minha observação durante as visitas à escola Max e com conversas informais com os alunos do Oswald e do Max, acredito que este fato se deva a que o *e-mail* é considerado uma comunicação formal, que exige conhecimentos de gramática, que demanda um certo grau de polidez. O *e-mail* é relativamente demorado para escrever e, portanto, não funciona na velocidade que os alunos estão acostumados a receber uma resposta como no MSN ou no Twitter (instantâneas). Todos estes fatores combinados colocam o *e-mail* como um aplicativo que não dialoga com a informalidade da linguagem e a rapidez na troca de informações que outros aplicativos de comunicação como o Messenger ou Twitter têm como característica. O pouco uso do *e-mail* reflete a distância que as famílias da classe C e D mantêm da cultura letrada – a falta de hábito de escrever textos e a própria dificuldade de interpretação de textos[126] podem também explicar porque o *e-mail* não é tão popular. Foi detectado também que os alunos do Oswald não se incomodam com escrever *e-mail* tanto quanto

[126] A qualidade do ensino público no Brasil é notoriamente reconhecida como ruim, passando por décadas sem que governos em todas as esferas tivessem uma atenção especial à qualidade do ensino. O analfabetismo funcional é um dos maiores obstáculos. Segundo o Instituto Paulo Montenegro, braço social do Ibope, o Ibope em 2005 apresentou à imprensa brasileira um estudo inédito sobre o nível educacional brasileiro. Um dos resultados foi o de que que "75% das pessoas com mais de 15 anos não sabem ler nem escrever direito. Neste percentual estão incluídos os analfabetos absolutos e os considerados analfabetos funcionais, que somam 68% (...)". Segundo a pesquisa, o número de pessoas que está no grupo de nível 2 de analfabetismo cresceu, passando de 34% para 38%. Este grupo é formado por pessoas que são capazes de ler textos curtos e localizam apenas algumas informações explícitas". Nível Educacional no Brasil, Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope) www.ibope.com, setembro de 2005. (Acessado em 10 de maio de 2009).

os alunos do Max. Quando os alunos das duas escolas e as famílias foram perguntados porque a preferência pelo Messenger ao *e-mail*, as respostas foram: "Messenger é mais rápido [...] pergunta logo e responde logo. E se tiver de mandar algum arquivo, é fácil." (Aluna, 1º ano, Max); "Eu uso Messenger porque é fácil de usar. É como se eu estivesse falando com alguém mas tendo de escrever." (Aluno, 2º ano, Max); "*E-mail* toma muito tempo. Me lembra... escrever para as aulas de português." (Aluno, 1º ano, Oswald); "Messenger tem a ver mais comigo do que *e-mail*, porque *e-mail* é para coisa mais séria, não é coisa do dia-a-dia da gente." (Aluno, 1º ano, Max); "Messenger tem a ver com conversa, com várias pessoas aos mesmo tempo; *e-mail* é um texto, tipo carta, um por vez [uma pessoa por vez], não é tão emocionante." (Aluna, 1º ano, Oswald); "Eu gosto do Messenger mas quando é sério, eu uso *e-mail*. Quando tenho de escrever algo para meus primos, para contar coisas, eu uso o *e-mail*. Se quero escrever algo para meu namorado, uso o *e-mail*." (Aluna, 3º ano, Oswald); "Messenger é legal, rápido, divertido. Quando é algo sério, eu uso o *e-mail*. Não vejo o pessoal da escola [administração] ou professores usando o Messenger com os alunos, por exemplo. *E-mail* é mais formal, eu acho." (Aluna, 3º ano, Oswald); "Eu gosto do *e-mail* porque eu leio e respondo quando eu quero, não tem esse negócio de responder na hora. Às vezes isso é bom." (Aluna, 3º ano, Oswald); "Eu uso mais o Messenger mesmo. Mais rápido e falo com várias pessoas." (Junior, filho, Família 4); "Eu gosto do Messenger porque não tem de escrever muito. É rapidinho. E também não tenho *e-mail* de muita gente." (Juninho, pai, Família 3); "Não uso *e-mail*. Bem difícil. Uso mais o Messenger... para falar com as paquerinhas." (Sarará, cunhado, Família 3).

Tabela 53 – Comunicação via dados e voz

	Escola					
	Oswald		Max			
	Com computador		Com computador		Sem computador	
MGR - Todo dia	47	56.6%	44	72.1%	0	0.0%
MGR - 1 a 3 vezes por semana	16	19.3%	13	21.3%	8	57.1%
MGR - Mais de 3 vezes por semana	11	13.3%	3	4.9%	1	7.1%
MGR - Tenho mas não uso	9	10.8%	1	1.6%	2	14.3%
MGR - Não tenho e não uso	0	0%	0	0%	3	21.4%
MGR - Quantos contatos? (estimativa/média)	119.1		84.8		34.4	
Skype - todo dia	5	6.0%	5	8.2%	0	0.0%
Skype - 1 a 3 vezes por semana	11	13.3%	4	6.6%	1	7.1%
Skype - Mais de 3 vezes por semana	4	4.8%	0	0%	0	0%
Skype - Tenho mas não uso	23	27.7%	6	9.8%	1	7.1%
Skype - Não tenho e não uso	40	48.2%	46	75.4%	12	85.7%
Skype - Quantos contatos? (estimativa/média)	10.8		9.5		0.0	

E-mail - Todo dia	9	10.8%	13	21.3%	1	7.1%
E-mail - 1 a 3 vezes por semana	46	55.4%	15	24.6%	4	28.6%
E-mail - Mais de 3 vezes por semana	12	14.5%	5	8.2%	0	0%
E-mail - Tenho mas não uso	14	16.9%	12	19.7%	4	28.6%
E-mail - Não tenho e não uso	3	3.6%	16	26.2%	5	35.7%
E-mail - Quantos contatos? (estimativa/média)	97.1		57.0		23.3	

Pergunta 28: Quantas vezes por semana você troca mensagens (escritas ou faladas) com seus amigos (da escola, vizinhança, distantes – que não estão na vizinhança, estão em outras cidades, estados, países) através de: [Resposta múltipla. Assinalar com "X"].

As redes sociais têm uma participação importante no uso do computador, sendo quase sinônimo de uso para muitos alunos e famílias. Segundo a pesquisa da Serasa Experian Hitwise[127] de abril de 2010, as visitas dos usuários brasileiros de internet aos *websites* de redes sociais vêm aumentando desde abril de 2009. O Facebook cresceu 804% em acessos desde abril de 2009 e o Twitter, 768%[128]. A pesquisa afirma que, apesar do crescimento vertiginoso observado nestas duas redes sociais, o Facebook contabilizou apenas 2.35% dos acessos da categoria "redes sociais e fóruns". O Twitter contabilizou apenas 1.91%. Já o Orkut alcançou a marca de 62.1% dos acessos, seguido pelos acessos ao youtube.com, com 17.2% das visitas. A Tabela 54, na página 211, indica dois dados importantes. O primeiro, a maioria esmagadora dos alunos do Max não têm Facebook ou Twitter, 83.6% e 96.7% respectivamente. É possível que este fato tenha se alterado nos últimos dois anos, mas para esses alunos, estas redes sociais são algo ainda distante, não fazem muito parte do mundo deles: "Não tenho Facebook, porque não conheço ninguém que tenha." (Aluna, 2º ano, Max); "Ninguém tem Twitter aqui." (Aluna, 2º ano, Max); "Eu já tenho Orkut. Não tenho ninguém no Facebook." (Aluno, 3º ano, Max); "Eu tenho Orkut e Facebook mas acabo usando mais o Orkut porque tem mais gente. O Facebook eu

[127] A pesquisa Serasa Experian (www.serasaexperian.com.br) fornece informações sobre ao acesso de 100 mil pessoas em mais de 150 mil sites no país. http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u726772.shtml (Acessado em 28 de abril de 2010).

[128] Segundo dados oficiais do Facebook, o Brasil em agosto de 2010 tinha 6 milhões de usuários do Facebook. http://acritica.uol.com.br/noticias/Facebook-registra-milhoes-usuarios-brasileiros_0_326967323.html (Acessado em 31 de agosto de 2010). Já para o número de usuários do Twitter, é possível encontrar diversos valores na internet. Cito aqui duas fontes: para a consultoria focada no mundo digital, a Comscore (www.comscore.com), o número de usuários é de 14 milhões. http://www.metaanalise.com.br/inteligenciademercado/index.php?option=com_content&view=article&id=3668:14-milhoes-de-usuarios-do-twitter-sao-brasileiros&catid=9:pesquisas&Itemid=359 (Acessado em 16 de agosto de 2010). Já para o website youpix.com, o número é de cinco milhões. http://youpix.com.br/fights/twitter-em-portugues-e-o-preconceito. (Acessado em 7 de junho de 2011).

uso pouco." (Aluno, 3º ano, Max); "Tem gente falando que o Orkut vai acabar porque tem muita gente indo para o Facebook. Mas eu só tenho Orkut, meus amigos estão todos lá. Twitter eu não sei direito o que é..." (Aluno, 2º ano, Max). Para os alunos do Oswald, tanto o Twitter quando o Facebook não são redes sociais tão distantes – 50% dos alunos afirmaram participar do Facebook. É importante notar que estes alunos também têm Orkut e não o substituiram pelo Facebook ainda, mas informaram que isto pode acontecer: "Eu tenho os dois [Orkut e Facebook] mas eu vejo que cada vez mais meu amigos usam Facebook." (Aluno, 3º ano, Oswald); "Eu acho que cada vez mais as pessoas vão usar Facebook. Meus pais têm Facebook." (Aluna, 3º ano, Oswald); "Dois amigos fizeram orkutcídio."[129] (Aluno, 3º ano, Oswald). Quando observamos apenas a rede social Orkut, fica claro que para todos os alunos ela é a rede social mais ativa: 62.7% dos alunos do Oswald e 63.9% dos alunos do Max acessam o Orkut todos os dias. A situação descrita acima também foi observada nas famílias: entrea as duas famílias da classe D, apenas a Daniela (filha, Família 2) tem Orkut. As da classe C, estão ligadas apenas ao Orkut (e possuem mais membros com contas no Orkut proporcionalmente às famílias da classe D). O Facebook e o Twitter são redes sociais ainda distantes desta população. A migração do Orkut para o Facebook pelos alunos do Oswald (e famílias da classe B) indica a fuga de ambientes virtuais identificados com a heterogeneidade social para ambientes que garantem a homogeneidade: é a recusa da diversidade por seu caráter hierarquizado e distintivo, evidenciando que os fatores sociais determinam os modos de apropriação do computador. Ao contrário das famílias da classe C[130], a maioria dos membros das famílias da classe B usavam todas as três redes sociais, ou seja, estas famílias estão mais próximas do Facebook e Twitter mas não deixaram de usar o Orkut, principal rede social por ser ainda a mais usada. Pelas entrevistas com as famílias da classe C, ficou claro que, para além da distância que Facebook e Twitter têm destas famílias, essas redes sociais são vistas como algo que não é para eles, onde pode-se observar, outra vez, a autoexclusão citada por Bourdieu (2008, p. 355):

> [...] as práticas populares têm como princípio a *escolha do necessário* ("isso não é para nós"), no sentido do que é tecnicamente necessário, "prático" (ou, em outras palavras,

[129] Orkutcídio é um neologismo para designar o ato de encerrar sua participação na rede social Orkut.
[130] Nenhuma das famílias da classe D entrevistadas afirmaram usar Twitter ou Facebook.

> funcional), isto é, necessário para se apresentar "como deve ser, sem mais nada", e, ao mesmo tempo, do que é imposto por uma necessidade econômica e social que condena as pessoas "simples" e "modestas" a gostos "simples" e "modestos"."

As frases a seguir expressam veementemente a escolha do necessário e a incorporação dos sentidos dominantes das hierarquias sociais: "Facebook é coisa dos riquinhos. Orkut é dos pobres. Orkut é como uma favela, está cheio de comunidade!" (Junior, filho, Família 4); "Nem sei o que é Twitter... Facebook me falaram que é uma coisa nova, mais chic, mais legal e tal... Mas eu não conheço ninguém que tenha." (Sarará, cunhado, Família 3); "Tenho Orkut e já está bom..." (Junior, filho, Família 4). Mas isto não quer dizer que estes usuários não queiram migrar para o Facebook ou Twitter. Isto provavlemente acontecerá em algum momento no futuro, já que as famílias da classe C e D se espelham nas práticas das camadas sociais mais altas.

Em meados de 2011, o aplicativo Twitter foi traduzido do inglês para o português[131]. Antes, a língua inglesa era uma barreira para entrada dos usuários do Orkut, principalmente aqueles oriundos das classes sociais menos favorecidas. Assim, usuários das classes privilegiadas, que têm conhecimentos da língua inglesa, dominavam (em termos de número de usuários) o aplicativo no Brasil. A partir da tradução do aplicativo para o português, usuários que não falam inglês passaram a usar o Twitter, antes um recurso da internet disponível para os privilegiados. Então, vários comentários surgiram na internet sobre a "orkutização" do Twitter. O *website* youpix.com.br foi um dos *websites* que apresentaram alguns comentários dos antigos usuários sobre os "novos usuários do Twitter" no Brasil. Eles estão listados abaixo:

Usuário 1: Com o twitter em português vai ser a invasão em massa do @Orkut. #Oremos: É bom já preparar o block! huahaua

Usuário 2: foi só ter uma versão em portugues do Twitter q coisas como #tchulimliberaoanel foram para os tt's!sai daqui povo do #Orkut

Usuário 3: Agora danou-se... o #twitter tá em português. E não pertence mais a uma selecta minoria. Espero q isso não vire um decadente orkut da vida.

[131] O Brasil está entre os cinco países com maior número de usuários do Twitter. Para além do Brasil (5º posição), estão os Estados Unidos (62% dos usuários), Reino Unido, Canadá e Australia, respectivamente. http://www.guardian.co.uk/news/datablog/2011/mar/21/twitter-100-most-followed-users-data?INTCMP=SRCH (Acessado em 7 de junho de 2011).

Usuário 4: pqp sabia que o povo do orkut iria migrar pro twitter --' (português)

Usuário 5: O Twitter agora também tá em português. PESSOAL DO ORKUT, AGORA VOCÊS PODEM VIR

Usuário 6: Twitter em português é tipo... orkut?

Tabela 54 – Comunicação via redes sociais						
	Escola					
	Oswald		Max			
	Com computador		Com computador		Sem computador	
Twitter - todo dia	32	38.6%	5	8.2%	0	0%
Twitter - 1 a 3 vezes por semana	4	4.8%	4	6.6%	0	0%
Twitter - Mais de 3 vezes por semana	3	3.6%	0	0.0%	0	0%
Twitter - Tenho mas não uso	5	6.0%	1	1.6%	0	0%
Twitter - Não tenho e não uso	40	48.2%	51	83.6%	14	100%
Twitter - Quantos contatos? (estimativa/média)	55.1		22.4		0	
Facebook - Todo dia	18	21.7%	0	0%	0	0%
Facebook - 1 a 3 vezes por semana	15	18.1%	1	1.6%	0	0%
Facebook - Mais de 3 vezes por semana	2	2.4%	0	0%	0	0%
Facebook - Tenho mas não uso	6	7.2%	1	1.6%	0	0%
Facebook - Não tenho e não uso	41	49.4%	59	96.7%	14	100%
Facebook - Quantos contatos? (estimativa/média)	45.8		8.5		0	
Orkut - todo dia	52	62.7%	39	63.9%	0	0%
Orkut - 1 a 3 vezes por semana	16	19.3%	13	21.3%	7	50.0%
Orkut - Mais de 3 vezes por semana	6	7.2%	3	4.9%	1	7.1%
Orkut - Tenho mas não uso	3	3.6%	4	6.6%	2	14.3%
Orkut - Não tenho e não uso	6	7.2%	2	3.3%	4	28.6%
Orkut - Quantos contatos? (estimativa/média)	227.3		108.1		42.9	

Pergunta 28: Quantas vezes por semana você troca mensagens (escritas ou faladas) com seus amigos (da escola, vizinhança, distantes – que não estão na vizinhança, estão em outras cidades, estados, países) através de: [Resposta múltipla. Assinalar com "X"].

Ainda sobre a Tabela 54 acima, é possível observar que os alunos da escola Oswald têm a maior média de volume de contatos e acessam com maior frequência semanal os aplicativos para comunicação. Estes alunos apresentam consistentemente maiores volumes de contatos para todos os aplicativos investigados. Assim, é possível apreender que alunos do Oswald têm uma rede social maior e mais ativa que os alunos do Max, ou seja, os alunos do Oswald têm uma socialização mais intensa. Argyle e Henderson (1985) descobriram que o número de amigos e a escolha do modo de comunicação varia mediante os grupos sociais em questão. Os autores afirmam que pessoas de classes de renda alta tendem a ter mais amigos comparativamente às pessoas de classes de renda baixa (Argyle e Henderson, 1985, p. 78). Os contatos de Messenger e

Orkut são primariamente amigos da escola, estando amigos distantes e vizinhos em segundo plano. Este é mais um dado que confirma a escola como ponto central para rede sociais de adolescentes na internet.

Para entender melhor os efeitos do computador na socialização dos alunos, foi perguntado se o contato com as pessoas listadas na Tabela 55 abaixo aumentou ou diminuiu após o computador ser instalado na casa (para os alunos com computador) e "depois que você passou a usar o computador" para aqueles que não tem um computador em casa. Todos os alunos concordam que a socialização com amigos da escola, amigos distantes e com familiares fora do núcleo familiar (parentes) aumentou. Os alunos também concordam que a socialização dentro de casa e com vizinhos diminuiu. Ou seja, para os grupos sociais estudados por esta pesquisa, a socialização com as pessoas do núcleo familiar diminuiu com o uso do computador, caso este computador não seja usado como um *media center*, como observado nas famílias da classe C. Importante mencionar o trabalho de Nie, Hillygus e Erbring (2002) sobre o tempo de acesso à internet e possíveis consequências sociais. Os pesquisadores indicam que não importa como o tempo *online* é gasto, e qual tipo de atividade social é considerada, o tempo gasto na internet reduz o tempo que poderia ser gasto com interações sociais face a face e concomitantemente aumenta o tempo gasto sozinho (Nie, Hillygus e Erbring, 2002, p. 225). Caso o computador seja utilizado como *media center*, ele é um catalizador da socialização dentro do domicílio, mesmo que não seja uma prática diária e aconteça apenas nos fins de semana. É importante notar a importância da rede social da igreja para os alunos do Max – 20% destes alunos afirmam que a internet os aproximou de outros membros da igreja.

Tabela 55 – Socialização com diferentes redes sociais

	Escola					
	Oswald		Max			
	Com computador	(%)	Com computador	(%)	Sem computador	(%)
Mais contato						
Familiares que moram em casa	29	34.9%	34	55.7%	1	7.1%
Familiares que moram fora de casa	73	88.0%	44	72.1%	13	92.9%
Amigos da escola	79	95.2%	57	93.4%	13	92.9%
Amigos da vizinhança	57	68.7%	36	59.0%	4	28.6%
Amigos distantes	81	97.6%	55	90.2%	13	92.9%
Pessoas da igreja	4	4.8%	13	21.3%	2	14.3%
Menos contato						
Familiares que moram em casa	50	60.2%	26	42.6%	12	85.7%
Familiares que moram fora de casa	10	12.0%	16	26.2%	1	7.1%
Amigos da escola	3	3.6%	5	8.2%	1	7.1%

Tabela 55 – Socialização com diferentes redes sociais						
	Escola					
	Oswald		Max			
	Com computador	(%)	Com computador	(%)	Sem computador	(%)
Amigos da vizinhança	27	32.5%	22	36.1%	10	71.4%
Amigos distantes	6	7.2%	3	4.9%	1	7.1%
Pessoas da igreja	3	3.6%	0	0%	0	0%

Pergunta 29: Depois que o computador que você usa foi instalado na sua casa, você passou a ter mais ou menos contatos com as seguintes pessoas: [Resposta múltipla. Assinalar com "X"].

Objetivou-se também entender qual o impacto que a internet teve nas práticas dos alunos. Eles foram perguntados se estão fazendo mais ou menos atividades depois que passaram a acessar a internet no computador atualmente em uso. A Tabela 56 abaixo indica as respostas dos alunos do Max e do Oswald. Os alunos das duas escolas afirmam que estão vendo menos televisão (com exceção dos alunos do Max sem computador) e, também, estão lendo menos livros. Estes fatos estão associados ao tempo dos alunos dedicado à internet, que consumiu parte do tempo dedicado a outras fontes de entretenimento ou informação. Os alunos têm usado a internet para fazer trabalhos em grupo, ou seja, a colaboração entre alunos aumentou com o uso da internet. Para os alunos do Max, a colaboração acontece de maneira a coordenar quem vai fazer o que (no computador) geralmente ainda na escola. As decisões de planejamento do trabalho em grupo são definidas na escola. Para os alunos do Oswald, algumas decisões são sobre o trabalho em grupo são tomadas na escola, mas elas podem mudar rapidamente mediante comunicação via MSN, *e-mail* e celular, até porque os alunos, de maneira geral, possuem recursos semelhantes, como computador disponível quando necessário, assim como impressoras. Já os alunos do Max não necessariamente têm o computador disponível todo o tempo para fazer trabalhos da escola (eles compartilham mais o computador com o resto da família) além de não necessariamente haver uma impressora em casa para impressão dos trabalhos, assim, aquele aluno que tem uma impressora (que funciona) se encarrega de juntar as diferentes partes do trabalho e imprimí-lo. Então, existe uma flexibilidade de funções a serem desempenhadas por alunos diferentes no Oswald. Esta flexibilidade não é tão ampla para os alunos do Max pois nem todos os alunos possuem os mesmos recursos disponíveis (computador e impressora) em suas residências.

Ouvir músicas baixadas da internet é a prática que mais aumentou entre os alunos das duas escolas, atingindo percentuais acima de 80% dos alunos que têm computador em casa. Para

os alunos do Oswald, o *download* está relacionado mais ao uso próprio: "Eu baixo música para ouvir no MP3 ou no carro do meu pai, para ir para a balada" (Aluno, 3º ano, Oswald). Já para os alunos do Max, o *download* está relacionado ao compartilhamento: "Eu faço *download* para mim e gravo CDs para meus amigos." (Aluno, 3º ano, Max); "Meus amigos e eu, a gente empresta CD um para o outro. Alguns são de músicas que eu baixei [da internet]" (Aluno, 3º ano, Max). Fazer *upload* de fotos também é outra prática que aumentou bastante. Fotos colocadas no Orkut respondem pela maioria dos *uploads*. É preciso mencionar que, cada vez mais, alunos do Oswald estão migrando definitivamente para o Facebook e Twitter e deixando de usar o Orkut (assim como as famílias da classe B), enquanto alunos do Max ainda têm foco no Orkut (assim como as famílias da classe C). Acessar mais informações sobre cultura é destaque para os alunos da escola Oswald, os quais têm maior acesso a produtos de cultura. Acessar *websites* sobre notícias é uma prática importante, com muitos alunos deixando de ler o jornal impresso para acessar notícias *online*, segundo pude verificar durante minhas visitas às escolas. Acessar *websites* em língua estrangeira é destaque para os alunos da escola Oswald e para as famílias da classe B – 63.9% dos alunos afirmaram ter acessado conteúdo em língua estrangeira nos 12 meses anteriores ao preenchimento do questionário, assim como metade dos membros das famílias da classe B. Esta prática é algo ainda distante da realidade dos alunos da escola Max e das famílias das classes C e D, pois o fato de não falar outra língua faz com que o conteúdo acessado fique circunscrito apenas ao conteúdo em português, evidenciando o menor horizonte cultural destes grupos sociais.

Tabela 5620 – Impacto do computador nas práticas dos alunos									
	Escola								
	Oswald			Max					
	Com computador			Com computador			Sem computador		
Práticas	Mais	Menos	Não fazia e não faz	Mais	Menos	Não fazia e não faz	Mais	Menos	Não fazia e não faz
Ver televisão	14.5%	80.7%	4.8%	21.3%	68.9%	9.8%	42.9%	35.7%	21.4%
Ler livros	19.3%	71.1%	9.6%	14.8%	37.7%	47.5%	14.3%	21.4%	64.3%
Estudar sozinho	43.4%	47.0%	9.6%	27.9%	55.7%	16.4%	21.4%	50.0%	28.6%
Fazer trabalhos da escola em grupo usando o computador	94.0%	1.2%	4.8%	78.7%	9.8%	11.5%	64.3%	0.0%	35.7%
Ir ao cinema	48.2%	45.8%	6.0%	41.0%	31.1%	27.9%	14.3%	7.1%	78.6%
Ouvir música no rádio	10.8%	68.7%	20.5%	39.3%	19.7%	41.0%	42.9%	14.3%	42.9%
Ouvir música no aparelho de som (rádio ou CD)	30.1%	53.0%	16.9%	45.9%	21.3%	32.8%	57.1%	21.4%	21.4%

Tabela 5620 – Impacto do computador nas práticas dos alunos									
	Escola								
	Oswald			Max					
	Com computador			Com computador			Sem computador		
Ouvir músicas baixadas da internet	89.2%	3.6%	7.2%	82.0%	1.6%	16.4%	42.9%	7.1%	50.0%
Ver DVDs de filmes da locadora/pirata	38.6%	44.6%	16.9%	37.7%	21.3%	41.0%	57.1%	0.0%	42.9%
Gravar DVDs	53.0%	15.7%	31.3%	50.8%	4.9%	44.3%	28.6%	14.3%	57.1%
Fazer *upload* de fotos	71.1%	10.8%	18.1%	68.9%	3.3%	27.9%	28.6%	7.1%	64.3%
Participar de salas de *chat* e bate-papo	30.1%	22.9%	47.0%	34.4%	13.1%	52.5%	50.0%	7.1%	42.9%
Acessar *sites* de conteúdo erótico	28.9%	10.8%	60.2%	34.4%	3.3%	62.3%	21.4%	7.1%	71.4%
Acessar *sites* de relacionamento	44.6%	3.6%	51.8%	47.5%	4.9%	47.5%	14.3%	0.0%	85.7%
Acessar *sites* de bancos para transações bancárias	14.5%	3.6%	81.9%	13.1%	4.9%	82.0%	14.3%	0.0%	85.7%
Acessar *sites* do governo para ter informações sobre serviços do governo (impostos, serviços de saúde etc.)	25.3%	10.8%	63.9%	21.3%	6.6%	72.1%	14.3%	0.0%	85.7%
Acessar conteúdos relacionados a cinema, teatro, shows, artes em geral	83.1%	3.6%	13.3%	54.1%	1.6%	44.3%	7.1%	0.0%	92.9%
Acessar *sites* de esportes	56.6%	4.8%	38.6%	50.8%	6.6%	42.6%	50.0%	0.0%	50.0%
Acessar *sites* sobre emprego ou concursos públicos	7.2%	12.0%	80.7%	36.1%	13.1%	50.8%	28.6%	0.0%	71.4%
Ler ou trabalhar em escrever para *blogs* seus ou de outras pessoas ou empresas	30.1%	9.6%	60.2%	19.7%	0.0%	80.3%	0.0%	0.0%	100.0%
Acessar *sites* de notícias e atualidades	80.7%	9.6%	9.6%	68.9%	3.3%	27.9%	42.9%	0.0%	57.1%
Acessar *sites* de conteúdo em língua estrangeira	66.3%	7.2%	26.5%	27.9%	1.6%	70.5%	7.1%	0.0%	92.9%
Acessar *sites* com conteúdo sobre religião	15.7%	2.4%	81.9%	18.0%	1.6%	80.3%	7.1%	0.0%	92.9%
Acessar *sites* de auto-ajuda	10.8%	2.4%	86.7%	16.4%	6.6%	77.0%	0.0%	0.0%	100.0%
Acessar *sites* de conteúdo da minha igreja	4.8%	0.0%	95.2%	13.1%	4.9%	82.0%	14.3%	0.0%	85.7%
Outros 1. Qual?	2.4%	0.0%	97.6%	1.6%	0.0%	98.4%	7.1%	0.0%	92.9%
Outros 2. Qual?	1.2%	0.0%	98.8%	1.6%	0.0%	98.4%	0.0%	0.0%	100.0%

Nota: Outros referem-se a: jogar *games online*, escutar rádios *online*, acessar fotografias no Flicker.

A Tabela 57 abaixo apresenta de modo comparativo as características relacionadas à dimensão variações de uso. É possível observar que a) a variabilidade de uso de aplicativos e atividades; b) o número de contatos nos aplicativos de comunicação e nas redes sociais; c) a influência da televisão e d) o acesso e consumo a produtos de cultura aumenta das famílias da classe D para as famílias da classe B.

Tabela 57 – Dimensões da desigualdade digital – variações de uso			
Características	Famílias da classe D	Famílias da classe C	Famílias da classe B
Informação não-digital			
Acesso a meios de comunicação	Principais meios acessados são a televisão e o rádio, pois a comunicação oral e visual são preferidas a textos, tabelas e gráficos, indicando a pouca familiaridade com letramento .	Principais meios acessados são a televisão e o rádio. Mas leem mais que as famílias da classe D (principalmente os jornais estilo tabloide como o Metro e algum conteúdo relacionado a futebol, música e novela na internet).	Meios acessados são vários, com destaque para televisão e internet. Rádio não é importante. Alto consumo de mídias escritas como jornais impressos, livros e revistas indica proximidade com letramento.
Influência da televisão no conteúdo acessado	Médio porque o interesse está no uso do Messenger para comunicação com parentes e Orkut (seria um uso do computador relativamente limitado). Mas a televisão influencia a busca principalmente por informações sobre programas de televisão.	Grande, relacionado aos próprios programas da televisão como novela, futebol e música.	Médio porque, como acessam diferentes mídias regularmente, o peso relativo da televisão não é grande. A televisão influencia no acesso a conteúdos específicos relacionados à novela e futebol.
Consumo de produtos de cultura (outros que não a televisão)	Baixo. Televisão é importante como fonte de divertimento.	Através de CDs (pirata ou *downloads*) ou DVDs (piratas). Eventualmente, vão ao cinema. Televisão é importante como fonte de informação e divertimento.	Através de CDs e DVDs (geralmente *downloads*). Consomem produtos de cultura: cinema, teatro, livros, shows, exposições. Televisão é importante para programas específicos como novela e futebol. Acessam tv a cabo.
Informação digital			
Atividades e conteúdos mais acessados	Basicamente comunicação via Messenger e acesso a comunidades virtuais (Orkut). Baixa variabilidade nas atividades e conteúdos acessados.	Usam muito o Messenger e Orkut. Procura por emprego, serviços do governo e estilo de vida são destaque, além de conteúdo relacionado à programas de televisão. Média variabilidade nas atividades e contéudos acessados.	Usam muito o Messenger, Orkut e Google. Procura por informações sobre cultura, *e-mail* e notícias são o destaque além do acesso a conteúdo em língua estrangeira. Alta variabilidade nas atividades e contéudos acessados.
Grupos sociais e mídias que impulsionam as atividades e conteúdos acessados (em ordem de importância)	Basicamente a televisão.	Televisão, amigos da escola, amigos da vizinhança e parentes.	Amigos da escola, amigos da vizinhança, televisão, jornais e revistas.
Comunicação			
Comunicação via voz e dados (escrita)	Comunicação via voz é feita pelo Messenger.	Messenger é o principal meio de comunicação	Messenger, *e-mail* e Skype. Número alto de

Tabela 57 – Dimensões da desigualdade digital – variações de uso			
Características	Famílias da classe D	Famílias da classe C	Famílias da classe B
	Pouca comunicação via dados. Poucos contatos, geralmente a família.	para voz e dados. Uso eventual de *e-mail*. Número de contatos médio, geralmente amigos da escola e família.	contatos, geralmente amigos da escola e vizinhança.
Comunicação via redes sociais	Orkut.	Orkut. Possível migração para Facebook e Twitter.	Orkut, Facebook e Twitter.
Orkut versus Facebook e Twitter	Não conhecem nem consideram o uso de outro aplicativo *online* que não seja o Orkut.	Na época das entrevistas (2009), não consideravam, não tinham interesse ou não conheciam o Facebook ou Twitter. Já em 2011, foi possível detectar (via pesquisa secundária) uma eventual migração para Facebook e Twitter.	Já em 2009 estavam deixando de usar Orkut considerado "muito popular". Facebook e Twitter eram usados para encontro com os pares (homogeneidade). Expressam preconceito com os novos usuários das classes C e D, atualmente *heavy users* do Orkut.

4.6 – Cruzamentos finais

Esta parte do Capítulo 4 diz respeito a alguns cruzamentos de dados que ajudam a ter um entendimento mais profundo sobre o que pode influenciar o uso da internet entre os alunos dos dois grupos pesquisados, com base na hipótese central deste estudo: o capital econômico e cultural, como definido por Bourdieu, determinam os modos de apropriação dos computadores. Os cruzamentos não sumarizam as análises dos dados. Eles objetivam apresentar algumas variáveis e sua influência nos conteúdos acessados, principalmente. Foram considerados cinco cruzamentos, cujos vetores são o nível educacional dos pais, o tempo de uso, o local de uso, o compartilhamento do computador e, finalmente, o acesso à mídias e a produtos culturais.

A informação mais importante que os cruzamentos revelam é que o acesso a diferentes conteúdos está fortemente relacionado ao capital econômico e cultural das famílias. O conteúdo acessado apresenta variabilidade, sendo a busca por emprego e informações sobre programas de televisão os dois conteúdos que exemplificam o que alunos do Max e famílias da classe C acessam, diferentemente dos alunos do Oswald e famílias da classe B, que buscam mais informações sobre produtos culturais mais legítimos. Em termos de aplicativos, basicamente os dois grupos usam os mesmos aplicativos como Messenger e Orkut, estando Facebook, Twitter e Skype mais presentes entre os alunos do Oswald e famílias da classe B.

Cruzamento 1: Qual a influência do nível educacional dos pais no acesso dos alunos em termos de conteúdo, aplicativos usados e número de contatos?

A Tabela 58 abaixo indica o número de residências onde a mãe está presente. A mãe foi escolhida como base de comparação porque ela está presente na maioria das residências dos alunos, o que permitiria uma comparação entre um maior número de alunos tanto do Oswald quanto do Max que têm computador, relativamente ao número de pais nas residências. Ademais, a inclusão dos pais juntos com as mães ofuscaria a clareza da análise pois poderia haver duplicação de dados para uma mesma variável.

Tabela 58 – Número de mães de alunos e participação no total de residências				
Base: alunos com computador	Mães		Pais	
Escola Max	54	88.5%	39	63.9%
Escola Oswald	71	85.5%	52	62.7%

Nota: Os residências onde as mães não estão presentes apresentam arranjos familiares com participação de pais divorciados, avós, tios, tias, irmãos mais velhos, padastro, madastra etc.

A Tabela 59 apresenta os diversos conteúdos acessados pelos alunos mediante o nível de escolaridade das mães. As mães dos alunos do Oswald com terceiro grau completo, mestrado ou títulos escolares mais altos somam 83.1% do total de mães de alunos do Oswald. Comparativamente, o total de mães dos alunos do Max com terceiro grau completo ou mais somam apenas 22.4%. Para a análise dos dados da Tabela 59 abaixo foram tomadas as diferenças percentuais entre o total de respostas de cada escola (ver coluna Total de Respostas). Foi calculado o desvio padrão destas diferenças (valor de 8.097) e foram escolhidos para análise as diferenças que, em termos absolutos, fossem iguais ou maiores que duas vezes e meia o desvio padrão (valor de 20.242). Este processo permite escolher, entre todas as diversas variáveis, aquelas que se diferenciam duas vezes e meia mais que o desvio-padrão. Desta maneira, foi possível observar que a comunicação por *e-mail*, a procura por informações sobre produtos culturais e a busca por emprego são as variáveis que se sobressaíram segundo o critério de escolha acima. É possível verificar, para as duas primeiras variáveis, que o número de alunos

aumenta conforme aumenta o nível educacional da mãe. Já a busca por trabalho, esta aumenta na medida em que diminui o nível educacional da mãe. Apesar da diferença das médias ficarem um pouco abaixo de duas vezes e meia o desvio padrão, é importante citar a busca por informações relacionadas a programas de televisão (valor de 16.3) e *websites* em língua estrangeira (valor de 15.6). A busca por informações relacionadas à televisão aumenta conforme diminui a escolaridade das mães da escola Max. Já para a busca por informações em *websites* que não estejam em língua portuguesa é diretamente associada ao nível educacional das mães como pode-se observar para os alunos da escola Oswald. Para todos os alunos, a tríade Messenger, Orkut e Google continua verdadeira, mas para aquelas famílias cujas mães puderam permanecer mais tempo na escola, estas tendem a ter adolescentes que, relativamente, buscam mais informações sobre cultura, utilizam mais ferramentas de *e-mail* e acessam conteúdos em línguas que não o português. Já para os alunos cujas mães têm menor nível educacional, as buscas tendem a estar relacionadas a informações sobre televisão e busca de emprego, o que evidencia por um lado a grande influência da televisão nas práticas destes estudantes e por outro a força das dificuldades econômicas exercendo pressão no conteúdo acessado, o que evidencia um uso mais pragmático do computador. Esse uso pragmático pôde ser observado nas famílias da classe C. As mulheres/mães dessas famílias são aquelas que mais acessam serviços do governo e serviços bancários. Pelos dados acima expostos, pode-se entender que o nível educacional da mãe é um dos itens que influencia o conteúdo acessado, corroborando a hipótese central deste estudo.

Tabela 59 – Nível de escolaridade da mãe e conteúdo acessado																			
Base: Alunos com computador.		1º compl.	2º incompl.	2º compl.	3º incompl.	3º compl.	Mestrado ou mais	Analfa-beto	1 º incompl.	1º compl.	2º incompl.	2º compl.	3º incompl.	3º compl.	Mestrado ou mais	Total de respostas			
		Oswald						Max								Oswald		Max	
Total		1	6	2	3	35	24	1	7	11	10	9	3	9	4	71		54	
	% lin	1.4%	8.5%	2.8%	4.2%	49.3%	33.8%	1.4%	12.1%	19.0%	17.2%	15.5%	5.2%	15.5%	6.9%				
Buscadores (Google,Yahoo etc.)		0	6	2	2	24	19	1	6	5	7	7	2	6	2	53	76.1%	35	60.3%
	% col	0%	100%	100%	66.7%	68.6%	79.2%	100%	85.7%	45.5%	70%	77.8%	66.7%	66.7%	50%				
Portais (UOL, Terra etc.)		0	4	0	0	8	5	0	0	1	0	1	0	0	1	13	23.9%	3	5.2%
	% col	0%	66.7%	0%	0%	22.9%	20.8%	0%	0%	9.1%	0%	11.1%	0%	0%	25%				
Com. virtual (Orkut, FB, etc.)		1	6	1	2	31	20	1	6	11	9	9	3	8	4	62	87.3%	50	86.2%
	% col	100%	100%	50.0%	66.7%	88.6%	83.3%	100%	85.7%	100%	90%	100%	100%	88.9%	100%				
Serviços bancários		0	0	0	0	1	1	0	0	2	0	0	0	2	0	2	2.8%	4	6.9%
	% col	0%	0%	0%	0%	2.9%	4.2%	0%	0%	18.2%	0%	0%	0%	22.2%	0%				
Comunicação (*E-mail*)		0	1	1	1	17	9	0	0	2	3	3	1	1	0	29	40.8%	10	17.2%
	% col	0%	16.7%	50.0%	33.3%	48.6%	37.5%	0%	0%	18.2%	30%	33.3%	33.3%	11.1%	0%				
Comunicação (Messenger,*chat*)		1	5	2	2	29	19	1	6	11	9	8	3	8	4	59	83.1%	49	84.5%
	% col	100%	83.3%	100%	66.7%	82.9%	79.2%	100%	85.7%	100%	90%	88.9%	100%	88.9%	100%				
Comunicação (Skype)		0	1	1	1	2	1	0	2	0	2	0	0	0	0	6	8.5%	4	6.9%
	% col	0%	16.7%	50.0%	33.3%	5.7%	4.2%	0%	28.6%	0%	20%	0%	0%	0%	0%				
Notícias (UOL, Estadão, etc.)		0	0	1	2	10	9	0	1	2	3	2	1	2	1	22	31.0%	12	20.7%
	% col	0%	0%	50.0%	66.7%	28.6%	37.5%	0%	14.3%	18.2%	3%	22.2%	33.3%	22.2%	25%				
Esporte (Lance,Gol etc.)		0	0	0	0	11	7	1	2	3	1	2	0	2	0	19	26.8%	10	17.2%
	% col	0%	0%	0%	0%	31.4%	29.2%	100%	28.6%	27.3%	10%	22.2%	0%	22.2%	0%				
Info. programas de televisão		1	2	0	1	2	2	0	2	4	5	2	0	1	2	8	11.3%	16	27.6%
	% col	100%	33.3%	0%	33.3%	5.7%	8.3%	0%	28.6%	36.4%	50%	22.2%	0%	11.1%	50%				
Sites de conteúdo religioso		0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	1	0	1	2	2.8%	2	3.4%
	% col	0%	0%	0%	0%	0%	8.3%	0%	0%	0%	0%	0%	33.3%	0%	25%				
Cultura (cinema, teatro etc.)		1	1	0	3	15	9	0	1	0	2	2	1	5	1	29	40.8%	12	20.7%
	% col	100%	16.7%	0%	100%	42.9%	37.5%	0%	14.3%	0%	20%	22.2%	33.3%	55.6%	25%				
Sites de conteúdo adulto		0	0	0	0	7	4	0	2	4	1	3	1	4	0	11	15.5%	15	25.9%
	% col	0%	0%	0%	0%	20.0%	16.7%	0%	28.6%	36.4%	10%	33.3%	33.3%	44.4%	0%				
Procura por trabalho		0	0	0	0	0	0	1	2	5	4	2	0	0	3	1	1.4%	16	27.6%
	% col	0%	0%	0%	0%	0%	0%	100%	28.6%	45.5%	40%	22.2%	0%	0%	75%				
Info. sobre informática		0	0	0	0	3	1	0	1	0	0	1	0	3	0	4	5.6%	5	8.6%
	% col	0%	0%	0%	0%	8.6%	4.2%	0%	14.3%	0%	0%	11.1%	0%	33.3%	0%				
Sites em lingua estrangeira		1	1	0	1	7	6	0	1	0	1	1	0	1	0	16	22.5%	4	6.9%
	% col	100%	16.7%	0%	33.3%	20%	25%	0%	14.3%	0%	10%	11.1%	0%	11.1%	0%				
Serviços do governo		0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	1	1	0	0	0.0%	5	8.6%
	% col	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	27.3%	0%	0%	33.3%	11.1%	0%				
Info.família e estilo de vida		0	1	1	0	2	1	0	2	2	3	2	1	0	1	5	7.0%	11	19%
	% col	0%	16.7%	50%	0%	5.7%	4.2%	0%	28.6%	18.2%	30%	22.2%	33.3%	0%	25%				

O cruzamento entre o nível de instrução dos pais (pais e mães separadamente) dos alunos e consumo de produtos de cultura e consumo de mídia apresentaram associação positiva. Quanto maior o nível de escolaridade do pai ou da mãe, maior o número médio de contatos e o maior o consumo de produtos de cultura e produtos de mídia. Estes últimos estão intimamente ligados ao legado econômico das famílias que é transformado em capital cultural pela escola.

Tabela 60 – Média de vezes que consumiu produtos culturais e mídia impressa

	TOTAL	Instrução mãe		Instrução pai	
		Analfabetos até primeiro grau completo	Mestrado ou mais	Analfabetos até primeiro grau completo	Mestrado ou mais
Cinema	10.6	4.6	15.3	6.0	16.2
Livros	5.6	3.1	6.0	2.8	8.3
Teatro	2.7	2.1	3.7	1.9	4.0
Exposição ou bienal	3.0	1.6	3.9	1.6	4.3
Revistas sobre atualidades	7.1	3.5	10.3	2.6	6.8
Revistas sobre curiosidades	5.8	3.0	6.4	2.5	6.1
Revista em língua estrangeira	8.2	1.5	5.1	1.8	4.8

Pergunta 38 – Nos últimos 12 meses você [foi/leu]... quantas vezes:

Finalmente, é importante ainda citar que o nível de instrução do pai e da mãe tem correlação com o tempo gasto na internet. Em média, um aluno de pais com baixo nível de instrução (até o primeiro grau completo) gasta sete horas a menos na internet por semana do que um filho de pais com alto nível de instrução (nível de terceiro grau ou mais). Os primeiros gastam em média 13.5 horas por semana enquanto os últimos gastam 20.5 horas.

Cruzamento 2: O tempo de uso da internet e a influência no conteúdo acessado

Os alunos que gastam mais tempo na internet, em sua maioria, são usuários de banda larga, mantêm o computador ligado e conectado à internet o dia todo, ao contrário dos que menos acessam, que usam a internet apenas quando ligam o computador. A internet está disponível para estes alunos a todo momento do dia e não está vinculada ao fato de estabelecer um tempo de uso

determinado durante o dia, ou seja, a internet está em casa para ser usada a todo momento. Para os alunos que mais acessam da escola Oswald, o computador está no quarto do aluno usuário, enquanto que para os alunos que menos acessam, o computador está na sala da casa. Eles moram em casas maiores do que os alunos que menos acessam, o que permite que o computador fique instalado no seu próprio quarto. Os alunos que menos acessam dividem o computador com até quatro pessoas, enquanto que os que mais acessam têm um computador para uso exclusivo. Os alunos que gastam mais tempo acessam ainda mais os aplicativos para redes sociais ou comunicação *online* do que os que menos acessam, gastam mais tempo vendo notícias e acessam mais informações sobre cultura e em *sites* de língua estrangeira.

Alunos que menos gastam tempo na internet são aqueles que mais acessam *sites* de informações para serviços do governo e têm uma especial queda pelo youtube. Ainda, poucos já são usuários do Facebook ou Twitter, como é o caso dos que mais usam. O volume de contatos é maior para quem deixa a internet disponível o dia todo. Em média, eles têm 30% a mais de contatos. Estes alunos afirmam que o contato com a família diminuiu mas aumentou com amigos da escola, amigos distantes e parentes. Eles também consomem mais itens de cultura e mídia impressa. Surpreendentemente, eles veem mais televisão do que os que menos acessam – estes alunos, em sua maioria, assistem televisão enquanto estão conectados à internet. Eles começaram a usar o computador mais cedo que os que menos usam e seu primeiro contato com o computador foi na própria casa, ao contrário dos que menos usam, cujo primeiro contato foi na escola. Ainda, os alunos que mais usam, contam com os amigos da escola e com os amigos distantes para procurarem conteúdo na internet. Os que menos usam a internet usam a televisão, os amigos da escola e o rádio para buscarem informações.

Cruzamento 3: O local de uso do computador determina o modo como os alunos usam a internet?

Neste cruzamento, são comparados alunos que responderam "uso o computador no meu quarto" com alunos que responderam "sala", "escritório" etc. Sim, o local de uso influencia a maneira como os alunos usam a internet. Os alunos que usam o computador em seus quartos acessam mais o aplicativo Skype, já que é possível conversar no seu quarto com maior privacidade e sem incomodar os outros moradores. Estes alunos acessam menos informações sobre televisão, mas acessam mais informações sobre conteúdo adulto, produtos culturais,

música e assistem vídeos no youtube. Eles possuem um volume maior de contatos do que aqueles alunos que não têm a privacidade do quarto como aliada para se sentirem mais confortáveis para acessar a internet. Assim como os que acessam em outros cômodos, eles afirmam que a socialização com a família em casa diminuiu. Já os contatos com amigos da escola, amigos distantes, vizinhos e parentes aumentou, mas apresenta um padrão similar quando comparado aos usuários que não acessam em seus quartos. Eles assistem menos televisão e escutam menos rádio, mas ficam em média 3.2 horas a mais na internet que aqueles alunos que não acessam em seus quartos. Eles consomem mais produtos culturais e leem mais mídias impressas. Afirmam estarem estudando menos sozinhos e mais em grupo, acessam mais *websites* de relacionamento e de informações culturais, participam mais de *blogs* e discussões na internet e acessam mais informações sobre cultura e *websites* em língua estrangeira.

Tabela 61 – Local de uso e conteúdo acessado			
	Total	(Q19). Lugar da casa onde mais acessa	
		No quarto	Em outros lugares
Base: Alunos com computador = 144	144	78	66
	100%	100 %	100%
Buscadores (Google,Yahoo etc.)	100	53	47
	69.4%	67.9%	71.2%
Portais (UOL, Terra etc.)	25	13	12
	17.4%	16.7%	18.2%
Com. virtual (Orkut, FB, etc.)	130	69	61
	90.3%	88.5%	92.4%
Serviços bancários	7	3	4
	4.9%	3.8%	6.1%
Comunicação (*E-mail*)	46	23	23
	31.9%	29.5%	34.8%
Comunicação (Messenger,*chat*)	127	67	60
	88.2%	85.9%	90.9%
Comunicação (Skype)	11	8	3
	7.6%	10.3%	4.5%
Notícias (UOL, Estadão, etc.)	37	21	16
	25.7%	26.9%	24.2%
Esporte (Lance,Gol etc.)	38	20	18
	26.4%	25.6%	27.3%
Info. programas de televisão	26	11	15
	18.1%	14.1%	22.7%
Sites de conteúdo religioso	5	1	4
	3.5%	1.3%	6.1%
Cultura (cinema, teatro etc.)	49	32	17
	34%	41%	25.8%
Sites de conteúdo adulto	30	19	11
	20.8%	24.4%	16.7%

Tabela 61 – Local de uso e conteúdo acessado			
	Total	(Q19). Lugar da casa onde mais acessa	
		No quarto	Em outros lugares
Procura por trabalho	17	7	10
	11.8%	9%	15.2%
Info. sobre informática	9	5	4
	6.3%	6.4%	6.1%
Sites em lingua estrangeira	22	13	9
	15.3%	16.7%	13.6%
Serviços do governo	5	4	1
	3.5%	5.1%	1.5%
Info.família e estilo de vida	18	8	10
	12.5%	10.3%	15.2%

Pergunta 19: Onde o computador que é mais usado por você está instalado em sua casa... [Resposta única.]

Cruzamanto 4: O compartilhamento do computador influencia o modo de uso da internet?

Este cruzamento toma por base os alunos que não dividem o computador em comparação com os alunos que têm de dividir o computador em seus domicílios. É importante mencionar que nenhum dos alunos afirmou ter diferentes usuários para um mesmo computador[132], o que refletiria um uso mais elaborado do computador e maior nível de privacidade por usuário. Apenas 30% dos alunos não compartilham o computador, sendo 23.7% deles alunos do Oswald (contra 6.3% do Max), cujos computadores em uso foram ganhos há menos de dois anos. Destes computadores, 90% são *notebooks*. Assim, os grupos de alunos acessados são compostos em sua maioria por alunos que dividem o computador com algum morador da residência (geralmente o irmão ou irmã). Para os alunos do Oswald, quando o computador é compartilhado ele é geralmente um *desktop* que está instalado no próprio quarto, no quarto usado como escritório ou para visitas ou, então, na sala de tv. Para os alunos da escola Max que dividem o computador, ele está instalado na sala, na maioria das vezes. Praticamente, os dois grupos de alunos acessam os mesmos aplicativos e conteúdos, mas existem algumas diferenças que precisam ser ressaltadas.

Assim como o local de uso, o compartilhamento faz com que os alunos gastem menos tempo usando o computador. Como 62.1% dos alunos que dividem computador são alunos da escola Max, a análise da Tabela 62 abaixo tende a refletir como estes alunos usam o computador. Relativamente aos alunos do Oswald que não compartilham o computador, eles usam menos *e-*

[132] Esta seria uma técnica de particionamento do HD (*hard disc*), separando informações por usuário. Assim, para acessar o computador, cada usuário tem uma senha individual e seus arquivos gravados neste mesmo computador não estão acessíveis aos demais usuários.

mail, procuram mais por informações referentes à televisão, usam pouco o Skype, acessam menos informações sobre produtos culturais, procuram mais por emprego e acessam mais informações sobre estilo de vida. Eles têm menor volume de contatos em todos os aplicativos para redes sociais e de comunicação *online* e contatos de celular também. Afirmam que o computador os colocou mais próximos da família, de amigos da escola, amigos distantes e parentes. Eles veem mais televisão e escutam mais rádio e ficam cinco horas a menos na internet do que aqueles alunos que não dividem o computador. De maneira geral, consomem menos produtos de cultura.

Tabela 62 – Compartilhamento do computador e conteúdo acessado			
		(Q10.3) Eu e minha família compartilhamos o mesmo computador	
		Sim	Não
Base: Alunos com computador	158	81	77
	100%	100%	100%
Buscadores (Google,Yahoo etc.)	107	53	54
	67.7%	65.4%	70.1%
Portais (UOL, Terra etc.)	27	13	14
	17.0%	16%	18.2%
Com. virtual (Orkut, FB, etc.)	87.9%	76	63
	%	93.8%	81.8%
Serviços bancários	7	5	2
	4.4%	6.2%	2.6%
Comunicação (*E-mail*)	51	21	30
	32.2%	25.9%	39%
Comunicação (Messenger,*chat*)	136	73	63
	86.1%	90.1%	81.8%
Comunicação (Skype)	12	4	8
	7.6%	4.9%	10.4%
Notícias (UOL, Estadão, etc.)	43	20	23
	27.2%	24.7%	29.9%
Esporte (Lance,Gol etc.)	43	22	21
	27.2%	27.2%	27.3%
Info. programas de televisão	36	22	14
	22.8%	27.2%	18.2%
Sites de conteúdo religioso	5	4	1
	3.1%	4.9%	1.3%
Cultura (cinema, teatro etc.)	51	24	27
	32.3%	29.6%	35.1%
Sites de conteúdo adulto	32	19	13
	20.2%	23.5%	16.9%
Procura por trabalho	23	15	8
	14.5%	18.5%	10.4%
Info. sobre informática	9	3	6
	5.7%	3.7%	7.8%
Sites em lingua estrangeira	22	9	13
	13.9%	11.1%	16.9%
Serviços do governo	9	5	4
	5.7%	6.2%	5.2%
Info.família e estilo de vida	19	12	7

Tabela 62 – Compartilhamento do computador e conteúdo acessado			
		(Q10.3) Eu e minha família compartilhamos o mesmo computador	
		Sim	Não
	12.0%	14.8%	9.1%

Pergunta 10: Qual o computador mais usado por sua família? [Assinalar apenas uma das alternativas = Resposta única.]

Cruzamento 5: O acesso à cultura e o conteúdo acessado

Para este cruzamento foram comparados os extremos de 30% de alunos que mais ou menos acessam diferentes mídias (em horas por semana) e aqueles que mais ou menos consumiram produtos culturais entre outubro de 2008 e outubro de 2009. É possível observar que o acesso às mídias não faz com que o conteúdo varie demasiadamente entre os 30% de alunos que menos acessam e os 30% que mais acessam mídias por semana. Mas quando se compara os 30% que menos consumiram produtos culturais com os 30% que mais consumiram, é possível observar algumas diferenças. Os alunos que consumiram mais produtos culturais utilizam mais buscadores, utilizam mais ferramentas de *e-mail*, utilizam menos mensagens instantâneas, procuram mais informações sobre cultura, acessam menos conteúdo adulto e, finalmente, não procuram por trabalho na internet. O descritivo acima diz respeito aos alunos do Oswald em maioria (95% dos alunos do Oswald perfazem os 30% que mais consomem produtos culturais, enquanto 80% dos alunos que menos consomem produtos culturais são do Max). Assim, pela perspectiva do acesso à cultura, os que mais a consomem são os alunos do Oswald e é possível observar que os aplicativos utilizados, como *e-mail* e Skype, assim como os conteúdos mais buscados como informações culturais, refletem o capital econômico e cultural das famílias em que estes alunos foram criados. Em comparação, os alunos que menos consomem produtos culturais usam mais mensagens instantâneas e pouco *e-mail*, buscam mais informações relacionadas à programação de televisão como novelas e também tem um uso mais pragmático da internet, o que é evidenciado pela busca por trabalho.

Tabela 63 – Acesso à mídia, acesso a produtos de cultura e conteúdo acessado							
		(Q.30) Horas de acesso à mídias			(Q.31) Número de vezes de acesso à cultura		
		30% menos acessam	Inter-mediário	30% mais acessam	30% menos acessam	Inter-Mediário	30% mais acessam
Base: Total de alunos com PC	158	49	62	47	46	64	48
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Buscadores (Google,Yahoo etc.)	107	34	38	35	25	44	38
	67.7%	69.4%	61.3%	74.5%	54.3%	68.8%	79.2%
Portais (UOL, Terra etc.)	27	15	8	4	6	10	11
	17.1%	30.6%	12.9%	8.5%	13.0%	15.6%	22.9%
Com. virtual (Orkut, FB, etc.)	139	41	57	41	40	56	43
	88.0%	83.7%	91.9%	87.2%	87.0%	87.5%	89.6%
Serviços bancários	7	3	0	4	1	4	2
	4.4%	6.1%	0%	8.5%	2.2%	6.3%	4.2%
Comunicação (*E-mail*)	51	20	17	14	9	23	19
	32.3%	40.8%	27.4%	29.8%	19.6%	35.9%	39.6%
Comunicação (Messenger, *chat*)	136	41	54	41	42	58	36
	86.1%	83.7%	87.1%	87.2%	91.3%	90.6%	75.0%
Comunicação (Skype)	12	3	6	3	1	5	6
	7.6%	6.1%	9.7%	6.4%	2.2%	7.8%	12.5%
Notícias (UOL, Estadão, etc.)	43	12	17	14	12	17	14
	27.2%	24.5%	27.4%	29.8%	26.1%	26.6%	29.2%
Esporte (Lance,Gol etc.)	43	14	21	8	10	18	15
	27.2%	28.6%	33.9%	17.0%	21.7%	28.1%	31.3%
Info. programas de televisão	36	7	19	10	20	12	4
	22.8%	14.3%	30.6%	21.3%	43.5%	18.8%	8.3%
Sites de conteúdo religioso	5	2	2	1	2	1	2
	3.2%	4.1%	3.2%	2.1%	4.3%	1.6%	4.2%
Cultura (cinema, teatro etc.)	51	14	21	16	11	22	18
	32.3%	28.6%	33.9%	34.0%	23.9%	34.4%	37.5%
Sites de conteúdo adulto	32	9	13	10	15	8	9
	20.3%	18.4%	21.0%	21.3%	32.6%	12.5%	18.8%
Procura por trabalho	23	7	11	5	14	9	0
	14.6%	14.3%	17.7%	10.6%	30.4%	14.1%	0%
Info. sobre informática	9	2	4	3	3	3	3
	5.7%	4.1%	6.5%	6.4%	6.5%	4.7%	6.3%
Sites em lingua estrangeira	22	9	6	7	7	5	10
	13.9%	18.4%	9.7%	14.9%	15.2%	7.8%	20.8%
Serviços do governo	9	2	4	3	4	5	0
	5.7%	4.1%	6.5%	6.4%	8.7%	7.8%	0%
Info.família e estilo de vida	19	5	7	7	5	10	4
	12.0%	10.2%	11.3%	14.9%	10.9%	15.6%	8.3%

Conclusões

O crescimento do poder de consumo da classe C durante a última década no Brasil fez com que os computadores – e respectivo acesso à internet – fizessem parte das lista de desejo de consumidores que até então não tinham condições financeiras para comprar um computador. A entrada dos membros das classes menos privilegiadas no mundo digital foi proporcionada por fatores macroeconômicos, infraestruturais, produtivos, institucionais e políticos suficientemente capazes de fazer chegar a 27% o percentual do número de residências no país com computadores conectados à internet em 2009[133]. Desta maneira, diferentes modos de uso do computador e da internet foram inseridos nas práticas dos membros das famílias das classes C e, em alguma medida, das classes D.

Se até o final dos anos 1990 a dicotomia "*have*" e "*have-not*" estava em pauta em estudos acadêmicos sobre exclusão digital, a partir do início dos anos 2000 ela dá espaço às análises que se preocupam com a desigualdade digital, ou seja, procura-se entender as diferenças entre grupos sociais que já têm à sua disposição um computador e o acesso à internet. Partindo da teoria dos campos de Bourdieu, este estudo teve como objetivo entender os modos de uso de computadores por diferentes membros das camadas sociais médias na cidade de São Paulo, em um momento histórico de aumento da penetração de computadores nas classes menos privilegiadas. Segundo a hipótese central deste estudo, os diferentes modos de uso dos computadores são originados a partir da distribuição desigual dos capitais econômico e cultural entre os membros dos diferentes grupos sociais pesquisados. Através da etnografia dos usos, foi possível observar e comparar diversos modos de uso do computador e da internet que corroboram a hipótese central.

Para se entender os modos de uso é necessário ter como pano de fundo a trajetória social dessas famílias, suas práticas, a importância que dão à educação e seus padrões de consumo de produtos culturais. A posição atual das famílias investigadas está associada à privação e imediatismo para as famílias das classes C e D. Para as famílias da classe B, está associada ao consumo com limites muito menos restritos que os das famílias das classes C e D e à perspectiva de longo prazo. As práticas das famílias estão associadas ao volume de capital econômico e de

[133] "TIC Domicílios 2009 destaca o crescimento do acesso à Internet nos lares brasileiros", www.nic.br, 6 de abril de 2010. 5ª Pesquisa sobre uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil - TIC domicílios 2009. http://www.nic.br/imprensa/releases/2010/rl-2010-06.htm (Acessado em 29 de agosto de 2011).

capital cultural. Estes dois tipos de capital aumentam em termos de volume das famílias da classe D em direção às famílias da classe B. O que marca o direcionamento das práticas é a substância e funcionalidade para as famílias da classe D e C em contraposição à forma e à maneira para as famílias da classe B.

A educação para estas famílias acessadas têm objetivos diferentes. Paras as famílias da classe D, a educação é o sacrifício para conseguir emprego para o filhos quando estes chegam à adolescência. A universidade não é almejada. Ela é algo muito distante para os membros destas famílias. Para as famílias da classe C, a educação é também o sacrífico com vistas ao emprego dos filhos ainda na adolescência, mas a universidade é algo almejado, mesmo que seja necessário primeiro trabalhar para depois seguir com a formação de nível superior, geralmente em uma universidade paga. Para as famílias da classe B, a educação é um investimento obrigatório de longo prazo. Ela está associada à projeção social e ao status.

O consumo de produtos culturais aumenta em termos de volume e variedade das famílias da classe D para as famílias da classe B. As famílias da classe D têm a televisão aberta e o rádio como principais meios de consumo de cultura. Já para as famílias da classe C, além do rádio e da televisão aberta, o computador passa a fazer parte do consumo de cultura. Para as famílias da classe B, o consumo de cultura está associado a uma variedade grande de meios: televisão aberta e a cabo, rádio, computador, teatro, cinema, shows variados, exposições, leitura de livros, revistas e jornais.

Levando-se em consideração juntamente a trajetória, as práticas, a importância da educação e o consumo de bens culturais, pode-se entender com maior profundidade os dados levantados durante os encontros com as famílias e os estudantes. As análises sobre os usos do computador foram estruturadas a partir de quatro dimensões – o equipamento, a autonomia de uso, as habilidades e a variedade de uso –, as quais ajudariam a entender a desigualdade digital.

Em termos do equipamento, o modelo *notebook* faz parte da realidade das famílias da classe B apenas. A autoexclusão, "[*notebook* é] coisa de gente rica" (Elaine, mãe, Família 4) , ou o "isso não é para nós" (Bourdieu, 2008, p. 355), para além da incapacidade para entender os benefícios da mobilidade, faz com que o modelo *notebook* não seja apelativo para os membros das famílias das classes C e D, embora tenha sido possível identificar entre os membros das famílias da classe C o desejo de compra de um *notebook*, não pela mobilidade, mas pela possibilidade de uso 1:1 (um computador : um usuário) pois o compartilhamento é uma prática

que incomoda estes usuários. Já para as famílias da classe B o que é apelativo não é o fato da não necessidade de compartilhamento proporcionado pelo *notebook*, mas sim a mobilidade, mesmo que restrita à residência. Então, temos o surgimento da prática "assistir televisão enquanto se acessa a internet", algo observado principalmente nas famílias da classe B, embora as famílias que tenham o *desktop* na sala possam apresentar esta prática também, mas de maneira diferenciada. Para estas famílias, esta prática envolve duas ou mais pessoas. Uma ou mais pessoas podem assistir a televisão enquanto apenas uma usa o computador. Ademais, ter mais de um computador na residência é algo que levanta questões nas famílias das classes C e D sobre a) onde colocar os computadores já que a infraestrutura de telecomunicações está presente apenas na sala e, b) o peso de custos adicionais de manutenção e eletricidade: "[...] e a conta de luz?" (Luciano, pai, Família 4), em um orçamento familiar já apertado. Já as famílias da classe B nem mencionaram estas questões pois a infraestrutura de telecomunicações está presente nas salas e nos quartos e os custos adicionais de manutenção não têm o mesmo peso relativo que têm para as famílias das classes C e D.

Em termos de aplicativos *online* e de produtividade, a variedade de uso cresce das famílias da classe D para as famílias da classe B. As famílias da classe D usam intensivamente o Messenger e Orkut, enquanto raramente usam aplicativos de produtividade. As da classe C usam o Messenger, o Orkut e o Nero. Ademais, elas usam processadores de texto, principalmente para trabalhos escolares. As famílias da classe B usam Messenger, Orkut, Facebook, Twitter, Spype, Nero e iTunes. Este último mostra a proximidade com produtos cujo apelo é o design, como os produtos da Apple, principalmente entre os alunos da escola Oswald. Já para os aplicativos de produtividade, estas famílias apresentam uso intensivo de planilhas eletrônicas, processadores de texto, aplicativos para apresentações e aplicativos para *e-mail*. Entre os alunos do Oswald, foi possível verificar que o aplicativo processador de texto é o mais usado, embora os trabalhos escolares preparados em aplicativos para apresentações estejam cada vez mais sendo requisitados.

A necessidade de uso de impressora também cresce das famílias da classe D para as famílias da classe B. Não havia impressora na residência das famílias da classe D. Estas famílias não viam necessidade em usar uma impressora: "A gente não precisa de impressora. Pra quê?" (Marcos, pai, Família 1). As impressoras nas famílias da classe C eram de segunda-mão e eram usadas minimamente para "não gastar o cartucho" (Fabio, filho, Família 4) e o uso é voltado às

necessidades escolares dos filhos, basicamente. As famílias da classe B possuiam impressora e não havia preocupação com o cartucho "[...] se tem de usar, tem de usar." (Maurício, filho, Família 7). O uso está atrelado desde a trabalhos escolares até impressões relacionadas ao trabalho dos membros destas famílias, havendo uma mistura entre uso pessoal e uso profissional.

A manutenção e o *upgrade* tanto de *hardware* quanto de *software* têm impactos diferenciados em cada grupo social pesquisado. Os membros das famílias da classe D não tentam resolver problemas por eles mesmos. Eles não possuem conhecimento técnico, portanto, são bastante dependentes dos técnicos de informática (exceção para o Marcos, da Família 1). Os usuários podem ficar dias ou semanas sem usar o computador. Esta situação pode ser agravada se não houver dinheiro para pagar um técnico. Eles não possuem alternativa que não a *lan house* ou vizinhos para acessar a internet. Os membros das famílias da classe C tentam resolver problemas por eles mesmos, pois possuem algum conhecimento técnico. Caso não consigam resolver algum problema, procuram um técnico mediante a disponibilidade de dinheiro. E caso não tenham dinheiro para chamar o técnico, podem ficar dias ou semanas sem usar o computador. Assim como as famílias da classe D, eles não possuem alternativa que não a *lan house* ou vizinhos para acessar a internet. Já os membros da classe B tentam resolver os problemas por eles mesmos pois possuem algum conhecimento técnico adquirido pelos muitos anos de uso do computador (o computador está presente nas práticas destas famílias há muito mais anos do que nas práticas das famílias das classes C e D). Caso não consigam resolver o problema, existe a possibilidade de usar outros computadores instalados na residência ou até mesmo o computador do trabalho dos pais/irmãos. Em um aparente paradoxo, que revela a desrazão da desigualdade, as famílias das classes C e D podem ter que gastar dinheiro para resolver um problema técnico. Existe também a possibilidade de deixarem de usar o computador por mais tempo, já que estas famílias não têm a possibilidade de uso de outros computadores instalados na residência.

A banda larga está presente na residência de todas as famílias entrevistadas (com exceção da Família 2, que usa conexão discada) e na maioria das residências dos alunos entrevistados. A diferença entre as famílias está na passagem do ilícito para o lícito. As famílias da classe D têm ou foram usuárias de conexão ilegal (o "gatonet"). As famílias da classe C e os alunos do Max já passaram pelo "gatonet" e hoje têm suas conexões (a maioria) regularizadas. Já as famílias da classe B nunca precisaram de conexão ilícita pois sempre tiveram recursos financeiros e sempre moraram em bairros com infraestrutura que permite conexão banda larga, geralmente via cabo. É

preciso levar em conta os problemas técnicos do "gatonet" e as reclamações dos serviços de conexão à internet da Telefonica para se perceber que as famílias da classe C e D e os alunos do Max têm uma experiência de uso da internet não tão gratificante quanto a experiência das famílias da classe B e os alunos do Oswald, os quais pagam por um serviço de melhor qualidade em termos de velocidade em MB e conserto de eventuais problemas.

A influência dos filhos na compra de computadores é grande, principalmente na compra do primeiro computador nas famílias das classes C e D e nos alunos do Max. Para as famílias da classe B, a influência é grande não para a compra do primeiro computador, pois a maioria dos filhos destas famílias nasceram em uma família que já tinha computador. Para estas famílias, os filhos influenciam fortemente na compra de *notebooks* e de periféricos. Vale mencionar que 20% dos alunos do Max, por terem eles mesmos que decidir junto com os técnicos os componentes do computador (processador, tamanho do HD, tamanho da tela etc.) que iriam comprar, adquiriram conhecimentos técnicos que os ajudam na hora de consertar algum problema com o computador. Esta mesma *expertise* não foi detectada nos alunos do Oswald. É importante salientar ainda que os membros das famílias das classes C e D e os alunos do Max usaram um computador pela primeira vez em *lan houses*, serviços do governo ou na escola. A maioria dos membros das famílias da classe B e dos alunos do Oswald utilizaram um computador pela primeira vez em suas próprias casas pois o interesse dos próprios pais pelo computador é que levou à compra deste produto.

O computador é um produto que traz uma série de signos para a casa que o tem e para quem o usa. Ele está relacionado ao poder econômico (da compra e da manutenção), ao nível escolar, à rede social (virtual) e ao conhecimento de como operar o computador e seus diversos aplicativos. Assim, estabelece-se uma hierarquia entre as residências que têm computador e aquelas que não têm, em determinados lugares sociais onde o computador ainda é, neste momento, um utensílio raro. Também existe uma relação de dominação entre os membros da família que tem computador e os vizinhos, parentes e amigos que, caso necessitem usar o computador, precisam de consentimento para fazê-lo "[...] Às vezes, eles [vizinhos] querem usar o computador nas horas mais horríveis, à noite ou de manhã, quando a gente está para sair. Aí eu não atendo o telefone ou invento que estou sem internet [...] Vai usar [o computador] quando eu achar que pode." (Elaine, mãe, Família 4). Esta hierarquia não foi observada nas famílias da

classe B. Ela não existe porque a maioria das famílias dessa classe social têm pelo menos um computador em suas residências.

A autonomia de uso coloca na mesma arena a arquitetura da residência - a qual está associada ao local de instalação e uso do computador e o nível de privacidade dos usuários - e a necessidade de compartilhamento do computador. Juntamente com o capital cultural, estes elementos influenciam sobremaneira o conteúdo acessado. A arquitetura da residência determina onde o computador será instalado. Para as famílias das classes C e D, o computador (*desktop*) será instalado na sala porque é onde há espaço físico para inserir o computador na residência, já que os quartos estão demasiadamente ocupados com móveis, itens pessoais e, eventualmente, televisão. Ademais, a sala é o cômodo da residência onde existe infraestrutura de telecomunicações e onde a infraestrutra de energia elétrica é mais "forte". Para as famílias da classe B, a instalação do computador é feita nos quartos pois a) os quartos são grandes o suficiente e têm espaço físico para conter um computador; b) os quartos têm tanto infraestrutura de telecomunicações quanto de energia elétrica, as quais podem suportar diversos aparelhos eletroeletrônicos; c) o computador não combina com a decoração das salas de visita, jantar, almoço etc. como acreditam as mães das famílias da classe B e; d) é no quarto onde existe maior privacidade de uso.

A arquitetura da casa também impõe o nível de privacidade a que estão submetidos seus moradores. Para as famílias das classes C e D, a privacidade não é uma questão porque ela praticamente não existe. A arquitetura das residências destas famílias é uma arquitetura que privilegia o funcional (inclusive através de cômodos multifuncionais) e não o "morar bem" da arquitetura das famílias da classe B, cuja privacidade é expressa através de diversos cômodos com funcionalidade específica (sala de jantar, sala de visitas, sala de almoço, quartos geralmente para uma pessoa etc.).

O compartilhamento do computador é basicamente um problema das famílias da classe C. Mas este problema é negado pelo provedor da família, porque não existe outra solução que não seja o compartilhamento, entretando é reconhecido, principalmente, pelos filhos, em falas de reclamação, sem possibilidade de solução imediata. Estas famílias têm apenas um computador *desktop* para diversas pessoas interessadas e capazes de usar o computador. Ao contrário, as famílias da classe D, apesar de terem apenas um computador, têm pouquíssimos usuários interessados e capazes de usar o computador. As famílias da classe B escapam da necessidade de

compartilhar o computador através da compra de *notebooks* para cada membro da família como afirma o Otacílio (pai, Família 6): "Comprei meu *notebook* porque não queria ter de ficar dividindo o computador com meus filhos."

Os três itens acima descritos (local de instalação e local de uso do computador, o nível de privacidade dos usuários e a necessidade de compartilhamento do computador) têm influência diferenciada no conteúdo e aplicativos usados. Para as famílias da classe D, a influência é relativamente pequena porque o baixo capital econômico e cultural se sobrepõe a essa influência, levando a um acesso limitado de conteúdos e aplicativos usados. Para as famílias da classe C, a influência é relativamente maior, comparativamente à influência nas famílias da classe B. Nas primeiras, a influência pode ser observada através do conteúdo e aplicativos, os quais são acessados e utilizados menos vezes, por menor tempo e de maneira irregular, se comparado às famílias da classe B. Para estas últimas, a privacidade promovida pelo local de uso (geralmente os quartos) aliada ao uso de *notebooks* leva a um maior número de vezes e uma maior regularidade no acesso e utilização de conteúdos e aplicativos. Ademais, como já mencionado, não existe a pressão da necessidade de compartilhamento.

Dentro da dimensão autonomia, ainda foi possível identificar o computador como promotor de socialização. Para as famílias da classe D, esta capacidade é baixa dentro da própria família mas é alta em relação a parentes distantes. Para as famílias da classe C, a capacidade de socialização é alta tanto dentro da família (através da música via CD *player* e do youtube.com) quanto com parentes distantes. Já para as famílias da classe B, a capacidade de socialização é baixa intrafamília e média extrafamília pois as famílias da classe B tem grande domínio sobre as distâncias espaciais; tanto o telefone quanto as viagens para visitar parentes e amigos promovem interação social desde antes da instalação do computador e de seus aplicativos de comunicação.

A dimensão habilidade apresenta o tempo de uso do computador (o qual está associado à informação digital acessada, a ser comentada adiante) como um marcador que, conforme vai aumentando com o passar dos anos, reflete cada vez mais o capital econômico e o cultural e o *habitus* de cada família através do tipo de conteúdo acessado, de aplicativos usados e de tipos de serviços *online* acessados. Para as famílias da classe D, o computador é basicamente usado para comunicação com parentes via Messenger e Orkut. Não produzem conteúdo e raramente compartilham informações acessadas na internet. Para as famílias da classe C e alunos do Max, além do Messenger e do Orkut, existe a utilização do youtube.com e o acesso a informações

sobre serviços do governo (impostos, matrícula da escola dos filhos, etc.). A produção de conteúdo e o compartilhamento estão relacionados à postagem de fotos da família e amigos no Orkut. Trabalhos de escola podem ser produzidos, mas o compartilhamento se dá em papel, via impressão a ser levada para a escola. Para as famílias da classe B e alunos do Oswald, o Messenger e Orkut são bastante utilizados, mas também o são Google, Facebook, Skype e Twitter e existe o acesso a *online banking*, busca de preços de passagem de avião, programação de férias, etc. Os conteúdos produzidos e compartilhados estão relacionados à postagem de fotos e vídeos no Orkut e Facebook e, eventualmente, preparação e participação em *blogs*.

A dificuldade de entendimento dos diversos conteúdos da internet varia entre as famílias acessadas. Os membros das famílias da classe D se interessam mais por fotos e figuras do que textos, gráficos e tabelas. Ademais, não compartilham um eventual conteúdo acessado na internet. As famílias da classe C estão mais inclinadas a ler do que as famílias da classe D, mas o sentimento de autoexclusão é grande. Eles acreditam que textos grandes, gráficos e tabelas não é para eles "[...] isso é coisa para gente da USP." (Elaine, mãe, Família 4). Ainda, os membros destas famílias compartilham pouco o conteúdo acessado na internet. Os membros das famílias da classe B se sentem mais confortáveis com textos longos, gráficos e tabelas (de fato, reagem como se estivessem ofendidos com a pergunta que relaciona diretamente o interesse pela notícia ao tamanho do texto a ser lido), e compartilham mais conteúdo acessado na internet com amigos, família etc. comparativamente às demais famílias do estudo.

A dinâmica para resolver problemas do computador pode ter um impacto grande na disponibilidade de uso do computador e acesso à internet. Com exceção do Marcos (pai, Família 1) que tem conhecimentos técnicos, portanto, resolve ele mesmo os problemas do computador, as famílias da classe C e D, apesar de tentarem resolver eventuais problemas, ainda dependem muito de um técnico. A falta de recursos financeiros para pagamento do técnico pode deixar estas famílias sem usar o computador e sem acessar a internet por dias ou até semanas. As famílias da classe B têm maior eficiência na hora de consertar algum problema porque vêm usando computadores há mais anos que as demais famílias e estão mais familiarizadas com os problemas que podem surgir. As famílias da classe B têm alternativas diversas para superar problemas, como o uso do computador de outros membros da família ou até mesmo o computador de uso profissional de pais e irmãos, e podem gastar com serviços técnicos para

conserto de seus computadores. Então, o impacto de eventuais problemas no tempo de uso do computador não é tão alto como para as famílias da classe C e D.

As variações de uso do computador são entendidas por este estudo como as informações que são acessadas, trocadas e compartilhadas pelos usuários. Elas foram divididas em informações não digitais, informações digitais e comunicação. Na área das informações não digitais, foi possível observar que existe um distanciamento de informações escritas tantos dos alunos do Max quanto das famílias das classes C e D. Livros, revistas e jornais não fazem parte do acesso à informação para estes grupos sociais. A televisão e o rádio são os principais meios de acesso à informação, indicando a pouca familiaridade destes alunos e famílias com o letramento. Já as famílias da classe B e os alunos do Oswald, para além da televisão (o rádio não é importante), também acessam jornais, revistas e livros, incluindo edições em língua estrangeira como inglês e espanhol. É importante mencionar a influência da televisão no conteúdo acessado. Para as famílias da classe D, a influência é média porque o interesse está no uso do Messenger e do Orkut para comunicação com parentes (seria um uso do computador relativamente limitado). Mas a televisão influencia a busca por informações sobre programas de televisão. Já para as famílias da classe C e para os alunos do Max, a televisão tem influência grande, indicando quais conteúdos são acessados, geralmente relacionados à novela, futebol e música. Para as famílias da classe B e para os alunos do Oswald, a televisão já não tem o peso que tem para as famílias das classes C e D e para os alunos do Max, pois os primeiros acessam diferentes mídias regularmente. A televisão tem influência nos conteúdos relacionados a novela e futebol.

A informação digital apresenta a variabilidade dos conteúdos acessados, a qual aumenta das famílias da classe D e alunos do Max para as famílias da classe B e alunos do Oswald. As famílias da classe D concentram sua busca de conteúdo em informações relacionadas à programação da televisão (novela e futebol) e, eventualmente, buscam conteúdo no youtube.com. As famílias da classe C e os alunos do Max acessam conteúdos relacionados a futebol, novela, música (principalmente no youtube.com), empregos e serviços do governo. Eventualmente procuram notícias em portais como o UOL. Entre as famílias da classe B e alunos do Oswald, para além do conteúdo relacionado a futebol e a novelas, são acessados *websites* de receitas e de *chefs* famosos, informações sobre turismo, compra de tickets de avião, compra de tickets para shows, compra de livros, informações sobre agenda cultural da cidade, informações sobre trânsito e restaurantes, etc. Ademais, não raro acessam conteúdos em língua estrangeira,

algo que não acontece nos demais grupos sociais entrevistados. Os diferentes conteúdos acessados refletem os diferentes estilos de vida e são marcadores de classe: "A aversão pelos estilos de vida diferentes é, sem dúvida, uma das mais fortes barreiras entre as classes." (Bourdieu, 2008, p. 57).

A comunicação via voz é preponderante nas famílias da classe D. Elas usam pouca comunicação de dados (escrita) evidenciando sua pouca familiaridade com a cultura letrada. A rede social mais usada é o Orkut. As famílias da classe C e alunos do Max usam a comunicação escrita principalmente via Messenger e Orkut. O *e-mail* é pouco usado, pois é visto como algo formal e que exige uma capacidade de escrever estruturadamente. Eles preferem o uso de mensagens curtas, de cunho informal e que possam ser trocadas com várias pessoas ao mesmo tempo. A rede social mais usada é o Orkut, embora esta pesquisa tenha detectado o início de uma migração para outras redes sociais como Twitter e Facebook em 2011. As famílias da classe B e os alunos do Oswald usam a comunicação escrita via Messenger, Orkut, Skype, Twitter e aplicativos para *e-mail*. Pelos mesmos motivos das famílias da classe B e alunos do Max, eles preferem a comunicação escrita via Messenger, mas não se sentem desconfortáveis em escrever *e-mails*, os quais são usados em situações mais formais como um *e-mail* para alguma instituição, ou mais pessoas, como escrever para o namorado(a). As redes socias usadas são Orkut, Facebook, Twitter e, eventualmente, o MySpace.

As redes sociais são importantes como atividades realizadas na internet, que expressam de modo exemplar a dinâmica da distinção social. As famílias das classes C e D e os alunos do Max usam frequentemente o Orkut. Mas a migração em massa destes grupos sociais para outras redes sociais como Facebook e Twitter é uma realidade. A classe B e os alunos do Oswald não veem esta migração com bons olhos pois o Facebook e Twitter para eles são lugares onde podem encontrar os pares, seus iguais, unidos pelo sentimento de exclusividade e distinção; onde não têm que encontrar os outros, desiguais, que com sua presença desvalorizam o lugar: a hierarquia social não encontra barreiras para se reproduzir na realidade virtual. Assim constata-se que a tecnologia da informação, conforme observada nos parâmetros desta pesquisa, é fluida. Ela circula entre as estruturas sociais e não as modifica, necessariamente. Então, o discurso que promove as tecnologias da informação como forças de transformação das estruturas sociais e como forças redutoras das desigualdades sociais não encontra ressonância na comparação dos modos de uso dos membros dos diferentes grupos sociais investigados para esta pesquisa.

Para uma agenda de pesquisa

Existem várias questões que este estudo não pode aprofundar, embora tenha colocado em perspectiva algumas possíveis respostas. Foram difíceis as decisões tomadas a respeito do que deveria entrar na pesquisa ou o que a pesquisa deveria aprofundar, já que as tecnologias da informação e comunicação apresentam uma miríade de áreas a serem exploradas e nunca foi intenção deste trabalho cobrir todos os campos das ICTs. Desta maneira, este estudo entende que algumas áreas merecem maiores investigações.

A primeira delas seria uma observação mais detalhada e comparativa da produção de conteúdo por diferentes grupos sociais. A análise de *e-mails*, trocas de mensagens via Messenger, Orkut, Facebook, Skype e Twitter, postagem de fotos e vídeos no Orkut, Facebook, Twitter e youtube.com e trabalhos escolares feitos em colaboração seriam um terreno fértil para utilizar os conceitos da teoria dos campos de Bourdieu. Esta pesquisa teve acesso a esses conteúdos, mas uma análise detalhada requereria um maior número de interações com os membros dos grupos sociais, além de uma abordagem específica com os membros das famílias, com foco na coleta de informações sobre os conteúdos produzidos. Ademais, esta análise detalhada teria maior efeito se colocada na perspectiva temporal, para averiguar a evolução dos conteúdos produzidos em termos de, por exemplo, extensão, variabilidade de temas e pessoas contactadas para compartilhar ou colaborar na preparação desses conteúdos. Aliás, o próprio tema da colaboração não foi explorado em profundidade devido à baixíssima produção de conteúdos preparados de maneira colaborativa pelos membros das famílias e alunos estudados.

Outro item que poderia ser melhor explorado seria o dos *games*. Eles têm uma participação importante como entretenimento no uso do computador, principalmente entre adolescentes e crianças. Esta pesquisa não evolui no sentido de trabalhar com o tema dos *games* porque entende que esta área de estudos – a qual envolve consoles, *games online* (colaborativos ou não), ou *games* gravados no próprio computador e as respectivas interações entre eles – é bastante ampla e qualquer tentativa de exploração exigiria uma participação na pesquisa muito grande. Então, foram privilegiados outros itens, como uso de redes sociais, em detrimento dos *games*.

Esta pesquisa constatou que a variabilidade de uso de aplicativos e acesso a conteúdos é crescente, sendo maior nas famílias da classe B e alunos do Oswald comparativamente às

famílias da classe D e alunos do Max. Mas esta constatação traz questionamentos como a) o tempo dedicado a cada um dos aplicativos e conteúdos acessados, b) a intensidade de uso dos aplicativos (por exemplo, o número e o tamanho de mensagens trocadas entre uma pessoa ou determinado grupo de pessoas ou a participação em determinados grupos de discussão em período específico de tempo) e, c) o compartilhamento dos conteúdos acessados via *e-mail*, redes sociais, celulares (via voz ou SMS) e pessoalmente.

As interações entre computador e telefone fixo e celulares poderiam também ser melhor exploradas. Exemplos de áreas que mereceriam maior investigação seriam a) quando usar o computador em detrimento do celular ou telefone fixo, b) o compartilhamento de informações via SMS, como mensagens enviadas para celulares via Skype e, c) no futuro, conforme a penetração de smartphones aumente, a interação entre computadores e estes *gadgets*.

Embora atualmente os alunos do ensino fundamental estejam inseridos nas turmas que têm aula nos laboratórios de informática, seria interessante saber como acontece a evolução do uso dos aplicativos de produtividade e se realmente estas aulas têm alguma influência (se sim, qual?) no uso domiciliar do computador ou até mesmo no conteúdo produzido e acessado.

No futuro, seria interessante acompanhar a evolução da penetração e do uso dos tablets tanto nas residências quanto nas escolas, em detrimento do uso do computador tanto *desktop* quanto *notebook*. A indústria de ICT já vem fazendo um esforço de introdução e disseminação do uso de tablets em escolas, principalmente em países de primeiro mundo[134]. Recentemente, o governo brasileiro revelou ter planos de comprar tablets (produzidos localmente, com incentivos produtivos e fiscais) para serem distribuídos em escolas públicas de todo o país[135].

Alguns pesquisadores das ICTs vêm debatendo sobre se vivemos atualmente a "era pós-pc", onde existe a possibilidade de os computadores *desktop* ou *notebook* se tornarem produtos defasados, dando espaço aos tablets[136]. Se esta possibilidade se tornar realidade e os tablets seguirem o mesmo caminho de penetração dos computadores, ou seja, das classes mais

---

[134] "State schools left behind in iPad revolution", 10 de janeiro de 2011. http://www.guardian.co.uk/education/2011/jan/10/ipad-state-schools-funding-cuts (Acessado em 29 de agosto de 2011).

[135] "MEC vai distribuir tablets para escolas públicas em 2012, diz ministro", 2 de setembro de 2011. http://www1.folha.uol.com.br/saber/969111-mec-vai-distribuir-tablets-para-escolas-publicas-em-2012-diz-ministro.shtml (Acessado dia 2 de setembro de 2011).

[136] "IBM: 'PCs going the way of the typewriter'", 12 de agosto de 2011. http://www.independent.ie/business/technology/ibm-pcs-going-the-way-of-the-typewriter-2846624.html. (Acessado em 12 de agosto de 2011).

privilegiadas para as menos privilegiadas, um estudo no futuro sobre os modos de uso de tablets em residências das classes menos privilegiadas seria interessante para observar, apesar das gerações mais novas estarem cada vez mais acostumadas às ICTs, quais barreiras impostas pela desigualdade digital (novas ou antigas) se impõem às classes menos privilegiadas.

Referências bibliográficas

ATLAS 2009. *Atlas Brasileiro de Telecomunicações*: toda infra-estrutura de telecom no país; telefonia fixa, celular, banda larga, TV por assinatura, satélites, redes metropolitanas, backbones. São Paulo: Teletime. 2009.

ARGYLE, M. & HENDERSON, M. The rules of relationship. In: DUCK, S. & PERLMAN, D. *Understanding personal relationships*: an interdisciplinary approach. 1ª ed. London: Sage Publishers, 1985.

ASSUMPÇÃO, R. & MORI, C. *Inclusão digital*: discursos, práticas e um longo caminho a percorrer. Paper preparado para o *website* Observatório Nacional da Inclusão Digital (ONID). 2006. http://referencias.onid.org.br/materiais/5/. (Acessado em 5 de outubro de 2009).

BIJKER, W. E. & LAW, J. *Shaping technology/building society*: studies in sociotechnical change. 1ª ed. Baskerville: The MIT Press, 1992.

BONNEWITZ, P. *Pierre Bourdieu, vie, oeuvres, concepts*. Paris: Ellipses Éditions Marketing, 2002.

_____. *Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu*. 2ª edição. São Paulo: Editora Vozes, 2005.

BOURDIEU, P. *Question de sociologie*. Paris: Les éditions de minuit, 1984.

_____. *Chose dites. Paris: Les éditions de minuit*, 1987.

_____. *Meditações Pascalianas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. *Outline of a theory of practice*. 16ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

_____. *O poder simbólico*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. *A distinção* – crítica social do julgamento. 1ª reimpr. São Paulo: Edusp, Porto Alegre: Editora Zouk, 2008.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. 6ª ed. 2ª reimpr. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.

_____. *Razões práticas* – sobre a teoria da ação. 10ª ed. Campinas: Editora Papirus, 2010.

BRODIE, M., FLOURNOY. R. E., ALTMAN, D. E., BENSON, J. M., & ROSENBAUN, M. Health information, the internet and the digital divide. *Health Affairs*, vol. 19, 2000. pp 255-265.

CHEN, W. & WELLMAN, B. The global digital divide – within and between countries. *IT&Society*, vol. 1, n. 7, 2004. pp 39-45.

CHEN, W., BOASE, J. & WELLMAN, B. The global villagers – comparing internet users and uses around the world. In: WELLMAN, B. & HAYTHORNTHWAITE, C. *The internet in everyday life*. 1ª ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2002. pp 74-113.

DIMAGGIO, P., HARGITTAI, E., NEUMAN, W.R. & ROBINSON, J. P. Social implication of the internet. *Annual Review of Sociology*, vol. 27, 2001. pp 307-336.

DIMAGGIO, P., HARGITTAI, E. & ROBINSON, J. P. New social survey perspectives on the digital divide. *IT & Society*, Ed. 5, vol. 1, 2003. pp 1-22.

DIMAGGIO, P. & HARGITTAI, E. *From the 'digital divide' to 'digital inequality'*: studying internet use as penetration increases. Working Paper Series, n. 15, 2001. (http://www.princeton.edu/~artspol/workpap15.html) (Acessado em 10 de setembro de 2009).

DOUGLAS, M. & ISHERWOOD, B. *The world of goods* – Towards an anthropology of consumption. 1ª ed. Abingdon: Routledge Publishers, 1996.

DUBET, F. *Le sociologue de l'éducation*. Magazine Lettéraire, n. 369, 1998. pp 45-47.

FUKUI, L. Família: conceitos, transformações nas últimas décadas e paradigmas. In: SILVA, L. A. P., STANISCI, S. A., BACHETTO, S. & MPAS/SAS. *Famílias: aspectos conceituais e questões metodológicas em projetos*. São Paulo: Fundap, 1998. pp 15-22.

GARCIA, S. G. *Uma perspectiva sociológica de abordagem transversal das relações entre ciência, tecnologia e sociedade contemporânea*. São Paulo. 2011.

GOLDANI, A. M. A demografia "formal"da família: técnicas e dados censitários. In: *Encontro nacional de estudos populacionais*. Anais, vol. 3, 1984. pp 1257-1296.

HOFFMAN, D. L. & NOVAK, T. P. Bridging the racial divide on the internet. *Science Magazine*, vol. 280, n. 5362, 1998. pp 390-391. http://collections.lib.uwm.edu/cipr/image/148.pdf. (Acessado em 11 de maio de 2011).

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2000*. Famílias e Domicílios. Resultados da Amostra. Notas metodológicas. 2000. http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/familias/notas.pdf. (Acessado em 20 de junho de 2009).

KATZ, J. E., RICE, R. E. & ASPDEN, P. The internet, 1995-2000: access, civic involvement and social interaction. *American Behavioral Scientist*, vol. 45, 2001. pp 405-419.

KRUEGER, A. B. How computers have changed the wage structure: evidence from micro data. *Quarterly Journal of Economics*, vol. 108, n. 1, 1993. pp 33-60.

MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Série Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1978.

MICELI, S. Introdução: a força do sentido. In: BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas.* 6ª ed, 2ª reimpr. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.

NASCIMENTO, A. M. *População e família brasileira: ontem e hoje*. Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP. Caxambú. 2006.

MEDEIRO, M., OSORIO, R. G. & VARELLA, S. *O levantamento de informações sobre as famílias nas PNADs de 1992 a 1999*. IPEA. Texto para discussão número 860. 2004. http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_0886.pdf. (Acessado em 14 abril de 2009).

NORRIS, P. *Digital divide*: civic engagement, information poverty and the internet worldwide. 1ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

NIE, N. H., HILLYGUS, D. S. & ERBRING, L. Internet use, interpersonal relations and sociability – a time diary study. In: WELLMAN, B. & HAYTHORNTHWAITE, C. *The internet in everyday life*. 1ª ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2002. pp 215-243.

RAUD, C. Bourdieu e a nova sociologia econômica. *Tempo Social* - revista de sociologia da USP. vol. 19, n. 2, 2006. pp 203-232. (Google Docs v19n2a08) (Acessado em 15 de dezembro de 2010).

THIRY-CHERQUES, H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. *Revista de Administração Pública*, vol. 40, n. 1, 2006.

SCHMIDT, A., BEIGL, M., GELLERSEN, H. There is more to context than location. *Computers & Graphics*, vol. 23, n. 6, 1999. pp 893-901.

SORJ, B. *brasil@povo.com* - a luta contra a desigualdade na sociedade da informação. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, Brasília: Unesco, 2003.

VAN DE VEN, A. H. Suggestions for studying the strategy process: a research note. *Strategic Management Journal*, vol. 13, 1992. pp 169-188.

VANDENBERGUE, F. The real is relational: an epistemological analysis of Pierre Bourdieu's generative structuralism. *Sociological Theory*, vol. 17, n. 1, 1999. pp 32-67.

WAISELFISZ, J. J. *Mapa das desigualdades digitais no Brasil*. Rede de Informação Tecnológica Latinoamericana, Instituto Sangari. 1ª ed. Ministério da Educação (MEC). 2007.

WELLMAN, B. & HAYTHORNTHWAITE, C. Introduction. In: WELLMAN, B. & HAYTHORNTHWAITE, C. *The internet in everyday life*. 1ª ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2002. pp 4-41.

WORSLEY, L. *If walls could talk* – an intimate history of the home. 1ª ed. London: Faber and Faber, 2011.

Imprensa

AGÊNCIA BRASIL. *MEC vai distribuir tablets para escolas públicas em 2012, diz ministro.* www.folha.com.br. 2 de setembro de 2011.

CAMPI, M. *Brasil já é o quinto no mundo em número de PCs vendidos.* www.pcworld.com.br. 10 de abril de 2008.

CARPANEZ, J. *"Computador Para Todos" exclui iniciativas de alfabetização digital.* www.folha.com.br. 19 de julho de 2005.

CAMPANERUT, C. *Plano de Banda Larga prevê R$ 3,2 bilhões para a Telebrás.* www.tecnologia.uol.com.br. 5 de maio de 2010.

DOMINGOS, R. e CARPANEZ, J. *Banda larga clandestina substitui lan houses na periferia de SP.* www.g1.globo.com. 17 de junho de 2009.

EQUIPE FOLHA ONLINE. *Inclusão digital está sintonizada com esforços sociais, diz ministro.* www.folha.com.br. 26 de dezembro de 2004.

_____. *Lula diz que computador deixou de ser coisa de rico no Brasil*. 14 de maio de 2007.

EQUIPE TELESÍNTESE. *O Brasil, finalmente, acerta na política de semicondutores e tem chances reais de competir*. www.notícia.abinee.org.br. 9 de abril de 2010.

EQUIPE DE REDAÇÃO PORTAL TERRA. *Saiba mais sobre o Programa PC para Todos*. www.tecnologia.terra.com.br. Data não especificada.

EQUIPE DE REDAÇÃO PORTAL ÚLTIMO SEGUNDO. *Venda de computadores no Brasil cresce 46% em 2006*. www.ultimosegundo.ig.com.br. 7 de fevereiro de 2007.

GONÇALVES, G. FGV: *29 milhões de brasileiros entraram na classe média*. www.exame.com.br. 10 de setembro de 2010.

LEARNER, S. *State schools left behind in iPad revolution*. http://www.guardian.co.uk/education/2011/jan/10/ipad-state-schools-funding-cuts. 10 de janeiro de 2011.

MENEZES, S. *Camex reduz imposto de importação de peças de computador*. www.mdic.gov.br/notícias. 28 de novembro de 2002.

MITRA, S. *Give them a laptop and a group of pupils will teach themselves*. www.guardian.co.uk. 18 de outubro de 2010.

REUTERS. *Cofundador da Apple diz que computadores podem ensinar crianças*. www.folha.com.br. 4 de maio de 2011.

SÁ, S. de. *Consumo de bens não duráveis expande em 2009*. www.mundodomarketing.com.br. 3 de março de 2010.

WARMAN, M. IBM: *'PCs going the way of the typewriter'*. http://www.independent.ie. 12 de agosto de 2011.

ZMOGINSKI, F. *Programa PC para Todos é prorrogado até 2008*. www.info.abril.com.br. 15 de janeiro de 2007.

Websites acessados (datas referem-se ao primeiro acesso)

A+ Recrutamento – www.amaisrecrutamento.com.br (Acessado em 1 de junho de 2009).

Agência Nacional de Telecomunicações – www.anatel.gov.br (Acessado em 15 de abril de 2010).

Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica – www.abinee.org.br (Acessado em 15 de abril de 2010).

Banco Central do Brasil – www.bcb.gov.br (Acessado em 16 de abril de 2010).

Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES) - www.bndes.gov.br (Acessado em 21 de abril de 2010).

Casas Bahia – www.casasbahia.com.br (Acessado em 15 de abril de 2010).

Centros de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação (CETIC) – www.cetic.br (Acessado em 18 de setembro de 2009).

Colégio Oswald de Andrade – www.colegiooswald.com.br (Acessado em 20 de agosto de 2009).

Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI) – www.cgi.br (Acessado em 16 de abril de 2010).

Comscore Consultoria Digital – www.comscore.com.br (Acessado em 16 de agosto de 2010).

Data Popular – www.datapopular.com.br (Acessado em 16 de abril de 2010).

Fabricante de computadores Apple - www.store.apple.com.

Fundação Getúlio Vargas (FGV) – www.fgv.br (Acessado em 25 de abril de 2010).

Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) – www.fipe.org.br (Acessado em 15 de abril de 2010).

Games online - www.gamenet.com/ ou www.miniclip.com/games/br.

Gartner – www.gartner.com (Acessado em 15 de abril de 2010).

Grupo Ibope – www.ibope.com.br (Acessado em 17 de abril de 2010).

Guardian – www.guardian.co.uk (Acessado em 7 de junho de 2011).

Informações sobre emprego e benefícios do governo - www.salariominimo.net (Acessado em 26 de abril de 2010).

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – www.ibge.gov.br (Acessado em 25 de abril de 2010).

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) – www.inep.gov.br (Acessado em 26 de abril de 2010).

Instituto Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) – www.ipea.gov.br (Acessado em 25 de abril de 2010).

International Communication Union (ITU) – www.itu.int (Acessado em 20 de abril de 2010).

International Data Corporation (IDC) – www.idc.com (Acessado em 15 de abril de 2010).

Internet Society (IS) – www.isoc.org (Acessado em 20 de maio de 2011).

Jornal Folha de S. Paulo – www.folha.com.br (Acessado em 15 de maio de 2011).

Jornal The Guardian – www.guardian.co.uk (Acessado em 20 de maio de 2011).

Jornal Independent - www.independent.ie (Acessado em 12 de agosto de 2011).

Kantar Worldpanel – www.kantar.com (Acessado em 16 de abril de 2010).

Metanálise Inteligência de Mercado – www.metanalise.com.br (Acessado em 16 de agosto de 2010).

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – www.mdic.gov.br (Acessado em 15 de abril de 2010).

Mundo do Marketing – www.mundodomarketing.com.br (Acessado em 15 de abril de 2010).

Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR – www.nic.br (Acessado em 16 de abril de 2010).

O Globo – www.g1.globo.com (Acessado em 20 de setembro de 2009).

Observatório Nacional da Inclusão Digital (ONID) – www.onid.org.br (Acessado em 18 de setembro de 2009).

PC World Magazine – www.pcworld.com.br (Acessado em 10 de outubro de 2009).

Portal de notícias Último Segundo - www.ultimosegundo.ig.com.br (Acessado em 14 de abril de 2010).

Portal Inclusão Digital – www.inclusãodigital.gov.br (Acessado em 14 de abril de 2010).

Portal Terra – www.terra.com.br (Acessado em 21 de abril de 2010).

Princeton University - www.princeton.edu (Acessado em 10 de setembro de 2009).

Projeto Cidade Escola Aprendiz - www.cidadeescolaaprendiz.org.br (Acessado em 1 de setembro de 2009).

Revista Exame – www.exame.abril.com.br (Acessado em 18 de maio de 2011).

Revista Info – www.info.abril.com.br (Acessado em 21 de abril de 2010).

Serasa Experian – www.serasaexperian.com.br (Acessado em em 28 de abril de 2010).

To Be Guarany – www.tobeguarany.com (Acessado em 3 de maio de 2010).

Último Segundo - http://ultimosegundo.ig.com.br (Acessado em 14 de abril de 2010).

Universo Online – www.uol.com.br (Acessado em 20 de outubro de 2009).

Youpix – www.youpix.com.br (Acessado em 7 de junho de 2011).

Websites de apoio

American Sociological Review – www.asanet.org/journals.

Association of Internet Researchers – www.aoir.org.

Google Scholar - www.scholar.google.co.uk.

IT & Society – www.itandsociety.org.

Jstor – www.jstor.org.

National Telecommunications and Information Administration (NTIA) – www.ntia.doc.gov.

Sage Publications - www.sagepub.com.

Scielo – www.scielo.br.

Science Magazine – www.sciencemag.org.

Springer – www.springer.com.

Webnographer - www.webnographer.com.

Anexo I: Tabelas

Tabela A1 – Total de questionários inutilizados			
Escola	Alunos Com Computador em Casa	Alunos Sem Computador em Casa	Total de Questionários
Max	5 (71.4%)	3 (100%)	8 (80%)
Oswald	2 (28.6%)	0 (0%)	2 (20%)
Total de Questionários	7 (100%)	3 (100%)	10 (100%)

Tabela A2 - Tempo gasto por semana usando a internet em casa (em horas)									
		TOTAL	Escola		Tem PC?	Escola com PC		Gênero	
			Oswald	Max	Sim	Oswald	Max	Masculino	Feminino
Base: Total		144	83	61	144	83	61	71	73
	% col	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%
	% lin	100.00%	57.60%	42.40%	100.00%	57.60%	42.40%	49.30%	50.70%
2 a 9 horas		25	15	10	25	15	10	7	18
	% col	17.40%	18.10%	16.40%	17.40%	18.10%	16.40%	9.90%	24.70%
	% lin	100.00%	60.00%	40.00%	100.00%	60.00%	40.00%	28.00%	72.00%
10 a 15 horas		51	30	21	51	30	21	28	23
	% col	35.40%	36.10%	34.40%	35.40%	36.10%	34.40%	39.40%	31.50%
	% lin	100.00%	58.80%	41.20%	100.00%	58.80%	41.20%	54.90%	45.10%
16 a 20 horas		22	8	14	22	8	14	13	9
	% col	15.30%	9.60%	23.00%	15.30%	9.60%	23.00%	18.30%	12.30%
	% lin	100.00%	36.40%	63.60%	100.00%	36.40%	63.60%	59.10%	40.90%
21 a 30 horas		34	20	14	34	20	14	16	18
	% col	23.60%	24.10%	23.00%	23.60%	24.10%	23.00%	22.50%	24.70%
	% lin	100.00%	58.80%	41.20%	100.00%	58.80%	41.20%	47.10%	52.90%
Mais de 30 horas		12	10	2	12	10	2	7	5
	% col	8.30%	12.00%	3.30%	8.30%	12.00%	3.30%	9.90%	6.80%
	% lin	100.00%	83.30%	16.70%	100.00%	83.30%	16.70%	58.30%	41.70%
Média		17.7	18.9	16.1	17.7	18.9	16.1	18.7	16.7

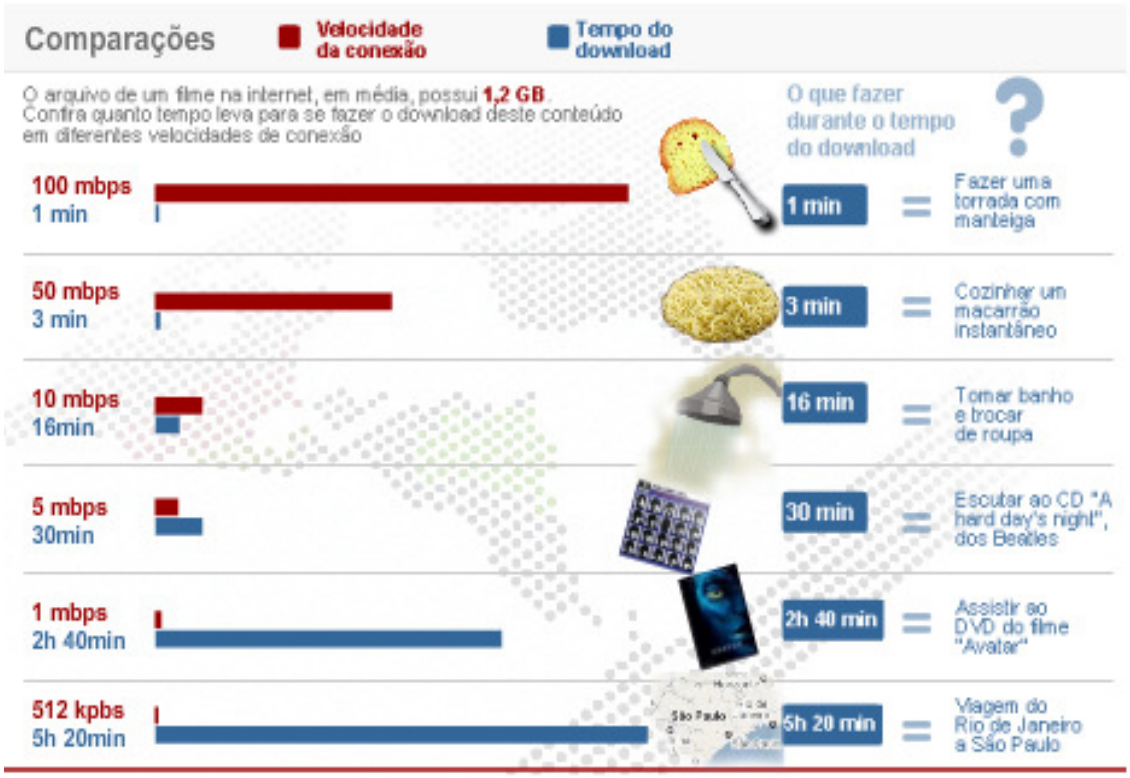
Tabela A3 - Número de *notebooks* instalados no domicílio									
		TOTAL	Tipo de escola		Tem PC?	Escola com PC		Gênero	
			Oswald	Max	Sim	Oswald	Max	Masculino	Feminino
Base: Total		144	83	61	144	83	61	71	73
	% col	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%
	% lin	100.00%	57.60%	42.40%	100.00%	57.60%	42.40%	49.30%	50.70%
0		63	14	49	63	14	49	35	28
	% col	43.80%	16.90%	80.30%	43.80%	16.90%	80.30%	49.30%	38.40%
	% lin	100.00%	22.20%	77.80%	100.00%	22.20%	77.80%	55.60%	44.40%
1		39	29	10	39	29	10	15	24
	% col	27.10%	34.90%	16.40%	27.10%	34.90%	16.40%	21.10%	32.90%
	% lin	100.00%	74.40%	25.60%	100.00%	74.40%	25.60%	38.50%	61.50%
2		24	22	2	24	22	2	10	14
	% col	16.70%	26.50%	3.30%	16.70%	26.50%	3.30%	14.10%	19.20%
	% lin	100.00%	91.70%	8.30%	100.00%	91.70%	8.30%	41.70%	58.30%
3		15	15	0	15	15	0	10	5
	% col	10.40%	18.10%	0.00%	10.40%	18.10%	0.00%	14.10%	6.80%
	% lin	100.00%	100.00%	0.00%	100.00%	100.00%	0.00%	66.70%	33.30%
4		1	1	0	1	1	0	1	0
	% col	0.70%	1.20%	0.00%	0.70%	1.20%	0.00%	1.40%	0.00%
	% lin	100.00%	100.00%	0.00%	100.00%	100.00%	0.00%	100.00%	0.00%
5		2	2	0	2	2	0	0	2
	% col	1.40%	2.40%	0.00%	1.40%	2.40%	0.00%	0.00%	2.70%
	% lin	100.00%	100.00%	0.00%	100.00%	100.00%	0.00%	0.00%	100.00%
Média		1	1.6	0.2	1	1.6	0.2	1	1.1

Tabela A4 - Número de computadores *desktop* instalados no domicílio									
		TOTAL	Escola		Tem PC?	Escola com PC		Gênero	
			Oswald	Max	Sim	Oswald	Max	Masculino	Feminino
Base: Total		144	83	61	144	83	61	71	73
	% col	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%
	% lin	100.00%	57.60%	42.40%	100.00%	57.60%	42.40%	49.30%	50.70%
0		17	10	7	17	10	7	7	10
	% col	11.80%	12.00%	11.50%	11.80%	12.00%	11.50%	9.90%	13.70%
	% lin	100.00%	58.80%	41.20%	100.00%	58.80%	41.20%	41.20%	58.80%
1		90	39	51	90	39	51	45	45
	% col	62.50%	47.00%	83.60%	62.50%	47.00%	83.60%	63.40%	61.60%
	% lin	100.00%	43.30%	56.70%	100.00%	43.30%	56.70%	50.00%	50.00%
2		32	29	3	32	29	3	15	17
	% col	22.20%	34.90%	4.90%	22.20%	34.90%	4.90%	21.10%	23.30%
	% lin	100.00%	90.60%	9.40%	100.00%	90.60%	9.40%	46.90%	53.10%
3		4	4	0	4	4	0	3	1
	% col	2.80%	4.80%	0.00%	2.80%	4.80%	0.00%	4.20%	1.40%
	% lin	100.00%	100.00%	0.00%	100.00%	100.00%	0.00%	75.00%	25.00%
4		1	1	0	1	1	0	1	0
	% col	0.70%	1.20%	0.00%	0.70%	1.20%	0.00%	1.40%	0.00%
	% lin	100.00%	100.00%	0.00%	100.00%	100.00%	0.00%	100.00%	0.00%
Média		1.2	1.4	0.9	1.2	1.4	0.9	1.2	1.1

Tabela A5 - Categorias de pessoas que compartilham o computador				
		TOTAL	Escola	
			Oswald	Max
Base: Mais alguém usa o PC		100	49	51
	% col	100%	100%	100%
	% lin	100%	49.0%	51.0%
Amigos		1	1	0
	% col	1.00%	2.0%	0.0%
	% lin	100%	100%	100%
Irmã		30	11	19
	% col	30.0%	22.4%	37.3%
	% lin	100%	36.7%	63.3%
Irmão		40	15	25
	% col	40.0%	30.6%	49.0%
	% lin	100%	37.5%	62.5%
Mãe		45	27	18
	% col	45.0%	55.1%	35.3%
	% lin	100%	60.00%	40.00%
Pai		36	15	21
	% col	36.0%	30.6%	41.2%
	% lin	100%	41.7%	58.3%
Prima		3	2	1
	% col	3.0%	4.1%	2.0%
	% lin	100%	66.7%	33.3%
Primo		4	1	3
	% col	4.0%	2.0%	5.9%
	% lin	100%	25.0%	75.0%
Tio		2	1	1
	% col	2.0%	2.0%	2.0%
	% lin	100%	50.0%	50.0%
Tia		3	1	2
	% col	3.0%	2.0%	3.9%
	% lin	100%	33.3%	66.7%
Madrasta		1	1	0
	% col	1.0%	2.0%	0.0%
	% lin	100%	100%	100%

Anexo II: Informações adicionais

Figura 7 – Sobre a velocidade da banda larga - o que se pode fazercom o tempo para baixar um filme de 1.2GB?

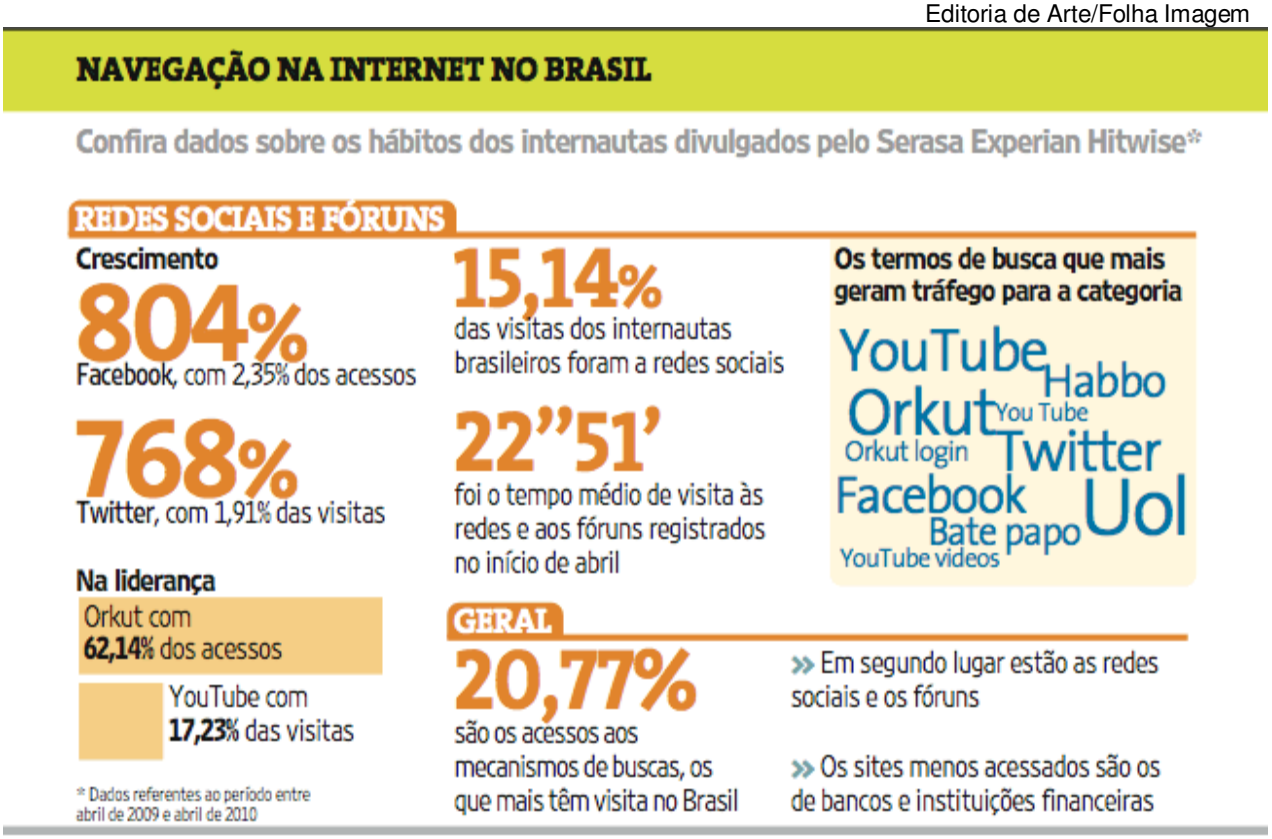


Fonte: "Compare a banda larga brasileira com a do resto do mundo". http://g1.globo.com/tecnologia-e-games/noticia/2010/05/compare-banda-larga-brasileira-com-do-resto-do-mundo.html (Acessado em 9 de maio de 2010).

A Figura 7 acima ilustra o impacto da velocidade da internet na experiência de acesso dos usuários. Fica claro que aqueles que podem pagar por mais velocidade, têm uma experiência mais rica, podendo fazer uma mesma atividade na internet em um menor tempo do que aqueles que não podem pagar por velocidades altas de conexão. Este fato pode ter diversos impactos na experiência de uso - menor tempo de acesso, menor volume e diversidade de conteúdos acessados e menor tempo (ou até impossibilidade) de usar aplicativos de comunicação *online* como skype.

Figura 8 – Sobre a navegação na internet no Brasil – a importância do Orkut

Editoria de Arte/Folha Imagem



Fonte: "Facebook e Twitter crescem nas redes sociais; Orkut continua líder". http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u726772.shtml (Acessado em 28 de abril de 2010).

Anexo III: Instrumentos de coleta de informações - guia de entrevista e questionários

Questionário de seleção de famílias

Universidade de São Paulo
Departamento de Sociologia

Pesquisa sobre uso de computadores domiciliares na cidade de São Paulo.

1- Instruções Gerais e Recomendações Para os Entrevistadores:

Objetivo do projeto

Entender o uso de computadores em domicílios na cidade de São Paulo.

Patrocínio do projeto

O projeto é parte de uma dissertação de mestrado do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP).

Incentivos

Serão diferenciados por família/residência.

Sigilo

Todas as informações serão usadas de maneira agregada, e sem menção de qualquer informação que possa identificar a família ou qualquer membro dela.

Como a pesquisa será feita

1- Seleção via telefone (com uso deste questionário).
2- Entrevista por telefone (no máximo cinco minutos) para entender se a dinâmica de uso do computador está dentro do esperado pela pesquisa (horários de uso do PC, número de pessoas que compartilham o PC, horários de convívio familiar etc.).
3- Caso a família esteja dentro do perfil, serão realizadas visitas pessoais (pelo pesquisador da USP) às famílias.
4- Preferencialmente, as visitas acontecerão quando os moradores estejam reunidos em casa (finais de semana, durante a noite nos dias úteis). As visitas terão duração de duas horas a cada quinze dias (total entre quatro e cinco visitas).
5- Um dos membros da família será eleito como ponto de contato principal para o projeto e será responsável por coletar e compartilhar dados.
6- Algumas tarefas poderão ser requeridas de um ou mais membros da família como preenchimento de questionários ou formulários.
7- Serão oferecidos incentivos que vão desde o pagamento de conexão à banda larga ou ajuda na conta de telefone, até mesmo *softwares* (como *games*), dependendo do caso.
8- Dar prioridade para seleção às famílias 1,2 e 4.

Família ideal (apenas para referência)

Pai, mãe e filhos (de preferência o número de filhos deve ser igual ou acima de dois, com mistura entre masculino e feminino). Agregados como avós, tios, primos (parentes em geral), amigos etc. também podem morar na casa.

Perfil das famílias a serem visitadas

A- Características necessárias e comuns a todas as famílias:

- Ter comprado ou ganho o computador em uso (*desktop* ou *notebook*) e instalado este computador entre um e dois anos atrás
- O computador deve ser usado por dois ou mais integrantes da família (familiares, vizinhos e amigos podem usar) diariamente ou pelo menos duas vezes por semana
- Residência nos seguintes bairros (Pinheiros, Lapa, Vila Leopoldina, Perdizes, Pompéia, Barra Funda, Jd. Bonfiglioli, Butantã, Rio Pequeno, Jaguaré, Parque Continental)
- Renda familiar mensal entre R$1.000 e R$3.000
- Dependentes devem ter estudado (pelo menos três anos) ou estarem estudando em escola pública
- Número de membros: acima de três, sendo um ou dois chefes familiares + dois (ou mais) dependentes + agregados (se houver)

B- Características necessárias e diferenciadoras entre as famílias:

Importante: atentar para as faixas de idade entre responsáveis e dependentes + conexão ou não à internet e respectivos incentivos, conforme descrito abaixo:

Família 1

Faixa de idade dos responsáveis (provavelmente pai e mãe):
Pai: entre 45 e 55 anos
Mãe: entre 45 e 55 anos

Faixa de idade dos dependentes (provavelmente filhos):
Filho 1: entre 25 e 30 anos
Filho 2: entre 25 e 30 anos
Filho 3: entre 25 e 30 anos

Diferença média entre responsáveis e dependentes: 23 anos.
Acesso à internet: necessário ter o computador com acesso banda larga (acima ou igual a 1MB).
Incentivo: Pagamento de R$30 para cada visita (duas visitas por mês, dois meses de projeto).

Família 2

Faixa de idade dos responsáveis (provavelmente pai e mãe):
Pai: entre 35 e 45 anos
Mãe: entre 35 e 45 anos

Faixa de idade dos dependentes (provavelmente filhos):
Filho 1: entre 15 e 20 anos
Filho 2: entre 15 e 20 anos
Filho 3: entre 15 e 20 anos

Diferença média entre responsáveis e dependentes: 22 anos.
Acesso à internet: Banda larga (acima ou igual a 1MB).
Incentivo: Pagamento de R$30 para cada visita (duas visitas por mês, dois meses de projeto).

Família 3

Faixa de idade dos responsáveis (provavelmente pai e mãe):
Pai: entre 35 e 45 anos
Mãe: entre 35 e 45 anos

Faixa de idade dos dependentes (provavelmente filhos):
Filho 1: entre 15 e 20 anos
Filho 2: entre 15 e 20 anos
Filho 3: entre 15 e 20 anos

Diferença média entre responsáveis e dependentes: 22 anos.
Acesso à internet: Acesso discado (telefone).
Incentivo: a) pagamento da banda larga pelo tempo que a pesquisa estiver sendo feita; alternativamente, b) R$30 para cada visita (duas visitas por mês, dois meses de projeto).

Família 4

Faixa de idade dos responsáveis (provavelmente pai e mãe):
Pai: entre 45 e 55 anos
Mãe: entre 45 e 55 anos

Faixa de idade dos dependentes (provavelmente filhos):
Filho 1: entre 15 e 20 anos
Filho 2: entre 15 e 20 anos
Filho 3: entre 15 e 20 anos

Diferença média entre responsáveis e dependentes: 32 anos.
Acesso à internet: Acesso discado (telefone).
Incentivo: Pagamento de R$30 para cada visita (duas visitas por mês, dois meses de projeto).

Prioridade da seleção

Ordem de preferência das famílias: [Entrevistador, dar **prioridade para famílias tipo 1, 2 e 4** durante a seleção.]

2- Questionário:

Screening

Bom Dia! Boa Tarde! Meu nome é _____. Estou ligando para selecionar famílias para participarem de uma pesquisa sobre uso de computadores na cidade de São Paulo, a ser realizada pela Universidade de São Paulo. Esta entrevista não demorará mais de cinco minutos.
Eu gostaria de falar com a pessoa responsável pelo domicílio e que tenha mais de 18 anos de idade. Esta pessoa é você?
( ) Sim. Qual o seu nome? _____
( ) Não. Você poderia chamar a pessoa responsável pelo domicílio?
[Entrevistador: caso a pessoa responsável pelo domicílio não esteja em casa, pedir para agendar um horário para continuar a entrevista]

Agendamento

Nome da pessoa: _____
Melhor dia para voltar a ligar: ___/____/2009
Melhor hora para voltar a ligar: ____h___

Informações a serem providas antes de se iniciar as perguntas de seleção

A pesquisa é parte de uma dissertação de mestrado desenvolvida no departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo. A maioria das informações serão tratadas de maneira a não identificar os entrevistados ou as famílias. Como incentivo, poderão ser pagos (durante o tempo da pesquisa) a conexão à internet das famílias. O projeto terá duração de dois meses a partir de agosto, com visitas à casa a cada 15 dias, preferencialmente, quando todos os membros da família estiverem juntos. As visitas terão entrevistas pessoais com cada membro da família ou com toda a família junta.

Perguntas Para Todas as Famílias

[Entrevistador:] Para começar, vou fazer algumas perguntas sobre a sua família:

1. Qual o número de pessoas que vive atualmente na casa? [Entrevistador, assinalar a resposta nos índices numéricos]

   1.1. De 1 a 3 pessoas (agradecer e encerrar)
   1.2. 4 pessoas
   1.3. 5 pessoas
   1.4. 6 pessoas
   1.5. 7 ou mais pessoas

2. Quantas, do total de pessoas que vivem atualmente na casa, usam (ou não) diariamente ou semanalmente o(s) computador(es) instalado(s) em sua casa?

Posição (Responsável 1 (pai ou mãe), Responsável 2 (pai ou mãe)), Dependentes (filhos, sobrinhos, avós, amigos etc.).	Sim= usa pelo menos duas vezes por semana o PC instalado em casa. Não = não usa o computador.	Idade (anos)	Tipo atual de conexão à internet (banda larga acima ou igual a 1MB ou acesso discado).
2.1			
2.2			
2.3			
2.4			
2.5			
2.6			
2.7			

[Entrevistador: Veja abaixo os cortes de idade para as quatro famílias. Em caso de não houver encaixe das faixas de idade, por favor agradecer e encerrar:]

Família 1	Família 2	Família 3	Família 4
Faixa de idade dos responsáveis:	Faixa de idade dos responsáveis:	Faixa de idade dos responsáveis:	Faixa de idade dos responsáveis:
Pai e Mãe: entre 45 e 55 anos	Pai e Mãe: entre 35 e 45 anos	Pai e Mãe: entre 35 e 45 anos	Pai e Mãe: entre 45 e 55 anos
Faixa de idade dos dependentes:	Faixa de idade dos dependentes:	Faixa de idade dos dependentes:	Faixa de idade dos dependentes:
Filhos entre 25 e 30 anos	Filhos entre 15 e 20 anos	Filhos entre 15 e 20 anos	Filhos entre 15 e 20 anos
Diferença média de idade: 23 anos.	Diferença média de idade: 22 anos.	Diferença média de idade: 22 anos.	Diferença média de idade: 32 anos.
Conexão à internet:	Conexão à internet:	Conexão à internet:	Conexão à internet:
Banda larga (acima ou igual a 1MB).	Banda larga (acima ou igual a 1MB).	Acesso discado (telefone).	Acesso discado (telefone).

3. Qual a faixa de renda familiar mensal em reais? [Entrevistador, assinalar a resposta nos índices numéricos]

   3.1. Abaixo de R$1.000 (agradecer e encerrar)
   3.2. De R$1.000 a R$1.500
   3.3. De R$1.501 a R$2.000
   3.4. De R$2.001 a R$2.500
   3.5. De R$2.501 a R$3.000
   3.6. Acima de R$3.000 (agradecer e encerrar)

4. Quantos computadores existem na casa? [Entrevistador, assinalar a resposta nos índices numéricos e a resposta numérica relativa ao número de computadores por tipo de computador]

   4.1. 1 computador
      4.1.1. *Notebook* ( ) [Entrevistador, assinalar a resposta numérica dada pelo entrevistado]
      4.1.2. *Desktop* ( ) [Entrevistador, assinalar a resposta numérica dada pelo entrevistado]
   4.2. 2 computadores
      4.2.1. *Notebook* ( ) [Entrevistador, assinalar a resposta numérica dada pelo entrevistado]
      4.2.2. *Desktop* ( ) [Entrevistador, assinalar a resposta numérica dada pelo entrevistado]
   4.3. 3 ou mais computadores (agradecer e encerrar)

5. O(s) computador(es) (ou o primeiro computador), foi comprado (ou foi ganho) e instalado em casa a:

   5.1 Menos de um ano (agradecer e encerrar)
   5.2 Entre um ano e dois anos
   5.3 Entre dois anos e três anos
   5.4 Mais de três anos (agradecer e encerrar)

6. Os dependentes usuários de computador com idade igual ou acima 12 anos:
   6.1 Estudam em escola pública
   6.2 Estudaram pelo menos três anos de sua vida escolar em escola pública
   6.3 Estudam em escola particular ou estudaram em escola particular mais de dois anos (agradecer e encerrar)

7. Qual o endereço de sua residência?

   7.1 Pinheiros
   7.2 Lapa
   7.3 Vila Leopoldina
   7.4 Perdizes
   7.5 Pompéia
   7.6 Barra Funda
   7.7 Jardim Bonfiglioli
   7.8 Butantã
   7.9 Rio Pequeno
   7.10 Jaguaré
   7.11 Parque Continental
   7.12 Outros (agradecer e encerrar)

Endereço: _____
Número: _____
CEP: _____
Telefone da residência: _____
Telefone celular do responsável pela residência: _____

[Entrevistador:] Por último, gostaria de citar os incentivos dados à sua família para participar desta pesquisa:

Agradecimento
[Entrevistador, ler o seguinte texto]: Obrigado pelas suas informações. O pesquisador da USP, Jayr Pimentel, RG20.491.179-5, entrará em contato pelo telefone com você dentro de dois dias para validar algumas informações. Esta validação durará entre cinco e dez minutos. Mais uma vez, muito obrigado!

Observação: Como este questionário foi usado por uma empresa sem vínculos oficiais com a Universidade de São Paulo, achei conveniente que todas as páginas tivessem como cabeçalho:

Questionário para seleção de famílias. Parte integrante do projeto de mestrado do Depto de Sociologia sobre uso de computadores domiciliares na cidade de São Paulo. Aluno: Jayr Pimentel. Número USP 789150.

Achei conveniente também que todas as páginas do questionário apresentassem a seguinte nota de rodapé:

Este questionário é de propriedade da Universidade de São Paulo. A distribuição e/ou cópia deste questionário para qualquer fim deverá ser aprovada por escrito pelo Departamento de Sociologia. www.usp.br/sociologia.

Guia de Entrevista das Famílias

A) O universo a ser pesquisado:

- A infraestrutura do bairro e da rua onde está a residência a ser visitada
- A vizinhança através de fotos e conversas informais (memória coletiva)
- * A estrutura interna arquitetônica das casas (número de cômodos e respectivo uso, pontos de água, pontos de energia elétrica)
- * Os aparelhos eletro-eletrônicos (número e local de compra)
- A vida social contada por cada um dos usuários (vizinhos, escolas, clubes, igreja, salão de beleza, a *lan house*, o bar)
- Observação baseada em Bourdieu: o capital social, cultural, financeiro etc.

B) Itens de *hardware* e *software* e variação no tempo:

- * Configuração atual do PC e variações no tempo
- Identificação e uso temporal de periféricos como *webcam*s e impressoras
- * Identificação das fontes de informação para manutenção e *upgrade*
- * Identificação dos fatores, dos influenciadores e as fontes de informação que influenciaram a decisão de compra.

C) A escola, a *Lan house* e o trabalho:

- * Identificação da escola, *lan house* e trabalho como entidades que definem a apropriação dos computadores e seu uso social e colaborativo

D) O papel da mídia:

- Os meios de comunicação mais usados
- Qual a influência dos meios de comunicação e o modo de uso dos PCs

E) O uso compartilhado do computador:

- * Número de usuários por computador e variações temporais (vizinhos, amigos, familiares)
- * Uso compartilhado ou individual e variações temporais
- Identificação dos efeitos do uso compartilhado (exemplos: diminuição do tempo de uso, acordos intra-familiares para uso, compartilhamento do PC por mais de dois usuários simultaneamente)
- * Aplicativos mais utilizados e trabalho derivado do uso de tais aplicativos (aplicativos = pacote Office, *e-mail*, MSN, Skype (VoIP), *games*, *software* específicos como Imposto de Renda)
- Histórico de conteúdos preparados, colaborativos ou não (ver item DD abaixo)

F) Conectividade:

- * Identificação do uso atual da conectividade (acesso discado ou banda larga)
- * Planos de futuro acesso à banda larga
- Identificação do uso compartilhado, exemplo: uma pessoa assina a conexão, uma pessoa compra o roteador, todos os usuários dividem os gastos.

G) Conteúdos:

- * *Sites* mais acessados e por que. Neste item, estão incluídos análise sobre os conteúdos acessados e respectivo entendimento destes conteúdos. Pontos a serem discutidos – uso da Internet e seu conteúdo, comunicação via Internet, barreiras (abstração do conteúdo, língua, cultura, não conhecimento das ferramentas de *hardware* e *software*)
- Análise do volume de *sites* visitados e variabilidade de *sites* e contéudos no tempo
- Identificação da exposição/updload de conteúdo próprio na Internet (*blogs*, fotologs)

H) O PC e a relação com outros itens de comunicação:

- * Horários de uso do PC versus uso da televisão e rádio
- Existência ou não de relação entre o uso do PC entre: a) celulares; b) televisão e c) mídia impressa.

I) Sociabilização:

- Trade off – identificação de se o tempo de uso do PC foi trocado pelo tempo de socialibilização intra e extra-familiar, por bens de consumo culturais como cinema, novela, rádio, atividades de lazer e esportivas etc.
- A relação com o tempo versus atividades mudou? Será que os usuários deixaram alguma atividade para encaixar o tempo gasto com o PC em suas atividades diárias?
- * Houve mudanças nas relações socias, ou seja, o/a(s) usuário/a(s) e a família presenciaram uma mudança no modo de se relacionar entre si e com as pessoas extrafamília?
- Identificação de atividades estimuladas ou desestimuladas pelo PC – cinema, TV, lazer etc.
- * Identificação das expectativas de uso antes da compra dos PCs e uso real após compra.
- Identificação e análise da comunicação via Internet (*e-mail*, VoIP) – aumento ou diminuição da comunicação, pessoas contactadas e frequêcia de contato, variabilidade dos contatos (geografia, novos contatos etc.).
- * Mudanças nas relações sociais intra e extrafamília, com foco em *sites* de relacionamento e aplicativos de sociabilização como MSN, Skype e Twitter.

- * Mudanças na forma de se relacionar com instituições do governo e instituições privadas como bancos.
- Importância e significação das redes sociais digitais.
- Informações que são ainda trocadas face à face versus informações trocadas digitalmente (incluindo telefone celular e fixo).

J) Colaboração:

- * Conteúdos produzidos que tiveram a participação de diversos usuários
- Dificuldades em produzir conteúdos baseados em atividades de colaboração

K) O uso do computador:

- Será que o lugar onde o PC está na casa determina quando, como acessar e como produzir diferentes conteúdos e até a interação com outros usuários da internet?
- Quais as relações de poder que foram estabelecidas (se foram) com a chegada e apropriação do PC?
- * Será que a seguinte máxima aceita pela indústria de ICT é verdadeira: "compra com a desculpa da educação, mas usa o PC como diversão"?
- Dificuldades de uso (barreiras linguísticas e educacionais) através de observações sobre recepção de informações e interação PC versus usuário(s) e possíveis dificuldades técnicas e cognitivas
- Identificação do uso de novas tecnologias e integração com o PC – câmeras digitais, impressoras, fax, vídeo) e dificuldade de uso
- * Avaliação pelos usuários se o acesso à internet tem sido benéfico e em quais termos
- Gênero – Será que homens têm usado mais o computador em casa do que mulheres? Será que homens acessam mais conteúdo relacionados à pornografia e mulheres *sites* de relacionamento?
- Filhos – Será que filhos incentivam o uso de computadores pelos pais? Será que são os filhos que incentivam a compra de itens de tecnologia como *webcam*s, impressoras e itens de *hardware* e *software* mais modernos?
- Será que fatores como idade e trabalho inibem/incitam o uso de computadores?
- * A influência da *Lan house* e da escola tanto na apropriação/uso quanto na decisão de compra
- Apresentação de conteúdos produzidos anteriormente ao trabalho de campo e discussão sobre estes conteúdos em termos de dificuldade e tempo de execução.
- Atribuição e avaliação em termos de dificuldade e tempo de três tarefas (a serem melhor definidas) como produzir *e-mails* até gerar um vídeo/texto e o colocá-lo na internet ("*upload*") de maneira a seguir a definição para inclusão social segundo Assumpção e Mori (2006): "Apropriar-se das tecnologias significa desenvolver e aperfeiçoar habilidades que vão de tarefas

básicas, como escrever um *e-mail* ou reconhecer um *spam*, a atividades complexas, como pesquisar de maneira eficaz, acessar serviços ou produzir um vídeo digital e transmiti-lo via web."

Observação: Itens com asterisco deveriam ser perguntados mais de uma vez durantes as visitas para confirmação e checagem das respostas.

Questionário para os alunos do ensino médio com computadores em seus domicílios

Universidade de São Paulo - Departamento de Sociologia
Pesquisa sobre uso de computadores domiciliares na cidade de São Paulo.

Objetivo do projeto: Entender o uso de computadores em domicílios na cidade de São Paulo.

Patrocínio do projeto: O projeto é parte de uma dissertação de mestrado do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP).

Sigilo das informações: Todas as informações serão usadas de maneira agregada, e sem menção de qualquer informação que possa identificar o aluno, sua família ou qualquer membro dela.

A) Dados Gerais do Aluno(a) [Preencher EM LETRA DE FORMA o quadro abaixo com suas informações]

A.2) Nome da Escola:	
A.3) Nome do Aluno(a):	
A.4) Série:	
A.5) Idade: anos	
A.6) Cidade de nascimento:	A.7) Estado:
A.8) Endereço:	
A.9) Número:	
A.10) Bairro:	
A.11) CEP:	
A.12) Telefone da residência:	

B) Escolaridade [Escrever a resposta nos espaços em branco ao final de cada pergunta]

8. Há quanto tempo (em anos) você está na escola? (contar o número de anos somente após os seis anos de idade, não incluir os seis anos de idade) _____anos
9. Do total de anos que você respondeu na questão acima, quantos anos você estudou em escola particular? (contar o número de anos somente após os seis anos de idade, não incluir os seis anos de idade; responder "zero anos" para quem nunca estudou em escola particular) ____ anos
10. Quantas vezes você repetiu de ano até agora? _____vezes (responder "zero vezes" para quem nunca repetiu de ano)
11. Você tem computador em casa?
    4.1 ( ) Sim [Vá para questão 5] 4.2 ( ) Não [Peça ao seu professor por outro questionário]

C) Uso do computador

12. Contando você, qual o número de pessoas que vive atualmente na sua casa? **[Assinalar apenas uma das alternativas = Resposta única.]**
    5.1 2 pessoas
    5.2 3 pessoas
    5.3 4 pessoas
    5.4 5 pessoas
    5.5 6 pessoas
    5.6 7 ou mais pessoas

13. Do total de pessoas que vivem atualmente na sua casa (incluindo você), quantas pessoas usam (ou não) diariamente ou semanalmente o(s) computador(es) instalado(s) em sua casa?

Escrever abaixo a posição da **pessoa (pai, irmão, irmã, avó, tio(a), primo(a), agregado, etc)**. O aluno(a) deve utilizar seu nome abaixo.	**Sim**= usa pelo menos duas vezes por semana o PC instalado em casa. **Não** = não usa o computador.	**Idade** (anos)	**Grau de instrução**: **0**= analfabeto; **1**=1º grau incompleto; **2**= 1º grau completo; **3**= 2º grau incompleto; **4**= 2º grau completo; **5**= 3º grau incompleto; **6**= 3º grau completo; **7**= mestrado ou mais.	Principal **motivo de acesso** (o mais utilizado) **(responder *e-mail*, notícias sobre futebol, orkut, baixar música, games, notícias em geral etc)**
6.1				
6.2				
6.3				
6.4				
6.5				
6.6				
6.7				

14. 7.1 Qual a **pessoa que MAIS usa internet na sua casa**? _____[Escrever pai, mãe, irmão mais velhor, etc.]
    7.2 Qual a **pessoa que MENOS usa internet na sua casa**? _____[Escrever pai, mãe, irmão mais velhor, etc.]

15. Quanto **tempo** você gasta **por semana usando a internet** no computador que está instalado **na sua casa**? _____ horas por semana

16. Quantos computadores existem na casa? **[Resposta múltipla. Escrever o número de computadores.]**
    16.1. (____) computador(es) *Notebook*
    16.2. (____) computador(es) *Desktop*

17. Qual o computador mais usado por sua família? **[Assinalar apenas uma das alternativas = Resposta única.]**
    17.1. ( ) *Notebook* ⟶ 10.1.2 Este *notebook* tem **conexão sem fio** (WiFi)? ( ) Sim ( ) Não
    17.2. ( ) *Desktop*
    17.3. ( ) Eu e minha família compartilhamos o mesmo computador (caso você e sua família usem o mesmo computador) [Ir para perg.12]

18. Qual o computador mais usado por você? **[Assinalar apenas uma das alternativas = Resposta única.]**
    18.1. ( ) *Notebook* ⟶ 11.1.2 Este *notebook* tem **conexão sem fio** (WiFi)? ( ) Sim ( ) Não
    18.2. ( ) *Desktop*

19. Qual a configuração do computador mais usado por você?
    19.1. Nome do Processador: _____
    19.2. Nome do fabricante: ⟶ 12.2.1 ( ) Intel 12.2.2 ( ) AMD 12.2.3 ( ) Outro.Qual? _____
    19.3. Memória: _____ GB
    19.4. HD: _____ GB
    19.5. Tela: _____ _____polegadas
    19.6. Sistema Operacional: ⟶ 12.6.1( ) Windows XP 12.6.2( ) Windows Vista 12.6.3( ) Linux 12.6.4( ) Outro. Qual? _____
    19.7. Qual a marca do computador? _____

20. O computador mais usado por você tem: **[Resposta múltipla.]**
    20.1. ( ) **Impressora**
        13.1.1. ( ) Sim ⟶ A impressora funciona? 13.1.1.1.( ) Sim 13.1.1.2.( ) Não
        13.1.2. ( ) Não, nãohá impressora
    20.2. ( ) **Webcam**
        20.2.1. ( ) Sim ⟶ A *webcam* funciona? 13.2.1.1.( ) Sim [Ir para 13.2.2. logo abaixo] 13.2.1.2.( ) Não
        20.2.2. Se a *webcam* funciona, quantas vezes usou a nos últimos dois meses? _____ Vezes
        20.2.3. ( ) Não, não há *webcam*
    20.3. ( ) **Microfone** (interno ou externo ao computador)

20.3.1.( ) Sim ⟶ O microfone funciona? 13.3.1.1.( ) Sim [Ir para 13.3.2. logo abaixo] 13.3.1.2.( ) Não
20.3.2. Se o microfone funciona, quantas vezes usou a nos últimos dois meses? _____ Vezes
20.3.3. ( ) Não, não há microfone

21. Os seguintes ***softwares*** estão instalados no computador mais usado por você: **[Resposta múltipla. Assinalar todos que estão instalados.]**
    21.1. ( ) Processador de texto (Exemplo: Word)
    21.2. ( ) Planilha (Exemplo: Excel)
    21.3. ( ) *Software* para preparar apresentações (Exemplo: Power Point)
    21.4. ( ) Photoshop
    21.5. ( ) iTunes
    21.6. ( ) Nero
    21.7. ( ) Skype
    21.8. ( ) MSN
    21.9. ( ) Bit Torrent
    21.10. ( ) *Software* específico para *download* de música de outros computadores (Exemplo: Emule)
    21.11. ( ) Anti-vírus 14.10.1 Qual? _____
    21.12. ( ) Outros 1. Qual? _____
    21.13. ( ) Outros 2. Qual? _____

22. Considerando o computador que é mais usado por você, como é o **acesso** deste computador à internet? **[Resposta única.]**
    22.1. ( ) Banda Larga **acima de 1MB** ⟶ 15.1.1 ( ) Telefonica 15.1.2. ( ) Net 15.1.3 ( ) Outro. Qual? _____
    22.2. ( ) Banda Larga **abaixo de 1MB** ⟶ 15.2.1 ( ) Telefonica 15.2.2. ( ) Net 15.2.3 ( ) Outro. Qual? _____ ___
    22.3. ( ) Acesso discado
    22.4. ( ) Não acessa internet em casa
    22.5. ( ) Outros. Qual? _____

23. Considerando o computador que é mais usado por você, este computador: **[Resposta única.]**
    23.1. ( ) Fica ligado o dia todo mas sem estar conectado à internet
    23.2. ( ) Fica ligado e conectado à internet o dia todo
    23.3. ( ) Fica ligado e conectado apenas quando eu o uso
    23.4. ( ) Fica ligado e conectado apenas quando alguém da casa precisa usar o computador

24. Existe alguma **regra colocada pelos seus pais/responsáveis para o uso do computador e da internet**? (Exemplo 1: só pode usar duas horas por dia ou, Exemplo 2: só pode usar depois de fazer as tarefas da escola) Se sim, **qual é a regra** (responder sobre a regra que você considera a mais importante para seus pais)?
    _____

25. Considerando o computador que é mais usado por você, este **computador foi instalado na sua casa a**: **[Resposta única.]**
    25.1. ( ) Menos de um ano
    25.2. ( ) Entre um ano e dois anos
    25.3. ( ) Entre dois anos e três anos
    25.4. ( ) Mais de três anos

26. **Onde** o computador que é mais usado por você está instalado em sua casa... **[Resposta única.]**
    26.1. ( ) No meu quarto
    26.2. ( ) No quarto dos meu pais
    26.3. ( ) No quarto dos meus irmãos
    26.4. ( ) Na sala (onde fica a televisão)
    26.5. ( ) Outro. Qual? _____

27. **Quantos cômodos** tem sua residência?
    27.1. Número de **quartos** _____
    27.2. Número de **banheiros**_____
    27.3. Número de **salas**_____

28. Além de você, **quantas pessoas usam o computador que você usa**?
    28.1. ( ) 1 pessoa a mais **(total de duas pessoas)**⟶ 21.1.1 Quem (irmão, pai etc.) ? _____
    28.2. ( ) 2 pessoas a mais **(total de três pessoas)**⟶ 21.2.1 Quais pessoas (irmão, pai etc.)? 1-_____ e 2- _____
    28.3. ( ) 3 pessoas a mais **(total de quatro pessoas)**
    21.3.1 Quais pessoas (irmão, pai etc.)? 1-_____ e 2- _____ e 3- _____
    28.4. ( ) 4 pessoas ou mais **(total de cinco pessoas ou mais)**
    28.4.1. Mencionar as três que mais usam (irmão, pai etc.) 1-_____ e 2- _____ e 3- _____

29. O computador que é mais usado por você ou sua família é o **primeiro computador** que foi instalado em sua casa?
    22.1 ( ) Sim **[Ir para pergunta 25]** 22.2 ( ) Não **[Ir para pergunta 22]**

30. Esse **primeiro computador** foi:
    23.1. ( ) **Comprado** ⟶ 23.1.1 Onde? _____
    23.2. ( ) **Ganho** ⟶ 23.2.1 De quem? _____
    23.3 Há quanto tempo foi comprado (ou ganho)? _____ anos

31. Esse **primeiro computador** era conectado à internet?
    24.1 ( ) Sim⟶ 24.1.1 ( ) Via banda larga 24.1.2 ( ) Via acesso discado
    24.2 ( ) O computador não era conectado à internet

32. **Entre esse primeiro computador e o que está sendo atualmente usado por você**, quantos computadores foram instalados em sua casa?
    32.1. ( ) 1 25.2 ( ) 2 25.3 ( ) mais de três computadores

33. Mesmo tendo computador em casa, **você acessa internet em *lan houses***?
    26.1 ( ) Sim ⟶ 26.1.1 Quantas horas por semana? _____ horas
    26.2 O que você faz na *lan house*? _____
    26.3 ( ) Não, não acesso a internet em *lan house*, mas além de casa eu acesso a internet (mesmo que de vez em quando):
    26.3.2 ( ) Nos meus vizinhos
    26.3.3 ( ) Na casa de parentes
    26.3.4 ( ) Na casa de amigos
    26.3.5 ( ) Outros. Qual? _____

34. Usando os **números de 1 a 5**, assinale abaixo os cinco principais tipos de **atividades que você mais gasta tempo na internet semanalmente no computador que você mais usa na sua casa**, sendo **"1" a atividade que você mais gasta tempo** e **"5" a atividade em que você menos gasta tempo entre as cinco principais**. [Número máximo de respostas = 5]

	27.1 Buscadores (Google, Yahoo, etc.)
	27.2 Portais (UOL, Terra etc.)
	27.3 Comunidades virtuais (Orkut, Facebook,Twitter etc.)
	27.4 Serviços bancários (pagamentos de contas e impostos, acesso a saldo e extrato etc.)
	27.5 Comunicação (*E-mail*)
	27.6 Comunicação (MSN ou *chat* de *sites* tipo UOL)
	27.7 Comunicação (Skype)
	27.8 Acesso a *sites* de notícias (UOL, Folha, Estadão, GloboNews etc.)
	27.9 Acesso a *sites* de esporte (Lance,Gol etc.)
	27.10 Acesso a *sites* de informação sobre programas de televisão (*site* da TV Globo, RedeTV, TV Cultura, Fantástico, novelas, SportTV etc.)
	27.11 Acesso a *sites* de conteúdo religioso
	27.12 Acesso a *sites* de informações culturais (cinema, teatro, shows de música, exposições)
	27.13 Acesso a *sites* de conteúdo adulto
	27.14 Informações sobre trabalho (procura por trabalho)
	27.15 Informações sobre computadores e informática
	27.16 Acesso a *sites* em lingua estrangeira (independente do conteúdo)
	27.17 Serviços do governo (*sites* dos governos municipais, estaduais e federal para busca de informações sobre impostos,

	saúde, cultura)
	27.18 Informações sobre família, estilo de vida, casa, moda
	27.19 Outros 1. Qual? _____
	27.20 Outros 2. Qual? _____

35. Quantas vezes por semana você troca mensagens (escritas ou faladas) com seus amigos (da escola, da vizinhança, distantes - que não estão na vizinhança, estão em outras cidades, estados, países) através de: **[Resposta múltipla. Assinalar com "X".]**

Amigos	1- Todo dia	2- De uma a três vezes por semana	3- Mais de três vezes por semana	4- Tenho mas não uso	5- Não tenho e não uso	6- **Quantos contatos? [Pode ser uma estimativa]**
28.1 MSN						
28.2 Skype						
28.3 *E-mail*						
28.4 Twitter						
28.5 Facebook						
28.6 Orkut						
28.7 Celular						
28.8 Telefone Fixo						Não precisa resposta

36. Depois que o computador que você usa foi instalado na sua casa, você passou a ter **mais ou menos contato com as seguintes pessoas**: **[Resposta múltipla. Assinalar com "X".]**

	1- Muito mais	2- Mais	3- Menos	4- Muito menos
29.1 Familiares que moram em casa (pai, mãe, irmãos, avós, tios etc.)				
29.2 Familiares que moram fora de casa (tios, primos, avós, etc.)				
29.3 Amigos da escola				
29.4 Amigos da vizinhança				
29.5 Amigos distantes (que não estão na vizinhança, estão em outras cidades, estados, países)				
29.6 Pessoas da igreja				

37. Você **gasta quanto tempo (em horas) por semana** acessando as seguintes mídias?

	Horas por semana **[Estimativa. Zero para aquelas mídias que você não acessa.]**
30.1 Televisão	
30.2 Rádio	
30.3 Jornais impressos	
30.4 Revistas	
30.5 Rádio	
30.6 Internet	

38. **Nos últimos 12 meses** você:

	Número de vezes [Estimativa. Zero para nenhuma vez.]
31.1 Foi quantas vezes ao cinema?	
31.2 Leu quantos livros?	
31.3 Foi quantas vezes ao teatro?	
31.4 Foi a quantos shows de música, dança etc.?	
31.5 Visitou uma exposição ou bienal?	
31.6 Leu revistas sobre política e economia (Carta Capital, IstoÉ etc.)	
31.7 Leu revistas sobre atualidades (Veja, Época, Semana etc.)	
31.8 Leu revistas sobre curiosidades (Superinteressante, Galileu etc.)	

31.9 Leu revistas e/ou livros sobre vestibular	
31.10 Leu alguma revista em língua estrangeira	

39. Depois que o computador que você usa foi instalado na sua casa, você passou a gastar mais ou menos tempo com as seguintes atividades: **[Resposta múltipla. Assinalar com "X". Assinale 0 para atividades que voce não fazia e continua não fazendo.]**

	1. Muito mais	2. Mais	3. Menos	4. Muito menos
32.1 Ver televisão				
32.2 Ler livros				
32.3 Estudar sozinho				
32.4 Fazer trabalhos da escola em grupo usando o computador				
32.5 Ir ao cinema				
32.6 Ouvir música no rádio				
32.7 Ouvir música no aparelho de som (rádio ou CD)				
32.8 Ouvir músicas baixadas da internet				
32.9 Ver DVDs de filmes da locadora/pirata				
32.10 Gravar CDs e DVDs				
32.11 Fazer *upload* de fotos em *sites*				
32.12 Participar de salas de *chat* e bate-papo				
32.13 Acessar *sites* de conteúdo erótico				
32.14 Acessar *sites* de relacionamento				
32.15 Acessar *sites* de bancos para transações bancárias				
32.16 Acessar *sites* do governo para ter informações sobre serviços do governo (impostos, serviços de saúde etc.)				
32.17 Acessar conteúdos relacionados a cinema, teatro, shows, artes em geral				
32.18 Acessar *sites* de esportes				
32.19 Acessar *sites* sobre emprego ou concursos públicos				
32.20 Trabalhar em escrever para *blogs* seus ou de outras pessoas ou empresas				
32.21 Acessar *sites* de notícias e atualidades				
32.22 Acessar *sites* de conteúdo em língua estrangeira				
32.23 Acessar *sites* de **contéudo em língua estrangeira** quando necessário e usar o conteúdo desses *sites*				
32.24 Acessar *sites* com conteúdo sobre religião				
32.25 Acessar *sites* de esportes				
32.26 Acessar *sites* de auto-ajuda				
32.27 Acessar *sites* de conteúdo da minha igreja				
32.28 Outros 1. Qual? _____				
32.29 Outros 2. Qual? _____				

40. **Quantos dos seguintes aparelhos** existem na sua casa?

	Quantos(as)? **[Zero quando não houver]**	Onde está? **[Resposta múltipla]**
33.1 Televisão sem ser tela plana	1.	2.Sala ( ) 3.Quartos ( ) 4. Cozinha ( )
33.2 Televisão de tela plana (plasma, LCD)	2.	2.Sala ( ) 3. Quartos ( ) 4. Cozinha ( )
33.3 Televisão com canais de TV a cabo **(a resposta não pode ser maior que o total de TVs mencionados acima)**	3.	Não precisa resposta
	Quantos(as)? **[Zero quando não houver]**	Onde está? **[Resposta múltipla]**
33.4 Aparelho de som	4.	2.Sala ( ) 3. Quartos ( ) 4. Cozinha ( )
33.5 Telefone fixo	5.	2.Sala ( ) 3. Quartos ( ) 4. Cozinha ( )
33.6 Câmera digital	6.	Não precisa resposta

33.7 Aparelho para DVD	7.	Não precisa resposta
33.8 Filmadora	8.	Não precisa resposta
33.9 *Video game*	9.	2.Sala ( ) 3. Quartos ( ) 4. Cozinha ( )

41. Quando foi a **primeira vez que você usou um computador**?
    41.1. Qual a idade que você tinha quando usou um computador pela primeira vez?_____ anos
    41.2. **Onde estava esse computador** que você usou pela primeira vez?
        41.2.1.( ) Na escola
        41.2.2.( ) Na casa de amigos
        41.2.3. ( ) Na casa dos vizinhos
        41.2.4. ( ) Na casa de parentes
        41.2.5. ( ) Na igreja
        41.2.6.( ) *Lan house*
        41.2.7. ( ) Serviços do governo (Exemplo: Acessa São Paulo)
        41.2.8. ( ) Trabalho
        41.2.9.( ) Outros. Qual? _____

42. Usando os **números de 1 a 3**, assinale abaixo as **<u>três principais maneiras que mais levam você a acessar</u>** os diferentes conteúdos da internet, sendo **"1" a maneira mais importante e "3" a maneira menos importante das três principais**. **[Número máximo de respostas = 3]**
    42.1. ( ) Televisão
    42.2. ( ) Amigos da escola
    42.3. ( ) Amigos da vizinhança ou distantes
    42.4. ( ) Jornais e revistas
    42.5. ( ) Rádio
    42.6. ( ) Parentes (irmãos, pais, tios etc.)
    42.7. ( ) Professores
    42.8. ( ) Pessoas do trabalho
    42.9. ( ) Pessoas da minha igreja
    42.10. ( ) A própria internet (um assunto leva a outro)

43. O seu celular:
    43.1. ( ) Eu não tenho celular **[Vá pergunta 37]**

	Sim	**Não**
Tem câmera digital?	36.2.1 ( )	36.2.2 ( )
É um celular "touch"?	36.3.1 ( )	36.3.2 ( )
É pré-pago?	36.4.1 ( )	36.4.2 ( )
Você mesmo comprou o celular?	36.5.1 ( )	36.5.2 ( )

44. Quando há algum problema com o computador: **[Resposta múltipla]**
    44.1. ( ) Eu mesmo tento resolver antes de chamar alguém
    44.2. ( ) Logo que o problema surge, eu chamo alguém de casa que entende mais do que eu sobre a parte técnica do computador
    44.3. ( ) Eu reinicio o computador, se não resolver, eu chamo alguém de casa que entenda mais da parte técnica
    44.4. ( ) Se ninguém de casa resolver o problema, chamamos alguém de fora de casa (amigo, vizinho etc.)
    44.5. ( ) Se ninguém de casa resolver o problema, chamamos alguém de fora de casa (técnico)

[Por favor, selecionar apenas uma alternativa para as respostas das próximas perguntas.]

45. Toda vez que eu acesso o computador em casa, eu acabo **gastando mais tempo do que eu pensava que iria gastar** usando o computador.
    ( ) concordo plenamente ( ) concordo ( ) não concordo ( ) discordo totalmente

46. Toda vez que acesso o computador em casa, **acabo acessando um maior número de sites do que eu pensava que iria acessar**.
( ) concordo plenamente ( ) concordo ( ) não concordo ( ) discordo totalmente
47. Por causa do computador que está instalado em casa, eu **SUBSTITUI** mais da metade do tempo que me relacionava pessoalmente com amigos por um relacionamento *online* com estes mesmos amigos.
( ) concordo plenamente ( ) concordo ( ) não concordo ( ) discordo totalmente
48. Por causa do computador que está instalado em casa, eu acesso MAIS conteúdos relacionados a cinema, teatro, música, shows e rádio **E isto me faz ir mais ao cinema, ao teatro ou a shows**.
( ) concordo plenamente ( ) concordo ( ) não concordo ( ) discordo totalmente
49. De maneira geral, as **aulas de informática na escola me incentivaram** a usar mais o computador e a internet.
( ) concordo plenamente ( ) concordo ( ) não concordo ( ) discordo totalmente
50. Por causa do computador que está instalado em casa, eu acesso mais **itens relacionados às disciplinas ensinadas** na escola (matemática, português, geografia, física etc.).
( ) concordo plenamente ( ) concordo ( ) não concordo ( ) discordo totalmente
51. Por causa do computador que está instalado em casa, eu tenho acessado mais **itens relacionados às disciplinas ensinadas** na escola (matemática, português, geografia, física etc.) e **isto fez com que minhas notas na escola melhorassem**.
( ) concordo plenamente ( ) concordo ( ) não concordo ( ) discordo totalmente
52. Por causa do computador que está instalado em casa, o meu número de **amigos que não falam português** aumentou.
( ) verdadeiro ( ) falso
53. Eu e meus amigos **já produzimos JUNTOS algum conteúdo** (carta, trabalho da escola, vídeo, blog etc.) e o disponibilizamos na internet.
( ) verdadeiro ( ) falso
54. Meus vizinhos vão à minha casa para usar o computador pelo menos uma vez por semana.
( ) verdadeiro ( ) falso
55. Eu procuro informações para os meus vizinho na internet.
( ) sim ( ) não
56. Quando tenho de fazer algum trabalho em conjunto com meus amigos da escola, nós **usamos a internet para nos comunicar** via *e-mail*, MSN, skype etc.
( ) verdadeiro ( ) falso
57. Quando tenho de fazer algum trabalho em conjunto com meus amigos da escola, nós usamos o **telefone (fixo ou celular)** na maioria das vezes que temos de nos comunicar.
( ) verdadeiro ( ) falso
58. Depois que o computador foi instalado em casa, eu tenho usado a **internet** (*e-mail*, MSN, skype etc.) para me comunicar com meus **vizinhos**.
( ) verdadeiro ( ) falso
59. Eu uso o **telefone fixo ou celular para falar com meus vizinhos**.
( ) verdadeiro ( ) falso
60. Quando preciso falar com meus vizinhos, eu **vou pessoalmente à casa deles**.
( ) verdadeiro ( ) falso
61. Você já se passou por outra pessoa na internet (podendo ser esta pessoa, uma pessoa que você inventou ou até mesmo uma pessoa real)?
( ) Sim ( ) Não
62. Você já iniciou algum relacionamento amoroso com alguém que conheceu na internet?
( ) Sim ( ) Não
63. Quais as três pessoas que você mais troca *e-mail*, sendo a primeira pessoa, a que você mais troca *e-mails*? **(amigos(as) da escola, amigos(as) da rua, amigos(as) distantes, tios(as), pais, primos(as), namorado(a) etc)**
1- _____
2- _____
3- _____

Fim do questionário para alunos que têm computador em casa. Obrigado pelas suas respostas!!!

Questionário para alunos do ensino médio sem computadores em seus domicílios

Universidade de São Paulo - Departamento de Sociologia
Pesquisa sobre uso de computadores domiciliares na cidade de São Paulo.

Objetivo do projeto: Entender o uso de computadores em domicílios na cidade de São Paulo.

Patrocínio do projeto: O projeto é parte de uma dissertação de mestrado do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP).

Sigilo das informações: Todas as informações serão usadas de maneira agregada, e sem menção de qualquer informação que possa identificar o aluno, sua família ou qualquer membro dela.

A) Dados Gerais do Aluno(a) [Preencher EM LETRA DE FORMA o quadro abaixo com suas informações]

A.2) Nome da Escola:	
A.3) Nome do Aluno(a):	
A.4) Série:	
A.5) Idade: anos	
A.6) Cidade de nascimento:	A.7) Estado:
A.8) Endereço:	
A.9) Número:	
A.10) Bairro:	
A.11) CEP:	
A.12) Telefone da residência:	

B) Escolaridade [Escrever a resposta nos espaços em branco ao final de cada pergunta]

1. Há quanto tempo (em anos) você está na escola? (contar o número de anos somente após os seis anos de idade, não incluir os seis anos de idade) _____anos
2. Do total de anos que você respondeu na questão acima, quantos anos você estudou em escola particular? (contar o número de anos somente após os seis anos de idade, não incluir os seis anos de idade; responder "zero anos" para quem nunca estudou em escola particular) ____ anos
3. Quantas vezes você repetiu de ano até agora? _____vezes (responder "zero vezes" para quem nunca repetiu de ano)
4. Você tem computador em casa?
   4.2 ( ) Sim [Peça ao seu professor por outro questionário] 4.2 ( ) Não [Vá para questão 5]

C) Uso do computador

5. Contando você, qual o número de pessoas que vive atualmente na sua casa? **[Assinalar apenas uma das alternativas=Resposta única.]**
   5.1 2 pessoas
   5.2 3 pessoas
   5.3 4 pessoas
   5.4 5 pessoas
   5.5 6 pessoas
   5.6 7 ou mais pessoas

6. Do total de pessoas que vivem atualmente na casa sua (incluindo você), quantas pessoas usam (ou não) diariamente ou semanalmente o(s) computador(es) instalado(s) em sua casa?

Escrever abaixo a posição da **pessoa (pai, irmão, irmã, avó, tio(a), primo(a), agregado, etc**). O aluno(a) deve utilizar seu nome abaixo.	**Sim**= usa pelo menos duas vezes por semana o PC instalado em casa. **Não** = não usa o computador.	**Idade** (anos)	**Grau de instrução**: 0= analfabeto; 1=1º grau incompleto; 2= 1º grau completo; 3= 2º grau incompleto; 4= 2º grau completo; 5= 3º grau incompleto; 6= 3º grau completo; 7= mestrado ou mais.	Principal **motivo de acesso** (o mais utilizado) **(responder *e-mail*, notícias sobre futebol, orkut, baixar música, games, notícias em geral etc)**	Onde acessa? **[Indicar onde a pessoa acessa internet com mais frequência. Exemplo: *Lan house*, vizinhos, etc.]**
6.1					
6.2					
6.3					
6.4					
6.5					
6.6					

7. Tendo em mente que você não tem computador em casa, **use os números de 1 a 5** para **<u>identificar os lugares onde você gasta mais tempo por semana acessando a internet</u>**, sendo **"1" para o lugar que você gasta mais tempo e "5" para o quinto lugar entre os cinco lugares que você mais gasta tempo toda semana**. Se houver menos de cinco lugares, assinale apenas aqueles que você frequenta.

Lugar	**Número de horas por semana [Estimativa]**
7.1 *Lan house*	
7.2 Casa dos vizinhos	
7.3 Casa dos amigos da escola	
7.4 Casa de parentes	
7.5 Escola	
7.6 Trabalho	
7.7 Agência do governo (Poupa Tempo, Acessa São Paulo etc.)	
7.8 Outros. Qual?_____	

[As próximas questões não seguem uma ordem numérica.]

27. Usando os **números de 1 a 5**, assinale abaixo os cinco principais tipos de **atividades que você mais gasta tempo na internet semanalmente no computador**, sendo **"1" a atividade que você mais gasta tempo** e **"5" a atividade em que você menos gasta tempo entre as cinco principais**. [Número máximo de respostas = 5]

	27.1 Buscadores (Google, Yahoo, etc.)
	27.2 Portais (UOL, Terra etc.)
	27.3 Comunidades virtuais (Orkut, Facebook,Twitter etc.)
	27.4 Serviços bancários (pagamentos de contas e impostos, acesso a saldo e extrato etc.)
	27.5 Comunicação (*E-mail*)
	27.6 Comunicação (MSN ou *chat* de *sites* tipo UOL)
	27.7 Comunicação (Skype)
	27.8 Acesso a *sites* de notícias (UOL, Folha, Estadão, GloboNews etc.)
	27.9 Acesso a *sites* de esporte (Lance,Gol etc.)
	27.10 Acesso a *sites* de informação sobre programas de televisão (*site* da TV Globo, RedeTV, TV Cultura, Fantástico, novelas, SportTV etc.)
	27.11 Acesso a *sites* de conteúdo religioso
	27.12 Acesso a *sites* de informações culturais (cinema, teatro, shows de música, exposições)
	27.13 Acesso a *sites* de conteúdo adulto
	27.14 Informações sobre trabalho (procura por trabalho)
	27.15 Informações sobre computadores e informática
	27.16 Acesso a *sites* em lingua estrangeira (independente do conteúdo)
	27.17 Serviços do governo (*sites* dos governos municipais, estaduais e federal para busca de informações sobre impostos, saúde, cultura)
	27.18 Informações sobre família, estilo de vida, casa, moda
	27.18 Outros 1. Qual? _____
	27.19 Outros 2. Qual? _____

28. Quantas vezes por semana você troca mensagens (escritas ou faladas) com seus amigos (da escola, da vizinhança, distantes - que não estão na vizinhança, estão em outras cidades, estados, países) através de:
[Resposta múltipla. Assinalar com "X".]

Amigos	1-Todo dia	2- De uma a três vezes por semana	3- Mais de três vezes por semana	4- Tenho mas não uso	5- Não tenho e não uso	6- **Quantos contatos? [Pode ser uma estimativa]**
28.1 MSN						
28.2 Skype						
28.3 *E-mail*						
28.4 Twitter						
28.5 Facebook						
28.6 Orkut						
28.7 Celular						Não precisa resposta
28.8 Telefone Fixo						

29. Depois que, você passou a usar computador e acessar a internet, voê passu a ter **mais ou menos contato com as seguintes pessoas**: **[Resposta múltipla. Assinalar com "X".]**

	1- Muito mais	2- Mais	3- Menos	4- Muito menos
29.1 Familiares que moram em casa (pai, mãe, irmãos, avós, tios etc.)				
29.2 Familiares que moram fora de casa (tios, primos, avós, etc.)				
29.3 Amigos da escola				
	1- Muito mais	2- Mais	3- Menos	4- Muito menos
29.4 Amigos da vizinhança				
29.5 Amigos de distantes (que não estão na vizinhança, estão em outras cidades, estados, países)				
29.6 Pessoas da igreja				

30. Você **gasta quanto tempo (em horas) por semana** acessando as seguintes mídias?

	Horas por semana **[Estimativa. Zero para aquelas mídias que você não acessa]**
30.1 Televisão	
30.2 Rádio	
30.3 Jornais impressos	
30.4 Revistas	
30.5 Rádio	
30.6 Internet	

31. **Nos últimos 12 meses** você:

	Número de vezes [Estimativa. Zero para nenhuma vez.]
31.1 Foi quantas vezes ao cinema?	
31.2 Leu quantos livros?	
31.3 Foi quantas vezes ao teatro?	
31.4 Foi a quantos shows de música, dança etc.?	
31.5 Visitou uma exposição ou bienal?	
31.6 Leu revistas sobre política e economia (Carta Capital, IstoÉ etc.)	
31.7 Leu revistas sobre atualidades (Veja, Época, Semana etc.)	
31.8 Leu revistas sobre curiosidades (Superinteressante, Galileu etc.)	
31.9 Leu revistas e/ou livros sobre vestibular	
31.10 Leu alguma revista em língua estrangeira	

32. Depois que o computador que você usa foi instalado na sua casa, você passou a gastar mais ou menos tempo com as seguintes atividades: **[Resposta múltipla. Assinalar com "X". Assinale 0 para atividades que voce não fazia e continua não fazendo.]**

	1. Muito mais	2. Mais	3. Menos	4. Muito menos
32.1 Ver televisão				
32.2 Ler livros				
32.3 Estudar sozinho				
32.4 Fazer trabalhos da escola em grupo usando o computador				
32.5 Ir ao cinema				
32.6 Ouvir música no rádio				
32.7 Ouvir música no aparelho de som (rádio ou CD)				
32.8 Ouvir músicas baixadas da internet				
32.9 Ver DVDs de filmes da locadora/pirata				
32.10 Gravar CDs e DVDs				
32.11 Fazer *upload* de fotos em *sites*				
32.12 Participar de salas de *chat* e bate-papo				
32.13 Acessar *sites* de eróticos				
32.14 Acessar *sites* de relacionamento				
32.15 Acessar *sites* de bancos para transações bancárias				
32.16 Acessar *sites* do governo para ter informações sobre serviços do governo (fazer RG, CPF, serviços de saúde etc.)				
32.17 Acessar conteúdos relacionados a cinema, teatro, shows, artes em geral				
32.18 Acessar *sites* de esportes				
32.19 Acessar *sites* sobre emprego ou concursos públicos				
	Muito mais	Mais	Menos	Muito menos
32.20 Trabalhar em escrever para *blogs* seus ou de outras pessoas ou empresas				
32.21 Acessar *sites* de notícias e atualidades				
32.23 Acessar *sites* de conteúdo em língua estrangeira.				
32.23 Acessar *sites* de **contéudo em língua estrangeira** quando necessário e usar o conteúdo desses *sites*.				
32.24 Acessar *sites* com conteúdo sobre religião.				
32.25 Acessar *sites* de esportes				
32.26 Acessar *sites* de auto-ajuda				
32.27 Acessar *sites* de conteúdo da minha igreja				
32.28 Outros 1. Qual?_____				
32.29 Outros 2. Qual?_____				

33. **Quantos dos seguintes aparelhos** existem na sua casa?

	Quantos(as)? **[Zero quando não houver]**	Onde está? **[Resposta múltipla]**
33.1 Televisão sem ser tela plana	1.	2.Sala ( ) 3. Quartos ( ) 4. Cozinha ( )
33.2 Televisão de tela plana (plasma, LCD)	2.	2.Sala ( ) 3. Quartos ( ) 4. Cozinha ( )
33.3 Televisão com canais de TV a cabo **(a resposta não pode ser maior que o total de TVs mencionados acima)**	3.	Não precisa resposta
33.4 Aparelho de som	4.	2.Sala ( ) 3. Quartos ( ) 4. Cozinha ( )
33.5 Telefone fixo	5.	2.Sala ( ) 3. Quartos ( ) 4. Cozinha ( )
33.6 Câmera digital	6.	Não precisa resposta
33.7 Aparelho para DVD	7.	Não precisa resposta
33.8 Filmadora	8.	Não precisa resposta
33.9 *Video game*	9.	2.Sala ( ) 3. Quartos ( ) 4. Cozinha ( )

34. Quando foi **a primeira vez que você usou um computador**?

34.1. **Qual a Idade** que você tinha quando usou um computador pela primeira vez?

_____ anos

34.2. **Onde estava esse computador** que você usou pela primeira vez?

34.2.1. ( ) Na escola
34.2.2. ( ) Na casa de amigos
34.2.3. ( ) Na casa dos vizinhos
34.2.4. ( ) Na casa de parentes
34.2.5. ( ) Na igreja
34.2.6. ( ) *Lan house*
34.2.7. ( ) Serviços do governo (Exemplo: Acessa São Paulo)
34.2.8. ( ) Trabalho
34.2.9. ( ) Outros. Qual? _____

35. Usando os **números de 1 a 3**, assinale abaixo as **<u>três principais maneiras que mais levam você a acessar</u>** os diferentes conteúdos da internet, sendo **"1" a maneira mais importante e "3" a maneira menos importante das três principais**. **[Número máximo de respostas = 3]**

35.1. ( ) Televisão
35.2. ( ) Amigos da escola
35.3. ( ) Amigos da vizinhança ou distantes
35.4. ( ) Jornais e revistas
35.5. ( ) Rádio
35.6. ( ) Parentes (irmãos, pais, tios etc.)
35.7. ( ) Professores
35.8. ( ) Pessoas do trabalho
35.9. ( ) Pessoas da minha igreja
35.10. ( ) A própria internet (um assunto leva a outro)

36. O seu celular:

36.1( ) Eu não tenho celular **[Vá pergunta 37]**

	Sim	Não
Tem câmera digital?	36.2.1 ( )	36.2.2 ( )
É um celular "touch"?	36.3.1 ( )	36.3.2 ( )
É Pré-pago?	36.4.1 ( )	36.4.2 ( )
Você mesmo comprou o celular?	36.5.1 ( )	36.5.2 ( )

[Por favor, selecionar apenas uma alternativa para as respostas das próximas perguntas.]

38. Toda vez que eu acesso um computador, eu acabo **gastando mais tempo do que eu pensava que iria gastar** usando o computador.
    ( ) concordo plenamente ( ) concordo ( ) não concordo ( ) discordo totalmente
39. Toda vez que acesso um computador, **acabo acessando um maior número de sites do que eu pensava que iria acessar**.
    ( ) concordo plenamente ( ) concordo ( ) não concordo ( ) discordo totalmente
40. Por causa do computador, eu **SUBSTITUI** mais da metade do tempo que me relacionava pessoalmente com amigos por um relacionamento *online* com estes mesmos amigos.
    ( ) concordo plenamente ( ) concordo ( ) não concordo ( ) discordo totalmente
41. Por causa do computador, eu acesso MAIS conteúdos relacionados a cinema, teatro, música, shows e rádio **E isto me faz ir mais ao cinema, ao teatro ou a shows**.
    ( ) concordo plenamente ( ) concordo ( ) não concordo ( ) discordo totalmente
42. De maneira geral, as **aulas de informática na escola me incentivaram** a usar mais o computador e a internet.
    ( ) concordo plenamente ( ) concordo ( ) não concordo ( ) discordo totalmente
43. Por causa do computador, eu acesso mais **itens relacionados às disciplinas ensinadas** na escola (matemática, português, física etc.).
    ( ) concordo plenamente ( ) concordo ( ) não concordo ( ) discordo totalmente
44. Por causa do computador, eu tenho acessado mais **itens relacionados às disciplinas ensinadas** na escola (matemática, português, física etc.) e **isto fez com que minhas notas na escola melhorassem**.
    ( ) concordo plenamente ( ) concordo ( ) não concordo ( ) discordo totalmente
45. Por causa do computador, o meu número de **amigos que não falam português** aumentou.
    ( ) verdadeiro ( ) falso
46. Eu e meus amigos **já produzimos JUNTOS algum conteúdo** (carta, vídeo, blog etc.) e o disponibilizamos na internet.
    ( ) verdadeiro ( ) falso
48. Eu procuro informações para os meus vizinho na internet.
    ( ) verdadeiro ( ) falso
49. Quando tenho de fazer algum trabalho em conjunto com meus amigos da escola, nós **usamos a internet para nos comunicar** via *e-mail*, MSN, skype etc.
    ( ) verdadeiro ( ) falso
50. Quando tenho de fazer algum trabalho em conjunto com meus amigos da escola, nós usamos o **telefone (fixo ou celular)** na maioria das vezes que temos de nos comunicar.
    ( ) verdadeiro ( ) falso
52. Eu uso o **telefone fixo ou celular para falar com meus vizinhos**.
    ( ) verdadeiro ( ) falso
53. Quando preciso falar com meus vizinhos, eu **vou pessoalmente à casa deles**.
    ( ) verdadeiro ( ) falso

54. Você já se passou por outra pessoa na internet (podendo ser esta pessoa, uma pessoa que você inventou ou até mesmo uma pessoa real)?
    ( ) Sim ( ) Não
55. Você já iniciou algum relacionamento amoroso com alguém que conheceu na internet?
    ( ) Sim ( ) Não
56. Quais as três pessoas que você mais troca *e-mail*, sendo a primeira, a que você mais troca? **(amigos(as) da escola, amigos(as) da rua, amigos(as) distantes, tios(as), pais, primos(as), namorado(a) etc)**
    4- _____
    5- _____
    6- _____

Fim do questionário para alunos que NÃO têm computador em casa. Obrigado pelas suas respostas!!!